

UMA DOBRA NO TEMPO. *livro 4*

MUITAS ÁGUAS

MADELEINE
L'ENGLE

 Harper
Collins

MADELEINE
L'ENGLE

MUITAS ÁGUAS

livro 4

tradução
ÉRICO ASSIS



Rio de Janeiro, 2018

Copyright © 1962 by Crosswicks, Ltd.
Título original: Many Waters

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Harper Collins Brasil, um selo da Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro – 20091-005
Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3175-1030

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores De Livros, RJ

L584p

L'Engle, Madeleine

Muitas águas / Madeleine l'Engle ; tradução Érico Assis. - 1. ed. -
Rio de Janeiro : Harper Collins, 2018.
320 p. : il. ; 21 cm.

Tradução de: Many Waters
ISBN 978-85-9508-404-9

1. Ficção infantojuvenil borte-americana. I. Assis, Érico. II. Título.

18-48666

CDD: 028.5
CDU: 087.5

Para Stephen Roxburgh

SUMÁRIO

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[1. Partículas virtuais e unicórnios virtuais](#)

[2. Pelicano em terra erma](#)

[3. Ialí, irmã de Jafé](#)

[4. Avô Lameque e Avô Enoque](#)

[5. Os nefilins](#)

[6. Adnarel e o salto quântico](#)

[7. Os serafins](#)

[8. Oolibamá, esposa de Jafé](#)

[9. A hora de Maalá, a hora de Lameque](#)

[10. A canção das estrelas](#)

[11. Muitas águas não extinguem um amor](#)

[12. Tampouco dilúvios hão de afogá-lo](#)

[Colofão](#)

Partículas virtuais e unicórnios virtuais

A neve repentina encerrou o treino de hóquei.

— Nem conseguimos enxergar o disco! — gritou Sandy Murry contra o vento. — Vamos para casa.

Ele saiu patinando pela lateral do lago congelado e sentou-se em uma pedra, já coberta de neve, para tirar os patins.

Os outros patinadores concordaram, também aos gritos. Dennys, o irmão gêmeo de Sandy, o seguiu. A neve acumulava-se nos cílios, de modo que ele teve que piscar para enxergar a pedra.

— Por que nós temos que morar no ponto mais alto, mais gelado e mais ventoso do estado?

Vinham risadas e berros dos outros garotos, que se despediam.

— Onde mais você queria morar? — perguntou a Dennys.

A neve escorria gelada pela sua gola.

— Bali. Fiji. Um lugar quente.

Um dos garotos atou seus patins e jogou-os por cima do pescoço.

— Queria mesmo? Com aquele monte de turistas?

— Sim, e a alta sociedade entupindo a praia.

— E gente bonita.

— E os sujismundos.

Os outros meninos foram saindo aos poucos, deixando os gêmeos sozinhos.

— Achei que você gostasse do inverno — disse Sandy.

— Em meados de março, eu já cansei.

— Mas não é sério que você queria morar num ponto turístico, é?

— Ah, não sei. Talvez nos velhos tempos, antes da explosão populacional. Estou com fome. Quem chegar por último é mulher do padre.

Quando chegaram em casa, uma fazenda antiga a mais ou menos um quilômetro e meio do vilarejo, a nevasca começava a amainar, mas o vento ainda estava forte. Entraram pela garagem, passando pelo laboratório da mãe. Tiraram as jaquetas, penduraram-nas nos ganchos e entraram na cozinha.

— Cadê todo mundo? — perguntou Sandy.

Dennys apontou para uma folha de papel presa à porta da geladeira por ímãs. Os dois chegaram perto para ler:

CAROS GÊMEOS, FUI À CIDADE COM MEG E CHARLES WALLACE PARA UMA CONSULTA DE ROTINA AO DENTISTA. A DE VOCÊS É NA SEMANA QUE VEM. NÃO PENSEM QUE VÃO FUGIR. VOCÊS CRESCERAM TANTO ESTE ANO QUE TEMOS QUE VER COMO ESTÃO SEUS DENTES.

COM AMOR, MÃE

Sandy arreganhou os dentes.

— Nunca tivemos cáries.

Dennys fez uma carranca parecida.

— Mas *crescemos*. Estamos chegando a um e oitenta.

— Se medirem hoje, diria que já passamos.

Dennys abriu a porta da geladeira. Havia metade de um frango num prato de louça, com um bilhete:

PROIBIDO. GUARDAR PARA O JANTAR.

Sandy tirou o porta-frios.

— Presunto, pode ser?

— Claro. Com queijo.

— E mostarda.

— E azeitonas picadas.

— E ketchup.

— E pickles.

— Não tem tomate. Aposto que a Meg fez sanduíche para ela.

— Tem bastante salsicha de fígado. A Mãe gosta.

— Eca.

— Com *cream cheese* e cebola fica bom.

Eles deixaram os ingredientes no balcão da cozinha e cortaram fatias grossas do pão recém saído do forno. Dennys espiou o forno e viu maçãs assando. Sandy olhou para a mesa da cozinha, onde Meg havia espalhado seus livros e papéis.

— Ela tomou bem mais que sua parcela da mesa.

— Meg está na faculdade. — Dennys defendeu a irmã. — Não temos tanto dever de casa quanto ela.

— Sim, e eu ia odiar ir e vir de lá todo dia.

— Ela gosta de dirigir. E pelo menos chega em casa cedo. — Dennys soltou seus livros sobre a grande mesa.

Sandy ficou olhando um dos cadernos abertos de Meg.

— Ei, ouça essa. Você acha que teremos essas besteiras quando formos pra faculdade? *É praticamente evidente que houve existência prebiótica de ancestrais proteicos dos polímeros e que, portanto, os seres primários não*

foram a-aminoácidos. Imagino que ela saiba do que está escrevendo. Eu não tenho a mínima ideia.

Dennys voltou uma página.

— Olhe o título que ela deu. *A Pergunta de Um Milhão de Dólares: o ovo ou a galinha, aminoácidos ou polímeros*. Gênia da matemática até pode ser, mas de ortografia ela não entende.

— Então você entende do que ela está escrevendo? — perguntou Sandy.

— Tenho ideia. É daquelas coisas que o Pai e a Mãe discutem na mesa de jantar: polímeros, partículas virtuais, quasares, essas coisas.

Sandy olhou para seu gêmeo.

— Então você *escuta*?

— Claro. Por que não? Nunca se sabe quando conhecimento inútil vai ser útil. Ei, que livro é esse? É sobre a peste bubônica. Quem quer ser médico sou eu.

Sandy espiou.

— É de história, não de medicina, *imbéssil*.

— Ei, por que as cobras nunca mordem os advogados? — perguntou Dennys.

— Não sei. E não quero saber.

— Bom, você que quer ser advogado. Vai lá. Por que as cobras nunca mordem advogados?

— Desisto. Por que as cobras nunca mordem advogados?

— Cortesia profissional.

Sandy resmungou.

— Que engraçado. Rá. Rá.

Dennys espalhou mostarda sobre um pedaço grosso de presunto.

— Quando eu penso em quantos anos de escola e faculdade ainda temos pela frente, quase perco o apetite.

— Quase.

— Bom, não totalmente.

Sandy abriu a porta da geladeira, procurando mais alguma coisa para acrescentar ao sanduíche.

— Parece que comemos mais que toda a família junto. Charles Wallace come como um passarinho. Quer dizer: a julgar pelo quanto gastamos em ração de passarinho, são uns glutõezinhos. Mas você me entendeu.

— Pelo menos ele está se acertando no colégio e as outras crianças não estão o importunando como antes.

— Ele ainda não parece ter mais de seis anos, mas passo metade do tempo achando que ele sabe mais das coisas do que nós. Nós somos mesmo a gatinha comum e ordinária da família.

— Não faz mal esta família ter alguns que são comuns e ordinários. E não

somos burros. Se eu vou ser médico e você vai ser advogado, temos que ter um pouco de noção para nos formarmos. Estou com sede.

Sandy abriu o armário em cima da porta da cozinha. Um ano antes, não conseguiam alcançá-lo sem a ajuda de um banco.

— Onde está aquele chocolate em pó holandês? É aquele que eu quero. — Sandy mexeu em caixas de lentilha, cevada, feijão, latas de atum e salmão.

— Aposto que a Mãe deixou no laboratório. Vamos ver. — Dennys cortou mais presunto.

Sandy botou um grande pickles na boca.

— Vamos acabar os sanduíches primeiro.

— Comer primeiro. Combinado.

Com sanduíches de um dedo de espessura ou mais em mãos e bocas cheias, eles voltaram à despensa e entraram no laboratório. Nos primeiros anos do século, quando a casa fazia parte de uma fazenda de laticínios, o laboratório era o espaço onde se estocava leite, manteiga e ovos. Ainda se via um grande tarro de leite no canto, que agora servia de apoio para uma lamparina. A bancada de trabalho com a pia de pedra servia de base para equipamentos de laboratório, tal como antes continha leite e ovos. Agora havia um microscópio formidável, equipamentos estranhos que só a mãe deles entendia e um bico de Bunsen antigo, no qual, sobre um tripé improvisado, fervia uma panela negra.

Sandy sentiu o cheiro e gostou.

— Ensopado.

— Acho que é para chamarmos de *boeuf bourguignon*. — Dennys esticou-se na prateleira em cima da pia e puxou uma latinha vermelha quadrada. — Aqui está o chocolate em pó. A Mãe e o Pai gostam de tomar na hora de dormir. Quando o Pai volta? — quis saber Dennys.

— Acho que a Mãe disse que é amanhã à noite. — Sandy, de boca cheia, abriu as mãos em frente ao fogão. — Se tivéssemos carteira de motorista, podíamos buscá-lo no aeroporto.

— Até já sabemos dirigir.

Sandy enfiou o sanduíche na boca, deu uma grande mordida e saiu de perto do calor do fogão para ir até a outra ponta do laboratório, onde havia um computador nada comum.

— Há quanto tempo o Pai tem essa engenhoca?

— Ele botou aí na semana passada. A Mãe não ficou muito contente.

— Bom, era para ser o laboratório dela — disse Sandy.

— O que ele está programando? — perguntou Dennys.

— Ele geralmente explica de bom grado, mesmo que eu não entenda a maior parte da explicação. Algo sobre tesseractos e desvio para o vermelho e *continuum*

espaço/tempo e essas coisas. — Sandy ficou olhando para o teclado, que tinha oito fileiras de teclas em vez das quatro usuais. — Metade destes símbolos é grego. Literalmente grego, no caso.

Dennys, enfiando o resto do sanduíche na boca, espiou por cima do ombro do gêmeo.

— Bom, eu entendo um pouco de símbolos científicos, pelo menos os mais comuns. Isto parece hebraico, ali é cirílico. Não tenho a menor ideia do que sejam estas teclas.

Sandy olhou para o chão do laboratório, que consistia em grandes lajotas de pedra. Havia um tapete grosso perto da pia e outro na frente da poltrona de couro puída junto à luminária de leitura.

— Não sei como a Mãe aguenta esse lugar no inverno.

— Ela se veste igual a uma esquimó. — Dennys tremeu, depois estendeu um dedo e apertou as teclas normais do computador. — LEVE-ME PARA UM LUGAR QUENTE.

— Ei, é melhor não brincar com isso aí — falou Sandy em tom de alerta.

— Você acha que vai acontecer o quê? Um gênio vai sair da lâmpada, igual em *Aladdin*? É só um computador, pelo amor de Deus. Não pode fazer nada fora aquilo para o que foi programado.

— Tudo bem. — Sandy estendeu os dedos sobre o teclado. — Muita gente acha que os computadores têm vida. Tipo, igual ao gênio do *Aladdin*. — Ele usou as teclas normais: “UM LUGAR QUENTE E POUCO HABITADO.”

Dennys o empurrou para o lado e acrescentou: “UMIDADE BAIXA.”

Sandy deu as costas ao estranho computador.

— Vamos fazer nosso achocolatado.

— Arrã. — Dennys pegou a latinha vermelha que tinha deixado em cima do balcão. — Como a Mãe está usando o bico de Bunsen, melhor voltarmos à cozinha para esquentar o leite.

— Ok. Lá é mais quente mesmo.

— Eu topava mais um sanduíche. Se eles foram até a cidade, acho que o jantar vai demorar.

Eles saíram do laboratório, fechando a porta ao passar.

— Ei. — Sandy apontou. — Não vimos isso aqui.

Havia um bilhete preso à porta: EXPERIMENTO EM ANDAMENTO. NÃO ENTREM.

— Ops. Espero que não tenhamos estragado nada.

— É bom contar para a Mãe quando ela voltar.

— Como é que não vimos o bilhete?

— Estávamos ocupados enchendo a barriga.

Dennys atravessou o corredor, abriu a porta da cozinha e foi recebido por uma rajada de calor.

— *Ei!* — Ele tentou dar meia-volta, mas Sandy estava colado nele.

— Incêndio! — berrou Sandy. — Pegue o extintor!

— Tarde demais! Temos que sair daqui e... — Dennys ouviu a porta da cozinha bater às costas deles. — Temos que sair...

— Eu não encontro o extintor! — berrou Sandy.

— Eu não acho as paredes... — Dennys ficou tateando pela fumaça espessa, sem que suas mãos tocassem qualquer coisa.

De repente, um estrondo sônico.

Depois, silêncio absoluto.

Aos poucos, a fumaça começou a se dissipar.

— *Ei!* — A voz de Sandy, que chegava à maturidade, ia do grave ao agudo.

— O que está havendo?

A voz de Dennys, também em maturação, se seguiu.

— Onde que... o que houve...

— Que explosão foi aquela?

— *Ei!*

Eles olharam ao redor e não viram nada de familiar. Não havia porta da cozinha. Nem cozinha. Não havia lareira nem as lenhas fragrantas. Não havia mesa com o vaso de gerânios coloridos. Não havia teto com fileiras de pimentas e alho. Não havia piso com tapetes coloridos e trançados. Eles estavam pisando em areia, areia branca e escaldante. No alto, o sol estava tão quente que o céu não era mais azul, mas de um tom de bronze. Não havia nada além de areia e céu, de horizonte a horizonte.

— Será que a casa está bem? — A voz de Sandy estremeceu.

— Acho que nem entramos na casa...

— Você acha que ela pegou fogo?

— Não. Acho que abrimos a porta e chegamos aqui.

— E a neblina?

— E o estrondo?

— E o computador do Pai?

— A gente vai. O que a gente vai *fazer*? — A voz de Dennys começou grave, ficou mais alta e começou a afinar até vibrar.

— Não entre em pânico — recomendou Sandy, embora sua voz tenha tremido.

Os dois garotos ficaram olhando à sua volta, ensandecidos. O sol incandescente os assolava. Depois do frio de neve e gelo, o calor repentino era um choque. As partículas de mica na areia captavam a luz e refletiam neles.

— Ei. — A voz Dennys ficou aguda de novo. — O que nós vamos *fazer*?

Sandy tentou falar com calma.

— Nós somos os que fazem coisas, lembra?

— Acabamos de fazer uma coisa. — Dennys estava amargo. — Acabamos de nos mandar para cá, seja lá onde for *cá*.

Sandy concordou.

— Burros. Nós fomos burros de nos intrometermos num experimento em andamento.

— Mas não sabíamos que estava em andamento.

— Devíamos ter imaginado.

Dennys olhou para céu e areia, os dois cintilando de calor.

— O que você diria que o Pai estava fazendo? Se ele souber que nós...

— Viagens espaciais. Tesseract. Superar a velocidade da luz. Você sabe. — A tensão deixava Dennys mais arguto.

O sol bateu forte na cabeça de Sandy, então ele estendeu a mão e limpou o suor dos olhos.

— Preferia que não tivéssemos pensado no chocolate em pó holandês.

Dennys tirou o blusão de tricô. Lambeu os lábios secos. Gemeu.

— Limonada.

Sandy também tirou o blusão.

— Era o que queríamos, não é? Calor. Umidade baixa. Pouco habitado.

Dennys olhou em volta, apertando os olhos diante do fulgor.

— Eu quis dizer pouco, não *não habitado*.

Sandy desabotoou a camisa de flanela xadrez.

— Achei que tínhamos pedido uma praia.

— Não, na engenhoca do Pai, não. Só pouco habitado. Será que nos mandamos para um planeta morto? Onde o sol está entrando na fase de gigante vermelha antes de explodir?

Apesar do calor intenso, Sandy tremeu, espiou o sol e logo virou os olhos.

— Acho que na fase de gigante vermelha o sol seria maior. Este sol não parece maior que o nosso nos cenários de filme no deserto.

— Você acha que é o nosso sol? — perguntou Dennys, esperançoso.

Sandy deu de ombros.

— Podemos estar em qualquer lugar. Qualquer ponto do universo. Se era para brincar naquele teclado danado, devíamos ter sido mais específicos. Queria que tivéssemos ficado com Bali ou Fiji, com ou sem gente bonita.

— Eu preferia ver gente bonita. Agora mesmo. Queria que a gente não tivesse feito o que fez. — Dennys tirou sua gola rulê de algodão e o resto das roupas, até ficar de cuecas brancas e regata.

Sandy ficou em uma perna só para começar a tirar suas calças com forro, espiou de novo o sol feroz, depois fechou os olhos com pressa.

— Vão notar nossa falta quando voltarem do dentista.

— Mas não vão saber onde procurar. A Mãe tem mais noção do que nós. Ela nunca brincaria com nada do Pai se ele não estivesse lá.

— A Mãe não se interessa por astrofísica. Ela gosta de partículas virtuais.

— Mas vai dar por nossa falta.

— O Pai chega em casa amanhã — disse Sandy, esperançoso. Agora estava só com as roupas de baixo.

Dennys recolheu suas coisas e fez um amontoado.

— Se não encontrarmos sombra, vamos ter que botar as roupas de volta daqui a meia hora. Pelo menos algumas roupas, senão a queimadura vai ser cruel.

— Sombra. — Sandy gemeu e vasculhou o horizonte. — Den! Aquilo é uma palmeira?

Dennys estendeu a mão para proteger os olhos.

— Onde?

— Ali. Lá daquele lado.

— Sim. Não. Sim.

— Ótimo. Pelo menos temos uma coisa para *fazer*. — Dennys saiu, arrastando-se. — Se é o mesmo horário de quando saímos de casa...

— Era inverno em casa. — Os olhos de Sandy estavam quase fechando frente ao clarão. — O sol já estava se pondo.

Dennys apontou para as sombras, grandes e finas.

— O sol está um pouco atrás de nós... Se for um sol como o nosso, talvez estejamos indo para o leste.

— Você está com medo? — perguntou Sandy. — Eu estou. Nós nos metemos em encrenca.

Dennys não respondeu. Eles seguiram se arrastando. Agora usavam apenas os sapatos e as meias.

— Talvez seja mais fácil caminhar descalço — sugeriu Dennys.

Sandy agachou-se e tocou a areia com a palma da mão. Fez um não com a cabeça.

— Sinta. Ia queimar nossos pés.

— Você ainda está vendo aquela palmeira?

— Acho que sim.

Eles seguiram pela areia em silêncio. Depois de alguns minutos, ela parecia mais firme. Perceberam que havia pedra por baixo da areia.

— Assim é melhor — disse Sandy.

— Ei!

O chão pareceu tremer sob seus pés. Dennys agitou os braços para tentar manter o equilíbrio, mas foi lançado ao chão.

— Foi um terremoto?

Sandy também foi jogado no chão. À sua volta, eles ouviram pedras rangerem e um troar profundo, um trovão sob os pés. Depois silêncio, abrupto e total. A pedra se firmou. O terremoto, ou seja lá o que fosse, havia durado menos de um minuto, mas fora de força suficiente para erguer um grande naco de pedra, gerando um pequeno penhasco de um metro e oitenta. Era estriado e de aparência crua, mas provia uma sombra que se estendia na areia.

Os dois garotos puseram-se de pé e partiram à bem-vinda sombra. Sandy tocou a pedra e ela pareceu gelada.

— Quem sabe se sentarmos um minuto aqui...

O sol ainda continuava fazendo um calor feroz, mas a laje de pedra em que eles se sentaram estava fria. O alívio da sombra foi tão grande que eles ficaram alguns minutos em silêncio. Seus corpos estavam molhados de suor; pingava nos seus olhos. Ficaram sentados, sem se mexer, tentando aproveitar tudo que tinham de sombra.

— Não sei o que vai acontecer agora, mas seja o que for, não ficarei surpreso — disse Sandy, enfim. — Tem certeza de que era o experimento do Pai que não devíamos interromper? Não seria o da Mãe?

— A Mãe voltou a fazer alguma coisa com partículas subatômicas — disse Dennys. — Ontem, no jantar, ela passou um bom tempo falando de partículas virtuais.

— Aquilo me pareceu loucura — comentou Sandy. — Partículas que têm tendência à vida.

— Isso mesmo. Partículas virtuais. Quase-partículas. Isso que você falou. Partículas que tendem à existência.

Sandy fez não com a cabeça.

— A maioria dos experimentos da Mãe são, ah, tão infinitésimos que não faria diferença se nós entrássemos ou não no laboratório.

— Mas se ela estiver procurando uma partícula virtual... — Dennys pareceu ter esperança.

— Não. Me parece mais coisa do Pai. Quando perguntei se seria algo da Mãe, era só eu tentando ser otimista. Por que não vimos o aviso na porta?

— É. Por quê?

— *E* eu queria que nossos pais fizessem coisas comuns — reclamou Sandy. — Se o Pai fosse encanador ou electricista, e se a Mãe fosse secretária de alguém, seria muito mais fácil para nós.

— E não teríamos que ser os atletas e os comportadinhos do colégio —

concordou Dennys. — E...

Ele parou de falar quando o chão começou a tremer de novo. Foi um tremor rápido e nenhuma pedra saiu do chão, mas os dois puseram-se de pé.

— Ei! — Sandy deu um salto que quase derrubou Dennys.

De trás do rochedo apareceu uma pessoa minúscula, com mais ou menos um metro e vinte. Não era uma criança. Tinha músculos firmes, pele bronzeada e havia certa penugem sobre o lábio superior e no queixo. Usava uma tanga com uma pequena bolsa na cintura. Ao vê-los, com um gesto rápido, alarmado, ele enfiou a mão na bolsa.

— Ei, espere! — Sandy estendeu as mãos abertas com as palmas para a frente. Dennys repetiu o gesto.

— Não vamos machucar ninguém.

— Quem é você? — perguntou Sandy.

— Onde estamos? — complementou Dennys.

O homem diminuto olhou-os com misto de curiosidade e medo.

— Gigantes! — gritou ele. Tinha voz de homem, voz de um jovem adulto, mais grossa que a de Sandy e Dennys.

Sandy fez não com a cabeça.

— Não somos gigantes.

— Somos garotos — reforçou Dennys. — Quem é você?

O jovem tocou delicadamente na própria testa.

— Jafé.

— É o seu nome? — perguntou Sandy.

Ele tocou na testa de novo.

— Jafé.

Talvez fosse um costume daquele país, seja lá em que universo estivessem. Sandy tocou na própria testa.

— Alexander. Sandy.

Dennys fez o mesmo gesto.

— Dennys.

— Gigantes — acusou o jovem.

— Não — corrigiu-o Sandy. — Meninos.

O homem coçou a cabeça, onde se formava um galo arroxeadado.

— A pedra me acertou. Acho que estou vendo em dobro.

— Jafé? — perguntou Sandy.

O homem fez que sim.

— Vocês são dois? Ou um? — Ele coçou os olhos, perplexo.

— Dois — disse Sandy. — Somos gêmeos. Eu sou o Sandy. Ele é o Dennys.

— Gêmeos? — perguntou Jafé, seus dedos mais uma vez buscando a bolsa no

flanco que parecia estar cheia de miniflechinhas, de mais ou menos cinco centímetros cada.

Dennys abriu bem as mãos.

— Gêmeos são quando... — ele ia começar a dar uma explicação científica e se conteve — ... quando uma mãe tem dois bebês juntos, em vez de um só. — Sua voz tentava tranquilizá-lo.

— Então vocês são animais?

Sandy fez que não.

— Somos garotos. — Ele estava prestes a perguntar “O que você é?” quando notou um pequeno arco perto da bolsinha de flechas.

— Não. Não. — O jovem olhou para eles em dúvida. — Só gigantes são que nem vocês. E os serafins e nefilins. Mas vocês não têm asas.

Como assim, asas? Dennys se perguntou.

— Por favor, J-Jaf... onde nós estamos? Que lugar é esse?

— O deserto, a mais ou menos uma hora do meu oásis. Eu saí para procurar água. — Ele se abaixou e pegou uma varinha de madeira. — A madeira de gofer é a melhor para achar água. Eu tinha a do meu avô... — Ele parou no meio da frase. — Higaïom! Hig! Onde está? — Ele ficou chamando alguma coisa, tal como os gêmeos chamariam um cachorro em casa. — Hig! — Ele olhou para os gêmeos, com olhos arregalados. — Se acontecer alguma coisa com ele, meu avô vai... sobraram tão poucos... — Ele gritou de novo, com urgência. — Higaïom!

Detrás do afloramento de rocha surgiu uma coisa cinzenta e sinuosa que, de início, os gêmeos acharam que fosse uma cobra. Mas à “cobra” se seguiu uma cabeça com olhinhos brilhantes e negros, grandes orelhas de abano e um corpo volumoso, coberto de pelos grisalhos e desgrenhados, mais um rabo minúsculo.

— Higaïom! — O homem ficou alegre. — Por que não veio quando o chamei?

Com sua tromba delicada, o animalzinho, do tamanho de um cachorro pequeno ou um gato grande, apontou para os gêmeos.

O homem acariciou a cabeça do animal. Era tão pequeno que não precisava se abaixar.

— Graças a El você está bem. — Ele apontou para os gêmeos. — Eles parecem simpáticos. Dizem que não são gigantes e, embora sejam altos como os serafins e os nefilins, não parecem da mesma espécie.

O animalzinho aproximou-se de Sandy com cautela. Sandy apoiou um joelho no chão e estendeu a mão para o bicho cheirar. Então, meio sem saber como agir, ele começou a coçar o peito peludo do animal, como teria acariciado o cão deles em casa. Quando o bichinho relaxou, ele perguntou a Jafé:

— O que são serafins?

— E nefilins — complementou Dennys.

Se eles conseguissem descobrir o que eram aquelas pessoas tão altas quanto eles, talvez tivessem uma pista de onde haviam caído.

— Ah, são muito altos — disse Jafé. — Como vocês, mas diferentes. Grandes asas. Cabelo muito comprido. E os corpos... como vocês, sem pelos. Os serafins são dourados e os nefilins são brancos, mais brancos que areia. A pele de vocês é... diferente. Mais branca, mais lisa. Parece que vocês nunca viram o sol.

— Lá na nossa terra ainda é inverno — explicou Sandy. — No verão, quando trabalhamos ao sol, ficamos bem bronzeados.

— Seu animalzinho — perguntou Dennys — parece um elefante, mas o que é?

— É um mamute. — Jafé deu um tapinha carinhoso no bicho.

Sandy parou de acariciar Higiom.

— Mas era para os mamutes serem imensos!

Dennys viu na sua mente a imagem do mamute em um livro que tinha em casa, muito parecido com o animal de Jafé. O próprio Jafé era uma versão em miniatura de um jovem forte e belo, não muito mais velho que eles; talvez tivesse a idade do amigo da irmã deles, Calvin, que estava na pós-graduação. Quem sabe neste lugar, onde quer que fosse, tudo era em miniatura.

— Não sobraram muitos mamutes — explicou Jafé. — Eu sou bom em achar água no solo, mas mamutes são ótimos para sentir cheiro de água, e Higiom é o melhor. — Ele acariciou a cabeça do animal. — Então peguei-o emprestado do Avô Lameque e juntos encontramos uma fonte de água. Mas temo que seja longe demais do oásis para nos ajudar.

— Obrigado pela explicação — disse Sandy, depois voltou-se para Dennys. — Você acha que estamos sonhando?

— Não. Voltamos do treino de hóquei. Fizemos sanduíches. Entramos no laboratório para encontrar o chocolate em pó holandês. Mexemos com o experimento em andamento do Pai. Fomos absurdamente burros. Mas não é um sonho.

— Fico contente que você diga isso — disse Jafé. — Eu também estava começando a me perguntar. Achei que estivesse sonhando, por conta da pedra que acertou minha cabeça durante o terremoto.

— Foi um terremoto? — perguntou Sandy.

— Então pode ser um planeta jovem. — Dennys pareceu esperançoso.

— De onde vocês vieram e para onde vão? — perguntou Jafé.

— Leve-me ao seu líder — balbuciou Sandy.

Dennys lhe deu um cutucão.

— Cale a boca.

— Somos do planeta Terra, fim do século XX — disse Sandy. — Chegamos

aqui por acidente e estamos perdidos.

— Gostaríamos de ir para casa — complementou Dennys—, mas não sabemos como.

— Onde fica sua casa? — perguntou Jafé.

Sandy deu um suspiro.

— Muito longe, infelizmente.

Jafé olhou para eles.

— Vocês estão vermelhos. E molhados. — Parecia que ele não sentia o calor intenso.

— Estamos transpirando — disse Dennys. — Tenho medo que fiquemos com insolação se não encontrarmos uma sombra depressa.

Jafé assentiu.

— A barraca do Avô Lameque fica próxima. Eu e minha esposa — ele corou de alegria ao dizer *minha esposa* — moramos a meio caminho do oásis, perto da barraca do meu pai. E tenho mesmo que devolver Higaïom ao Avô. Ele é muito hospitaleiro. Posso levá-los até ele, se quiserem.

— Obrigado — disse Sandy.

— Gostaríamos de ir com você — complementou Dennys.

— No momento, não temos muita escolha — balbuciou Sandy.

Dennys deu um cutucão no irmão, depois puxou sua camiseta de gola rulê do amontoado de roupas e vestiu-a de novo. Sua cabeça surgiu da gola de algodão, que havia amarfanhado seu cabelo castanho-claro de modo que um tufo se projetou como em um periquito.

— É melhor nos vestirmos. Acho que já me queimei.

— Então vamos! — disse Jafé. — Gostaria de chegar em casa antes de anoitecer.

— Ei... — falou Sandy de repente. — Pelo menos falamos o mesmo idioma. Está tudo tão louco e estranho que só fui perceber agora...

Jafé olhou para ele com expressão perplexa.

— Vocês me soam muito estranhos. Mas *consigo* entendê-los, se fico atento a minha subescuta. Vocês falam parecido com os serafins e nefilins. Vocês me entendem?

Os gêmeos se olharam. Sandy disse:

— Não tinha pensado nisso até agora. Se eu paro para pensar, sua voz é mesmo meio diferente, mas eu entendo. Não é, Den?

— Isso — concordou Dennys. — Mas era mais fácil quando não estávamos pensando.

— Venham — insistiu Jafé. — Vamos. — Ele olhou para Sandy. — É bom se cobrir também.

Sandy seguiu o exemplo de Dennys e vestiu a camiseta de gola rulê.

Dennys desdobrou sua camisa de flanela e usou-a para cobrir a cabeça.

— Pode funcionar como um albornoz para não nos dar insolação.

— Boa ideia. — Sandy fez a mesma coisa.

— Se — emendou Dennys, soturno — já não for tarde demais. — Então se voltou para Jafé. — Ei, Jafo... — e se perdeu no nome. — Ei, Jaf, o que é aquilo?

No horizonte, à extrema esquerda e vindo na direção deles, surgiu uma criatura que tremeluzia, que surgia e sumia da vista, de cor prateada, do tamanho de um bode ou de um pônei, com uma luz piscando na testa.

Sandy também chamou Jafé pelo apelido.

— O que é, Jaf?

O mamute levou a cabeça para baixo da mão de Sandy, que começou a coçar suas grandes orelhas de abano.

Jafé olhou para a criatura que mal se via, sorrindo ao identificá-la.

— Ah, é um unicórnio. São muito estranhos. Às vezes existem e às vezes não existem. Se queremos um, chamamos e geralmente aparecem.

— Você chamou um? — perguntou Sandy.

— Higiom deve ter pensado neles, mas não chamou. Por isso que não está tão sólido. Unicórnios são ainda melhores que mamutes para sentir cheiro de água, mas nem sempre se pode contar com eles. Higiom deve ter pensado que um unicórnio confirmaria onde achamos que havia uma nascente. — Ele sorriu, pesaroso. — O Avô sempre sabe o que Hig está pensando. Eu só faço suposições.

Os gêmeos pararam para se olhar, mas o mamute havia deixado Sandy e estava trotando atrás de Jafé, que voltara a tomar a direção do oásis. Eles, portanto, foram atrás. Na intensidade do calor do deserto, seus membros pareciam pesados e nada prestativos. Quando olharam para onde o unicórnio estivera, ele não estava mais lá, embora sobrasse no mesmo ponto um tremeluzir que parecia uma miragem.

Sandy estava arfante.

— Não acredito.

Dennys, correndo atrás dele, concordou.

— Nunca fomos muito bons em suspensão de descrença. Somos os pragmáticos da família.

— Eu *ainda* não acredito — repetiu Sandy. — Se eu piscar várias vezes, estaremos na cozinha lá de casa.

Dennys pegou uma das mangas soltas da camisa e limpou os olhos.

— No momento eu acredito que estou com calor. Muito calor.

Jafé virou a cabeça e olhou para trás.

— Gigantes! Venham. Parem de falar.

Com as pernas mais compridas que as dele, era fácil para os gêmeos alcançarem Jafé.

— Não somos gigantes — reiterou Dennys. — Meu nome é Dennys.

— Dennysins.

Dennys tocou na testa, como Jafé havia feito.

— Um Dennys. Eu.

Sandy também tocou na testa.

— Eu sou Sandy.

— *Sand*. Areia. — Jafé olhou ao seu redor. — Areia temos bastante.

— Não, Jaf — corrigiu-o Sandy. — É apelido de Alexander. Sandy.

Jafé balançou a cabeça.

— Você me chama de Jaf. Eu chamo você de Sand. Disso eu entendo.

— Por falar em nomes estranhos... — Dennys olhou para o mamute, que havia voltado a roçar em Sandy para ganhar carinho. — Hig...

— Hi-gai-om. — Jafé esticou as sílabas.

— Todos os mamutes são do tamanho dele? Ou tem uns bem grandes?

Jafé pareceu perplexo.

— Os que sobraram são iguais a Higaiom.

Sandy olhou para o irmão.

— Os cavalos não começaram bem pequenos, lá na pré-história?

Mas Dennys estava de olho no horizonte.

— Olhe. Agora dá para ver muitas palmeiras.

Embora conseguissem ver as palmeiras, o oásis continuava distante. Apesar das pernas muito mais compridas, os meninos começaram a retardar-se atrás de Jafé e do mamute, que se deslocavam pela areia com tranquilidade.

— Não sei se consigo — disse Dennys, aos resmungos.

Os passos de Sandy também retardaram.

— Achei que nós éramos grandes atletas — disse ele, arfante.

— Nunca ficamos expostos ao calor desse jeito.

Jafé, percebendo que os irmãos não estavam mais atrás dele, virou-se e correu até os dois, mantendo-se sereno e tranquilo.

— Qual é o problema? Os dois estão vermelhos. O mesmo vermelho. Vocês são mesmo duas pessoas?

— Somos gêmeos... — A voz de Sandy soava exausta.

Dennys estava ofegante.

— Acho que... estamos... ficando com... exaustão... pelo calor.

Jafé olhou para os dois, nervoso.

— Doença do sol pode ser perigosa. — Ele estendeu a mão para tocar a bochecha de Dennys. Fez um não com a cabeça. — Você está frio e viscoso. Mau sinal. — Ele levou a mão a sua testa. Parecia perdido em pensamentos profundos. — Que tal um unicórnio?

— Como assim? — perguntou Sandy. Ele sentia-se cansado e impaciente.

— Se conseguíssemos um par de unicórnios que virassem reais e sólidos para nós, eles podiam nos levar até o oásis.

Os gêmeos se olharam, cada um diante de uma versão vermelha e suada de si.

— Nunca fomos de bichos míticos — disse Dennys.

— Meg diz que unicórnios sofrem de popularidade excessiva — complementou Sandy.

Jafé franziu o cenho.

— Não sei do que estão falando.

Dennys também franziu a testa. Estava pensativo.

— Os unicórnios do Jaf parecem mais as partículas virtuais da Mãe do que criaturas míticas.

Sandy se irritou.

— Partículas virtuais não são míticas. São teóricas.

Dennys retrucou:

— Se a Mãe consegue acreditar em teorias extravagantes, nós podemos acreditar em unicórnios virtuais.

— Que tipo de unicórnios? — Jafé parecia perplexo. — É por vocês serem gigantes desse jeito estranho que está toda esta confusão?

— Unicórnios nunca foram de muita importância. — Sandy passou as mãos pelo rosto e ficou surpreso em ver que as gotículas de suor estavam mesmo geladas.

— Agora eles são — grunhiu Dennys. — A Mãe acredita em partículas virtuais, então não há motivo para não existirem partículas virtuais.

— Hig... — chamou Jafé.

O mamute virou-se e olhou para o horizonte. Houve um fraco tremeluz na areia, diante dele. Aos poucos, o cintilar tomou a forma de um unicórnio, transparente, mas identificável como tal. Ao lado dele, outro unicórnio começou a tremeluzir.

— Por favor, unicórnios — implorou Dennys. — Sejam reais.

A transparência dos dois animais aos poucos assumiu forma sólida, até que surgiram dois unicórnios de pé na areia, com flancos cinza-prateados, crinas e barbichas prateadas. Patas prateadas e chifres de luz reluzente. Eles olharam para os gêmeos e dobraram as pernas delicadamente para inclinar-se.

— Ah! — exclamou Jafé. — Que bom que vocês dois são jovens. Eu havia

esquecido que unicórnios não se deixam tocar por quem não é virgem.

Os gêmeos se olharam.

— Bom, nem carteira de motorista nós temos — disse Dennys.

— Subam neles antes que resolvam que não são necessários — ordenou Jafé.

Os gêmeos subiram nas costas das criaturas prateadas, ambos achando que aquilo era um sonho do qual não conseguiam acordar. Sem os unicórnios, porém, eles nunca chegariam ao oásis.

Os unicórnios correram deserto afora, seus cascos mal tocando o chão. Às vezes, onde a areia tinha sido soprada e havia pedras, o casco de prata batia com um retinir que lembrava um sino, soltando faíscas. Criaturinhas do deserto os observavam passar a toda velocidade. Sandy notou ossos alvejados pelo sol e pelo vento, mas não quis falar do que viu.

— Segurem-se! — gritou Jafé em tom de alerta. — Não caiam!

Contudo, havia uma sensação de irrealidade ao cavalgar os unicórnios. Se não era mais estranho que o mundo da física de partículas, o da mãe deles, era ao menos tão estranho quanto.

— Segurem-se! — gritou Jafé de novo.

Mas Dennys sentiu-se escorregando pelos flancos lisos. Tentou agarrar a crina, mas ela escorreu pelos seus dedos como se fosse areia. Estaria o unicórnio tornando-se menos real ou era o sol ainda ardente que o afetava?

— Dennys! Não vá cair! — berrou Sandy.

Mas Dennys sentiu que estava escorregando. Ele não sabia se era ele mesmo ou se era o unicórnio que ficava piscando entre o existir e o não existir.

Então ele sentiu algo sólido: Sandy em seu unicórnio fazendo pressão contra ele. Os braços fortes do irmão empurrando-o de volta ao flanco do animal, a partícula virtual repentinamente real, não só uma coisa de laboratório. Sua cabeça doía.

Jafé e o mamute estavam correndo ao lado deles, a uma velocidade incrível para criaturas tão pequenas.

— Rápido! — insistiu Jafé com os unicórnios. — Rápido!

Sandy, com a camisa de flanela ainda enrolada na cabeça, mal estava ciente de que segurava o irmão. Seus braços pareciam moles feito gelatina. Ele respirava em grandes goles abrasadores, que queimavam sua garganta. Sua cabeça começou a inchar, a se encher de ar quente como um balão, de modo que ele ficou com medo de sair voando para o céu.

O mamute ultrapassou Jafé e os unicórnios, levando-os ao oásis. Suas perninhas atarracadas não eram mais que um borrão, como as asas de um beija-flor. Às vezes ele erguia sua tromba e fazia um som de trombeta, incitando os unicórnios. Jafé corria ao lado e começara a respirar de boca aberta devido ao

esforço.

Mas eles não foram rápidos o bastante para Dennys, que estava adentrando a inconsciência. Conforme o mundo enegreceu diante de seus olhos, o chifre de seu unicórnio se apagou, e a criatura prateada começou a dissolver-se enquanto seu cavaleiro perdia visão, audição e raciocínio. E Dennys começou a piscar, indo e vindo da existência, junto a sua montaria.

Sandy, mal agarrando-se à própria consciência, não percebeu que o braço com que segurava Dennys agora segurava o nada. Sentiu-se despencar no chão. Não caiu em areia abrasadora, mas em verde macio. Seu corpo em chamas foi abrigado e refrescado pelas grandes folhas de uma palmeira.

Seu unicórnio havia chegado ao oásis.

Pelicano em terra erma

Sandy voltou à consciência devagar, os olhos ainda bem fechados. Não ouviu o despertador estridente, então devia ser sábado. Tentou escutar se Dennys se remexia na cama de cima. Sentiu uma coisa fria e molhada salpicada pelo corpo. Era uma sensação boa. Ele não queria acordar. Eles tinham muitos afazeres no sábado. Tinham que lavar o chão do laboratório da mãe e dos banheiros. Se tivesse voltado a nevar, teriam que tirar a neve.

— Sand...

Ele não reconheceu a voz estranha, com sotaque carregado. Não identificou o cheiro que o cercava, pungente e sórdido. Algo frio e molhado foi borrifado de novo sobre seu corpo.

— Sand?

Aos poucos ele abriu os olhos. Na luz que vinha direto do alto, viu dois rostos morenos espiando o seu, ambos nervosos. Um rosto era jovem, coberto por uma penugem cor de âmbar. O outro era entrecruzado de infinitas rugas, um rosto de pele antiga, coriácea, e uma longa barba branca que terminava em cachos.

Sem querer acreditar que não estava acordando de um sonho, ele estendeu a mão para tocar a cama de Dennys, acima da sua no beliche. Nada. Abriu mais os olhos.

Estava em uma barraca, uma barraca de tamanho considerável, que a julgar pelo cheiro era feita com couro de cabra. A luz entrava por um buraco no telhado, uma luz rósea de pôr do sol. Um bichinho estranho cruzou a barraca até onde ele estava e soltou água no seu corpo. Ele percebeu que estava quente de insolação. O animal trazia água de um grande vaso de cerâmica e o resfriava.

— Sand? — perguntou o jovem de novo. — Está acordado?

— Jaf? — Ele teve que fazer esforço para se sentar. Sua pele queimada raspava nas peles em que estava deitado.

— Sand, você está bem? — A voz de Jafé hesitava com nervosismo.

— Tudo bem. Só queimado do sol.

O idoso levou a mão à testa de Sandy.

— Você está com febre muito alta. Doença do sol faz mal a quem não é

acostumado ao deserto. Você vem das montanhas?

Sandy olhou para o ancião, que era ainda menor que Jafé, mas tinha os mesmos olhos azuis intensos, que se destacavam na pele enegrecida pelo sol. Sandy tocou sua testa como Jafé havia feito.

— Eu sou Sandy.

— Sand. Sim. Jafé me disse. — O idoso tocou a própria testa, onde ficavam cabelos brancos levemente encaracolados. — Lameque. Avô Lameque. Jafé trouxe você até minha barraca.

Sandy olhou em volta, alarmado.

— Mas o Dennys... cadê o Dennys? — Agora ele estava plenamente desperto, ciente de que aquele não era o beliche da sua casa e que estava num deserto estranho que podia ser em outro planeta do sistema solar, em qualquer galáxia do universo. Sentiu um calafrio. — Dennys?

— Ele foi com o unicórnio.

— Quê!

— Sand — explicou Jafé com paciência —, Dennys deve ter desmaiado. Eu lhe contei sobre os unicórnios. Às vezes eles existem, às vezes não. Quando Den desmaiou, o unicórnio se foi e levou Den consigo.

— Mas nós temos que encontrá-lo, temos que trazê-lo de volta! — Sandy fez força para ficar de pé.

O Avô Lameque fez o garoto se sentar de novo sobre as peles, demonstrando força imensa para uma pessoa tão pequena.

— Calma, Sand. Não se preocupe. Seu irmão vai ficar bem.

— Mas...

— Unicórnios são muito responsáveis — explicou Lameque.

— Mas...

— Sim, é verdade que não são confiáveis, que não podemos depender deles. Mas são muito responsáveis.

— Você é louco — disse Sandy.

— Calma, Sand — repetiu o Avô Lameque. — Não sabemos onde os unicórnios vão quando somem, mas quando alguém chamar o unicórnio de novo e ele aparecer, Den vai aparecer também.

— Tem certeza?

— Sim. Tenho certeza — disse o idoso, e por um instante Sandy relaxou com a autoridade que ouviu na voz dele.

Então, de pronto:

— Bom, chamem um unicórnio, chamem agora!

O idoso e Jafé olharam para Higaïom. O mamute ergueu sua tromba até o buraco no teto da barraca. O brilho róseo havia diminuído. O idoso, Jafé e

Higaiom mal eram sombras visíveis na barraca. Houve um clarão repentino, e Sandy viu o corpo prateado e tremeluzente de um unicórnio. Mas nada de Dennys.

— Dennys! — gritou ele.

E ouviu o eco de Jafé.

— Den!

Higaiom parecia em tratativas com o unicórnio. Então ele olhou para Jafé e o idoso. Fez um novo som com a tromba.

Mais um clarão, depois um leve bruxuleio, e o unicórnio sumiu.

O Avô Lameque disse:

— Parece que alguém já chamou o unicórnio que Den cavalgava.

Sandy ficou de pé, mas estava tão fraco que tornou a cair sobre as peles.

— Mas ele pode estar em qualquer lugar, qualquer lugar! — gritou, desvairado.

— Calma! — repetiu o idoso. — Ele está no oásis. Nós vamos encontrá-lo.

— Como? — A voz de Sandy era o guincho de um garotinho assustado.

— Eu procuro por ele — disse Jafé. — Quando encontrá-lo, eu o trarei até você.

— Ah, Jaf... eu quero ir com você.

— Não. — falou o Avô Lameque, decidido. — Você tem doença do sol. Tem que permanecer aqui até ficar bem. — Ele ergueu o olhar ao buraco no teto. O sol já tinha se posto, e a lua, que não estava cheia, mas ainda brilhava forte, os iluminava. O idoso tocou o braço e a coxa de Sandy. — Amanhã você estará cheio de bolhas.

A cabeça de Sandy parecia zunir. Ele sabia que era da febre e que o Avô Lameque estava certo.

— Mas o Dennys...

— Eu o encontrarei e trarei até você — prometeu Jafé.

— Ah, Jaf, obrigado.

O jovem voltou-se para o avô.

— Uma das mulheres... minha esposa, ou uma de minhas irmãs... vai lhe trazer a lamparina, Avô.

O idoso observou o luar que iluminava a barraca.

— Obrigado, meu caro neto. Meus netos são tão bondosos comigo, tão bondosos... — Sua voz fraquejou. — Já meu filho...

Jafé parecia envergonhado.

— Você sabe que não posso fazer nada sobre o Pai. Eu nem lhe conto quando venho a sua barraca.

— Melhor assim. — O idoso ficou pesaroso. — Melhor assim. Mas um dia...

— É claro, Avô. Um dia. Eu volto com o Den assim que possível. — Ele abriu a barraca para sair, e a aba estalou atrás dele.

Higaiom borrifou a água gelada do jarro sobre o pano na testa em chamadas de Sandy.

— Gigante — o idoso baixinho inclinou-se sobre ele —, de onde você vem?

— Eu não sou gigante — disse Sandy. — É sério. Sou um garoto. Dennys e eu estamos em fase de crescimento, mas não somos gigantes. Nossa altura é normal.

O velho fez não com a cabeça.

— No nosso país vocês são gigantes. Podem me dizer de onde vêm?

— Da nossa casa. — Sandy sentiu-se quente e com febre. Sua casa podia estar a galáxias de distância. — Nova Inglaterra. Estados Unidos. Planeta Terra.

As rugas na testa do idoso se entrecruzaram quando ele franziu o cenho.

— Vocês não são daqui. Nem de Node. Lá eles não são mais altos que nós. — Ele levou a mão à testa de Sandy. A palma parecia gelada e estava seca como uma folha de outono que vai virar pó. — Sua febre vai baixar, mas você terá que ficar aqui, na minha barraca, longe do sol, até a queimadura sarar. Vou pedir a um serafim que venha cuidar de você. Os serafins não queimam no sol. Sabem cuidar melhor do que eu. — Sandy ficou tranquilo com a bondade do Avô Lameque.

O mamute começou a se dirigir ao pote de água, depois caiu de cócoras, ganindo de terror, quando algo passou gritando acima da barraca como se fosse um jato descontrolado. Só que naquele planeta, onde quer que fosse, não havia aviões.

O idoso pôs-se de pé com um salto incrivelmente ágil e pegou um cajado de madeira.

O grito horrendo, que não era de ave nem de humano, surgiu de novo, mais próximo, e então a aba da barraca foi puxada e um rosto grande espiou. Era o maior rosto que Sandy já tinha visto, um rosto de homem com cabelos sujos e barba emaranhada, sobrelanceiras desordenadas sobre olhinhos desconfiados e um nariz em bolha. Do emaranhado do cabelo saíam dois chifres, curvados para baixo, com pontas afiadas como presas de javali. A boca se abriu e gritou:

— *Fome!*

A criatura empurrou o restante do corpo barraca adentro. A cabeça não pertencia a um corpo de homem, mas ao de um leão, e ao entrar por completo na barraca, Sandy viu que o leão possuía uma cauda de escorpião. O garoto ficou apavorado.

O idoso bateu com seu cajado na criatura, sem efeito. O homem/leão/escorpião arrancou o cajado da mão dele e fez o idoso voar pela

barraca. O Avô Lameque caiu sobre uma pilha de peles. O mamute deitou-se nas peles ao lado de Sandy, tremendo.

— *Fome!* — O rugido fez as peles da tenda tremerem.

Por instinto, Sandy jogou o mamute para trás de si e, usando os últimos restos de força, ergueu-se, cambaleante, até ficar de pé e deu um passo em direção ao monstro.

— Gigante! — berrou a cabeça de homem. — Gigante! — E a cauda de escorpião, o corpo de leão e a cabeça de homem recuaram da barraca, até a aba voltar ao seu lugar.

O idoso conseguiu sair do canto onde havia sido arremessado.

— Manticora ridícula — resmungou ele. — Querendo comer meu mamute...

Higaiom ficou de pé, ainda bambo, ergueu sua tromba e fez o som de trombeta, que foi mais um esbafear do que grito de triunfo. Ele se roçou em Sandy.

O idoso recuperou seu cajado.

— Obrigado. Você impediu que meu mamute fosse devorado.

— Eu não fiz nada. — As pernas de Sandy se dobraram sob ele, que caiu de novo nas peles. — É a primeira vez que assusto alguém só por ser alto e queimado de sol.

— Um gigante gentil — disse o idoso.

Sandy estava muito fraco para retrucar.

— Enfim, a manticora é uma fera mítica.

O Avô Lameque fez que não com a cabeça.

— Não sei o que você quer dizer.

— Coisas como as manticoras são míticas — afirmou Sandy. — Não deveriam ser reais.

O sorriso do Avô Lameque enrugou-se.

— Você terá que pedir para o serafim explicar. Na época em que vivemos, muitas coisas são reais, entende. — Ele olhou ao seu redor. — Onde está o escaravelho?

O mamute também olhou ao redor, mas os dois pararam e o rosto do velho iluminou-se assim que se ouviu algo arranhando do lado de fora da barraca. Era evidente que era um tipo de sinal, porque ele falou com alegria:

— Entre, Neta. — Então virou-se todo polido a Sandy. — Ialí, minha neta mais nova.

A aba da barraca abriu-se o bastante para dar passagem a uma garota, mais ou menos do tamanho do idoso, nem um metro e vinte. Ela carregava uma tigela de pedra rasa com óleo e um pavio aceso. À luz da lamparina de pedra, mais forte que o luar que entrava pelo buraco do teto, Sandy conseguia ver que a menina,

que usava apenas uma tanga tal como Jafé e o Avô Lameque, estava delicadamente curvada e tinha pequenos seios róseos. Sua pele era da cor do damasco maduro. Seus cabelos suavemente cacheados eram de um bronze profundo, que reluzia à luz da lamparina e caíam sobre seus ombros. Ela parecia ter, pensou Sandy, mais ou menos a idade dele. De repente sua pele ardente não estava tão dolorosa quanto antes e ele sentiu a energia voltar a seus membros. Ficou de joelhos e levantou-se para cumprimentá-la, numa mesura desajeitada.

Ela o viu e quase deixou a lamparina cair.

— Um gigante!

O mamute tocou Sandy com sua tromba, e o Avô Lameque disse:

— Ele diz que não é gigante, cara Ialí. Jafé o trouxe e me disse que há outro igual, que partiu com um unicórnio. Jafé foi procurá-lo. Este... — ele sorriu para Sandy — ... parece humano e acabou de salvar Higiom da manticora.

Ialí estremeceu.

— Eu a ouvi dar um guincho e correr com um rato. — A garota deixou a lamparina sobre um barrilete de madeira. — Trouxe sua luz da noite, Avô Lameque.

— Obrigado, minha cara. — Havia uma ternura enorme na voz do idoso.

Sandy curvou-se de novo.

— Olá. Meu nome é Sandy Murry. — Ele não conseguia reprimir um sorrisinho bobo.

Ela olhou para ele em dúvida, recuando aos poucos.

— Você não fala como nós. Tem certeza de que não é gigante?

— Sou um garoto. Desculpe minha aparência horrível. Estou com uma queimadura muito forte por causa do sol.

Ela começou a olhar para ele sem se encolher.

— Ah, sim, está mesmo. Como podemos ajudá-lo?

Higiom enfiou sua tromba no vaso d'água de novo e deu um banho em Sandy.

— Higiom deixa a pele dele úmida — disse o Avô Lameque. — Mas acho que podíamos chamar um serafim para dar uma olhada.

— Sim. Seria bom. De onde você disse que era, gigante... Sand?

— Dos Estados Unidos — respondeu Sandy, embora soubesse que aquilo não significava nada à bela e estranha menina.

Ela sorriu para Sandy e o calor de seu sorriso o envolveu.

— Estados Unidos é... são... um lugar — tentou explicar. — Pode-se dizer que meu irmão e eu somos representantes de lá. — *Mesmo que involuntários*, pensou Sandy.

— E você tem um irmão, que desapareceu com o unicórnio?

A pergunta dela soava como se Dennys e o unicórnio estivessem passeando sabe-se lá onde.

— Meu irmão, Dennys. Somos gêmeos. Gêmeos idênticos. Somos muito parecidos para quem não nos conhece bem. Seu irmão Jafé está tentando encontrá-lo.

— Bom, então vai encontrá-lo. Precisa de mais alguma coisa, Avô Lameque?

— Não, minha cara Ialí.

— Então é melhor eu ir para casa. As esposas de meus irmãos estão todas lá e nossa mãe gosta de me ter por perto para que não fiquem brigando.

Ela sorriu, voltando-se do idoso para Sandy, que estava tonto da febre, mas também de Ialí. Ele a fitou quando ela lhe deu boa-noite. Pela primeira vez na vida, Sandy sentiu um lampejo de gratidão por não estar com Dennys.

Seu nervosismo voltou.

— O Dennys...

— Jafé vai encontrá-lo — afirmou o velho. — Enquanto isso... Higaiom, veja se encontra nosso amigo escaravelho.

Higaiom deu um suave trombeteio e saiu da barraca.

• • •

Depois que Ialí e Higaiom saíram, Sandy foi atacado por uma onda de sono febril. Já estava escuro, não havia luar entrando pelo buraco no teto da barraca, e a lamparina cintilava baixinho. Ele fechou os olhos, enrolou-se para dormir e sentiu um vazio.

Dennys. Ele estava contente por Dennys não ter visto Ialí. Mesmo assim, nunca tinha ido dormir sem o irmão. Em casa ele podia esticar a mão e dar um soco no colchão de cima para chamar a atenção do gêmeo. No acampamento dos escoteiros, eles sempre ficavam na mesma cabana. Apesar do empenho dos pais para deixar que os gêmeos crescessem como indivíduos — nunca os vestindo iguais, por exemplo —, mantinha-se o fato de que eram gêmeos. Ele não sabia o que era ir dormir sem Dennys.

Higaiom entrou e foi até o Avô Lameque, usando a tromba para tirar algo da orelha e mostrando ao idoso. O Avô Lameque pegou o escaravelho na palma da mão, e o inseto reluzia bronze à lamparina. O idoso acariciou-o com delicadeza, com um indicador trêmulo, e fechou a palma.

Então surgiu um lampejo de luz intenso, similar ao do chifre do unicórnio, e uma presença ativa estava dentro da barraca, sorrindo para o idoso, depois olhando em silêncio para Sandy. A criatura tinha pele do mesmo tom de damasco de Ialí. O cabelo era da cor de trigo ao sol, um dourado brilhante, comprido, e amarrado atrás, caindo de modo que quase encobria as asas bem

dobradas, o ouro tomado de luz no cabelo. Os olhos eram de um azul incrível, como o mar quando a luz do sol toca as ondas.

Lameque o recebeu com reverência.

— Adnarel, nós o agradecemos. — Então ele se dirigiu a Sandy. — O serafim conseguirá ajudá-lo. Serafins entendem de cura.

Então aquilo que era um serafim. Alto, até mais alto que os gêmeos. Mas a única semelhança era na altura. No mais, ele era absolutamente diferente, bonito, mas alienígena. O serafim voltou-se para Lameque.

— O que temos aqui?

Lameque curvou-se, parecendo mais do que nunca uma bolota morena em comparação ao grande ser alado. Se todo o povo comum deste lugar estranho fosse pequeno como Jafé, Lameque e Ialí, não era à toa que Sandy e Dennys eram confundidos com gigantes. Lameque disse:

— Temos um estranho entre nós...

Adnarel tocou o ombro de Sandy, fazendo-o deitar de novo nas peles quando ele fez menção de pôr-se de pé.

Lameque prosseguiu:

— Ele é, como você vê, quase da sua altura, mas não tão... não tão bem formado.

— Ele é muito jovem — disse o serafim Adnarel. — Mal saiu da casca, por assim dizer. Mas você está correto. Ele não é um de nós. Tampouco dos nefilins.

— Tampouco dos nossos — disse Lameque. — Mas cremos que não oferece perigo.

Adnarel estendeu a mão para tocar Sandy delicadamente nas costas, os dedos compridos explorando as omoplatas.

— Não tem asas, nem mesmo rudimentares.

Higaiom aproximou-se do serafim, cabeceando-o para chamar sua atenção, e então apontou para o jarro d'água.

Adnarel abaixou-se para coçar entre as orelhas do mamute.

— Chame o pelicano — ordenou ele.

Higaiom saiu da barraca. Lameque olhou para cima, e mais acima, para fitar os olhos azuis e marcantes de Adnarel.

— Estamos fazendo o certo, tentando deixá-lo refrescado e úmido para baixar a febre e curar as queimaduras?

Adnarel assentiu. A aba da barraca se abriu, e Higaiom voltou, seguido de um pelicano grande, branco e surpreendente. Ele veio bamboleando até o jarro de barro, abriu seu grande bico e o encheu de água.

Lameque, ansioso, perguntou:

— O pelicano vai conferir se temos água de sobra? Serão muitas viagens até o

poço, vezes demais para mim agora que estou velho e...

— Nada tema. Alarid cuidará disso — garantiu Adnarel.

— Um pelicano no deserto? — perguntou Sandy, sentindo que o grande pássaro fazia parte de um sonho febril.

— Um pelicano em terras ermas — concordou Adnarel. Ele dobrou um joelho e pôs sua mão contra as bochechas coradas de Sandy. Por seus dedos emitiu o calor de cura, calor que não tinha nada a ver com o calor sufocante na barraca. Sandy estava quase acostumando-se ao cheiro pungente das peles, mas o serafim parecia trazer leveza e frescor ao ar. — De onde você é, meu jovem?

Sandy deu um suspiro.

— Planeta Terra, onde espero que ainda esteja?

O serafim sorriu de novo, sem responder à pergunta. Ele tocou a testa de Sandy delicadamente e o toque ajudou a clarear sua mente, que antes parecia estar perdendo o foco.

— E de onde no planeta Terra você vem?

— Dos Estados Unidos. Do nordeste do país. Da Nova Inglaterra.

— Como chegou aqui?

— Não sei bem, hã, senhor. — Havia algo na presença de Adnarel que exigia respeito à moda antiga. — Nosso pai está trabalhando em uma teoria sobre a quinta dimensão e o tesseracto...

— Ah... — Adnarel assentiu. — Ele que o enviou?

— Não, hã, não, nós...

— Nós?

— Dennys, meu irmão gêmeo, e eu. Foi culpa nossa. Quer dizer, nunca tínhamos feito nada de tão absurdo e burro como mexer com alguma coisa do Pai quando há um experimento em andamento. Mas, no caso, não sabíamos que era um experimento em andamento.

— Onde está Dennys?

— Ah, por favor... — suplicou Sandy.

O Avô Lameque explicou:

— O irmão, Dennys, partiu com um unicórnio e evidentemente foi convocado a outro lugar. Jafé está à procura dele.

O serafim ouviu tudo sério, assentindo com o que Sandy sentia que era uma explicação insuficiente e confusa.

— Nada tema — disse Adnarel a Sandy. — Seu irmão será devolvido. Enquanto isso, o Avô Lameque e Higaïom estão fazendo o melhor por você ao deixar sua pele hidratada. — De um bolso fundo no manto ele tirou o que parecia ser um punhado de ervas e soltou-as no jarro d'água. — Isto ajudará na cura. — Ele sorriu. — É bom que você tenha pelo menos algum conhecimento

da Língua Antiga.

— Mas eu não... — Sandy começou a falar.

— Você conseguiu entender e conversar, primeiro com Jafé, agora com o Avô Lameque, não é?

— Bom. Sim. Acho que sim.

— Talvez o dom tenha sido despertado porque você não teve tempo de pensar.

— O sorriso do serafim iluminou a barraca. Adnarel virou-se para Lameque. — Quando chegar o frio da noite, enrole-o nisto. — E o serafim tirou o próprio manto tom de creme. Suas asas agora eram visíveis, douradas e brilhantes como seu cabelo comprido. Ele dava um efeito de luminosidade na barraca escura, alumiada apenas por uma lamparina. — O couro é muito áspero para sua pele queimada. Eu voltarei pela manhã para ver como ele está. Enquanto isso, vou conferir com Jafé se ele já encontrou o irmão.

Enquanto Adnarel falava, Sandy sentiu seus olhos fecharem-se. Jafé estava procurando por Dennys. Adnarel ia ajudá-lo. Se o serafim estava envolvido, tudo ia ficar bem.

Seus pensamentos vagaram até a doce escuridão.

Ialí, irmã de Jafé

Assim que Ialí saiu da barraca do avô, partiu com pressa para sua casa, que ficava perto do centro do oásis. Ela carregava uma pequena bolsinha de dardos, similar à de Jafé, mas em vez do arco em miniatura, levava um pequeno canudo para assoprá-los. As flechas eram revestidas com uma solução que podia atordoar um predador temporariamente, sem matar, mesmo que fosse algo do tamanho da manticora. As manticoras eram fortes e mal-humoradas, mas não tinham inteligência nem coragem. Ela temia as manticoras menos do que temia alguns dos jovens na cidade, e mantinha um dardo na mão caso precisasse.

Depois de deixar o pasto em torno da barraca de Lameque, ela caminhou por um dos pomares que a levava ao deserto de areia branca que fazia fronteira com a grama amarronzada. Onde não havia poços o bastante para irrigação, o deserto tomava conta. Mas ela preferia o deserto às trilhas poeirentas e sujas do oásis. As estrelas eram brilhantes contra o negro aveludado do céu. Aos seus pés, um besouro atrasado corria para esconder-se embaixo da areia até a manhã. À direita, no alto das árvores do pomar, os babuínos batiam os dentes durante o sono.

Ela olhou para o horizonte e, num afloramento de rocha similar àquele que o terremoto havia deixado quando Sandy e Dennys encontraram Jafé e o mamute Higaiom, ela viu a sombra de uma forma indolente. Olhou de novo para ter certeza de que era um leão, depois chamou baixinho:

— Aariel!

A criatura ergueu-se devagar, lânguida, depois pulou da rocha e trotou na direção dela. Ela viu que havia sido ludibriada pela luz das estrelas, pois não era um leão e sim um dos grandes lagartos do deserto — chamados de dragões pela maioria do povo, embora suas asas fossem atrofiadas e não pudessem voar.

Ela ficou congelada de nervosismo na areia iluminada, sua mão segurando um dos dardos. Quando o lagarto chegou perto, ele ergueu-se a uma altura de pelo menos um metro e oitenta e de repente seus braços estavam esticados acima da cabeça; o rabo bifurcou-se em duas pernas e um homem veio correndo na sua direção — um homem de beleza extraordinária, com pele branca como o

alabastro e asas de um tom de roxo luminoso. Seu cabelo comprido era negro com um cintilar púrpura, e seus olhos eram da cor de ametistas.

— Você me chamou, minha amada? — Ele abaixou-se para ela carinhosamente, com um sorriso questionador nos lábios, que eram de um rosa profundo contra o rosto branco.

— Não, não — gaguejou ela. — Não você. Pensei... pensei que fosse Aariel.

— Não. Eu sou Eblis, não Aariel. E você chamou e aqui estou — sua voz acalmou-se —, a seu serviço. Há algo que queira?

— Ah, não, obrigada, não.

— Nada para suas orelhas, seu adorável pescocinho?

— Ah, não, obrigada, não — repetiu ela. Suas irmãs iam considerá-la imbecil por recusar a oferta. Os nefilins eram generosos. Este podia dar-lhe tudo que oferecia, e mais.

— E assim, aparentemente, você já é outra — disse ele. — Era uma criança, agora não é mais.

Por instinto, ela cruzou os braços sobre os seios e gaguejou.

— M-mas eu sou uma criança. Ainda não tenho nem cem anos...

Ele estendeu a mão comprida e pálida para afastar delicadamente o cabelo iluminado que caía sobre a testa dela.

— Não tenha medo de crescer. Há muitos prazeres a provar pela frente, e eu a auxiliaria a gozar de todos.

— Você? — Ela olhou, atemorizada, para a gloriosa criatura ao seu lado, a luz tremeluzindo como água nas asas roxas.

— Eu, doce pequena, eu, Eblis, dos nefilins.

Nunca acontecera de um nefilim prestar atenção nela. Era muito jovem. Então ela viu, na sua mente, o jovem e estranho gigante na barraca de seu avô. Ela não era mais criança. Ela não reagira ao jovem gigante como criança.

— Há muitas mudanças por vir — disse Eblis—, e você precisará de ajuda.

Os olhos dela arregalaram-se.

— Mudanças? Que tipo de mudanças?

— As pessoas têm vivido demais. El vai encurtar a duração das vidas. Que idade tem seu pai?

— Ele deve ter, ah, quase seiscentos anos. Está na meia-idade. — Ela olhou os dedos. Dez. Só sabia contar com precisão até ali.

— E seu Avô Lameque?

— Deixe-me ver. Ele era muito novo quando teve meu pai, nem tinha chegado aos duzentos. E também viveu muito. O pai dele, Matusalém, meu bisavô, viveu novecentos e sessenta e nove anos. E o pai dele foi Enoque, o que caminhou com El, que viveu trezentos e sessenta e cinco anos até que El o levou... — Distraída

pelas cronologias de seus pais, ela não estava preparada para ele abrir suas grandes asas e trazê-la para perto, envolvendo-a com grandes rodopios roxos com toques de brilho como se estrelas. Ela ofegou de surpresa.

Ele riu baixinho.

— Ah, pequena, pequena e inocente, quanto você tem que aprender sobre os costumes dos homens e sobre os costumes de El, que não são os costumes dos homens. Deixará que eu lhe ensine?

Aprender com um nefilim era uma honra pela qual ela não esperava. Ialí não sabia por que hesitava. Ela inspirou o estranho odor das asas dele, o cheiro da pedra, do frio, os ventos escuros que surgiam durante as breves semanas de inverno.

Envolvida pelas asas de Eblis, ela não ouviu o baque ritmado de um grande leão vindo a galope na direção deles, cruzando o deserto, rugindo conforme se aproximava. Então tanto Ialí quanto Eblis viraram-se e viram o leão apoiar-se nas patas traseiras, tal como fizera o lagarto, saltando ao céu, um grande corpo castanho com asas creme e pontas douradas, desenrolando-se e esticando-se em grande envergadura. Os grandes olhos âmbar ardiam.

Eblis descobriu Ialí das suas asas, escondendo-as às costas.

— Por que esta interrupção inconveniente, Aariel?

— Peço que deixe Ialí em paz.

— De que lhe interessa? As filhas dos homens nada significam aos serafins. — Eblis sorriu para Ialí, passando seus longos dedos delicadamente pelo cabelo brilhante da garota.

— Não? — A voz de Aariel era baixa.

— Não, serafim. Um nefilim pode dirigir-se à filha de um homem. Um nefilim entende de prazer. — Ele levou a ponta de um dedo aos lábios de Ialí. — Eu a ensinaria, meu doce. Creio que gostaria do que tenho a lhe dar. Agora a deixarei ao meigo encargo de Aariel. Mas a verei de novo. — Ele deu as costas a eles, virou-se para o deserto e sua forma nefilim voltou àquela do grande dragão/lagarto. Ele saiu a trote pelas sombras.

— Eu não entendo, Aariel — disse Ialí. — Achei que havia visto você na rocha. Tinha certeza de que era você, e chamei, e então não era você, era Eblis.

— Os nefilins são mestres do mimetismo. Ele quis que você pensasse que era eu. Imploro que tenha mais cautela, pequena.

Os olhos dela estavam impassíveis.

— Ele foi muito gentil comigo.

Aariel levou a mão sob o queixo da menina e olhou em seus olhos, claros e ainda infantis.

— Quem não seria gentil com você? Está a caminho de algum lugar?

— Minha casa. Levei a lamparina do Avô Lameque. Mas, ah, Aariel, há um gigante jovem e estranho na barraca do Avô. Jafé o levou para lá. O gigante está com uma queimadura horrível do sol. Não pode ser daqui. Ele diz que não é gigante e nunca vi ninguém igual. Ele é da sua altura e seu corpo não tem pelos, é liso como o seu, como o dos nefilins, e sua pele, onde não está queimada de vermelho, é pálida. Não branca, como a pele dos nefilins, mas pálida e tenra como a de um bebê.

— Parece que você o observou com muita atenção — disse Aariel.

— Nunca se viu alguém igual a ele no oásis. — Ela corou, um pouco às escondidas.

— O que estão fazendo quanto às queimaduras? — perguntou Aariel. — Ele tem febre?

— Sim. Higaiom fica lhe borrifando água gelada e eles vão perguntar a um serafim o que fazer.

— Adnarel?

— Sim. O escaravelho.

— Ótimo.

— Ele não é um de vocês, o jovem gigante, e não é dos nefilins. A pele deles reluz branca e mais branca ao sol, tal como o freixo quando a fogueira arde feroz nas semanas de inverno.

As asas cor de creme tremularam, as pontas douradas tremeluzindo à luz das estrelas.

— Se a pele dele arde, ele não é um dos nefilins.

— Tampouco serafim.

— Ele tem asas?

— Não. Nesse aspecto, ele é como um humano. Ele parecia muito jovem, embora seja comprido como você, e magro.

— Você observou os olhos dele?

Ela não notou o cintilar nos olhos do serafim.

— Cinzentos. Belos olhos, Aariel. Firmes. Não ardentes, mas... não emitiam luz como os seus. Eram mais olhos humanos, como os meus, dos meus pais, meus irmãos e minhas irmãs.

Aariel tocou delicadamente no ombro dela.

— Vá para casa, criança. Não tema cruzar o oásis. Estarei a postos para que você não seja incomodada.

— Você e Eblis. Obrigada. — Como uma criança, ela levantou o rosto para receber um beijo. Aariel curvou-se e pressionou seus lábios delicadamente contra os dela. — Você não será criança por muito tempo.

— Eu sei...

Ele tocou os lábios dela de novo, delicadamente, e um momento depois um grande leão corria suavemente pelo deserto.

Ialí voltou-se para uma trilha arenosa por um campo de cevada. Ao fim da trilha havia uma rota de pedra que passava por construções brancas de argila queimada pelo sol, construções baixas, erguidas para suportar os frequentes tremores de terra. Algumas destas construções baixas continham pequenas vendas de assados, de lamparinas, de óleo; havia vendas com carne pendurada na entrada, vendinhas de arcos e flechas, lojas de lanças feitas com madeira de gofer. Algumas entradas tinham cortinas com fileiras de continhas, que tilintavam à brisa noturna.

De uma destas saiu um nefilim, seu braço em torno de uma jovem que o fitava com grande adoração, encostando-se nele de modo que os seios rosados tocavam sua pele pálida. O cabelo negro lustroso dela descia pelas costas e pelas coxas; e os olhos com os quais ela o fitava eram do azul profundo do lápis-lazuli.

Ialí não deu nem mais um passo. A garota era Maalá, sua irmã, única garota além de Ialí a ficar na barraca de casa. Suas duas irmãs mais velhas eram casadas e moravam em outra parte do oásis com os maridos. Maalá vinha passando muito tempo longe da barraca. Agora Ialí sabia por onde ela andava.

Maalá viu a irmã mais nova e sorriu.

O nefilim sorriu também, graciosamente atestando a presença de Ialí.

Antes de eles saírem das sombras, Ialí achou que o nefilim fosse Eblis e teve uma sensação de choque e traição. Mas à luz das estrelas ela viu que suas asas eram bem mais claras, de um tom delicado de lavanda. Ela não conseguia distinguir a cor de seus cabelos compridos, mas também era mais suave, parecendo ter um brilho alaranjado. Ele tinha uma curvatura sinuosa como a de uma serpente no pescoço e olhos encobertos.

Ele sorriu de novo, com ternura.

— Maalá ficará comigo esta noite. Você avisará sua mãe.

Ialí falou de supetão:

— Ah, mas ela vai ficar preocupada. Não temos permissão para ficar na rua à noite...

Maalá riu com júbilo.

— Ugiel me escolheu! Eu sou sua prometida!

Ialí perdeu o fôlego.

— Mas nossa Mãe sabe?

— Ainda não. Você pode contar, irmãzinha.

— Mas não devia contar você mesma? Você e...

— Ugiel.

— Mas você não devia...?

A risada de Maalá ressoou de novo, como sininhos.

— Os antigos costumes estão mudando, irmãzinha. Hoje à noite vou conhecer os irmãos de Ugiel.

O nefilim esticou uma asa delicada sobre Maalá.

— Sim, irmãzinha. Os antigos costumes estão mudando. Vá avisar sua mãe.

Ialí virou-se e eles a observaram ir, dedos abanando o adeus. Ao fim da rua ela ouviu passos e virou-se para ver um jovem seguindo-a. Pegou um dardo para colocar em seu canudo, mas ele sumiu na esquina de um prédio.

As construções brancas e baixas deram lugar às barracas, cada uma cercada pelo terreno do morador: primeiro os pequenos lotes dos vendedores, depois pomares e campos, às vezes hectares afora. Pela trilha ela viu carneiros, bodes, camelos pastando. As videiras estavam carregadas de uvas.

A barraca de seu pai era grande, ladeada por várias pequenas. Ela correu até a barraca principal, chamando a mãe.

• • •

Foi o cheiro que trouxe Dennys de volta à consciência. Suas narinas se encrespavam. Seu estômago se embrulhou. Era um cheiro de cozinha, fumacento, rançoso. Um cheiro pior que o de queijo podre da silagem que colava nos peões da fazenda. Um cheiro mais forte que o do estrume espalhado pelo pasto na primavera; era um cheiro fresco e cada vez mais pungente. Estrume velho e podre. Um cheiro que fazia os mictórios do colégio parecerem doces. E, acima de tudo, mas sem encobri-lo, um cheiro nauseante de perfume e suor, de suor em um corpo que nunca vira um banho.

Ele abriu os olhos.

Estava em um lugar fechado, iluminado pelo luar que entrava por um buraco no que parecia ser um teto curvo, e pela luz igualmente brilhante que vertia do chifre do unicórnio. A criatura prateada olhou ao redor, fungou, pateou o chão de areia. A seus pés, um mamute se encolhia.

Dennys quase gritou “Hagaiom!” Mas aquele mamute não era o mesmo que acompanhava Jafé. Este tinha pelo fosco nos flancos e era tão magro que as costelas ficavam à mostra. Seus olhos eram embotados e ele parecia pedir desculpas ao unicórnio.

Olhando para o unicórnio, ainda sem notar Dennys, havia várias pessoas diminutas. Mas, tal como o mamute era diferente de Hgaiom, aquelas pessoas eram diferentes de Jafé. Elas fediam. Os corpos dos homens eram peludos, o que lhes dava aparência simiesca. Suas tangas de pele de cabra não eram limpas. Havia dois homens de barba cheia e duas mulheres nuas à exceção das tangas. Ambas tinham cabelos ruivos, e o da mais jovem era tão vivaz que quase parecia

uma chama, de tal modo que parecia bem cuidado. A mais velha era enrugada e parecia descontente.

A luz do unicórnio piscou contra os olhos verdes da mulher mais jovem, fazendo-os cintilar como esmeraldas.

— Veja! — gritou ela com triunfo. — Eu sabia que seu mamute podia nos chamar um unicórnio!

A luz no chifre perdeu o brilho.

O mais jovem dos dois homens, que tinha cabelos castanhos opacos e uma barba ruiva revolta, pontilhada de restos de comida, rosnou para a garota.

— E agora que temos um unicórnio na barraca, cara irmã Tiglá, o que você quer dele?

A garota aproximou-se do unicórnio com a mão estendida como se fosse fazer uma carícia. O chifre reluzia com um brilho cegante. Então, de repente, a barraca ficou tão escura que levou segundos para os olhos de Dennys ajustarem-se ao luar que entrava pelo buraco no teto.

Os homens rugiram de riso.

— Rá, Tiglá. Achou que podia nos enganar, não é?

Até a mulher mais velha ria. Então ela viu Dennys, que estava se colocando de joelhos.

— Grande Alca, o que temos aqui?

A garota ruiva perdeu o fôlego.

— Um gigante!

O homem mais velho e de pernas tortas aproximou-se de Dennys. Ele segurava uma lança. Dennys, tendo ânsias com o fedor da barraca, teve um acesso de medo que tomou conta do seu ser. O homem lhe deu um empurrão com a lança, que o fez cair de costas sobre uma pilha de peles imundas.

O homem fez ele girar, usando a lança, que raspou, mas não o cortou. Ele sentiu a ponta da lança quanto ela passou suave por suas omoplatas.

— Este é seu, Tiglá? — perguntou o mais moço. — Achei que estivesse saindo com um nefilim.

Tiglá olhou para Dennys, intrigada.

— Nefilim ele não é.

A mulher mais velha o encarou.

— Se é gigante, é um bebê gigante. Não vai nos machucar.

— O que faremos com ele? — perguntou Tiglá.

O homem cabeludo e moreno puxou sua lança.

— Vamos expulsá-lo.

Sua voz não traía maldade alguma. Dennys era apenas algo a se descartar. Ele sentiu dois pares de mãos erguendo-o, conforme o mais moço ajudava o pai. O

mamute ganiu, e a mulher mais velha lhe deu um chute. Qualquer coisa, pensou Dennys, seria melhor do que aquele lugar tão fedido e cheio de pessoinhas horríveis.

Uma breve lufada de ar fresco. Um vislumbre do céu noturno incrustado de estrelas. Uma vermelhidão fumacenta no horizonte, como a luz de uma enorme cidade industrial. Então ele sentiu-se sendo lançado, jogado, como se fosse lixo. Sentiu que rolava por um declive íngreme. Sentiu ânsia de vômito. Vomitou. Era evidente que tinha sido jogado em um lixão. Era ainda pior do que o lugar onde acabara de estar.

Conseguiu ficar de joelhos. Estava numa espécie de vala. Havia um fedor opressivo de fezes e carne putrefata. Não sabia o que mais havia no poço consigo e não queria saber. Frenético, ele correu pela lateral, escalando, escorregando em ossos, em lodo, em sujeira, deslizando, escalando, deslizando, tropeçando, arrastando-se, até que enfim conseguiu sair e pôr-se de pé e ficou ali, cambaleante, imundo e apavorado.

Não havia sinal de Sandy. Não havia sinal do unicórnio. Nem de Jafé ou Higaïom. Ele não tinha ideia de onde estava. Olhou em volta. Estava sobre uma trilha de terra que circundava a vala. Ao lado estava seu amarfanhado de roupas. Do outro lado da trilha, havia várias barracas. Ele já tinha visto, no colégio, fotos de barracas de beduínos nos livros de estudos sociais. Eram parecidas, mas menores e mais próximas. Provavelmente tinha sido jogado de uma daquelas barracas. Passando as barracas haviam palmeiras. Ele foi arrastando-se até elas.

Precisava de um banho. Como precisava de um banho! Trazia consigo o cheiro do lixão. Ele correu, mal conseguindo ficar de pé, até o bosque de palmeiras. Além dali só se via branco. Areia branca. O deserto. Se ele conseguisse chegar ao deserto, poderia rolar na areia banhada pela lua e se limpar.

— Sandy! — ele gritou, mas nada de Sandy. — Jaf! Jaf! — Mas nada de homenzinho gentil. — Higaïom! — Ele estremeceu. Mesmo que nunca mais visse outro ser humano, ele não voltaria à barraca onde fora apoquentado com uma lança e da qual havia sido escorraçado como lixo.

Correndo, de repente ele havia saído do bosque de palmeiras e deslizava na areia. Caiu, rolou e rolou, depois pegou um punhado de areia e esfregou sobre si, limpando o lodo e a sujeira da vala. Puxou sua camiseta de gola rulê e jogou longe. Rolou de novo na areia. Suas roupas de baixo estavam imundas e ele as rasgou, descartando-as junto da camisa. Nem chegou a perceber que estava raspando a própria pele queimada do sol, de tão ávido que estava em se limpar. A areia era gelada sob o campo florido das estrelas. Ele tirou tênis e meias, jogando-os junto às roupas. Nunca mais ficariam limpos. Ele esfregou mais areia

nos pés, nos tornozelos, nas pernas, sem perceber que chorava como uma criancinha.

Passado um tempo, acalmou-se de pura exaustão. Começou a avaliar o que acontecia. Estava com queimaduras feias. Havia complicado a situação ao lixar-se com areia. Estava tremendo, mas não era de frio; era de febre.

Ficou ali sentado, nu como Adão, no deserto branco, de costas para o oásis. A lua que ainda não estava cheia descia rumo ao horizonte. Acima dele havia mais estrelas do que já havia visto. À frente, aquele estranho brilho avermelhado. Então ele viu que o brilho vinha de uma montanha, a maior de todas em uma cordilheira no horizonte distante. É claro. Se ele e Sandy houvessem dado algum jeito de se transportar para um planeta jovem, na galáxia que fosse, é natural que houvesse vulcões ativos.

Quão ativos? Ele esperava que não fosse descobrir. Em casa, os morros eram baixos; morros antigos, desgastados pelo vento e pela chuva, pela passagem das geleiras, pelos éons do tempo. Sua casa. Começou a chorar de novo.

Com muito esforço, acalmou-se. Ele e Sandy eram os mais pragmáticos da família, aqueles que achavam soluções para os problemas. Os que conseguiam fazer pequenos consertos quando o encanamento se comportava mal. Que conseguiam mexer nos fios de uma luminária antiga até ela funcionar. A luminária de leitura no laboratório era a que eles haviam comprado num bazar da igreja e reformado para a mãe. No verão, a grande horta de legumes era o maior orgulho dos dois, pois vendiam tanto dos hortifrútis que reforçavam consideravelmente as mesadas. Eles podiam fazer de tudo. Tudo.

Até mesmo acreditar em unicórnios. Ele pensava no unicórnio, o unicórnio que ele passara a considerar como unicórnio virtual, e que havia, de algum modo, trazido-o a esta barraca da gentezinha terrível e primitiva que o havia jogado na vala. Fora evidentemente o mamute infeliz e desnutrido que havia chamado o unicórnio e Dennys acabara sendo convocado junto. Mas o unicórnio havia sumido em um fulgor de luz. Um unicórnio, mesmo virtual, evidentemente não suportava aquele cheiro.

Tudo bem. Se ele achava que um unicórnio não suportava o horror daquele fedor, então ele acreditava em unicórnios. Virtuais.

É óbvio que unicórnios não existiam. Mas também não era possível que ele e Sandy, ao acessar o experimento parcialmente programado do pai, pudessem ter sido lançados em qualquer ponto do universo, em um planeta retrógrado com formas de vida primitivas. Ele olhou ao redor mais uma vez. As estrelas eram tão evidentes que ele parecia ouvir um tinir de cristal. Da montanha saía um filete de fumaça, uma pequena labareda.

— Ah, unicórnio virtual! — gritou ele. — Quero acreditar que você existe e,

se você não vier, eu morro. — Ele sentiu algo frio e mole roçando seu corpo nu, e lá estava o mamutezinho raquítico, tocando-o com a ponta rosada da tromba cinza para chamar sua atenção. Então um estouro de prata irrompeu à sua frente e foi reduzido a um tremeluz. Um unicórnio ajoelhou-se na areia diante dele. Dennys não tinha forças para montar no unicórnio e sentou-se de lado. Fez uma expressão de gratidão ao mamute, depois dispôs-se sobre as costas do unicórnio. Fechou os olhos. Estava ardendo de febre. Ia queimar sua montaria. Sentiu que eles estavam explodindo tal como o vulcão.

• • •

Maalá, irmã de Ialí, prometida ao nefilim Ugiel, estava deitada sobre uma pequena saliência de pedra, a dez minutos de caminhada deserto adentro. Seu coração estava acelerado de animação. Ugiel havia trazido-a à pedra, coberto-a de beijos e dito para ela aguardar até ele voltar com seus confrades para selar o noivado dos dois.

Ela ouviu o bater de asas e olhou para cima, recuperando o fôlego. Acima dela havia um pelicano, branco contra o céu noturno, que voava em círculos e ficava menor conforme descia. Ele tocou o chão e ergueu suas grandes asas até parecer que elas tocavam as estrelas. Não havia mais um pelicano diante de Maalá, mas um serafim, com asas e cabelos derramando prata ao vento do deserto e olhos que brilhavam como estrelas.

Maalá pôs-se de pé, deixando os longos cabelos rodopiarem à sua volta.

— Alarid...

O serafim tomou-lhe a mão, olhando em seus olhos.

— Vamos mesmo perdê-la?

Ela retirou as mãos, baixou o olhar, dando uma risadinha um pouco incomodada.

— Me perder? Do que está falando?

— É verdade que você e Ugiel...

— Sim, é verdade — falou com orgulho. — Fique feliz por mim, Alarid. Ugiel ainda é seu irmão, não é?

Alarid levou um joelho ao chão, de modo que não se assomava mais sobre ela.

— Sim, ainda somos irmãos, embora tenhamos escolhido caminhos distintos.

— E tem certeza de que seu caminho é melhor? — Havia escárnio na voz de Maalá.

Alarid fez um não triste com a cabeça.

— Não julgamos. Os serafins decidiram ficar próximos da Presença.

— Mas vocês estão tão perto que não conseguem enxergar! Os nefilins têm distância e objetividade. — Ele a fitou, e o olhar dela hesitou por um instante. —

Sim. Ugiel me disse.

Alarid ergueu-se devagar. Com uma asa de prata, ele a puxou rapidamente para si. Ela sentiu cheiro de luz das estrelas. Então ele a soltou.

— Você não vai nos esquecer?

— Como poderia esquecê-lo! — exclamou ela. — Você é meu amigo desde que Ialí me levou para saudar a alvorada e conheci você e Aariel.

— Você não tem saudado a alvorada.

— Ah... tenho aprendido mais sobre a noite.

Alarid abaixou-se e beijou o alto de sua cabeça negra. Então saiu caminhando devagar pelo deserto. Lágrimas caíam na areia, sem fazer som.

Maalá olhou para baixo. Quando ergueu a cabeça, viu um pelicano levantando voo, subindo e perdendo-se entre as estrelas.

• • •

Ialí correu para a barraca da família.

— Maalá está prometida a um dos nefilins!

Ninguém lhe deu atenção. Seus pais, irmãos e cunhadas estavam deitados ao redor, sobre peles de cabra, comendo e bebendo do vinho que o pai havia lhes preparado com as primeiras uvas. Várias lamparinas iluminavam a barraca com um brilho quente; *Muito quente*, pensou Ialí. Quase nenhuma brisa entrava pela aba aberta da barraca, nem o buraco no teto. A lua estava descendo e só se viam estrelas. Ela procurou Jafé, seu irmão predileto, mas não o viu. Provavelmente ainda estava procurando o irmão do jovem gigante na barraca do avô.

A mãe dela remexia algo em uma tigela de madeira, atenta à tarefa. Uma mamute, bem alimentada, com pelos compridos e lustrosos nos flancos, estava deitada a seus pés.

Alguém tinha vomitado, provavelmente Cam, que tinha estômago frágil, e o cheiro do vômito misturava-se ao cheiro do vinho, ao da carne na panela, ao das peles da barraca. Ialí estava acostumada a todos aqueles odores e notou apenas que Cam estava deitado em uma pilha de peles, com aparência pálida. Cam era, de qualquer modo, o de pele mais clara na família e o menor de todos, pois nascera, segundo Matrede, uma lua antes do prazo. Aná, sua esposa ruiva, ajoelhava-se ao lado dele, oferecendo vinho. Lânguido, ele recusou, depois puxou Aná para si, dando um beijo na sua boca sensual.

Ialí foi até Matrede, sua mãe. Repetiu:

— Maalá foi prometida.

Matrede ergueu os olhos rapidamente.

— Ela não tem idade.

— Ah, minha Mãe, claro que tem. E foi.

— Foi aonde? — Matrede estava mais atenta ao que fazia.

— Foi prometida.

— A quem, dessa vez?

— Não é um de nós. É um dos nefilins.

Matrede estremeceu, mas seguiu mexendo na tigela, sem foco.

— Maalá mudou. Ela não é mais minha garotinha alegre que se satisfazia em ver uma borboleta ou um pingo de orvalho na teia da aranha. Ela não se satisfaz mais em ficar conosco na barraca principal. — Uma lágrima caiu na tigela.

Ialí tocou no braço da mãe.

— Ela cresceu, Mãe.

— E você também. Mas você não sai para o oásis à noite. Você não sai correndo atrás de um nefilim.

— Não pode ter sido o nefilim que correu atrás dela?

— Ela é bonita. Mas não é justo que eu ouça algo assim de segunda mão. Isto não é certo. Não é assim que uma filha minha se comporta.

— Sinto muito — disse Ialí, pouco à vontade. — Eu estava voltando para casa, vindo do Avô Lameque, e vi os dois, Maalá e um nefilim. Ele se chama Ugiel. Ele pediu para eu lhe contar, para você não ficar preocupada.

— Preocupada! — exclamou Matrede. — Só não diga ao seu pai, só isto. O que impede este Ug...

— Ugiel.

— ... este nefilim de vir ele mesmo, com Maalá, contar a mim e seu pai, segundo o costume?

Ialí franziu o cenho, preocupada.

— Ele disse que os costumes estão mudando.

Eblis também havia dito aquilo. Ela sentiu um solavanco de insegurança na boca do estômago. Não contou à mãe sobre Eblis.

Matrede soltou a colher de pau com um estrondo.

— Há muitos que acreditam ser uma honra ser notado por um nefilim e aceitar seus costumes. Aná... — Matrede olhou para a esposa do filho Cam, a ruiva, ainda atraente, mas começando a ganhar porte — ... Aná me diz que sua irmã mais nova, Tiglá, foi escolhida por um nefilim para casamento. Aná está encantada.

— Mas você não.

— Tiglá não é minha filha. Maalá que é. — Matrede lhe deu as costas. — Eu não me deslumbro com os nefilins, criança. Eles são muito diferentes de nós.

— Eles são lindos...

— Lindos, sim. Mas eles trazem mudanças, e nem toda mudança é boa.

Não quero que as coisas mudem, pensou Ialí. E então, na sua imaginação, viu

o jovem gigante que havia curvado-se a ela na barraca do Avô Lameque, e que era diferente de todas as pessoas que ela já vira.

Matrede prosseguiu:

— Mudanças, creio eu, são inevitáveis, e às vezes trazem coisas boas. — Ela olhou para seu filho mais velho, Sem, do outro lado da barraca, que estava sentado com sua esposa, Eliseba. Eles comiam as uvas da videira que não haviam sido prensadas para fazer o vinho, mas guardadas para a mesa. Sem estava tirando uma uva do cacho por vez e jogando-as para Eliseba. Ela pegava as uvas com a boca aberta e os dois riam com prazer do jogo simples e sensual. Parecia algo incrivelmente jovem e romântico para o casal atarracado e bruto. — Eliseba me ajuda muito. E a esposa de Jafé...

Ialí olhou para o lado, onde uma jovem com cabelos negros e suavemente crespos sobre a pele cremosa lixava uma tigela de madeira com areia. A jovem ergueu o olhar e cumprimentou as duas.

— Ela vem de outro oásis — disse Matrede — e tem um nome estranho.

— O-o-li-ba-má — soletrou Ialí.

— Olhe para ela — ordenou Matrede.

Ialí olhou de novo para a cunhada. Oolibamá tinha a tez mais clara que Ialí e as outras mulheres, até mesmo que Cam. O cabelo e as sobrancelhas eram mais escuros que o céu à noite, um preto púrpura, ondulado. Quando Oolibamá levantava-se, tinha quase uma cabeça a mais que as outras mulheres. E era linda. *Sempre parecia iluminada pelo luar*, pensou Ialí.

— O que tem ela? — perguntou à mãe.

— Olhe para ela, criança. Olhe para ela.

Ialí ficou chocada.

— Então você acha que ela...

Matrede deu de ombros.

— Ela é a filha mais nova de um homem muito velho. — Ela ergueu os dedos das duas mãos. — Mais de dez anos mais nova que irmãos e irmãs. Amo Oolibamá como se fosse minha. E se Oolibamá foi de fato gerada por um nefilim, então algo de muito bom entrou em nossas vidas.

Ialí olhou para Oolibamá como se a visse pela primeira vez. Depois de Ialí e Maalá, Oolibamá era a mulher mais moça na barraca, com muitos anos a menos que Eliseba, esposa de Sem, ou que Aná, esposa de Cam. Os três irmãos de Ialí haviam casado em idades anormalmente jovens e os três haviam reclamado.

— Somos muitos jovens para casar — reclamara Sem. — Eu sou o mais velho e mal cheguei aos cem anos.

— Há certa urgência, meu filho — respondera o pai.

— Por quê? E como você vai encontrar esposas para nós tão cedo?

— Vocês têm boa aparência.

Cam entrara na conversa.

— Mas por que a pressa, Pai? Que urgência é esta de que fala?

O patriarca puxou a barba comprida, que começava a mostrar tons de branco.

— Ontem, quando eu estava trabalhando na videira, a Voz falou comigo. El me disse que devo encontrar esposas para vocês.

— Mas por quê? — reclamou Cam. — Somos jovens e precisamos de tempo.

— Há mudanças, grandes mudanças por vir — disse o patriarca.

— O vulcão entrará em erupção? — perguntou Sem.

— Se o vulcão entrar em erupção — disse Cam—, esposas não vão nos ajudar em nada.

O pai apenas disse a eles que a palavra de El havia vindo a ele na videira e que El não lhe dera explicação.

Eliseba e Aná haviam sido encontradas para Sem e Cam com facilidade. O patriarca tinha reputação de honestidade. Tinha os maiores e melhores vinhedos do oásis e belos rebanhos de cabras e ovelhas. A fama de seu vinho se espalhara por outros oásis. Matrede era mulher de virtude e beleza inquestionáveis e sua cintura atestava as habilidades como cozinheira. Era um privilégio entrar para a barraca deles.

Jafé era muito jovem, de modo que ninguém se dispunha. Seu rosto ainda era liso, imberbe. Seus pelos não passavam de leve penugem. Seus olhos eram amigáveis e ingênuos. Mas ele estava à beira da maturidade. Um dia seu pai saiu a camelo e voltou com Oolibamá.

Jafé estava no poço, pegando água para os animais, quando viu uma garota sobre um camelo branco, uma jovem de tez clara, com cabelos negros derramando-se com exuberância sobre os ombros cor de marfim. Seus olhos fitaram os de Oolibamá, escuros como o céu noturno entre as estrelas, e seus joelhos viraram gelatina. Ela desceu das corcovas do camelo e veio na direção dele, as mãos esguias à frente. O amor deles era uma flor luminosa, jovem e radiantemente bela.

Oolibamá.O-o-li-ba-má. Nome tão estranho quanto sua beleza ao luar. Mas logo ele começou a fluir tranquilo de seus lábios.

Oolibamá foi a primeira amiga de verdade de Ialí. Elas não eram muito distantes na idade, ambas mal haviam saído da infância para a maturidade. Também eram similares na dessemelhança com outros. Elas viam e regozijavam-se no que a maioria das pessoas do oásis nunca notavam. As duas gostavam de sair da barraca à primeira alvorada para observar e aguardar o sol surgir sobre o deserto, deliciando-se em nomear as estrelas antes do raiar do dia. Fora durante uma destas caminhadas ao amanhecer que Ialí encontrara o grande

leão que era o serafim Aariel. Em outra caminhada, quando ela convenceu Maalá a acompanhá-la, apresentou Aariel e o pelicano Alarid à irmã. Porém, assim que Oolibamá veio, Maalá passou a preferir dormir pela manhã.

Então Ialí e sua cunhada mais nova saíam sorrateiramente. Quando o grande disco rubro do dia surgia sobre a areia branca, as estrelas apagavam-se e suas canções sumiam. Os escaravelhos que haviam dormido sob a areia durante as horas escuras vinham correndo à luz. À beira do oásis, os babuínos pulavam das árvores, batendo palmas e dando gritos de alegria com o nascer do sol. Atrás delas, no oásis, os galos cantavam e, no deserto, os leões rugiam seus rugidos do início da manhã antes de retirarem-se para suas cavernas para dormir durante o calor diurno. Ialí e Oolibamá dividiam companhia silenciosa e prazerosa.

Agora, naquela barraca calorosa e barulhenta, Oolibamá chamava Ialí.

— Já comeu?

— Não. — Ialí balançou a cabeça. — Eu ia comer com o Avô, mas me esqueci completamente da fome porque havia um jovem estranho...

Cam a interrompeu, chamando da pilha de peles na qual se reclinava.

— Estou com dor de cabeça, Ooli. Preciso de você.

— Que Aná lhe faça um cafuné — respondeu Oolibamá, ríspida. — Ela que é sua esposa.

— Os dedos dela não têm o toque dos seus. — E, de fato, Oolibamá tinha a reputação da cura pelos dedos.

Ela continuou ríspida.

— Se não quer dor de cabeça, não coma nem beba tanto. — Ela virou-se e foi até a panela, pegou um pouco de ensopado com a concha para uma tigela de madeira e entregou a Ialí. A mamute deixou Matrede e veio aconchegar-se no joelho de Ialí.

— Não, Selá — repreendeu Ialí. — Você sabe que eu não vou dar mais nada para você comer. Você está ficando gorda. — Ela rapidamente pegou pedacinhos de carne e legumes e comeu, depois levou a tigela até os lábios para beber o caldo. O gosto era maravilhoso. Ela percebeu que estava com muita fome.

Ao lado dela, Oolibamá suspirou.

— O que houve? — perguntou Ialí.

A mamute passou à menina mais velha, que coçava seu cabelo grisalho.

— Hoje de manhã estava caminhando pela cidade. Precisávamos de provisões. Um dos nefilins saiu de uma casa de banho, cheirando a óleo e temperos, e pôs-se no meu caminho.

Ela fez uma pausa.

— E aí? — Ialí quis saber.

— Ele disse que eu era uma deles, uma de suas filhas.

Ialí olhou de relance para a mãe, depois de volta a Oolibamá. Pensou em Eblis e em suas gloriosas asas púrpura.

— E seria tão horrível se fosse?

— É absurdo. Eu amo meus pais. Eu amo meu pai.

Ialí nunca vira os pais de Oolibamá. E como ela mesma se sentiria se alguém sugerisse que seu pai não fosse seu pai? Mas agora que Matrede estava com aquilo em mente, era fácil acreditar que Oolibamá fora gerada por um nefilim. Ela tinha o dom da cura. Cam tinha razão naquele ponto. Sua voz ao cantar era bela como a de um passarinho. Ela via o que ninguém mais enxergava.

Mas, então, Ialí lembrou a si que ela também era diferente, a sétima filha de seus pais, e sabia muito bem quem eram seus pais, e que eles haviam frustrado-se quanto tiveram a filha em vez de um quarto filho.

— Você me ouviu dizer que Maalá está prometida a um nefilim? — perguntou a Oolibamá.

— Sim, ouvi. Maalá gosta de coisas bonitas. As esposas dos nefilins vivem em casas de pedra e argila, não em barracas. Estou certa que Maalá tem orgulho de ter sido escolhida.

— O que você pensa disso? — perguntou Ialí.

— Não sei bem. Não sei o que pensar dos nefilins. Principalmente se... — Ela parou de falar.

— E os serafins? — perguntou Ialí.

— Não sei bem o que pensar deles também. — Oolibamá levou os dedos aos ouvidos quando Cam começou a gritar.

Era uma voz potente para um homem tão pequeno.

— Selá, venha cá! Se Oolibamá não vai me ajudar, preciso de um unicórnio!

— Você sabe que um unicórnio não vai chegar perto de você — disse Aná, irritada.

— Ele não tem que chegar perto — grunhiu Cam. — Eles podem lançar luz de qualquer distância. É só da luz que eu preciso.

— Você precisa de bem mais... — resmungou Aná.

— Ialí! Você pode chamar um unicórnio. Ou Selá! Me chame um unicórnio!

Um brilho repentino fez todos piscarem. Foi como se um relâmpago houvesse conseguido entrar no couro pesado da barraca, talvez brilhando pelo buraco do teto.

— Fora daqui! — gritou Cam. — Quem é você?

Ele não se referia ao unicórnio, que cintilava na barraca. Nas peles próximas a Cam havia um homem jovem, com pele em carne viva, queimada do sol, e olhos vidrados de medo.

Matrede espiou o garoto.

— Como ele chegou aqui? Cam, ele é seu amigo?

Cam estava com cara de perplexo.

— Nunca vi na vida.

— O que ele é? — quis saber Sem.

O patriarca, que estava mascando um osso de carneiro, olhou para o garoto.

— Outro tipo de gigante — falou ele, enojado.

Oolibamá falou:

— Seja quem for, deem espaço. Não fiquem em volta. Vejam, ele está com a febre do sol. Nossa, como está mal.

Eliseba, esposa de Sem, espiou o garoto.

— Se for um gigante, é dos jovens.

Ialí conseguiu abrir espaço entre Matrede e Oolibamá para olhar. Ela deu um grito.

— É meu jovem gigante!

— O que é isso, filha? — perguntou Matrede. — Você o conhece?

— O vi na barraca do Avô, quando levei sua lamparina.

O patriarca fez cara feia.

— Se meu pai Lameque não quer um gigante na sua barraca, por que eu o teria na minha?

— Ah, por favor, Pai! — implorou Ialí.

— Você já o conhecia? — perguntou Oolibamá.

— Quando levei a lamparina ao Avô Lameque — repetiu Ialí—, havia um gigante jovem e queimado do sol na barraca dele. — Ela olhou para o jovem febril. — Não sei se este... Onde está Jafé?

A aba da barraca foi puxada para o lado e Jafé entrou.

— Ora, aqui estou, procurando um unicórnio e...

Selá ergueu sua tromba e trombeteou.

— Ora! — exclamou Jafé. — Procurei o oásis inteiro e tem um bem aqui! E... então este é Den, o garoto que venho procurando! — Ele ficou de joelhos. — Grande Alca. Está vivo?

— Para trás, todos — ordenou Oolibamá. Ela levou as mãos ao peito nu de Dennys. — Está vivo, mas ardendo de febre.

Aná foi um pouco para trás, tirando os cabelos ruivos do rosto com a mão suja.

— Ele é serafim ou nefilim?

Ialí fez que não.

— Ele não tem asas. Ah, Jafé, que bom que você voltou. Ele é o outro, não é, o que você estava procurando?

— Sim — disse Jafé. — Mas parece quase morto de queimaduras.

Oolibamá pressionou a mão contra a testa avermelhada, estremeando ao sentir o calor, virando-se para procurar o unicórnio, que quase havia desaparecido dali.

— Unicórnio, pode ajudar?

O contorno do unicórnio ficou mais definido e ele inclinou-se para o garoto corado. A luz fluiu de sua testa e esfriou a pele em chamas.

Cam se desenrolou de suas peles e veio se arrastando até o unicórnio.

— Eu. Eu preciso de ajuda. Estou doente. Me *ajude*. — Seus cabelos claros estavam viscosos de suor. Os pelos ainda mais alvos de seu peito tinham gotas de umidade.

Mais um espoco de luz e, quando voltaram a enxergar, o unicórnio havia sumido.

— Idiota. — Os olhos verdes de Aná cintilaram. — Você sabe que não pode chegar perto de um unicórnio.

— O que importa no momento — disse o patriarca — é como vamos nos livrar deste gigante simplório.

— Meu caro — reclamou Matrede —, é claro que devemos lhe demonstrar alguma hospitalidade.

— É evidente que meu bom pai Lameque o expulsou de sua barraca — retrucou o pai.

— Não, Pai! — protestou Ialí. — Você não entendeu! São *dois* gigantes, e o Avô está com o outro na barraca dele, tratando-o.

— Não sei do que está falando — disse o pai. — Como podem haver dois destes gigantes tão peculiares?

— Ah, Pai, se você pelo menos fosse *ver* o Avô Lameque!

— Não quero saber de mimos com aquele velho. Nem com os gigantes estranhos que tem. Já temos muitos problemas sem gigantes doentes a somar.

Ialí ajoelhou-se ao lado de Oolibamá e olhou o garoto, que estava com a respiração fraca, as pálpebras levemente crispadas. Ialí esticou um dedo e tocou a bochecha corada do garoto.

— Você não é Sand? Você é o irmão dele?

As pálpebras avermelhadas abriram-se um pouco.

— Denny. Sou Denny. — Então o garoto jogou o braço sobre o rosto, como se quisesse defender-se de um soco. Seus membros começaram a sacudir em convulsão.

— O que houve? — quis saber Jafé. — Alguém o machucou. E ele não me reconhece.

— Ele está com medo! — A voz de Eliseba era de choque.

— É óbvio que o Avô Lameque não bateria nele! — protestou Sem.
— Nunca — defendeu-o Jafé, apressado.
— Não nosso Avô! — falou Ialí ao mesmo tempo.
— El! A pele dele está em carne viva! — exclamou Oolibamá.
— Alguém o machucou entre a barraca do Avô Lameque e aqui.
Matrede curvou-se mais e perguntou delicadamente:
— Quem pode ter feito isto? Até com um gigante deformado?
— Dennys? — chamou Jafé.
— Dennys — gemeu o garoto.
— Por onde você andou? Alguém invocou você e o unicórnio? Quem foi?
Oolibamá tocou a mão do marido.
— Selá chamou um unicórnio e de repente o gigante ferido estava ali.
— Mas ele esteve em outro lugar no oásis. — Jafé tomou a mão da esposa e a apertou contra a bochecha. — E ele foi machucado. Mal está consciente. Que coisa horrível.
Aná espiou por cima do ombro de Ialí.
— Tem certeza de que ele é humano?
Jafé franziu o cenho.
— Disseram que eram gêmeos, mas creio que gêmeos são humanos.
— Quando criaturas aladas dormem com as filhas dos homens — balbuciou o patriarca —, é difícil saber quem é humano e quem não é. — Ele olhou para Oolibamá, sem querer ser indelicado.
Oolibamá tocou a testa de Dennys mais uma vez. Ele abriu os olhos e recuou.
— Shh. Não vou machucá-lo. — Ela olhou para Ialí e Jafé. — O chifre do unicórnio fez a febre baixar, mas ele continua muito quente. Estava tão ruim assim quando o viu, Jafé?
Jafé balançou a cabeça.
— Ele estava doente do sol, pior que Sand, mas não assim.
— Está me dizendo que há dois desses gigantes? — perguntou o patriarca.
— Dois. Exatamente iguais. Deixei o que se chama Sand na barraca do Avô Lameque — ele olhou para o pai em pose de defesa — para procurar por este. E então, para minha surpresa, quando eu havia desistido por hoje, ele estava aqui, bem na nossa barraca.
— Nunca vimos dois seres idênticos — sugeriu Cam. — Devíamos mandar alguém à barraca do Avô Lameque para garantir que há outro.
— Duvida de mim? — quis saber Jafé.
— Só quero ter certeza — disse Cam.
— De início, eu mesmo custei a acreditar — disse Jafé, menos acalorado.
— Devíamos banhá-lo com água, para tentar mantê-lo frio e úmido — disse

Oolibamá, cortando a conversa deles.

— Água! — exclamou Matrede. — Até os mamutes estão com dificuldade de encontrar o cheiro da água. Mas há bastante vinho.

— Meu vinho não! — rugiu o patriarca. — Mulher! Você não tem ideia de como é difícil trabalhar no vinhedo.

— Eu sei — comentou Jafé. — Trabalho com você.

Oolibamá franziu um pouco o cenho.

— Creio que vinho não vai bastar.

— Higiom borrifou água do pote de Lameque sobre Sand — disse Jafé — e acho que ajudou. — Ele olhou para Selá, que estava novamente aos pés de Matrede.

Aná olhou pelo canto dos olhos verdes para o marido esbranquiçado, depois para a forma encolhida de Dennys.

— Se a pele dele não parecesse carne crua, seria bem bonito.

Eliseba, esposa de Sem, atarracada e de aparência ajuizada, com cabelos negros, escuros e crespos mais olhos plácidos, bufou.

— Fique longe dele, Aná. Você viu que o unicórnio foi direto nele. Apesar do tamanho de gigante, ele é mal um bebê. E está tremendo. Está assustado.

— Que seja, mas não será mais maltratado — disse Matrede, feroz.

Ialí olhou para a mãe com gratidão. O pai dela bufou.

— Mulheres. Fico sempre acovardado por mulheres e seus bons feitos. Matrede alimenta qualquer pedinte vagabundo que vem a nossa barraca, e Eliseba ajuda a manter a panela de sopa cheia.

— Ninguém opta por ser pobre e passar fome — disse Matrede calmamente. — Temos o suficiente para dividir. Marido, eu não quero abusos com esse jovem gigante.

— Faça o que quiser com ele — disse o patriarca. — A mim não faz diferença, desde que não me incomodem.

Oolibamá olhou para o marido.

— Não devíamos deixá-lo aqui. É muito quente, muita gente. Ele estava perto da morte quando a luz do unicórnio o tocou e acho que está muito doente.

— Ouçam Ooli! — disse Cam. — Ela sabe do que fala.

Para Ialí, independentemente do que Jafé dizia, Dennys era o mesmo jovem que ela vira na barraca do avô. Ela tivera medo dele da primeira vez que o viu e agora, desta vez, era o jovem gigante que parecia apavorado.

— Para onde podemos levá-lo?

— Ele é só uma criança — sugeriu Oolibamá. — Que tal a barraca das mulheres?

Aos olhos de Ialí, Sandy/Dennys não era uma criança.

— Quem aqui está mais próxima da hora da lua? — perguntou Eliseba.

Matrede, que era quem acompanhava estas coisas, aproximou suas sobranceiras, pensativa, e tocou os dedos para contar.

— Ainda falta algum tempo. Logo ele estará bem o bastante para dormir na grande barraca. Ou estará morto.

Ialí estremeceu.

— Não fale assim. Ele é nosso hóspede. Não deixamos que nossos hóspedes morram.

— Minha cara — disse Matrede. — Ele está tão queimado. A pele está em carne viva, como se alguém houvesse raspado, como uma cenoura.

— Talvez devêssemos chamar um serafim? — sugeriu Jafé.

A mãe dele fez que sim. Olhou para Ialí.

— Seu amigo Aariel viria, não viria?

— Sim, creio que sim. — Se ela tivesse que chamar Aariel, Ialí queria certeza de que seria Aariel, não Eblis, embora não soubesse ao certo por que achava que fazer atendimentos a doentes não fosse do interesse dos nefilins.

— Eliseba — prosseguiu Matrede—, se você olhar no meu baú perto das peles de dormir, vai encontrar lençóis lisos para ele deitar. As peles de animal são muito ásperas.

— A Mãe sabe tudo, não é, Cam? — Aná deu um sorriso afetado e se afastou.

— Vou espremer figos e fazer suco para ele beber. — Matrede sempre se sentia melhor quando havia algo para fazer.

Oolibamá apertou a palma da mão contra a testa de Dennys mais uma vez.

— Ele está tão quente. — Ela franziu o cenho enquanto ele recuava e gemia, os olhos bem fechados.

— Se ele vai morrer aqui, tirem-no da barraca rápido — disse o patriarca.

— Pai! — protestou Ialí.

Jafé foi delicadamente tomar a mão da irmã.

— Terá que aprender, filha, que não se pode cuidar de todo passarinho de asa quebrada ou salamandra ferida até ela sarar — disse o patriarca.

— Mas posso tentar!

— Talvez assim faça sofrerem mais — sugeriu o pai — do que se os deixasse a morrer.

— Ah, Pai...

— Basta! — agitou-se Matrede. — Chega de falatório. Jafé vai nos ajudar a carregar este estranho gigante até a barraca das mulheres. Vamos, rápido!

Avô Lameque e Avô Enoque

Quando Dennys abriu os olhos e se viu cercado por pessoinhas morenas, ficou apavorado. Como teria voltado àquela barraca tenebrosa? Não acreditava que o unicórnio o havia devolvido àquela gente que o jogara naquele lixão. E onde estava o unicórnio?

A luz brilhante fulgurou contra suas pálpebras fechadas. Depois, escuridão. Ele começou a tremer, descontrolado, e sentiu uma mão na sua testa. Fresca. Delicada. Podia ser a mão de sua mãe. Quando ele tinha febre, só a mão de sua mãe o acalentava.

— Mãe — gemeu ele. Falava como uma criancinha. — Mamãe...

Uma mulher diminuta curvou-se sobre ele, olhou-o com olhos cintilantes cercados por um xadrez de rugas. Não tinha cara de quem o jogaria num lixão.

Ela se distanciou e dois pares de olhos mais jovens começaram a fitá-lo. Um dos pares era âmbar profundo, sarapintado de ouro, e pertencia à garota com cabelo âmbar como os olhos. Olhos belíssimos. Puros. Os olhos da outra garota eram negros, mas um negro que retinha luz e sabedoria. Onde quer que Dennys estivesse, não podia ser a barraca da qual havia sido escorraçado pelos homens enquanto a garota ruiva apenas assistia.

Homens. Ele olhou ao redor, temeroso. Havia homens por ali. Havia lanças encostadas na lateral da barraca. Um dos homens tinha um odre de vinho. Nenhum deles parecia ameaçador.

Então um dos homenzinhos veio até ele, sorrindo. Dennys foi tomado de alívio. Era Jafé.

— Jaf... — sussurrou ele entre os lábios secos.

— Den! — exclamou Jafé com alegria. — Ooli, ele está recobrando a consciência!

— Jaf... — Os dentes Dennys batiam.

— Quem o feriu? — perguntou Jafé. — Pode nos contar?

Dennys fechou os olhos de novo.

— Não vá incomodá-lo com interrogatório — disse Oolibamá.

— Não tenha medo, Den — confortou-lhe Jafé. — Não vamos deixar que

ninguém o machuque. — Jafé agachou-se para ficar perto dele. — Vou levá-lo a um lugar fresco e tranquilo. Não tenha medo. — Jafé ergueu Dennys com todo cuidado e deixou-o sobre seu ombro.

Jafé era a pessoa mais alta da barraca; mesmo assim, era tão menor que Dennys que os pés do menino arrastavam no chão, e ele dobrou os dedos para não deixar que se arrastassem também. Não era à toa que, naquele lugar, pensavam que ele e Sandy eram gigantes. Em meio à febre, Dennys viu a viagem que sua turma fizera a um museu, onde todos ficaram pasmos com a exposição de armaduras da antiguidade. Como os cavaleiros deviam ser baixinhos! A gente do planeta onde ele e Sandy haviam caído era ainda menor que os cavaleiros medievais.

Seus pensamentos foram tomados por uma neblina, tênues como o unicórnio virtual. A lembrança da excursão ao museu era tão sonho quanto ele sendo carregado por Jafé, que era incrivelmente forte para alguém tão pequeno. Um pastor jovem e baixinho carregando uma ovelha. Um pastorzinho minúsculo. Se pudesse acordar, se pudesse se livrar do calor deste sonho febril, ele e Sandy estariam em seu beliche em casa.

Dennys abriu os olhos e as estrelas brilharam. Respirou o ar fresco. Sua cabeça roçou na aba da barraca, ele percebeu que estava sendo deitado em algo suave, mas tão fino que sentia as peles ásperas logo abaixo. Lambeu os lábios rachados e notou que estava com uma sede feroz.

— Água, Jaf — foi o que ele conseguiu emitir, sem encontrar energia para complementar com *por favor*.

A menina de olhos negros curvou-se e levou um odre de vinho aos seus lábios. Ele sentiu o gosto de algo ao mesmo tempo amargo e doce. Ardia na sua garganta ao engolir, mas pelo menos era líquido.

A menina de olhos negros puxou o odre de volta.

— Não devíamos lhe dar tanto vinho.

— Esqueci o suco de figo! — exclamou a mulher rechonchuda, que parecia uma noz. — Já volto.

Dennys ouviu pés descalços no chão e o baque da aba de couro da barraca ao cair.

— Agora ele está me reconhecendo. — A voz de Jafé estava preocupada.

— Água... — implorou Dennys.

A menina de olhos âmbar falou, em tom de melancolia.

— Os poços de Avó Lameque ainda têm água de sobra.

A outra menina concordou.

— Eu não teria problema em buscar um jarro cheio, mas preferia que o Avô Lameque não morasse no fim do oásis.

Jafé levou o braço com carinho sobre a menina.

— Eu pego um dos camelos e vou. Não quero nenhuma de vocês atravessando o oásis a esta hora da noite. A cada dia se vê mais bandoleiros e ladrões.

— Tenha cuidado — implorou a mais moça.

— Leve a minha camela, meu amado — sugeriu a mulher de cabelo negro. — Ela é a mais veloz, e você estará seguro.

— Obrigado, esposa Oolibamá.

Jafé curvou-se e deu-lhe um beijo nos lábios. Dennys, observando em meio ao desnorteio da dor de cabeça e da febre, achou o beijo bonito. Era o tipo de beijo que ele já vira entre seu pai e sua mãe. Um beijo genuíno. Se sáísse vivo dali, gostaria de beijar alguém daquele jeito.

Ele ouviu Jafé partir, fechou os olhos e caiu no sono febril. Tal como seu unicórnio virtual, ele parecia ir e voltar da existência. Retirou-se para o fundo de si, tentando abandonar a dor lancinante de sua pele arranhada. Não sabia quanto tempo ficara inconsciente até tomar ciência das duas mulheres que conversavam baixinho.

— Por que meu pai não se reconcilia com o Avô Lameque? — perguntou a voz mais suave. — Eu tive que implorar a ele pelo óleo para a lamparina do Avô.

A menina mais velha, a que Jafé havia beijado, a de nome estranho, Ooli-algo, tinha voz que parecia de veludo.

— Seu pai ficou magoado quando o Avô Lameque insistiu em ficar na própria barraca.

— Mas se o Avô consegue cuidar de si...

— É complicado — disse a voz profunda. — As pessoas não têm mais a reverência aos idosos que tinham. Não querem ouvir suas histórias.

— Eu amo as histórias do Avô!

— Eu também, Ialí.

Ialí, era esse o nome da menina de olhos cor de âmbar. Ialí e Ooli. Dennys estava mais ou menos ciente de algo fresco tocando sua pele, algo que atenuava a dor.

A que se chamava Ooli prosseguiu:

— Sempre gosto quando é minha vez de levar a lamparina. E pelo menos sua mãe acha o mesmo que nós. Ela sempre vai dar um jeito de pegar o óleo.

— Quando isso mudou? — perguntou Ialí. — As pessoas deviam sentar aos pés dos idosos e escutar. Mas agora... ouvi Aná dizer que o avô dela foi largado à morte no deserto e que os abutres só deixaram os ossos.

— Ah, El, onde vamos chegar!

Com a inquietação na voz mais grave, Dennys abriu os olhos.

— Ele ainda está tão quente... — disse Ooli. — Queria saber quem o machucou assim.

— Mas o que faríamos? — Ialí perguntou. — O que, em nome de El, poderíamos fazer? Hoje as pessoas são maldosas umas com as outras. Éramos tão cruéis antes da chegada dos nefilins e dos serafins?

— Não sei.

— E quem veio primeiro?

— Não sei — repetiu a mulher de olhos negros. — Tem muita coisa que não sabemos. De onde veio este gigante jovem e ferido, por exemplo?

— O outro — disse Ialí—, aquele na barraca do Avô Lameque, disse que veio de um lugar chamado Estados dos Lidos.

— Estados Unidos — corrigiu-a Dennys automaticamente. Só depois registrou as palavras de Ialí. — Onde está meu irmão?

— Ah, que bom, ele está voltando a si! — gritou Ialí. E então dirigiu-se a Dennys com toda delicadeza. — Ele está na barraca de Avô Lameque, aos cuidados do Avô e de Higaiom. Ele ficou queimado do sol também, mas não está mal como você.

As palavras começaram a zumbir e tornar-se insignificantes conforme Dennys voltava à inconsciência. Ele sabia que a combinação de muito sol, de ser jogado no lixão e de arranhar-se na areia havia o deixado doente. Bastante doente, aliás. Era muito pior do que quando ele tivera gripe e temperatura acima dos 40 graus. Naquela vez, ele tomara antibiótico para curar a febre. Sabe Deus o que havia naquele lixão. Sabe lá Deus que infecção terrível não viria a seguir. Ele achava que devia estar morrendo de exposição exagerada ao sol, e não dava muita bola. Só desejava estar em casa, em seu próprio planeta, e não ali, onde quer que fosse aquele universo, com essas pessoinhas estranhas. Ele queria ser jovem o suficiente para gritar e acordar sua mãe, para que ela viesse até ali e o acordasse do pesadelo e tirasse o capacete de metal que comprimia seu crânio e dava aquela dor de cabeça tão terrível.

Ele caiu nas trevas.

• • •

Nos primeiros dias na barraca do Avô Lameque, Sandy estava sofrendo. Sua pele avermelhada começou a formar bolhas. Onde não ardia, coçava. Mas conforme sua febre se abateu, ele começou a esperar pela noite e por Ialí. Só que ela não vinha. Quanto às outras que traziam a lamparina, mais velhas, ele sentia apenas indiferença. Elas ainda ficavam de papo com o idoso só para ter uma desculpa para observar Sandy.

Ele já sabia que Dennys estava a salvo na barraca perto da de Jafé e que estava

sendo bem tratado. Sabia que ele e Dennys eram objetos de curiosidade às mulheres que vinham toda noite.

— Nunca vi nada parecido! — exclamou a mais velha, Matrede. — Fora o nosso gigante estar muito mais queimado, eu não acreditaria que são dois.

Aná e Eliseba revezavam-se em levar a lamparina ao Avô Lameque, cochichando sobre Sandy e o quanto ele era parecido com o irmão gêmeo, que ainda ardia de febre na barraca das mulheres. Mas elas ficavam acanhadas de conversar com Sandy e falavam baixinho para que ele não ouvisse.

Adnarel vinha todos os dias, ficando tempo suficiente apenas para pingar ervas ou talcos na água com que Higaiom ainda banhava a pele queimada. O pelicano mantinha o jarro d'água cheio. Quando o Avô Lameque agradecia ao grande pássaro, tratava-o mais como pelicano, o que provocava dúvidas em Sandy. O idoso passava horas preparando misturas para ativar o apetite de Sandy, e as mais saborosas eram as que o lembravam dos ensopados no bico de Bunsen de sua mãe. Sandy queria questionar o idoso a respeito das mulheres que vinham à noite e, o mais importante, por que Ialí não era uma delas. Mas estava envergonhado e manteve-se em silêncio. Dormia e, ao dormir, curava-se.

• • •

Na primeira noite em que ficou visível que a febre de Sandy havia passado e que ele estava fraco, mas em recuperação, Lameque sugeriu que eles saíssem da barraca e se sentassem sob as estrelas.

— A luz delas não vai lhe fazer mal. Sua pele é tão clara, tão clarinha. Não é à toa que teve febre do sol. — Ele estendeu a mão e Sandy a pegou, deixando que o idoso o pusesse de pé. Suas pernas estavam fracas da falta de uso. Lameque empurrou a aba da barraca e deixou-a de lado para Sandy, que teve que se abaixar para passar. Não muito longe da barraca havia uma figueira grande e antiga, muito antiga para ainda dar frutos. Uma raiz havia saído do chão e formava um assento baixo, antes de enfiar-se na terra de novo. Lameque sentou-se na raiz e fez sinal para Sandy sentar ao seu lado.

— Olhe. — Lameque apontou para o céu.

Sandy já havia se chocado com a glória do céu à noite em suas visitas noturnas ao pomar, que fazia as vezes de latrina. Ele havia tentado perguntar ao idoso onde estava, em qual planeta, em qual galáxia. Mas Lameque ficara aturdido. Sol, lua e estrelas giravam em torno do oásis e do deserto, lá dispostos por El para proveito deles. Assim, Sandy ainda não tinha ideia de onde ele e Dennys haviam ido parar com sua insensatez.

Agora ele apenas observava o céu, pasmo. Em casa, mesmo no inverno e com o ar mais límpido, mesmo nas profundezas do campo onde moravam, as estrelas

não eram estrelas do deserto. Era quase como se ele conseguisse ver os braços das galáxias em espiral fazendo sua grande dança circular. Entre a radiância das estrelas, o negrume do firmamento era mais profundo e mais escuro que o veludo.

Com exceção do horizonte distante.

— Ei — perguntou Sandy. — Por que há tanta luz lá? É uma cidade grande ou algo assim?

— É a montanha.

Sandy apertou os olhos e conseguiu distinguir uma cordilheira contra o céu, um pico mais alto que os outros, a longa distância, muito mais afastado que a palmeira que havia levado-os a Jafé e Higiom e ao oásis.

— Um vulcão? — perguntou ele.

Lameque assentiu.

— Costuma entrar em erupção?

Lameque deu de ombros.

— Talvez uma vez a cada vida. Fica muito longe. Quando ele dispara, não temos fogo, mas uma chuva de poeira negra que mata nossas lavouras.

A luz que tingia o horizonte estava mesmo tão distante que nem turvava a magnificência das estrelas.

— É sempre assim tão claro? — perguntou Sandy.

— Fora nas tempestades de areia. Vocês têm tempestades de areia do outro lado da montanha? — Lameque havia posto na sua mente que os gêmeos tinham vindo de trás da montanha. Não entendia lugar mais distante.

— Não. Não ficamos nem perto de desertos. Lá onde moramos tudo é verde, menos no inverno, quando as árvores perdem as folhas e o solo ganha uma camada de neve.

— Neve?

Sandy abaixou-se e pegou um punhado de areia branca.

— É mais branca que isto, e mais suave e... no inverno, ela cai do céu e cobre o chão, e chamam de fertilizante de pobre, e precisamos para garantir boa colheita no verão. Dennys e eu temos uma grande horta de legumes.

O rosto do idoso se avivou.

— Quando você estiver melhor e puder sair de dia, vou lhe mostrar meu jardim. O que vocês plantam no seu?

— Ah, temos tomate, milho verde, brócolis, couve-de-bruxelas, cenoura, cebola, feijão, quase tudo que se come. Comemos o que pudemos e o que não podemos, enlatamos. — Então ele percebeu que Lameque não entenderia o que é “enlatar”. — Colocamos parte do que produzimos em lata e congelamos.

— Lata? Congelamos?

— Nós, hã, as comidas que plantamos no verão ficam guardadas para comer no inverno.

— Vocês plantam arroz? — perguntou Lameque.

— Não.

— Vocês não têm poços bons?

— Temos poços — disse Sandy —, mas acho que não temos as condições climáticas para plantar arroz. — Ele ia ter que pesquisar o cultivo de arroz quando voltasse para casa.

— Lentilhas? — questionou Lameque.

— Não.

— Tâmaras?

— Lá onde moramos é muito frio para palmeiras.

— Nunca estive do outro lado das montanhas. Deve ser um lugar estranho.

Sandy não sabia como corrigir o idoso.

— Bom, lá onde moramos é bem diferente.

O idoso começou a murmurar.

— Vocês são o princípio da mudança. Estamos vivendo no fim dos tempos. Pode ficar muito solitário.

Sandy, olhando para as estrelas, não escutou.

— Avô Lameque, meu irmão está mesmo melhorando?

— Sim. Foi o que me disseram.

— Quem lhe disse?

— As mulheres, quando trazem a lamparina.

— Os homens nunca vêm? Eu não vi seu filho.

— Só as mulheres se importam. — A voz de Lameque era de amargura.

— Jafé...

— Ah, Jafé. Jafé vem sempre que pode. É meu neto mais novo, meu caro garoto. — Ele deu um suspiro cansado. — Quando meu filho, meu único filho nasceu, eu previ que ele nos aliviaria o trabalho, do trabalho pesado que se abatera sobre nós por conta da maldição no solo.

Sandy sentiu uma comichão desconfortável.

— Qual maldição?

— Quando nossos antepassados tiveram que deixar o Jardim, lhes disseram: *Maldita é a terra por tua causa. Ela te produzirá também espinhos e abrolhos. No suor do teu rosto comerás o teu pão.* — Ele deu outro suspiro, e todas as suas rugas apontaram para cima no sorriso. — É o que eu previ. Meu filho nos trouxe alívio. As parreiras vicejam. Os rebanhos crescem. Mas com sua prosperidade veio o orgulho. Sou solitário na minha velhice. Fico contente que você esteja aqui.

O mamute saiu da barraca e veio até eles, encostando a cabeça no joelho de Lameque.

— As mulheres estão sempre me dizendo que sou bem-vindo na barraca do meu filho. Mas vou ficar aqui, onde meu filho nasceu, onde sua mãe morreu. Eu querer ficar na minha barraca não é motivo para meu filho se recusar a vir me ver. Ele é cabeça-dura. O que ele fará, por sua vez, quando seus filhos quiserem sua barraca?

— Ele quer a barraca do senhor?

— Eu tenho os poços mais fundos do oásis. Sempre lhe dei toda a água que precisa para seus vinhedos, mas ele reclama de ter que vir buscar. Problema dele. Ficarei na minha barraca.

— Quem sabe — sugeriu Sandy — seu filho seja teimoso porque o pai dele é teimoso?

O idoso deu um sorriso relutante.

— Pode ser.

— Se ele não vem ver o senhor, por que o senhor não vai vê-lo?

— É muito longe para um velho ir caminhando. Dei todos os meus camelos e animais a meu filho. Fico apenas com meus pomares e meu jardim. — Lameque deu tapinhas no joelho de Sandy com a mão enrugada. — Espero que não queira partir em breve, agora que está melhorando. É muito agradável ter alguém com quem compartilhar minha barraca.

Higaiom cutucou o idoso.

Lameque riu.

— Você é um mamute, meu caro Higaiom. E embora minha devoção a você seja grande, sinto a necessidade de companhia humana, principalmente em meus últimos dias.

— Seus últimos dias? — perguntou Sandy. — Como assim?

— Não sou idoso como meu pai, Matusalém, mas sou mais velho que o pai *dele*, Enoque. Meu avô, aquele sim era um homem estranho. Ele caminhou com El e então deixou de existir. E era mais moço que eu. El disse para eu contar meus dias.

Sandy sentiu-se pouco à vontade.

— Contar até quanto?

Lameque riu.

— Caro jovem gigante, você sabe que os números são apenas muitos ou poucos. A voz de El disse poucos. Poucos podem significar uma mudança da lua, ou várias.

— Espere aí — disse Sandy. — Avô Lameque, está me dizendo que alguém falou que o senhor vai morrer?

Lameque assentiu.

— Foi El.

— El o quê?

— El. Vivemos em tempos conturbados. O coração dos homens volta-se para o mal. É bom que eu vou conseguir me aquietar. Meus anos são setecentos e setenta e sete...

— Ei! O quê? — disse Sandy. — Ninguém vive tanto assim. Não lá de onde eu venho.

Lameque franziu os lábios.

— Não sabemos aproveitar nossos longos anos.

De repente a luz das estrelas pareceu fria. Sandy estremeceu. Os dedos de Lameque voltaram a tocar seu joelho.

— Não se preocupe. Não vou deixá-lo até que esteja bem, que tenha reencontrado seu irmão e que ambos estejam aptos a cuidar de si e voltar para casa.

— Casa — disse Sandy, saudoso, olhando para as estrelas. — Não sei nem para que lado fica minha casa. Não sei bem como chegamos aqui e tenho ainda menos certeza em relação a como vamos voltar para casa.

Higaiom ergueu a tromba para tocar a orelha, e Sandy notou que o escaravelho estava ali, reluzindo como um brinco. Sandy havia entendido que o glorioso serafim Adnarel às vezes tomava a forma de um escaravelho — mas é óbvio que aquilo era impossível. Agora ele olhava para o resplendor bronzeado, questionando-se.

— Jafé me perguntou aonde eu iria quando morresse. — Lameque refletiu e sorriu. Mesmo à luz das estrelas, a pele de seu crânio aparecia por entre os filetes do cabelo. — Achei que meu Avô Enoque ia voltar, ou enviar uma mensagem. Espero que meu filho deixe a teimosia de lado para vir e plantar-me no chão.

Higaiom o cutucou de novo e o idoso riu.

— Quem sabe? Talvez eu apareça de novo na primavera, como as flores do deserto. Talvez não. Pouco se sabe destas coisas. Depois de viver tantas centenas de anos, estou ansioso pelo descanso.

O mamute passou a Sandy, pondo-se de pé sobre as patas traseiras e levando as dianteiras até os joelhos do garoto, como um cachorro. Sandy o levantou, segurando-o com força para se confortar, e a ponta rosada da tromba tocou delicadamente na sua bochecha.

— Avô Lameque, acho melhor eu voltar para a barraca. Estou com frio.

Lameque olhou primeiro para Sandy, depois para o mamute.

— Sim. É o bastante para uma primeira saída.

Sandy foi com gratidão a suas peles de dormir, e Higaiom deitou aos seus pés.

Sandy tentou não se coçar. A pele rosada sob as feridas, que pareciam papel, estava sensível. Ele fechou os olhos. Queria ver Ialí. Queria conversar com Dennys. Como eles conseguiriam voltar para casa? Como sair daquele estranho deserto no qual haviam caído e que ficava sabe-se lá Deus onde entre os incontáveis sistemas solares das incontáveis galáxias?

Dennys dormia um sono agitado quando ouviu a aba da barraca se mexer. Abriu os olhos e só conseguiu ver a pequena luz de uma lamparina vindo na sua direção. Alarmado, exclamou:

— Quem é?

Ialí ou Oolibamá não precisariam de luz.

Ele sentiu uma pressão suave, algo brando tocando seu braço. Percebeu que era a mamute. Lembrava-se vagamente de ver uma mamute quando estava na barraca grande.

Um homem de barba agachou-se ao lado dele.

— Achamos que você pudesse gostar da companhia de Selá, nossa mamute, agora que está melhorando.

— Obrigado — disse Dennys. — Quem é você?

— Sou o pai de Ialí, Noé.

Para Dennys, nem sempre era fácil lembrar onde estava. Quando a febre piorou, ele achou que estava em casa e sonhando. Quando baixou, ele entendeu vagamente que de um modo ou de outro ele e Sandy haviam precipitado-se em um deserto primitivo habitado por pessoinhas morenas. Lembrou-se de Ialí, a bela e minúscula menina dos olhos e cabelo cor de âmbar, que cuidava dele com carinho. Lembrou-se daquela um pouco mais velha e de pelo menos parte de seu nome, Ooli, que passou água e depois unguentos e óleos na sua pele, e que parecia saber o que estava fazendo. Lembrou-se de Jafé, o marido de Ooli, que, tal como um pastor, havia levado Dennys a sua barraca, que ele imaginava como um estranho hospital.

Ele não via o pai de Ialí desde que fora levado, semimorto, da grande barraca fedida até a menor e mais tranquila. O lençol de linho que lhe deram para deitar havia ajudado a proteger sua pele em carne viva. Mesmo assim, movimentar-se doía. Ele mudava de posição com cautela.

— E meu irmão Sandy, como está?

— Quase recuperado, pelo que me disseram. — A voz profunda de Noé era gentil. O nome tinha algo de familiar naquele mundo nada familiar, mas Dennys

não conseguiu situá-lo na mente assolada pela febre. O homem prosseguiu: — As mulheres me disseram que ele já recuperou a pele. Em breve você também estará melhor.

Dennys deu um suspiro. Ainda era difícil de acreditar, com os restos de pele saindo em tufo, doloridos, soltando uma desgraceira gosmenta até formarem novas crostas.

— Quando eu posso ver meu irmão?

— Assim que estiver bem. Não vai tardar.

— Onde ele está?

— Onde já lhe disseram: na barraca de meu pai Lameque.

— Eu sempre esqueço.

— É a febre do sol.

— Sim. Febre do cérebro, como acho que chamavam na Índia.

— Índia?

— Ah. Pois é. É um lugar no nosso planeta onde os britânicos... uma gente com pele parecida com a minha... ia pra, hã, se meter com fardos do homem branco e essas coisas, e pra construir um império gigante. Enfim, eles não suportavam o sol. Aí o império se foi. Obrigado por cuidarem de mim. Como vocês sabiam o jeito certo de tratar queimaduras?

— É praticamente conhecimento comum — disse o homem. — Oolibamá sabe dizer só com os dedos a febre que você está, e tentamos refrescá-lo conforme o possível. E ela consultou os serafins quanto ao uso de ervas.

— Quem são os serafins? — perguntou Dennys.

O homem moreno e atarracado sorriu.

— Você já está melhor. É a primeira vez que faz estas perguntas.

— O senhor já tinha vindo me ver?

— Várias vezes.

Selá encostou-se nele e ele botou o braço em torno dela. A pele de Dennys já estava recuperada, de modo que os pelos não roçaram nem arderam.

— E os serafins?

— São filhos de El. Não sabemos de onde vêm nem por que estão aqui.

— São anjos?

— Vocês têm anjos lá de onde vêm?

— Não — disse Dennys. — Mas também não temos mamutes nem unicórnios virtuais. Não sou tão cético quanto antes.

— Cético?

— Alguém que não acredita no que não pode ser cem por cento visto, tocado ou provado. Que não tem provas laboratoriais?

— Labora quê?

— Ah. Pois é. Acho que vocês não têm como provar partículas virtuais tanto quanto não conseguem provar unicórnios virtuais.

— Unicórnios o quê?

— Ah. É assim que eu chamo.

O homem o interrompeu.

— Está febril de novo?

— Não. — Dennys tocou a bochecha com as costas da mão e ela estava bem fresca. — Desculpe. Seu nome... qual é mesmo?

— Noé. Quantas vezes vou ter que dizer?

Noé. Noé e o dilúvio. Então eles estavam na Terra, não numa galáxia distante. De algum modo, ele e Sandy haviam atravessado o tempo e chegaram ao deserto pré-diluviano. Muito melhor do que estar em um recôndito desconhecido do universo. Ou não?

— Queria ter uma Bíblia comigo — disse ele.

— Uma... Talvez você precise beber algo para se refrescar?

— Eu estou bem. Sinto muito. — Não haveria Bíblia na época de Noé. Talvez nem linguagem escrita, até então. Nem Dennys nem Sandy haviam dedicado muita atenção à escola dominical. Não iam lá por causa das histórias.

Não? Ele se lembrava da mãe lendo para eles toda noite até que o acúmulo de dever de casa atrapalhou. O que ela lia? Histórias. Mitos gregos e romanos. Contos indianos, contos chineses, contos africanos. Contos de fadas. Histórias da Bíblia.

Quem era Noé? Noé e o dilúvio. Noé construiu uma arca e levou para dentro dela sua esposa, os filhos e as esposas dos filhos, assim como muitos animais. E Ialí? Ele não se lembrava de nenhuma Ialí. Nem de Ooli... Oolibamá. Jafé. Este sim, talvez, soasse familiar.

“Sem” era outro nome da história. Sim. Talvez. Mas Eliseba não. Eliseba era uma pessoa legal. Um dia ela tinha vindo passar unguento na pele dele, de cara séria, quando Ialí e Ooli estavam ocupadas com alguma coisa, e não se encolheu diante das feridas supuradas, das crostas das cicatrizes. Ela ficou falando durante, com e em torno dele no dia que o tratou na barraca. Ele se lembrava de ela ter resmungado alguma coisa sobre a vergonha de deixar o velho avô sozinho na barraca apenas com um mamute de companhia.

Selá encostou-se no ombro de Dennys. Ele seguiu tentando pensar. Havia Sem. E havia Cam. Ele mal se lembrava de um homenzinho de pele clara e uma mulher ruiva na grande barraca da primeira noite.

— Higaiom está bem? — perguntou ele de repente.

— Higaiom? — Noé souu surpreso. — Ele está ajudando a cuidar do seu irmão.

— Existem muitos mamutes? — perguntou Dennys.

— Muito poucos. Muitos foram devorados pelas manticoras e a maioria fugiu para lugares onde sentem-se mais seguros. — Noé fez um não com a cabeça. — É uma época difícil para os mamutes. Tempos difíceis estão chegando para todos. El me contou.

Dennys franziu o cenho. Aquele mundo antediluviano era estranho. Mamutes. Manticoras. Unicórnios virtuais. Serafins e...

— Quem são os nefilins? — perguntou.

Noé mexeu na barba.

— Quem poderá dizer? São altos, têm asas, mas raramente os vemos voando. Eles afirmam que vêm de El e que querem nosso bem. Não temos certeza. Alguns dizem que são como estrelas caídas, que podem ser estrelas caídas, lançadas do céu.

— Os serafins também?

— Não sabemos. Não sabemos como a pele deles é tão jovem e não enrugada do sol, embora sejam perenes, ao que parece... mais velhos até que meu Avô Matusalém.

Velho como Matusalém. Aquilo soava familiar. Vagamente familiar.

Dennys remexeu-se no lençol de Matrede. Havia encontrado os restos de seu amarfanhado de roupas e levado a Jafé e Oolibamá, para serem arejadas e guardadas. Nesta terra quente, ele não ia precisar de camisas de flanela nem de blusões de tricô. Ele ganhara uma tanga de criança e Ialí lhe dissera que Sandy ganhara uma igual.

Na barraca onde se recuperava, o fedor era menos perturbador do que na barraca grande. Ialí havia lhe dado um banho de água perfumada com ervas e flores. Oolibamá havia lhe passado um unguento fragrante. As duas jovens foram reticentes em responder de onde haviam tirado os perfumes, e Dennys achou ter ouvido Ialí dizer alguma coisa sobre Aná e Maalá. Aná: a esposa ruiva de Cam, ele lembrou. Maalá era a irmã de Ialí, que, aparentemente, pouco aparecia em casa. Quem eram todos esses que ele não lembrava na história? Ele precisava de Sandy. Sandy talvez tivesse uma ideia de como eles poderiam voltar para casa antes do dilúvio. Quanto que este El teria dito a Noé?

— El me disse — pronunciou-se Noé — que estamos no fim dos tempos para todos. Talvez soframos um grande terremoto.

— Terremoto?

Noé deu de ombros.

— A mente de El é um grande mistério.

— Ele é bom, este El?

— Bom e carinhoso. Não se irrita fácil, é veloz em voltar atrás e perdoar.

— Mas você acha que ele vai detonar todo mundo?

— Vai o quê?

— Você acha que ele vai criar um grande desastre e varrer todo mundo da Terra?

Noé fez não com a cabeça.

— É fato, como diz El, que o coração das pessoas se voltou para a maldade.

— O de Ialí não — disse Dennys. — Nem o de Oolibamá e Jafé. Eu estaria morto se não fosse eles.

— E se não fosse minha esposa, Matrede — complementou Noé. — É possível que eu não houvesse deixado você ficar nas minhas barracas se não fosse Matrede. — Ele olhou para Dennys, pensativo. — Às vezes me pergunto por que deixei as mulheres insistirem em ficar com você. Mas acho que não quer nosso mal.

— Eu não. Nós, não. Então, e o meu irmão? Quando eu posso ver o Sandy?

— Como já lhe disseram, ele está na barraca do meu pai. — A voz de Noé sugeriu que o assunto estava encerrado.

— O senhor viu? Viu o Sandy? — perguntou Dennys.

— Eu não vou à barraca do meu pai.

— Por que não?

— Ele é um velho cabeça-dura, que insiste em ficar sozinho na própria barraca e com seus poços, os melhores do oásis.

— Mas por que o senhor não vai falar com ele? — Dennys estava pasmo.

— Ele é velho. Está quase na hora de morrer. Não consegue mais cuidar das lavouras.

— Mas o senhor não o ajuda?

— Já sou bem ocupado cuidando dos meus rebanhos e parreiras.

— Mas ele é seu pai!

— E não devia ser tão teimoso.

— Veja bem, ele está cuidando de Sandy sozinho. Ele não tem Ialí nem Oolibamá para ajudar no tratamento. Só o mamute.

— Uma das mulheres lhe leva uma lamparina toda noite.

— Mas ele é seu pai — insistiu Dennys. — Ele não ia gostar se o senhor levasse a lamparina?

Antes que o resmungo de Noé saísse da boca, a aba da barraca se mexeu e um pelicano entrou bamboleante, seguido de Ialí. O pelicano era uma criatura estranha para a cena desértica. O pássaro chegou perto de Dennys, abriu seu enorme bico e verteu um fluxo de água fresca e gelada, enchendo a grande tigela com a qual as mulheres o banhavam.

— Ei, você já esteve aqui, não esteve? — perguntou Dennys.

Ialí ficou encantada.

— Ele está melhor mesmo! Está conseguindo se lembrar das coisas.

A menina molhou um pano e refrescou sua pele. A água dava uma sensação de cura. Ela ajoelhou-se ao lado dele e, com o pano molhado, tocou nas crostas de ferida que se desprendiam.

— Em breve vão sair todas.

Dennys ficou de olho no pelicano.

— De onde veio a água?

— Do Avô Lameque. E o pelicano fez a gentileza de trazer para nós, cruzando o oásis a voo.

O pelicano fez uma mesura séria a Dennys.

— Você tem nome?

O pelicano piscou.

— Quando ele é pelicano — disse Ialí —, costumamos chamá-lo de pelicano.

— Quando ele é pelicano! Ele é mais o quê?

— Não confunda o jovem gigante — disse Noé.

— Não consigo ficar mais confuso que já estou.

Era um alívio saber que ele estava no seu próprio planeta; mesmo assim, sentia-se perdido, distante do que lhe era familiar.

O pelicano esticou as asas angulosas para o buraco no telhado, ergueu o bico. Pareceu que se afinava e se esticava para cima. De repente uma figura alta e radiante estava olhando para Dennys.

— O que... — Ele ficou sem fôlego.

— Um serafim — disse Ialí.

A pele brilhante do serafim era da cor da de Ialí, e havia grandes asas prateadas, e cabelo da cor das asas. Era um homem? Uma mulher? Fazia diferença? Mesmo assim, diante de Ialí e Oolibamá, ainda mais diante de Aná, Dennys estava ciente que ele era homem, e elas, mulheres.

O serafim esticou as asas, depois deixou-as soltas.

— Nada tema. Sou Alarid, e venho ajudando na sua cura. Enfim você está melhor. Não. Não tente ficar de pé. Ainda está muito fraco. — Braços fortes envolveram Dennys e ele foi tirado da barraca para ficar sobre uma camada suave de musgo. À luz das estrelas, o musgo tremeluziu como água.

— Pronto — disse o serafim. — Então. Eu sou Alarid. E você é o Den.

— Dennys.

— Den é mais simples.

— E seu nome é Alarid? Onde está Oolibamá?

Alarid deu um sorriso sério.

— Entendo o que diz, Dennys. Perdoe-me. Justo agora deliberei com meu

acompanhante, Adnarel, que tem ajudado no tratamento de Sand.

— Sandy. Alexander.

— Alexander? Não existe um Alexandre que quer conquistar o mundo?

— Na nossa época, não — disse Dennys. — Bem antes na história. Não tanto quanto agora. Mas antes.

— Ah — disse Alarid. — Tendo a ver o tempo em dobras. Agora, Dennys, parece haver considerável confusão em relação a quem ou o que você é, e por que está aqui.

Na sua fraqueza, Dennys não conseguiu conter as lágrimas que brotaram nos olhos.

— Somos garotos de quinze anos que viemos de um tempo distante.

— Vocês vêm de um tempo distante, mas ainda falam a Língua Antiga?

— A o quê?

— A Língua Antiga, o idioma da criação, da época em que se fizeram as estrelas, os céus, as águas e todas as criaturas. É a língua que era falada no Jardim...

— Qual jardim?

— O Jardim do Éden, antes de a história se desviar. É a língua que ainda é, e será, falada por todas as estrelas que levam a luz.

— Então — disse Dennys, sem mudar de tom —, não sei por que eu falo essa língua.

— E fala com facilidade — disse Alarid.

— O Sandy também sabe essa língua? — perguntou Dennys.

Alarid fez que sim.

— Vocês dois estavam falando quando encontraram Jafé e Higaiom no deserto, não estavam?

— É claro que não percebemos — disse Dennys. — Achamos que estávamos falando nosso próprio idioma.

Alarid sorriu.

— É o seu idioma, então talvez seja melhor que não tenham percebido. Outros de sua época e local falam a Língua Antiga?

— Não sei. Sandy e eu não somos bons em idiomas.

— Como pode dizer isso — Alarid quis saber —, quando têm o dom da língua original?

— Ei. Eu não sei. Sandy e eu somos os quadradões da família. Nossa irmã mais velha e nosso irmão mais novo são os especiais. Somos os normaizinhos...

Alarid o interrompeu.

— Porque são assim ou porque assim decidiram ser?

Dennys olhou para o serafim com olhos arregalados.

— O que houve com a Língua Antiga?

— Ela foi destroçada em Babel.

— Babel?

— A torre do orgulho e da arrogância humanas. Ainda não aconteceu, nesta época em que vocês estão. Não conhecem a história?

Dennys piscou.

— Acho que me lembro de alguma coisa. As pessoas constroem uma torre bem alta e aí começam a falar em várias línguas e não se entendem mais. Foi tipo, hã, na pré-história e é uma lenda que meio que explica por que tem tantos idiomas no mundo.

— Mas por baixo de tudo — disse Alarid — está o idioma original, a fala antiga, ainda em comunhão com as antigas harmonias. É um privilégio conhecer alguém que ainda possui a subescuta.

— Ei — disse Dennys. — Veja só. Acho que por termos chegado aqui de um jeito tão inesperado e de tudo ser tão estranho, não tivemos tempo de pensar, e quando conhecemos o Jafé pareceu que era natural conversar...

— É um dom especial — disse-lhe Alarid.

— Não somos especiais, nem Sandy nem eu. Somos o tipo de pessoa que não incomoda ninguém.

Alarid lhe questionou abruptamente.

— De onde no futuro vocês vêm?

— De muito, muito longe — disse Dennys. — Vivemos no fim do século XX. Alarid fechou os olhos.

— Período de muitas guerras.

— Sim.

— Em que se revelou o cerne do átomo.

— Sim.

— Vocês poluíram suas águas e seu ar.

— Sim.

— Como falam a Língua Antiga, deve haver algum motivo para estarem aqui. Mas é perigoso que o futuro toque o passado. Pode provocar um paradoxo. Como chegaram aqui?

— Não sei direito. — Dennys franziu o cenho, depois continuou: — Nosso pai é físico especializado em viagens no espaço, no tesseracto.

— Ah, sim. Mas viagens no espaço deveriam ser no espaço, não no tempo.

— Mas não há como separar tempo e espaço — disse Dennys. — Quer dizer, o espaço/tempo é um *continuum* e...

Ialí e Noé saíram da barraca, e Ialí tocou delicadamente a mão de Alarid.

— Ele está muito pálido. Assim você o cansa.

— Tenham mais cuidado com o jovem gigante — alertou Noé.

Alarid ficou olhando para Dennys.

— Você tem razão. Já basta por hoje. — Os olhos do serafim eram de compaixão, mas pareceu que o verde-prateado deles havia ficado mais escuro. — Fico contente que esteja melhor e que esteja voltando a si. Por favor, tenha cuidado com o que diz e com o que faz. Cuidado para não alterar nada.

— Cara — disse Dennys. — Eu só quero ir para casa. Para minha época. Fico grato por estar no meu planeta e não tenho o mínimo interesse em reescrever a Bíblia.

Alarid sabia que ia haver uma Bíblia? Que ia haver um dilúvio? Ele olhou para o serafim, cujo rosto, ao mesmo tempo sereno e severo, permanecia inexpressivo. Dennys estava disposto a aceitar que Alarid e o pelicano que trouxe a água eram de algum modo a mesma pessoa, mas não se dispunha a aceitar que sua presença ali pudesse ter efeito em alguém fora em si. E, é claro, em Sandy.

— Durma bem, Dennys — disse Alarid. — Ialí e Oolibamá continuarão a cuidar bem de você.

Ialí, pensou Dennys. Por Ialí ele se dispunha a mudar a história.

• • •

Sandy não conseguia dormir. Havia não só o calor da barraca, mas Higaiom roncava. O Avô Lameque, não. Ele se remexia. Revirava-se. Grunhia. Suspirava.

Por fim, Sandy não conseguiu mais aguentar. Engatinhou até as peles de dormir do Avô Lameque.

— Avô, está acordado?

— Hã.

— O que houve?

O idoso resmungou.

Sandy falou com ele tal como falaria com Dennys.

— Qual é. Eu sei que tem algo incomodando o senhor. O que há?

— El falou comigo.

Sandy tentou enxergar no escuro. Será que o idoso estava prestes a morrer? Naquele momento? Naquela noite?

Mas o idoso falou antes:

— Grandes inquietações virão depois que eu morrer. Coisas terríveis vão acontecer.

— Que tipo de coisa terrível?

Lameque remexeu-se, inquieto.

— El não disse. Falou apenas que os corações dos homens são malignos e

duros, e que ele se arrepende de ter feito criaturas humanas.

— Então o que ele vai fazer a respeito?

— Não sei — disse Lameque. — Mas temo por meu filho e sua família. El não planeja poupar ninguém. Temo por Ialí. Temo por você, Sand, tão longe de casa.

— Ah, eu sei me virar — respondeu Sandy no automático. Suas palavras, porém, soaram ocas.

• • •

Ialí e Oolibamá vieram a Dennys no escuro profundo antes da alvorada.

— Você precisa sair da barraca e pegar um pouco de ar — disse-lhe Oolibamá. — Precisa de exercício. Não vai se recuperar até sair caminhando sob o céu.

— A luz das estrelas é curativa.

A voz de Ialí era suave, pensou ele, como um riacho. Mas não havia riachos nesta terra árida.

Ele seguiu as duas até sair da barraca. Cada uma pegou uma de suas mãos e as mãos delas eram do tamanho das de crianças. Eles passaram pelo pomar que servia de latrina, que era o mais distante que ele já havia ficado das barracas. De longe, a barraca grande era uma sombra escura com barracas menores agrupadas em volta.

Seus pés descalços ainda estavam sensíveis e Dennys caminhava com cuidado. As meninas ajudaram-no a seguir as trilhas mais fáceis, até que as grammas secas e as pedrinhas deram vez à areia do deserto. A areia passava uma sensação gelada às solas ardentes de seus pés.

Eles pausaram numa laje de pedra branca, que lançava uma sombra prateada na areia.

— Jafé e eu combinamos que não devemos ir mais longe — disse Oolibamá. — Vamos ficar aqui sentados e descansar um pouco. Voltaremos à barraca antes do amanhecer.

Ele se sentou entre elas, apoiando-se nos cotovelos para poder enxergar o céu.

— Nunca vi tantas estrelas.

— Não há estrelas lá de onde vocês vêm? — perguntou Ialí.

— Ah, sim, temos estrelas. Mas nossa atmosfera não é transparente como a de vocês e não se vê tantas.

Ialí agarrou o braço de Dennys com força.

— Quando as estrelas se escondem atrás da areia rodopiante, é assustador. A canção se distorce e não ouço o que elas dizem.

— O que as estrelas dizem? — perguntou Dennys.

— Ouça bem — sugeriu Ialí. — Alarid diz que você consegue entender.

De início, Dennys ouviu apenas o silêncio do deserto. Depois, ao longe, ouviu o rugido de um leão. Atrás deles, no oásis, os pássaros chilreavam, sonolentos, ainda não estavam prontos para o concerto da alvorada. Alguns babuínos chamavam uns aos outros. Ele escutou, escutou, focado no padrão límpido das estrelas. Fechou os olhos. Escutou. Sentiu um repicar delicado de cristal. Palavras. *Shhh. Cure-se. Descanse. Faça a paz. Nada tema.* Ele riu de animação. Abriu os olhos e viu diamantes cintilantes.

Ialí também riu.

— O que elas disseram?

— Elas me disseram... acho eu... para ficar bem, e... e para fazer a paz. É para não ter medo. Pelo menos eu acho que ouvi, e não creio que tenha sido minha imaginação. — De repente ele ficou contente por Sandy não estar lá. Sandy era pragmático. O irmão provavelmente acharia que Dennys estava tendo alucinações da insolação. No colégio, se Dennys se perdia em devaneios, Sandy sempre dava um jeito de lhe dar cobertura.

— Sim, foi o que as estrelas lhe disseram. — Ialí virou-se para ele com um sorriso encantado, bem visível à luz estelar. — É incrível! — disse ela a Oolibamá. — Não são todos que conseguem ouvir a noite. Se as estrelas lhe disseram para fazer a paz, Den, talvez será você que fará a paz entre meu pai e meu avô.

— Um grande talvez — disse Oolibamá.

— Mas, talvez, talvez ele possa. — Ela virou-se para Dennys de novo. — O que mais você ouve?

Dennys pôs-se a escutar de novo. Ouviu o vento agitando as folhas de palmeira como maços de papel. Parecia haver palavras no vento, mas ele não conseguia distingui-las.

— Não consigo entender nada com clareza...

Ialí retirou os dedos e fechou uma mão na outra. Balançou a cabeça. Abriu os olhos.

— Parece que o vento fala de uma época em que vai soprar muito forte, sobre a água. Que estranho. As águas mais próximas ficam a dias daqui. Não consigo entender o que ela quer dizer.

— O vento sopra onde bem entende — disse Oolibamá. — Às vezes é suave e refrescante. Às vezes é feroz, sopra nos nossos olhos, pica nossa pele como insetos e temos que nos esconder nas barracas até que ele volte a ficar em paz. É bom, caro Den, que você não tenha chegado na época em que o vento sopra quente contra a areia. É mais fácil se curar na época que ele é mais suave, e que as uvas e os jardins crescem.

Então os três ficaram em silêncio, ouvindo os barulhos da alvorada, conforme pássaros e babuínos começavam a se preparar para receber o dia. Dennys tentou tocar a mão de Ialí. Ela apertou um pouco os dedos dele, depois soltou-se e ergueu-se de um salto.

— É hora de levarmos você de volta à barraca. É mais do que suficiente para uma primeira saída. Como se sente?

— Maravilhoso. — Depois, reconhecendo a verdade, corrigiu-se. — Um pouco cansado. — Seria bom deitar-se no lençol suave sobre as peles. Dormir um pouco. Ter algo refrescante para beber. Ele conteve um bocejo.

— Venha. — Oolibamá estendeu suas mãos fortes. Para sua própria surpresa, Dennys precisou da ajuda dela para se levantar.

• • •

Quando Ialí e Oolibamá precisavam de unguentos e pomadas para a pele queimada de Dennys, Aná ou Maalá, caso estivesse em casa, atravessava o deserto com eles até o aglomerado de casas e vendas para encontrar Tiglá, irmã de Aná.

— Não gosto — disse Jafé à esposa. — Não gosto que você vá a esses lugares.

Ela curvou-se para lhe dar um beijo.

— Nós não entramos. Eu não levaria Ialí a um lugar desses nem se Maalá...

Jafé deu um berro de raiva e angústia:

— Olhe o que aconteceu com Maalá!

Oolibamá falou delicadamente:

— Todas temos escolhas a fazer, meu querido, e nem todas fazemos as mesmas escolhas.

— Por que não posso conseguir o que você precisa?

— Ah, amor, esta casa é das mulheres. Você não seria bem- -vindo.

— Eu vi homens saindo. E nefilins.

— Jafé, querido. Não discuta, por favor. Ficaremos bem. Aná é forte.

— E Maalá?

Oolibamá abraçou o marido, colando seu rosto no dele. Não respondeu.

Maalá saía cada vez menos com Oolibamá e Ialí, pois passava cada vez menos tempo na barraca maior. E, quando ficava, chegava tarde, depois que todos estavam dormindo, dormia até altas horas e evitava Matrede.

Matrede, por sua vez, deixava que Maalá a evitasse. A mãe esperava que a filha viesse a ela e seu marido com Ugiel, conforme os costumes. Mas Ugiel não vinha. Maalá não falava, e Matrede nada disse a Noé quanto à promessa de Maalá a um nefilim. Até que o noivado fosse formalizado e reconhecido pela

família de Maalá, não haveria conversa sobre casamento.

Casamentos geralmente eram questões casuais, nada mais que um acordo entre as duas famílias, em que a mãe e o pai da noiva levavam-na à barraca do noivo. Matrede gostava das coisas feitas do jeito certo, sem exageros, mas bem-feitas. As duas irmãs mais velhas de Ialí e Maalá, Sirá e Hoglá, haviam sido levadas às barracas dos respectivos maridos depois que Matrede e Noé prepararam banquetes com bastante vinho.

Eliseba, esposa de Sem, havia chegado em silêncio ao terreno de Noé e à barraca de Sem, acompanhada do pai viúvo, trazendo vários anéis de ouro e seu terafim, as miniestatuetas dos deuses do lar. Aná, disse Matrede, havia tido um casamento vulgar, com multidões entre os quais vários nem haviam sido convidados. Houve músicos, dançarinos e vinho demais, de qualidade inferior — quem ousava competir com o vinho de Noé? — durante dias. Esses excessos eram não só desnecessários, mas impróprios.

Enquanto fazia faxina na barraca com ajuda de Ialí, Matrede comentou:

— Não entendo Maalá.

Ialí sacudiu uma pele de dormir.

— Nem eu. Queria que ela viesse conversar com você e o Pai, em vez de evitá-los.

Matrede bateu uma das peles com força no chão para tirar o pó.

— Se seu pai soubesse o que ela tem feito, ficaria furioso. Ele está com algo na cabeça, algo que não quer me contar, ou teria notado o comportamento estranho dela. Você acha que esse Ugui...

— Ugiel.

— Esse nefilim... você acha que ele pretende se casar com ela?

— Não sei. — Ialí passou areia numa das lamparinas. — Maalá acha que sim.

— Fale com ela — pediu Matrede. — Tente fazer com que ela recobre a sensatez. Ela só precisa vir até nós com seu nefilim, nos dizer que são prometidos e faremos todos os preparativos para um banquete de casamento.

— Vou tentar — disse Ialí —, mas não sei se ela vai me dar ouvidos. — Maalá sempre fora mais próxima e mais parecida com as irmãs mais velhas do que Ialí, a mais nova, a diferente. — Vou tentar — garantiu à mãe.

No dia seguinte ela saiu com Oolibamá e Aná para conseguir mais do unguento que aliviava as feridas de Dennys. Talvez Maalá estivesse com a ruiva Tiglá, e Ialí conseguiria falar com ela.

Aná caminhava devagar, com o ondular normal das ancas. Ialí e Oolibamá caminhavam à frente.

— Tiglá me assusta — sussurrou Ialí a Oolibamá. — Eu sei que ela é irmã da Aná, e provavelmente a mulher mais bonita do oásis, mas...

— A beleza dela está à venda — declarou Oolibamá, sem rodeios. — Mas não há motivo para ter medo dela.

Elas voltaram-se para o caminho estreito que passava entre pequenos prédios de pedra branca.

— Não gosto de vir aqui — cochichou Ialí.

— Também não gosto — disse Oolibamá—, mas não há outra maneira de conseguir as pomadas para o Den. A última ferida dele vai sarar em questão de dias. Aí poderemos esquecer os unguentos. A água com ervas que o pelicano traz será suficiente.

— Den está melhorando — disse Ialí. — Isso é bom.

— Só isso? — Oolibamá riu.

Ialí estremeceu.

— Parece que todos estão diferentes. Maalá evita nossos pais. E meu pai continua ouvindo a Voz nas parreiras. Seja lá o que ela diz, deixa-o incomodado, mas ele não revela o que El fala.

— O que El fala é bom. — Oolibamá sorriu. — El disse que Jafé devia casar. Por isso que estou aqui.

— Você não preferia ter esperado?

— Eu amo Jafé. — A voz de Oolibamá era afetuosa. — Sei que éramos muito novos e não estávamos preparados para casar. Mas nos amamos. Quando chegar a hora, teremos filhos juntos.

Ialí deu um suspiro.

— Gostaria de amar alguém do jeito que você ama Jafé.

— Tenha paciência, irmãzinha. Sua hora há de chegar.

Elas haviam chegado à casa branca com as cortinas de continhas brilhantes na entrada, a casa em que Tiglá conseguia os unguentos. Pararam para esperar Aná, que deixara claro que servir de intermediária seria um grande favor que prestava a elas. As continhas resplandeceram e se sacudiram, então Tiglá saiu, seguida de Maalá — Tiglá com sua cabeleira ruiva radiante, Maalá com sua cascata de fios negros, as duas opostos incríveis entre si.

— Onde está Aná? — perguntou Tiglá.

— Está chegando. — Oolibamá olhou para a trilha em que Aná as seguia lentamente.

— Maalá! — exclamou Ialí. — Fico feliz em vê-la. Precisamos conversar.

Maalá jogou uma madeixa do cabelo negro para trás.

— Que curioso. Também quero falar com você. Podemos entrar?

— Não. — Ialí recuou. — Por favor...

— Eu poderia pentear seu cabelo — Maalá a adalou — tal como o de Tiglá e o meu, para ficar mais bonito.

— Não — repetiu Ialí.

Maalá deu de ombros.

— Então podemos nos sentar aqui, enquanto Aná e Oolibamá vão buscar o unguento com Tiglá. — Ela conduziu Ialí mais à frente, até um muro baixo. Ialí, com um choque repentino, viu que a barriga normalmente reta de Maalá estava arredondando-se.

— Maalá! — falou ela, com urgência. — Por favor, por favor, que você e Ugiel venham a nossos pais e digam que estão noivos.

As mãozinhas de Maalá tocaram a pequena rotundidade com orgulho.

— E nos casaremos em breve.

— Então, por favor, venha e lhes conte. A Mãe precisará de tempo para preparar um banquete.

— Não, não vai precisar — disse Maalá. — Não é assim com os nefilins. Eu terei um casamento nefilim.

— Mas a Mãe...

As mãozinhas de Maalá mais uma vez tocaram sua barriga.

— Sinto muito. Sinto muito, de verdade. Mas com nossas irmãs ela fez as coisas do jeito que queria. Provavelmente fará do jeito dela com você. Por isso, terá que deixar que eu faça do meu.

— Mas por quê? Os costumes não são bons para você?

Maalá riu.

— Os costumes mudam. Temos que andar conforme o tempo. — Havia um leve sibilar na fala dela que Ialí nunca havia escutado. Parecia mais Ugiel do que Maalá. As irmãs sentaram-se lado a lado no muro, o silêncio entre elas cada vez mais desconfortável até que Ialí o rompeu.

— Por que você queria me ver?

— Não consegue adivinhar?

— Não.

— Eblis.

Ialí olhou para ela com surpresa.

— Mas por que...

— Ele gosta de você — disse Maalá. — Disse que se ofereceu para lhe dar aulas.

— Não...

— Por que não?

— Estou cuidando do Den. Por isso que estamos aqui, para conseguir pomada para ele.

Maalá voltou a soar mais como Ugiel do que como a irmã de Ialí.

— É muita nobreza. Mas isto não devia ser impedimento para você escolher

Eblis. Não percebe a honra que é ter Eblis interessado em você? — Ela parecia estranhamente sibilante.

— Sei que ele me honra muito. — A voz de Ialí era baixa.

— Então qual é o problema?

— Tenho que cuidar do Den — sussurrou Ialí.

— Sei que está cuidando bem dele. Mas Ooli também está lá, não está?

— Ela... ela é esposa de Jafé. Ela tem que ficar na própria barraca. Ela me diz o que fazer, mas...

— Irmãzinha — interrompeu Maalá. — Não seja tola.

Ialí baixou os olhos para os dedos do pé, fortes e compridos. Deixou escapar:

— Não me interessa por Eblis tanto quanto me interessa por Den e Sand.

— O quê! — Maalá ficou escandalizada.

— Você me ouviu.

— Mas nem sabemos se são humanos!

— Sabemos que os nefilins não são! — rebateu Ialí.

— São mais que humanos — Maalá falou com orgulho. — Os dois... O que são? Gêmeos?... Parecem sub-humanos.

— Não — protestou Ialí. — São humanos, eu sei que são.

— Gigantes humanos?

— Sim.

— E você acha que se começar a sair com gigantes, humanos ou não, nossos pais não vão se incomodar?

— Todos os adoram...

— Ah, é? Enfim, são muito novos, novos demais.

— Eu sei. — A cabeça de Ialí pendeu ainda mais. — Mas creio que, do lugar de onde vêm, conta-se os anos de outro modo. E eu me disponho a esperar.

— Por qual deles? — quis saber Maalá.

Um rubor se espalhou lentamente pelo rosto de Ialí. Ela ainda via os gêmeos como uma pessoa dividida entre dois lugares.

— Vi o Sand primeiro, na barraca do Avô Lameque, e ajudei o Den a se recuperar quando estava à beira da morte.

— Isso não é motivo para tamanha estupidez. Eblis pode lhe dar tudo que quiser.

— Mesmo que eu queira os gêmeos?

— Não seja tola — retrucou Maalá, e pulou do muro quando viu Aná e Oolibamá vindo na direção delas, Oolibamá carregando um pequeno pote.

— Ora, Maalá. — Aná olhou para ela incisivamente. — Está pronta para ir para sua própria barraca?

Maalá deu um sorriso irônico e jogou a cabeça para trás de modo que o cabelo

negro brilhou na luz.

— Não terei uma barraca. Terei uma casa, uma casa de pedras brancas. — Ela recuou conforme uma cobra desenrolava-se a seus pés, abrindo um capelo perolado. — Ugiel... — Ela perdeu o fôlego.

Por um instante, como se numa miragem, pareceu que a serpente se desenrolava e crescia, até revelar grandes asas cor de lavanda, tremulantes, com pele branca e olhos cor de ametista. Então a miragem sumiu e a cobra ondulou-se pela trilha, sumindo num grupo de palmeiras.

Ialí buscou a mão de Oolibamá.

Aná deu um sorriso malicioso a Maalá.

— Ele está brincando com você?

Maalá ergueu a cabeça com orgulho.

— Ugiel vem a mim apenas quando estou só. — Ela voltou-se para Ialí, perguntando com voz tão baixa que excluiu as outras. — Não fossem os rapazes gigantes, você veria Eblis?

— Não sei — disse Ialí. — Não sei.

Maalá falava em voz mais alta.

— Diga a nossos pais que eu faço questão de lhes avisar quando eu casar.

— Você não teria como lhes contar antes? — implorou Ialí.

Maalá deu de ombros.

— Veremos. Agora tenho que ir. — E ela voltou para as casinhas brancas, abrindo a cortina de continhas com o ombro.

— Vamos — disse Aná. — Tenho outras coisas a fazer. — E em vez de se demorar como havia feito na estrada, ela partiu com um passo de impaciência.

Oolibamá falava calmamente:

— É muito bonito da parte de Aná, também de Tiglá, conseguir os unguentos para nós.

— Elas não estão fazendo por nada — disse Ialí. — Eu lhes dei minha parte dos figos e este ano a colheita foi boa. E você lhes deu todas as suas amêndoas.

Oolibamá declarou um fato sabido.

— Aná e Tiglá não sabem fazer algo por nada. É assim que são.

— Mas Maalá não era assim — contrapôs Ialí. — Ela mudou. Não a reconheço mais.

Ela pulou quando um ratinho passou por cima do seu pé. Mais uma vez, um vislumbre de altura, asas e olhos brilhantes e então se viu apenas o corpo rechonchudo do rato. Ialí pensou no dragão/lagarto Eblis, aquele que podia lhe oferecer mais do que ela sonhava. E então pensou nos gêmeos, em Sandy curvando-se a ela na barraca do avô, em Dennys sentado com ela à noite — Dennys, que entendia a língua das estrelas.

E ela soube que nunca escolheria o caminho de Eblis.

Ela virou-se e viu lágrimas nos olhos de Oolibamá.

— Ooli... — começou a dizer, surpresa.

Oolibamá limpou as lágrimas, abrindo um sorriso forçado.

— Esta manhã vi meu rosto refletido no jarro d'água. Ah, Ialí, pequena Ialí, eu amo meu pai e agora não sei se é meu pai de fato.

Ialí tomou a mão da cunhada.

— Se você o ama, ele é seu pai, independentemente do que aconteça.

Oolibamá assentiu, grata.

— Obrigada, irmãzinha. Era o que eu precisava ouvir.

— Você é esposa de meu irmão — prosseguiu Ialí— e minha amiga. E se... bem, se os nefilins têm parentesco com os serafins, algo em que meu pai acredita, então você é próxima dos serafins.

— Apressem-se! — chamou Aná, fazendo sinais imperiosos para andarem.

— Estamos indo — disse Oolibamá.

E elas correram à seção central do oásis, onde ficavam os vinhedos de Noé, seus pastos e suas barracas. E onde Dennys as aguardava.

• • •

A lua apareceu, sua trilha mais branca que as areias do deserto minguando em sombra. As estrelas mexeram-se na dança jubilosa pelo céu. O horizonte estava escuro com aquela treva profunda que vem logo antes da alvorada.

Um abutre deu um rasante, parecendo vir do nada, esticando o pescoço nu, soltando penas negras.

Subestimam os abutres. Sem nós, as doenças extinguiriam toda vida. Nós limpamos o lixo, as fezes, os corpos de homens e bichos. Não sabem nos estimar.

Não se ouvia som, e mesmo assim as palavras pareciam raspadas no ar.

Um escaravelho saiu da areia e piscou para o abutre. *É verdade. Vocês ajudam na limpeza do mundo. Eu os estimo.*

E sumiu sob a areia.

Um crocodilo rastejava pelo deserto, arrastando-se, desajeitado, distante das águas de onde era nativo. Era seguido por um dragão/lagarto, que esticava suas asas de couro, exibindo-se. Uma serpente escura e de capelo deslizava entre os dois.

Uma pequena criatura morena, encouraçada, não muito maior que o escaravelho, meneava-se ao lado da cobra. *Somos invulneráveis. Sobrevivemos ao fogo dos vulcões, aos terremotos que dividiram os continentes e que criaram as cordilheiras. Somos imortais. Dominamos o planeta.*

Um morcego, mais reluzente que o ouro, fez um rasante sobre a barata. *Vocês*

são orgulhosas e podem sobreviver a fogo e gelo, mas se necessário fosse, eu poderia comê-las. Espero não precisar.

E o morcego dourado pairou alto, um brilho forte contra o horizonte escuro.

Um arremedo de crocodilo, um ser minúsculo de nariz adunco, o camaleão, engatinhou ao lado do crocodilo e do dragão/lagarto. *Sou pequeno, sou veloz, e minha pele não é comestível e faz mal ao cérebro. Sou do modo que sou. Assim que fui feito.*

Nas costas do camaleão, uma pulga tentava cavocar a pele encouraçada. *Eu também sou do modo que sou.*

Um ruído estridente cortou o ar límpido. Um mosquito zumbia. *Eu também. Eu também. Eu beberei seu sangue.*

Uma minhoquinha viscosa retorcia-se pela areia, deixando uma fina trilha. Seguia-se a trilha viscosa de uma lesma. *Não sou como o caracol, que precisa de casa. Eu me basto.*

Uma formiga vermelha rastejava junto à asa do dragão/lagarto e segurava-se firme mesmo que tentasse livrar-se do inseto e de sua mordida. Um rato, liso e rechonchudo, sacudiu focinho e bigodes e olhou para o pescoço nu do abutre. *Eu também como a imundície das ruas. Como carne. Prefiro carne viva, mas pego o que houver. Eu também ajudo a manter o mundo limpo.*

Não se ouvia som algum. Tal como a luz negativa, as palavras romperam a noite do deserto.

As doze criaturas estranhamente sortidas começaram a posicionar-se num círculo.

Os nefilins.

• • •

Oolibamá estava deitada nos braços de Jafé sobre uma pedra grande e plana a poucos passos do deserto. Eles estavam tão concentrados um no outro que não notaram o leão que passava ao seu lado, o pelicano que singrava o céu, o escaravelho que saía da areia.

— Minha amada — sussurrou Jafé à concha perolada que era a orelha de Oolibamá. — Minha mãe falou disto há muito. Se você tiver sangue nefilim, talvez se explique seu poder curativo.

— Mas eu não sei... não é certeza...

Jafé cobriu a boca dela com a dele. Então recuou apenas o bastante para falar.

— Você é minha esposa e nós somos um só, e é isso que importa.

E eles viraram um só. E foi bom.

• • •

Ialí saiu da barraca para aguardar a alvorada. Ela havia passado uma hora vendo

as feridas de Dennys, tirando com cuidado as crostas soltas. A maioria das feridas purulentas havia se curado. Cada vez mais os cuidados de Dennys recaíam a Ialí, e Oolibamá confiava que ela podia fazer o que o garoto precisasse. Oolibamá, afinal, tinha seus deveres em sua própria barraca.

Matrede preparava refeições para o garoto, sopas e frutas amassadas mais suaves para ele engolir.

— Mas o que fazer com ele quando estiver bem? — perguntou Noé à esposa.

— Ele é nosso convidado — disse Matrede. — Perguntaremos como podemos ajudá-lo.

— Ele quer ir para casa — disse Ialí.

— Sim, mas onde fica a casa dele? — questionou sua mãe.

Agora Ialí cruzava uma das parreiras do pai, chegando ao pequeno pomar que as mulheres usavam para aliviar-se, depois caminhou até chegar ao ponto onde o deserto fazia fronteira com o oásis. Ela recolheu um punhado de areia fina e branca do chão e passou nas palmas, entre os dedos, para limpá-los.

A lua havia se posto e as estrelas da alvorada estavam baixas no horizonte. Ela tiraria um longo cochilo no dia seguinte, quando o sol estivesse alto no céu. Geralmente era naquele horário que se tinha o melhor sono.

Naquele ambiente frio, pouco antes do amanhecer, ela gostava de sentar em uma das grandes rochas expostas para descansar, ouvindo o lento canto das estrelas se pondo. Lameque, seu avô, havia lhe ensinado a escutar as estrelas. Só Ialí e Jafé, os filhos de Noé e Matrede, conseguiam entender a linguagem celestial.

Matrede tendia a ver aquilo como perda de tempo.

— Tenho muita coisa a fazer, só de cuidar da barraca. De que outro modo eu manteria a panela de sopa cheia para os pobres que vêm nos pedir comida? Quem ia impedir a manticora de comer Selá se eu não tivesse vinho fervido para jogar na sua cara feia? Quem ia cuidar para que não roubassem os ovos da grande alca? Quem mais ousa falar com as górgones e os grifos? E com o apetite de todos, eu nunca tenho chance de sair de perto do forno.

Ialí cumpriu suas obrigações e agora vinha cumprindo também boa parte das obrigações de Maalá, mas precisava de tempo para si, para ouvir o que as estrelas teriam a dizer. Seu pai ouvia a Voz nas parreiras, mas a Ialí parecia que na alvorada tranquila havia vozes ao seu redor, esperando para falar, esperando que ela ouvisse. Quando os passarinhos acordavam e iniciavam sua orquestra, as outras vozes ficariam em silêncio. Ela foi tomada por uma vaga sensação de um prenúncio, mas tinha que vir e ouvir.

Quando não estava ouvindo seja lá o que seria falado, ela via sua mente voltando-se para pensamentos sobre os gêmeos. Conforme passava mais tempo

com Dennys, cuidando dele nos calafrios e febres de seu delírio, ela percebia que os gêmeos tinham aparência similar, mas com certeza não eram o mesmo menino em duas peles.

Os gêmeos eram tópico frequente de conversa na grande barraca à noite — como eram parecidos e como eram diferentes. Geralmente se aceitava que eles deviam ser de uma raça estranha de gigantes, saída do outro lado das montanhas. Apesar da altura, também eram incrivelmente jovens.

— Quinze, ele me contou — disse Matrede numa noite em que ela levou a lamparina ao Avô Lameque e um pouco de seu caldo especial para Sandy. — Quinze — repetiu aos outros na barraca. — Aos quinze, nossos homens ainda são crianças. O Sand e o Den não são bebês. Não consigo entender.

— O Den com certeza não é bebê — respondeu Ialí. — Agora que está melhorando, fica cheio de perguntas. Quer saber quais são as ervas que o pelicano põe na água e o que se usa para fazer as pomadas.

— O Sand — disse Eliseba— quer saber de onde vêm as pomadas. Estão mesmo cheios de perguntas. — Ela deu sua risada calorosa e disse a eles que Sandy queria saber quem mandava no oásis. Havia um prefeito? Ou um conselheiro?

As palavras não faziam sentido. Eliseba havia dito a Sandy que quem busca poder é ganancioso, que fica querendo presentes e subornos, e que roubam dos pobres.

— Sem caça por todos nós e eu ajudo com o vinho — disse ela, contente. — Para nós, basta. Temos o bastante para comer e para dar a quem precisa. Matrede é boa mãe para todos nós, com seus belos filhos e filhas.

— Maalá e Ialí ainda não são casadas —intrometeu-se Matrede.

— Ainda são jovens — disse Noé.

— Achei que a Voz havia lhe dito...

— Não quanto a Maalá e Ialí. Elas precisam de tempo para crescer.

— Eu acho — disse Matrede, enfática — que Maalá já cresceu.

Ialí estava sentada sobre a pedra fresca e banhada pelas estrelas, os ecos da conversa da noite ainda em seus ouvidos. Questionou-se se a mãe havia notado a barriga inchada de Maalá... Maalá, cujo noivado com o nefilim ainda não era de conhecimento da família.

Ialí estava tão perdida em pensamentos que as estrelas tiveram que sibilar para chamar sua atenção.

Adnarel e o salto quântico

Ialí ergueu os olhos e viu uma roda de estranhos animais. No centro do círculo estava Maalá, com rosto pálido e assustado. Seus cabelos negros cobriam os seios e o corpo. Ialí começou a gritar, a se levantar e ir na direção da irmã, mas parecia que uma mão firme tapava sua boca e a segurava contra a pedra.

A serpente desenrolou-se, esticando o capelo, sacudindo-se como se ouvisse uma música silenciosa. Depois esticou-se bastante até assumir o encanto das asas cor de lavanda. Olhos de ametista refletiram a luz das estrelas.

— Eu, Ugiel, chamo meus irmãos. Naamá!

O abutre esticou o pescoço nu, até que grandes asas negras e olhos negros como carvão revelaram-se no rosto branco.

— Rofocale!

Um zumbido estridente, um chiado de mosquito e então se viu no deserto um nefilim com asas de vermelho flamejante e olhos cor de granada.

— Eiché!

O crocodilo abriu a boca, ostentando as horrendas presas. Parecia que ele engolia a si mesmo e vomitava um nefilim alto, de asas verdes e olhos esmeralda.

Ialí tremeu ao ver o dragão/lagarto.

— Eblis!

Ele irrompeu das escamas, belo; imponente.

— Estael!

A barata arrastou-se alguns centímetros e então soltou um estalo e fez subir poeira, que se dissipou para revelar outro nefilim.

— Ezequen! — O camaleão.

— Negarsanel! — A pulga.

— Rugziel! — A minhoca.

— Rumael! — A lesma.

— Rumjal! — A formiga vermelha.

— Ertrael! — O rato.

Uma a uma, as criaturas transformaram-se em nefilins com pele branca e

brilhante, além das asas multicoloridas.

Ugiel ergueu os braços.

— Eu, Ugiel, na presença dos meus irmãos nefilim, desposo Maalá, penúltima filha de Noé e Matrede.

Maalá andou devagar na direção dele e foi envolvida pelas grandes asas.

Ialí lutou para respirar. Ela sentia um aperto no peito.

Então ela viu que havia outro círculo, fora da roda dos nefilins.

O pelicano que todo dia trazia água para o jarro esticou-se até transformar-se na figura alta e reluzente com cabelo e asas prateadas.

— Alarid!

A luz pareceu brilhar contra a casca bronze do escaravelho, que se ergueu num agitar de asas douradas e pele lustrosa.

— Adnarel!

Um leão castanho com uma grande juba ergueu-se sobre as patas traseiras e esticou-se até sua forma seráfica.

— Aariel! — As pontas douradas das asas cintilavam à luz das estrelas.

Uma cobra dourada, do tamanho de uma naja, mas tão clara quanto a serpente era escura, gritou ao ser transformada.

— Abasdarhon!

Um a um, os serafins gritaram seus nomes ao mudar de forma. Um morcego dourado lançou-se no ar.

— Abdiel!

Uma coruja branca franzida arregalou os olhos redondos e prateados, e os olhos de repente eram da mesma prata do rosto dos serafins, e asas azul-lua pareciam tocar o céu.

— Akatriel!

Um leopardo branco, veloz como o vento, gritou:

— Abuzohar!

Um ratinho liso e peludo ergueu-se, berrando:

— Achsá!

Perto do ratinho, um tigre se mexeu, levantou, se esticou.

— Adabiel!

Um camelo branco e uma girafa levantaram-se com diferença de instantes.

— Admael!

— Adnachiel!

Por fim, um ganso branco subiu aos céus, suas asas mudando para branco-neve.

— Aalbiel!

Parecia haver algo de curativo em gritar os nomes.

Embora a roda dos serafins ficasse fora da dos nefilins, quando eles abriam suas grandes asas em toda envergadura, as pontas se tocaram.

Do mesmo modo, os nefilins ergueram suas asas, virando-se para encarar os serafins, e a glória que era suas asas também roçaram.

— Irmãos — disse Alarid. — Vocês ainda são nossos irmãos.

Ugiel tocou suas asas cor de lavanda nas prateadas de Alarid.

— Não! Renunciamos a vocês e a tudo que representam. Este planeta é nosso. Sua gente é nossa. Não sabemos por que continuam aqui.

Alarid respondeu com firmeza:

— Porque, por mais ruidoso que seja ao nos renunciar, ainda somos irmãos, e isto nunca vai mudar.

Por um instante, Ugiel pareceu mais serpente que nefilim. Ialí conteve um grito. Maalá, pequena e frágil, continuava no meio da roda, protegida apenas pelos cabelos negros.

Eblis, que tremeluzia entre as formas de dragão/lagarto e de nefilim, tocou as asas de Aariel.

— Fizemos nossa opção. Renegamos o céu.

— Então a terra nunca será sua. — Aariel voltou a ser um leão e, dando um forte rugido, saiu a galope e sumiu no horizonte distante.

As duas rodas romperam-se com um grande turbilhão de asas. Ialí piscou e, quando abriu os olhos, viu apenas um nefilim alto com asas cor de lavanda, com seu braço carinhoso sobre Maalá. Maalá, tão alta quanto qualquer mulher do oásis, mas que mal chegava à cintura de Ugiel.

• • •

Ialí estava sentada na pedra, como se houvesse sido congelada até ficar imóvel. As asas de Ugiel se abriram, envolvendo, protegendo graciosamente Maalá. Ialí achou que havia sentido cheiro de pedra. Então houve um lampejo, não forte como o do unicórnio, mas um lampejo de trevas mais escuro que a noite, e o deserto à sua frente se esvaziou. Maalá e Ugiel haviam sumido.

Ela gritou de medo.

— Pequena — falou atrás dela uma voz suave. — Por que tem medo?

Ela virou-se para ver Eblis, suas asas roxas erguidas de modo que pareciam imiscuir-se com o céu noturno.

— Maalá... — disse ela. — Eu temo por Maalá.

— Por que temer, preciosa? Ugiel cuidará dela. Assim como eu cuidarei de você. Há boatos no oásis quanto a terrores por vir, de vulcões em erupção, de montanhas caindo, terremotos, tais como nunca antes se sentiu, levantes diferentes dos minúsculos tremores que mal se nota.

Ela assentiu.

— Acho que meu pai está com medo. Mas o que podemos fazer? Se o vulcão vai entrar em erupção, não há como deter.

— Não. Tampouco você conseguirá fugir. Mas eu vou protegê-la.

— Como?

— Os nefilins têm poderes. Se vier comigo, posso mantê-la em segurança.

— Ir com você? Para onde?

— Eu lhe farei uma casa cheia de belezas. Você não terá mais que dormir em peles ásperas, que ainda fedem a bichos. Eu lhe darei comida e vinho tal como nunca provou. Venha, minha amada joia, venha comigo.

— Quando...? — Ela hesitou.

— Agora. Hoje.

Ela pensou nas duas rodas, a dos serafins e a dos nefilins. Era Eblis que lhe oferecia proteção, não Ariel. Maalá havia ido com Ugiel, não com Alarid.

— E a minha família? — perguntou ela. — E os meus gêmeos?

— Só você — disse Eblis. — Meus poderes só vão até aí.

Ela olhou para as estrelas. Fez não com a cabeça.

— O gêmeo Den ainda precisa de mim.

— O amor é paciente — disse Eblis. — Vou aguardar. Mas creio que ao fim você virá a mim. — A mão dele acariciou seu cabelo suave, escovado, e havia prazer no toque.

Ela piscou, olhou para o padrão brilhante das estrelas, e parecia que ela enxergava Sandy curvando-se a ela na barraca do avô, que conseguia ver Dennys segurando sua mão conforme a dor de suas queimaduras o fazia gritar.

Eblis tocou seu cabelo de novo.

— Vou aguardar.

• • •

Jafé veio visitar Dennys, examinando-o com cuidado, tocando as últimas crostas, delicadamente puxando uma tira de pele fina que descascava.

— Você está melhor.

— Bem melhor. — Dennys sorriu para ele e o sorriso não parecia mais ferir a pele queimada do rosto. — Eu saio à noite com Ialí e Oolibamá e nós escutamos as estrelas.

— É bom que vocês consigam ouvir as estrelas. — Jafé sentava-se ao lado de Dennys na pilha de peles, pondo as mãos manchadas de roxo de trabalhar no vinho sobre os joelhos morenos.

Dennys parecia perturbado.

— Só ficam me dizendo para fazer a paz. Pelo menos é o que eu ouço as

estrelas me dizerem.

Jafé concordou.

— Ooli me disse. A paz entre meu pai e meu avô. Você conversou com meu pai sobre o desentendimento entre ele e o Avô Lameque?

— Sim, uma vez, quando ele veio me visitar. Mas não entendi bem qual é o motivo da disputa.

— Água — disse Jafé, sem rodeios. — É disso que trata a maioria das disputas no oásis. O avô tem os poços mais fundos e mais abastecidos do oásis, mas deixa seus jardins e pomares deteriorarem-se por causa da idade.

— Mas ele deixa vocês pegarem toda água que precisam dos poços, não deixa?

Jafé suspirou, depois riu.

— Ah, Den, a disputa é tão antiga e imbecil que tanto meu pai quanto meu avô esqueceram do que trata. Os dois são teimosos e cabeças-duras.

— Seu avô... como ele é? Quero dizer: se ele é tão velho, consegue cuidar bem do Sandy?

— Ah, consegue, claro. O Avô Lameque é tão hospitaleiro quanto nossa mãe, além de gentil e delicado. Foi ele que ensinou a Ialí e a mim como ouvir as estrelas, e a entender o vento, e a amar El. — Ele deu outro suspiro. — Ah, Den, sinto muito envolvê-lo nessa disputa de família.

Dennys também suspirou. Não respondeu. Ele olhou para o céu bronze, atrás do qual ficavam as estrelas. E elas já o envolviam.

Ele estremeceu.

. . .

O Avô Lameque e Higaiom começaram a tirar Sandy da barraca durante o dia. Não ao sol direto e brutal, mas à penumbra do pomar denso. Assim como Dennys, Sandy usava apenas uma tanga. Suas roupas de baixo estavam dobradas com seus outros pertences, caso voltasse a precisar deles. A tanga, diferentemente das próprias roupas, podia ser limpa com areia, eventualmente descartada e substituída. Ele gostava da liberdade da tanga, gostava de como sua pele havia melhorado e aos poucos ganhava um bronzeado róseo.

Adnarel passava na barraca do Avô Lameque quase todos os dias. Conforme Sandy ficava mais forte e mais disposto a aceitar que não ia acordar em casa, ele tomou maior consciência de seus arredores e da atenção carinhosa que o minúsculo ancião lhe dedicava.

— Ei, Avô Lameque — disse ele certa manhã, depois do café —, agora que estou melhor, é hora de deixar de ser um bicão.

O idoso olhou para ele com ar interrogativo.

— O que é isso?

— O que posso fazer para ajudar? — perguntou Sandy. — Nunca cozinhei nada, mas não há coisas que eu possa fazer aqui fora para ajudar? Em casa, Dennys e eu buscamos lenha, cortamos a grama e temos uma grande horta.

Ao ouvir falar na horta, os olhos de Lameque brilharam.

— Tenho uma horta e nos últimos tempos tenho deixado-a de lado. Higiom ajuda com a irrigação, mas estou muito velho para as longas horas de trabalho, e agora há grandes ervas daninhas sufocando as plantas.

— Pode deixar comigo! — exclamou Sandy. — O Dennys e eu somos ótimos jardineiros.

O rosto do Avô Lameque enrugou-se num sorriso amplo.

— Não tão rápido, filho. As horas de trabalhar no jardim são o início da manhã e assim que o sol se põe, ao fim da tarde.

— Ah.

O idoso riu.

— O fato é você não pode sair no jardim durante o dia, pois será derrubado pelo sol de novo. Mas assim que o sol cair atrás das palmeiras eu lhe mostrarei o jardim. E agradeço a você, meu caro Sand. Acredito piamente que você me foi enviado por El.

— Ei, é o mínimo que posso fazer.

No fim da tarde, quando os raios do sol estavam mais inclinados, Lameque e Higiom levaram-no por um pequeno pomar no jardim, que de fato precisava de cuidado. Grandes ervas daninhas, de variedades que Sandy nunca havia visto, haviam crescido mais que muitas das plantas. Seria trabalho em tempo integral. As ervas daninhas tinham raízes fundas, que ele descobriu ao tentar arrancar uma. Ele encontrou uma pedra afiada e já ia começar a cavar se Lameque não o tivesse detido.

— Você não está pronto para trabalho tão pesado e ainda está quente. Amanhã pela manhã você pode sair por uma hora.

— Tudo bem. Vou me sentir em casa ao voltar a trabalhar num jardim.

Sandy sabia que não precisava conquistar a aprovação do Avô Lameque, mas ficava feliz por poder fazer algo pelo idoso que lhe fora tão gentil. Apesar da profusão de ervas daninhas, o jardim era exuberante, com mais plantas que ele já vira na vida. *Pena que não tinha como enlatar nem congelar nada.*

— Algumas nós deixamos secar ao sol. — Lameque apontou para uma grande fileira de flores ovais vermelhas sobre caules altos, frondosos, e outra de uma coisa roxa que parecia berinjela, mas tinha o dobro da altura das plantas em sua casa. Se essa gente do deserto eram as menores pessoas que Sandy já havia visto, suas plantas eram as maiores. — Assim — prosseguiu o idoso — podemos

comê-las no inverno em sopas e ensopados. Também tenho pomares de árvores frutíferas, que precisam de poda e colheita. Jafé e Oolibamá vêm quando podem para me ajudar, mas já têm muito o que fazer nas parreiras do meu filho. Deve ter sido ordem das estrelas que você viesse no momento em que tenho que aceitar que não dou conta sozinho. — Sua expressão era de alegria.

Sandy sentiu-se banhado pela alegria do idoso. Com certeza não haveria tempo para tédio. E se havia muito a fazer, haveria menos tempo ali para se preocupar em voltar para casa.

• • •

— O Den está bem melhor — disse Adnarel uma manhã.

Sandy assentiu.

— Que bom. Mas por que vocês nos chamam de o Sand e o Den, como se Sands e Dens fossem tipo espécies raras?

A risada forte de Adnarel ressoou.

— Assim aprendemos com Jafé. Para ele, o Sand e o Den são de fato espécies raras, de um tipo que nunca se viu neste oásis ou mesmo em qualquer oásis ao redor. É bom que sua cabeça esteja coberta. — Adnarel fez um assentir de aprovação ao chapéu de palha que Matrede havia trazido uma noite, junto à lamparina. — Lameque me diz que você está fazendo um ótimo trabalho no jardim.

Sandy encaixou o chapéu na cabeça.

— As ervas daninhas são um problema. Temos em casa também, porém, não assim. Mas vou me livrar delas, pouco a pouco. Ei. O seu nome, Adnarel, quer dizer alguma coisa?

— Que vivo a serviço do Criador do Universo.

— Por que às vezes você é Adnarel, como está agora, e às vezes é um escaravelho? — Sandy começou a coçar o ombro onde a pele ainda descascava, aí deteve-se.

— Não sei bem se você vai entender — disse Adnarel. — O escaravelho é meu hospedeiro terreno.

— E por que você precisaria de um hospedeiro terreno?

Adnarel suspirou.

— Falei que talvez você não fosse entender.

— Ei. — Sandy ficou indignado. — Dennys e eu talvez não sejamos os gênios da família, mas pra idiotas não servimos.

— É verdade. E suspeito que também entendem que energia e matéria são intercambiáveis.

— Bom, é claro. Nossos pais são cientistas.

— Por outro lado, vocês vivem num lugar e numa época onde aqueles como eu foram esquecidos ou renegados. Não foi fácil fazer vocês acreditarem em um unicórnio até haver grande necessidade.

Sem pensar, Sandy coçou o antebraço e pedaços de pele caíram no chão.

— Quando você está no escaravelho, você entende tudo que falamos?

— Com certeza.

— Então por que se dá ao trabalho de sair?

— Quando eu sou o escaravelho, tenho que aceitar meus limites.

Sandy deu um grunhido.

— Eu penso melhor quando tenho o Dennys para trocar ideias. Quando eu vou conseguir vê-lo de novo?

— Assim que ele puder vir para cá. O Avô Lameque ofereceu sua hospitalidade. Aqui é menos barulhento e movimentado do que na barraca grande.

Sandy deu um suspiro.

— As pessoas têm sido gentis conosco. Você também.

Adnarel deu um sorriso tão sério que mais parecia uma carranca.

— Ainda não sabemos por que vocês estão aqui. Deve haver propósito para sua presença. Mas não sabemos qual é. — Seus olhos pareciam disparar faíscas douradas contra Sandy. — Você sabe?

— Queria saber — disse Sandy. — Parece que foi um acidente bobo.

— Duvido.

• • •

Noé veio visitar Dennys mais uma vez.

— Disseram-me que você está quase bem.

— Sim. Obrigado.

— Oolibamá diz que em breve você estará bem para ir embora.

Dennys teve um surto de pânico.

— Ir embora? Para onde?

— Para a barraca do meu pai. Para se reencontrar com seu irmão.

O pânico diminuiu.

— Eu gostaria. Fica longe?

— A meio oásis daqui.

A aba da barraca havia sido presa para ficar aberta, e através dela e do buraco do teto Dennys ouvia as estrelas. Conseguia ouvir o retinir delas.

— O senhor vai me levar?

Noé mexeu na barba.

— Eu não vou à barraca do meu pai.

— Não entendi.

— Ele é quem deve vir a mim.

— Por quê? O senhor não é o filho?

— Ele é velho. Ele não consegue cuidar dessas terras como tem que ser.

— Desculpe, Pai Noé, mas ainda não entendo por que o senhor não o ajuda.

— Eu já lhe disse. — A voz de Noé ficou áspera. — Trabalho muitas horas no vinhedo. Não tenho tempo para ficar de mimos com o velho.

— Falar com seu pai é mimo, ou seja lá como chama? Sandy e eu às vezes nos irritamos com nosso pai. Ele presta mais atenção na nossa irmã e no nosso irmãozinho do que em nós, porque eles são gênios e nós somos só... mas, mesmo quando estamos bravos com ele, ele ainda é nosso pai.

— Então?

— Quando chegamos em casa, vamos ter que dar muitas explicações ao Pai. Ele provavelmente estará muito irritado conosco.

— Por quê?

— Bom, nós meio que nos metemos numa coisa que ele trabalhava.

— Não sei do que está falando — disse Noé.

— Nem eu entendo perfeitamente. O fato é que nós vamos ter que conversar com nosso pai quando chegarmos em casa. Seria imbecil tentar evitá-lo.

— Então por que está me contando isso?

— Bom... eu acho mesmo que o senhor devia tentar conversar com seu pai.

— Umpf.

— Não quero ser grosseiro nem nada, mas me parece que esta discussão sobre poços e essas coisas durou tanto tempo que não faz mais sentido. E ele é idoso, o senhor é muito mais novo e deveria fazer força para ceder.

— Ceder é ser forte?

— É preciso coragem para dizer “Sinto muito”. É o que Sandy e eu vamos dizer a nosso pai quando chegarmos em casa.

— Então por que dizer? — grunhiu Noé.

— Porque as coisas não ficarão bem entre nós até dizer.

— Você é muito novo para me dizer o que tenho que fazer. — Noé estava irritável. — Não estaria vivo agora se não tivéssemos abrigado vocês.

— É verdade, e sou mais grato que se pode colocar em palavras. — As estrelas retiniram com ele de novo. — Pai Noé, por favor vá falar com seu pai e fazer as pazes com ele antes que morra.

Noé grunhiu. Ergueu-se. Saiu da barraca.

Dennys olhou para a porção de céu aveludado que ele via pela aba aberta. As estrelas brilhavam. Em silêncio.

• • •

Tiglá, a dos cabelos vermelhos, esfregou o suco de frutas vermelhas em seus lábios e sobre as bochechas. Tomou uma vara de madeira que ela havia rasgado em uma ponta para fazer uma escova e usou-a em seus cachos abundantes. Ela havia tirado o pior dos emaranhados com os dedos e a escova servia apenas para dar lustre.

Sou linda, muito linda, ela pensou. *Meu cabelo é vermelho como as asas do nefilim. Somos lindos juntos.*

Um mosquito estridulou perto da sua orelha, pousou em seu pescoço e a picou.

— Ai! — reclamou ela. — Por que fez isso?

O mosquito sumiu e um nefilim, com asas como chamuscas, surgiu diante dela.

— Porque você é linda de fato. Você é tão linda que eu podia te devorar.

Ela estourou de lágrimas.

— Não me pique, Rofocale!

O nefilim riu.

— Foi só uma picadinha. Me conte, pequena Tiglá, você viu o jovem gigante que seu pai e seu irmão expulsaram da barraca?

— Não. Eu acho que as mulheres da barraca de Noé estão cuidando dele.

— Sua irmã?

Tiglá riu.

— Eu não gostaria de depender de Aná caso precisasse de ajuda. As mais novas estão cuidando dele. Oolibamá e Ialí. Aná é prestativa quando precisam de unguentos, e...

— E como que ele entrou na barraca, para começar?

Ela franziu a boca.

— Como que eu vou saber? Eu pedi um unicórnio e de repente o gigante branquelo apareceu. Fiquei triste por terem levado o menino embora. Eu queria ter a chance de conversar com ele.

— Tiglá, minha bela, você fará tudo que eu pedir, não fará?

— Desde que não me peça para fazer o que eu não quero.

— Eu quero que você conheça esse jovem gigante. Que descubra de onde ele veio, por que está aqui. Fará isso por mim?

— Com prazer.

— Não prazer demais — retrucou Rofocale. — Quero que ele se sinta atraído por você. Não quero que você sinta algo por ele. Você é minha. Não é?

Ela o beijou. Os lábios dele eram vermelhos como os dela, embora não houvesse passado suco de amoras.

— Minha — ronronou Rofocale. — Minha, minha, só minha.

• • •

No frescor da noite, Sandy sentou-se no banco feito pela raiz da antiga figueira. Higaiom estava enrolado a seus pés, fazendo bolhinhas enquanto dormia e sonhava.

Um homem de barba castanha com fios grisalhos e com cabelo castanho rareando correu na direção dele, saindo da trilha pública para rumar à barraca do Avô Lameque. Ele foi até o garoto e o mamute. Encarou-o.

— Você é o Sand.

— Eu sou Sandy. Sim.

— Disseram-me que você parece um garoto em dois corpos. Agora acredito.

— Quem é o senhor? — perguntou Sandy, curioso.

— Eu sou Noé. Seu irmão está em uma das minhas barracas e minha esposa e filhas estão cuidando dele.

— Obrigado — disse Sandy. — Ficamos muito gratos.

Noé continuou a encará-lo.

— Se não soubesse que o Den está numa das minhas barracas, eu diria que você é ele. Como é possível?

— Somos gêmeos — explicou Sandy, cansado.

— Gêmeos. Nunca ouvimos falar de gêmeos. — Ele fez uma pausa e olhou para Sandy, depois para a barraca. — Meu pai está na barraca?

Sandy fez que sim.

— Está descansando. — Então complementou: — Mas sei que ficaria contente em ver o senhor.

Ele queria sentir-se tão seguro quanto sua voz transmitia. O Avô Lameque lhe parecia uma pessoa teimosa, com a teimosia natural incrementada pela idade.

Sem dizer mais, Noé entrou na barraca.

Noé!

De repente ele captou o nome. Sandy não ouvira Noé ser chamado pelo nome. Lameque, quando falava dele, referia-se ao homem como “meu filho”. As mulheres que vinham com a lamparina chamavam-no de Pai.

Noé.

Foi como se as galáxias rodopiassem. Sandy estivera convencido de que ele e Dennys haviam se lançado para longe de casa, pelo menos para longe do nosso sistema solar, provavelmente longe da nossa galáxia. Se esse Noé era o Noé da história de Noé e o dilúvio, eles ainda estavam no próprio planeta. Eles haviam sido jogados através do tempo, não do espaço. E chegar em casa através do tempo talvez fosse mais difícil do que voltar através do espaço,

independentemente da distância.

Mas tudo parecia se encaixar. Gente do deserto. Nômades com barracas. Gado. Camelos. As pessoas eram menores que as do fim do século XX. Bem antes, nos tempos pré-diluvianos, era lógico que seriam bem menores. Higiom era pequeno para um mamute.

Ele botou a cabeça nas mãos, sentindo uma tontura repentina.

• • •

Dennys estava sentado junto a Jafé, Oolibamá e Ialí nas pedras do deserto. O céu ainda estava corado de luz. As primeiras estrelas ganhavam trêmula existência.

Jafé olhou para Dennys à última luz.

— Você conversou com meu pai.

— Sim.

— Ah, fico contente! — exclamou Ialí.

— O Pai foi para algum lugar — disse Jafé. — Na direção da barraca do Avô Lameque.

Oolibamá ergueu os olhos ao céu.

— Agora ele ficará mais feliz. Todos nós ficaremos. Onde há disputa sem concílio, todos sofrem.

Dennys parecia perturbado.

— Não sei bem se ele me ouviu.

— Mas você ouviu as estrelas — disse Oolibamá — e obedeceu ao comando delas.

— É tudo que alguém podia fazer — complementou Jafé. — Agora está nas mãos de El.

Dennys fechou os olhos. *Espero que Sandy não me ache louco. Espero que eu não me ache louco. Obedecendo às estrelas.*

— Fiquei com vontade de correr — disse Oolibamá, que se levantou e começou uma corrida pelo deserto, Jafé logo atrás.

— Venha! — Ialí chamou-o e pulou da pedra. Dennys, com suas pernas compridas, alcançou-os facilmente e de repente estava de mãos dadas com Ialí e Oolibamá, e os quatro rodopiavam numa alegre dança. O luar e a luz das estrelas os banhavam. Dennys, aos saltos pela noite, sentiu-se mais vivo do que nunca.

• • •

Sandy e Higiom levantaram-se, alarmados, ao ouvirem o estrondo na barraca. De início parecia um barulho de irritação. Depois, riso. E então, silêncio absoluto. Sandy sentiu que seu coração acelerou. As orelhas de Higiom se ergueram de surpresa. Ele levantou a tromba.

— Eles não iam se machucar, não é... — disse Sandy em voz alta. Higiom

ficou encarando-o com seus olhos claros e redondos.

Então a aba da barraca se abriu, e Lameque e Noé atravessaram com dificuldade, pois os dois estavam abraçados e lágrimas escorriam pelos rostos.

A voz de Lameque estava tão afogada em emoções que as palavras saíam abafadas.

— Este meu filho estava morto e agora vive, estava perdido e foi encontrado.

Noé abraçava o idoso com força.

— Este é meu pai, meu velho e teimoso pai. Somos farinha do mesmo saco.

— Ele olhou para Sandy. — Assim como você e o Den são farinha do mesmo saco.

— Ei — disse Sandy. — Fico contente que vocês se acertaram.

— Foi o Den — disse Noé. — Ele ficou insistindo e insistindo comigo.

Sandy pareceu surpreso. Em casa, no colégio, Dennys raramente tomava a palavra. Ele seguia o que Sandy dissesse, mas raramente era o primeiro a se pronunciar.

— Ora. Que bom.

— Ele também está quase curado. Em breve poderá encontrá-lo. Meu pai...

— Ele fez uma pausa. — Eu ficaria contente em deixar o Den conosco, mas minha barraca está lotada e barulhenta. E meu pai o convidou para ficar aqui.

— Que ótimo — disse Sandy. — Obrigado, Avô, obrigado mesmo. E Dennys pode me ajudar com o jardim.

— Então devíamos comemorar — disse Noé, que lhe entregou um pequeno odre de vinho. — Não tem muito, mas é o meu melhor.

— Um pouco já basta. — O idoso levou o odre a seus lábios, depois deu um estalo de aprovação. — De fato, o seu melhor. — Ele entregou o odre a Sandy, que tomou um pequeno gole e mal conseguiu engolir sem fazer uma careta.

— El também falou com você? — perguntou Lameque ao filho.

— Falou. Quando El se pronunciava, eu entendia o que era dito. Agora é tudo confusão. O que El lhe diz?

O Avô Lameque colocou o braço sobre os ombros do filho.

— El me diz que estamos no fim dos tempos.

— Fim do quê? — perguntou Noé.

— De tudo que conhecemos, penso eu — disse o idoso. — Não é apenas questão de levar nossas barracas aonde há mais água e pasto melhor para o gado. Às vezes eu também sinto que as palavras são pura confusão. El fala em muitas águas, mas não há água próxima daqui, fora nos poços.

Sandy, sentado ao lado do idoso, com o mamute deitado por perto, estremeceu. O Avô Lameque, se não morresse antes, mais Noé e família, mais uma boa quantidade de bichos, seriam os únicos a escapar do afogamento no

grande dilúvio.

Eu já conheço a história, ele pensou, e ficou contente que a noite escondeu seu rubor intenso de vergonha. Não parecia justo ele saber o que o Avô Lameque e Noé não sabiam.

Mas do que ele sabia? Vagas memórias da escola dominical. Deus, irritado com a perversidade humana, manda o dilúvio, mas diz a Noé para construir uma arca e trazer os animais. E aí começam chuvas intensas e, no fim, uma pomba traz a Noé um ramo de oliveira e a arca para sobre o Monte Ararat. Não é uma grande história se você não fez parte.

O Avô Lameque fazia parte da história? Ele não lembrava. O Avô deu tapinhas em Sandy, seu modo de expressar afeto, e continuou a falar. Preocupado com o dilúvio, Sandy perdeu o rumo da conversa. Ouviu o Avô Lameque dizendo:

— Meu avô, Enoque, tinha trezentos e sessenta e cinco anos e então deixou de existir.

Os ouvidos de Sandy se eriçaram.

— Como assim, deixou de existir?

— Ele foi caminhar com El — disse o Avô Lameque. — Era um homem de coração caloroso. E El o levou.

Que história esquisita.

— El o levou? Como?

— Eu era garoto — disse o Avô Lameque. — Ele... Meu Avô Enoque estava caminhando pelo pomar de limoeiros... o mesmo pomar que lhe mostrarei amanhã... ele estava caminhando pelo pomar com El, e aí não estavam mais.

Se aquilo fazia parte da história de Noé e o dilúvio, Sandy não lembrava.

— É normal — perguntou ele — alguém deixar de existir?

O Avô Lameque riu.

— Ah, meu caro, não é nada normal. Mas meu Avô Enoque não era um homem comum. Ele partiu para ficar com El ainda muito moço. Tinha apenas trezentos e sessenta e cinco anos.

— Exatamente um ano solar — disse Sandy.

— Um o quê?

— Um ano solar. Bem, nosso planeta leva trezentos e sessenta dias para dar uma volta no sol.

— Absurdo — disse Noé. — Nós não damos voltas no sol. Ele nos circunda.

— Ah — disse Sandy. — Deixa pra lá.

O Avô Lameque deu um tapa no seu joelho.

— Está tudo bem. As coisas podem ser diferentes lá de onde você vem. Conhece El?

— Bom, sim, mais ou menos. É que nós o chamamos de Deus.

O Avô Lameque aparentemente não ouviu.

— Meu Avô Enoque... que saudades. El fala comigo, e às vezes consigo entender, mas nunca consegui conversar com El no frescor da noite, como dois amigos.

— Então o que o senhor acha que houve com ele, com Avô Enoque?

Lameque assentiu e assentiu, como se respondesse. Enfim falou:

— El o levou e é tudo que preciso saber.

— Pai — disse Noé — o senhor conversa mais com El do que qualquer outra pessoa que conheço.

— Pois meus anos foram compridos, meu filho. Nem sempre foi assim. Estou muito contente que você tenha vindo a mim antes que eu morra.

— O senhor ainda terá muito tempo antes de morrer! — exclamou Noé. — O senhor viverá tanto quanto nosso antepassado Matusalém.

— Não, meu filho. — O braço do Avô Lameque sobre os ombros de Noé apertou de novo. — Minha hora está chegando.

— Talvez El o leve tal como levou Avô Enoque.

O Avô Lameque riu de novo.

— Ah, meu filho, sou carregado de anos e, agora que você veio a mim, estou pronto para morrer. El não precisa me levar tal como levou Avô Enoque.

Sandy olhou para os dois pequenos homens, abraçando-se e rindo e chorando, tudo ao mesmo tempo. Parecia provável que o Avô Lameque morreria antes do dilúvio. Mas quando? E quando viria o dilúvio? Ele passara a amar o Avô Lameque, que, junto a Higaiom, haviam cuidado dele com tanto carinho.

E Ialí?, perguntou-se repentinamente. Ele não se lembrava do nome dela na história bíblica.

E nós, Sandy e Dennys? O que vai ser de nós se o dilúvio vier?

Os serafins

Sandy dormiu aquela noite, como sempre, sobre o manto de Adnarel. Ficou questionando se Adnarel sabia do dilúvio e da destruição de toda a vida na Terra que estavam por vir. Seus braços apertaram Higiom, com quem ele dormia tal como, quando garotinho, dormira com os braços em volta de um pequeno tricerátops de pelúcia. Seus dedos passaram pelo pelo desgrenhado de Higiom, acariciando sua grande orelha. Sentiu algo duro. Era o escaravelho.

O animalzinho lhe dava uma sensação de tranquilidade, mesmo que achasse difícil associar o besouro de bronze ao grande serafim. Bem, ele podia esperar até a manhã para pensar naquilo. Dennys era do pensar, Sandy era do fazer. A ponta lisa da tromba de Higiom roçou a nuca de Sandy e ele relaxou até dormir.

• • •

Adnarel apareceu pela manhã em forma de serafim.

— Venho pensando — disse Sandy. Afinal, não era só Dennys que sabia pensar.

Adnarel sorriu.

— Às vezes é boa ideia. Às vezes, não.

— Dennys e eu estamos no meio da história de Noé e do dilúvio, não é?

Os olhos azul-celestes de Adnarel fitaram-no.

— Assim parece.

— Como vamos voltar para casa?

Adnarel encolheu as asas douradas.

— Da forma como chegaram, quem sabe?

— Acho que não vai ser possível. Enquanto isso, Dennys está numa das barracas de Noé, a meio oásis de distância.

— É verdade. Mas ele está quase pronto para vê-lo.

— O caminho é longo. Ele tem força para vir caminhando?

— É possível.

— Talvez fosse melhor chamar um unicórnio para ele.

— É uma possibilidade.

— Mas então pensei — a testa de Sandy se enrugou de nervoso —, quando

estávamos cavalgando os unicórnios até o oásis, ele sumiu com o unicórnio.

— Não é problema — assegurou-lhe Adnarel. — Se pudéssemos chamar um unicórnio para trazê-lo das barracas de Noé até a de Lameque, e se, por algum motivo, os dois deixassem de existir, chamaríamos o unicórnio de novo à barraca do Avô Lameque e Dennys ainda chegaria aqui.

— Se Dennys caísse do unicórnio — perguntou Sandy, curioso — e o unicórnio deixasse de existir com ele, você poderia chamá-los à barraca do Avô Lameque mais rápido do que levariam para vir, digamos, do jeito comum?

— Ah, com certeza. Nada tema.

— Uau. Espera só até eu contar pro Pai. É nisso que ele vem trabalhando, viajar sem as restrições do tempo. Tesseractar.

Adnarel assentiu.

— De fato, é uma forma de pensar nesta potencialidade. Seu pai está no caminho certo.

Sandy enrugou o cenho, concentrado.

— Ok, então. Se Dennys e o unicórnio deixassem de existir, e você convocasse os dois a existir e eles aparecessem aqui, seria um salto quântico, não é?

— Me diga o que você quer dizer. — Os olhos azul-celeste de Adnarel sondaram Sandy.

— Bom, é tipo, hã, na física de partículas... bom, dá pra medir onde um quantum está, mas não o trajeto daqui até ali. Quer dizer... não dá para medir um quantum tanto na velocidade quanto na sua posição no espaço, não ao mesmo tempo. Dá para medir onde um quantum está, e depois medir onde ele foi parar. Então... — Ele fez uma pausa para retomar o fôlego.

— Então? — perguntou Adnarel, sorrindo.

— Ah, queria que o Dennys estivesse aqui. Ele ia saber explicar melhor. Mas... quando você convoca um unicórnio a existir, você consegue vê-lo, quem sabe até medi-lo. Mas não consegue medi-lo quando ele não existe. A não ser que você o convoque a existir de novo. Talvez as viagens no tempo e no espaço vão ter que ser assim. Um salto quântico. Ou o que meu pai chamaria de tesseractar.

— Você é muito inteligente, meu jovem — disse Adnarel. — Isto não é de fácil compreensão.

Sandy percebeu que havia fechado os olhos e quase parado de respirar para se concentrar melhor. Ele abriu os olhos, tomou um bom gole de ar.

— Você consegue fazer essas coisas?

— O quê?

— Tesseractar. Dar um salto quântico.

Adnarel sorriu de novo.

— Quando estou no escaravelho, como já lhe disse, sou limitado pelo que limita o besouro. Quando estou na minha forma serafim, tenho menos limites.

— Você consegue sair deste planeta, se quiser? — perguntou Sandy. — Digo, você consegue viajar a outros sistemas solares ou outras galáxias?

— Ah, com certeza. Estamos aqui porque há necessidade. Nossos irmãos, os nefilins, não podem deixar este planeta. Eles perderam algumas liberdades.

— Por quê? — perguntou Sandy.

Adnarel, porém, analisava a pele curada de Sandy.

— Você está começando a ganhar um bronze para proteger a pele. Quando seu gêmeo chegar, os dois devem passar algum tempo, depois um pouco mais, ao sol, até que a pele de vocês possa suportar os raios sem queimar. Devem sempre se lembrar de ficar na barraca durante o horário de meio-dia. Mesmo à sombra, vocês podem queimar com os reflexos do sol.

— Eu já tive queimaduras do sol — disse Sandy. — Uma vez nossa tropa de escoteiros foi passar um dia na praia e todos voltaram queimados. Mas não foi nada como isso.

— Creio que vocês venham de uma região mais ao norte do planeta — disse Adnarel—, e este sol é mais jovem do que em sua época.

— E ainda não tem tanta poluição entre a Terra e o sol. Alguém aqui tem alergia?

Adnarel sorriu.

— Alergias só surgem mais à frente.

— Ei — disse Sandy. — A neta do Avô Lameque, Ialí, a que tem os cabelos da cor que você tem na forma de escaravelho... por que ela nunca voltou com a lamparina? Por que é sempre outra?

— Ialí está ocupada cuidando do seu irmão.

Por um instante, Sandy foi tomado por uma onda de ciúmes. Ele balançou a cabeça. Tal como ele e Dennys não se interessavam por criaturas míticas, também não se interessavam por garotas. Eles iam aos bailes do colégio regional, mas geralmente ficavam junto aos times de hóquei e beisebol. Teriam bastante tempo para garotas mais à frente. Quem sabe depois que tivessem carteiras de motorista e não dependessem dos pais para dirigir. Quem sabe quando encontrassem meninas que não eram bobas nem bajuladoras nem exibidas.

Mas Ialí não era boba nem bajuladora nem exibida, nem tinha nada a ver com as meninas do colégio. Mesmo que estivesse tonto da febre na primeira noite na barraca do Avô Lameque, sua lembrança de Ialí era intensa como se ela houvesse vindo com a lamparina na noite anterior. Os cabelos cor de cobre dela guardavam a luz do sol mesmo nas sombras escuras da barraca. Seu corpo era

minúsculo e perfeito. Seus olhos, assim como seu cabelo, retinham a luz do sol. Ele tentou manter a voz estável, mas ela se agudou de imediato:

— Bom, queria que Ialí trouxesse a lamparina hoje à noite.

Adnarel olhou para ele, e Sandy corou. Entendia por que tinha aquelas sensações, mas ao mesmo tempo não entendia nada do que sentia. O misto conflitante de emoções deixava-o perplexo. Suas bochechas estavam quentes, como se fosse da febre e das queimaduras. Perguntava-se quanto Adnarel enxergou. Mas o serafim fitou-o com calma.

— Agora tenho assuntos a tratar longe daqui. Você trabalhou bastante no jardim durante as horas de alvorada. Muito bem. Pode ficar fora da barraca mais quinze minutos. Enviarei um grifo para lhe dizer a hora de entrar.

— O que é um grifo?

— Ah, sim, esqueci mais uma vez — disse Adnarel. — Um grifo é uma fera mística.

— Nada a ver com a manticora, espero. — Sandy jamais esqueceria a manticora.

— Grifos têm mais vocabulário que a manticora. Alguns são ferozes, mas minha amiga é delicada como uma ovelhinha.

— Que aparência ele tem?

— *Ela* é meio leão, meio águia.

— Onde fica cada metade? — A mente de Sandy finalmente deixou Ialí de lado.

— A metade anterior é águia, a metade posterior é leoa. Ela voa como águia, e tem a força de uma leoa. — Adnarel virou-se e caminhou pelo pomar do Avô Lameque com suas palmeiras-reais, damasqueiros, coqueiros, palmeiras-rasteiras, todas que faziam frente aos ventos quentes e davam sombras densas que deixavam Sandy bem refrescado. Ele recostou-se e olhou para a grande extensão do céu, então fechou os olhos rápido frente ao fulgor.

Na sua casa, o céu do verão era azul, e o azul ficava mais claro com as nuvens cumulus brancas. Fora um e outro dia cinzento, o céu estava em movimento constante, protegido pelos morros circundantes. Aqui o céu se estendia nu de horizonte a horizonte, lambido pelas chamas vulcânicas, queimando ao sol.

Uma sombra mais profunda que a das árvores caiu sobre seu rosto. Ele abriu os olhos, esperando ver o grifo.

Em vez disso, havia uma jovem olhando para ele. Sandy perdeu o fôlego. Era a garota de beleza mais deslumbrante que já vira na vida. Minúscula, tal como todos no oásis. Vestia uma pele de cabra branca, que cobria apenas um ombro. Seu cabelo era um raio de sol vermelho. Seus olhos eram amendoados e verdes tal como a grama da primavera na sua casa. O corpo dela era perfeito, sua pele

da cor do pêssego.

— Olá! — disse ela, olhando para ele com um sorriso radiante. — Estou muito contente em revê-lo.

Sandy olhou para ela, pasmo.

— Você não se esqueceu de mim, esqueceu? Sinto muito pelo que aconteceu, quando meu pai e meu irmão...

— Não sei do que está falando. — Sandy não conseguia tirar os olhos dela.

— De quando você apareceu de repente na nossa barraca, e meu irmão e meu pai... — As palavras dela cessaram de novo, como se não quisesse terminar a frase.

— Eu nunca estive na sua barraca. — Sandy estava confuso. — Só saí da barraca do Avô Lameque para cuidar do jardim... Ah. Você deve estar falando do meu irmão.

Ela arregalou os olhos. Seus cílios eram compridos, escuros e belos.

— Seu irmão?

— Meu irmão gêmeo — disse Sandy. — Somos bem parecidos.

— Não é você que está numa das barracas de Noé?

— Não. Aquele é meu irmão, Dennys.

— Ah. Então quem é você?

— Eu sou o Sandy.

— Ah, então, Sandy, fico feliz em conhecê-lo e em saber que está sendo bem-tratado.

— Qual é o seu nome? — perguntou Sandy.

— Eu sou Tiglá. Sou irmã de Aná.

— Aná?

— Esposa de Cam. Nora de Noé. E sou amiga de Maalá. Conhece Maalá?

— Não.

— Maalá é filha de Noé, a segunda mais nova. Ialí é a caçula. Maalá é a mais bela da família. Temos dado pomadas a Ialí e Oolibamá para ajudar na cura do seu irmão. Ah, meu caro, é tão confuso. Digo: fiquei surpresa em encontrá-lo aqui e não com Noé, e aí você não é você, quer dizer, você não é o que apareceu na barraca do meu pai naquela noite e que... Gigantes de mesma aparência! E sem asas...

Sandy deu um suspiro.

— Na nossa época e local não temos altura nem próxima de gigantes. Somos apenas altos e possivelmente ainda nem acabamos de crescer.

— Vocês não têm pele branca como a dos nefilins, e não têm asas, mas são da altura deles. E tão belos quanto, mas de um jeito diferente. — Ela tocou no rosto dele. Então se inclinou, chegando mais perto, e ele ficou em parte fascinado e

em parte avesso ao forte odor de transpiração misturado a um perfume igualmente pungente. Ela havia passado algo vermelho nos lábios e nas bochechas. Parecia o suco de alguma fruta. Ela abaixou-se mais e roçou seus lábios nos dele.

— Ei! — objetou Sandy.

— Você é muito doce, sabia? — disse ela. — Você é muito doce. E jovem, não é?

Sandy respondeu, sério:

— Somos adolescentes.

— O que é isso?

— Moços.

Ela balançou a cabeça.

— Os nefilins não têm idade. Apenas são. Mas já andaram por aí. Não há nada que não saibam.

Sandy deu um suspiro.

— Bom, eu não sou igual aos nefilins.

Os lábios dela tocaram os dele de novo, quentes e com cheiro de fruta.

O grito de um pássaro rompeu o céu. Acima deles se viu a sombra de duas asas escuras, depois um estrondo, e o debater de um longo rabo peludo. A grifo aterrissou. Do bico dela saiu um guincho de negação, que era evidentemente um “não, não, não”. E outro guincho que soou muito parecido com “Tiglá”.

Tiglá encostou-se no tronco de uma grande palmeira, esticando os braços para o alto e revelando toda a perfeição de sua silhueta.

— Vá embora, grifo. Eu gosto desse jovem gigante e acho que ele gosta de mim.

A grifo deu um grito de águia e colocou-se entre Tiglá e Sandy. Seu bico se abriu.

— Vá, vá, vá.

— Não, não, não — imitou-a Tiglá. — Ele está muito bem enquanto eu lhe dou atenção. O outro que parece com ele tem Ialí e várias mulheres à sua volta. É justo que ele tenha cuidados femininos, não é, Sandy?

Antes que ele pudesse responder, a grifo havia empurrado Tiglá, delicada, mas firmemente, rumo à trilha.

— É bom que você não me machuque! — berrou ela, indignada. — Rofocale é meu amigo.

Do bico da grifo saiu um som que parecia um estridular de mosquito. Tiglá lhe deu um chute, acertando bem na junção entre águia e leoa. Suas unhas do pé eram compridas e afiadas. O rabo de leoa remexeu-se para lá e para cá de irritação. Então a grifo começou a empurrar Sandy, insistindo que o garoto

voltasse à barraca.

— Eu ainda não quero entrar. — Sandy olhava para os olhos verdes e sorridentes de Tiglá.

A voz dela era sedutora.

— Não gostaria de vir comigo a uma casa de banho?

— A casa de banho tem *água*? — perguntou Sandy, entusiasmado. A terra do jardim estava enfiada nas suas unhas, e ele não conseguia limpar com areia.

— Água? Para quê? — perguntou ela.

— Para tomar banho.

— Oh, não! — Seu tom era de choque. — Que ideia insalubre! Banhamo-nos com óleo, e temos perfumes maravilhosos que encobrem todo cheiro ruim. — Ela deu risinhos. — Quem já quis se banhar com água?

Sandy sentiu-se incitado à barraca pela grifo. Ele não sabia o que pensar de casas de banho onde não havia água, e onde perfume encobria os cheiros ruins, tanto quanto não tinha certeza a respeito de Tiglá. Não havia ninguém nem parecida com ela no colégio nem no vilarejo. Ela lhe dava uma agradável sensação de formigamento. E, como havia ressaltado, Dennys estava sob os cuidados de Ialí.

A grifo o empurrou até a barraca.

O Avô Lameque aguardava-o com uma tigela de sopa. Parecia menor do que nunca e incrivelmente ancião. A mão dele, segurando a tigela, balançava um pouco. Sandy olhou para ele com nervosismo.

— Sand, meu caro, está atrasado — disse ele.

— Desculpe, Avô Lameque. Estava conversando com uma garota.

O Avô Lameque ficou desconfiado.

— Que garota?

— Ela chama-se Tiglá e é irmã de uma das noras de Noé.

— Irmã de Aná — disse o idoso. — Tenha cuidado, Sand.

— Ela é linda. Quero dizer, ela é deslumbrante.

— Pode até ser — disse o Avô Lameque. — Mas isso não basta.

Sandy achou melhor mudar de assunto.

— Estou com sede. A sopa estava ótima, Avô, mas tem algo gelado para beber? Água?

O velho balançou a cabeça.

— Posso lhe dar suco de frutas. A água é muito preciosa para se gastar uma bebida. Vocês não têm poços lá de onde vem?

— Claro que temos — disse Sandy. — Não há abastecimento de água municipal onde moramos, então temos um poço artesiano.

— E sua água vem sem parar?

— Bom, no outono, quando passa um tempo sem chover, não podemos tomar banho demorado e nossos pais pedem para não dar descarga toda vez que usamos a privada...

— A o quê?

— Desculpe — falou Sandy. — Sempre esqueço.

O Avô Lameque era mais ordeiro quanto às necessidades de seu corpo do que muitos nas trilhas próximas a seu terreno. Requisitara com toda educação que Sandy, sempre que precisasse aliviar-se, se dirigisse a um pequeno pomar com drenagem para o deserto. Mas muitas pessoas não usavam um lugar especial. Quando Sandy se distanciou da casa do Avô Lameque e passou pela trilha pública, vira ruas cheias de esterco humano, assim como de camelo, cabras e vacas. Talvez a fúria do sol queimasse as coisas que provocavam doenças. Ele teria que perguntar a Dennys. Dennys entendia mais de condições sanitárias, vírus e germes do que Sandy. Mas, se ele fosse tratar de lei ambiental no futuro, teria que aprender estas coisas.

O Avô Lameque lhe deu uma tigela de suco de uva sem fermentação, e Sandy bebeu, voraz. Ele cheirou a panela sobre as brasas da lareira. O Avô Lameque cozinhava ao refrescar da noite, depois deixava a panela nas cinzas, onde mantinha um calor agradável.

— Que cheiro bom, Avô Lameque. O que é?

— Caldo — disse o idoso.

— De quê?

— Lentilhas, cebolas e arroz, bem temperados.

— Olha, vou ter que contar pra minha mãe como se faz quando voltar pra casa. — Um pequeno acesso de saudades envolveu-o conforme sua imaginação viu o laboratório e a caçarola cozinhando sobre o bico de Bunsen.

Higaiom também fungou. Ele tinha sua própria tigela e comia da mesma comida que Sandy e o idoso.

O Avô Lameque parecia mais titubeante a cada dia. Se Dennys viesse à barraca, não seria demais para o idoso?

Mas agora que Noé e Lameque haviam reconciliado-se, Noé não só vinha à barraca de Lameque para conversar, mas trazia grandes panelões de comida, odres de vinho, cachos de uvas. E os dois riam e choravam, e Noé abraçava o pai.

— Ah, meu pai, você tem que viver para sempre!

E Lameque não respondia.

• • •

No fim das contas, Dennys iria cruzar o oásis a camelo, um camelo branco de

nariz comprido e presunçoso, lábios borrachentos de desprezo, olhos com extraordinária cor de genciana, com longos cílios a lhes dar sombra.

Noé havia cortado o pé em uma pedra afiada, e Matrede proibiu-o de acompanhar Dennys.

— Agora que você e seu pai se reconciliaram, quer estragar tudo com um pé infeccionado? Ele está melhorando, mas as trilhas públicas são emporcalhadas. Você não pode sair da barraca até estar curado.

— Mulheres — resmungou Noé. Mesmo assim, obedeceu à esposa.

— Nosso Den ficará bem cuidado — garantiu-lhe ela. — Se estiver sob a atenção dos serafins, ele chegará em segurança ao Avô Lameque.

Alarid, o serafim cujo hospedeiro era o pelicano, e que trouxe água à barraca para Dennys; Alarid, que o alertara para não mudar nada, apareceu com outro serafim. Este tinha asas de um tom azul pálido e olhos como pedras da lua, de um azul claro e profundo.

— Então — disse Alarid a Dennys, sem tom acusatório —, você já fez mudanças.

— Mas não fiz! — recriminou-o Dennys.

— Você convenceu Noé a ir até o seu pai, quando ele não ouvia mais ninguém.

— Eu nem falei tanta coisa — explicou Dennys. — Eu meio que só fiquei ouvindo as estrelas. Então não fui o único...

— Não vim acusá-lo — disse Alarid. — Estamos plenos de alegria por Lameque e Noé voltarem a ter um com o outro, e talvez seu irmão tenha sido necessário para preparar o idoso para a reconciliação. — Ele apontou para o outro serafim, que apenas ouvia em silêncio. — Este é Admael.

O serafim não estendeu a mão. Serafins evidentemente não apertavam mãos. Admael fez uma mesura, e Dennys a retribuiu.

Juntos, os dois serafins examinaram Dennys com atenção.

— Ialí e Oolibamá tomaram todo cuidado com você — disse Alarid.

Admael assentiu em silêncio.

— Elas foram maravilhosas — concordou Dennys. — Acho que eu estaria morto se não tivessem sido.

As crostas haviam deixado sua pele há bastante tempo. Ele conseguia correr pelo deserto sem se cansar. Sabia que estava na hora.

Dennys olhou para Alarid.

— E você também. Obrigado. — Ele fez uma mesura ao serafim.

— Admael vai leva-lo à barraca do Avô Lameque — disse Alarid.

Os olhos de pedra da lua de Admael iluminaram-se para Dennys.

— Vou esperar lá fora. — E o serafim partiu, sério.

— Eu devia agradecer a todo mundo. — Dennys hesitou. Ele estava com muita vontade de voltar a ver Sandy, sim, mas não estava com tanta vontade de deixar Ialí. E, é claro, Oolibamá e Jafé. Se ele fosse à barraca do Avô Lameque, voltaria a ver Ialí? Será que os dedos gentis dela iriam tocar sua mão com confiança, tal como haviam feito quando ela o levou naquela noite para ouvir as estrelas, ou quando eles dançaram sob o céu do deserto?

— Nada tema — disse Alarid. — Eu os agradei em seu nome, a todos, a Noé e Matrede, Sem e Eliseba, Cam e Aná, Jafé e Oolibamá, e ah, sim, também a Ialí. De qualquer modo, você os verá com frequência. Agora que o Avô Lameque e Noé se reconciliaram, haverá muito ir e vir entre as duas barracas. Está pronto?

— Estou. — Ele voltaria a ver Ialí. É claro que ela iria à barraca do Avô Lameque para visitá-lo. É claro que ele sentiria o toque daqueles dedos tão suaves.

Ele acompanhou Alarid até a saída da barraca. A noite havia caído, e o céu estava cheio de estrelas. Ele estava acostumando-se ao padrão de acordar cedo, dar um longo cochilo à tarde e dormir quando a noite já estava avançada, quando as areias ardentes já haviam arrefecido e o ar em si perdera o calor.

Ele procurou por Admael, mas não havia serafim. Em vez dele, um camelo branco estava à sombra fraca da barraca.

Noé esperava por ele, parado junto ao camelo, apoiado em um cajado, seu pé enfaixado com uma tira de couro.

— Isto não é um adeus, meu filho. Estamos todos ávidos em ver você e o Sand juntos. Assim talvez acreditemos que são de fato dois. Os serafins viram meu pé e dizem que conseguirei caminhar com segurança em questão de dias. — Ele estendeu a mão com a palma para cima. — Ponha seu pé aqui e eu ajudo-o a subir no camelo. Mesmo para um jovem gigante como você, as costas do camelo são uma boa escalada.

O camelo não tinha sela, apenas peles grossas sobre as costas. Dennys não tinha muita certeza se seria fácil ficar sentado. Não havia nada para ele segurar, nada de rédeas, nada de alças. Mas Admael, em forma de camelo, parecia um camelo de carne e osso, não algo nebuloso como os unicórnios virtuais. Ele não achava que o camelo perderia a disposição à existência.

Matrede veio correndo da barraca, carregando um fardo, lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Tome suas roupas. Talvez em algum momento precise delas. Adeus, nosso caro gêmeo. Sentiremos saudade.

E de repente ele foi cercado por toda a família, que chorava, ria, tentava tocar os flancos do camelo para abraçar os pés de Dennys, que eram o mais próximo

que conseguiam chegar dele mesmo na ponta dos pés.

Jafé estava abraçado a Oolibamá, e Ialí estava ao lado deles. Eles sopraram beijos, que ele soprou de volta. Então, sem aviso, o camelo disparou e todos gritaram:

— Adeus, gêmeo Den, adeus e nos vemos em breve!

— Adeus! — gritou ele de volta, tentando acenar para eles sem cair.

O camelo desviou do oásis para o deserto conforme os gritos foram sumindo ao longe. Dennys agarrou o fardo de roupas que Matrede havia lhe dado — o que sobrava de suas roupas depois que jogou fora as conspurcadas pelo lixão. Ele não conseguia imaginar que algum dia voltaria a precisar de roupas de inverno. Não imaginava tomar distância da barraca de Lameque, onde reencontraria Sandy.

Ele se lembrava de ler em algum lugar que andar de camelo era como estar em um barquinho em mares revoltos. A descrição lhe pareceu ótima. Ele curvou-se e agarrou os pelos brancos no pescoço do camelo, tentando deixar o corpo balançar conforme o estranho ritmo do animal. Uma brisa noturna, apenas levemente arenosa, tocou seu rosto. No alto, as estrelas do deserto lhes ofereciam uma luz refrescante. Ao longe, a montanha soltava fumaça e o horizonte era vermelho ardente. Dennys estava contente pelo oásis ser tão distante daquele vulcão ativo.

O camelo sacudia-se veloz pelo deserto. Dennys descobriu que quanto mais se apoiava no ritmo sincopado do animal, menor era a tendência a cair. O camelo corria a tal velocidade que já estaria a meio caminho pelo deserto antes de perceber que Dennys havia caído. Era bom ele se segurar.

Ele tentou respirar em sincronia com a montaria arrítmica. Estaria todo dolorido pela manhã. Causava mais tensão aos músculos do que cavalgar. Ele notou que o camelo mudou de ritmo, se apressando. Agarrou o pescoço do animal, mal conseguindo se segurar. Começou a cair para o lado e as peles sob ele começaram a escorregar.

O camelo branco seguia correndo pelo deserto. De repente Dennys percebeu que o som das patas do camelo na areia e o som da pedra sobre a areia tinham o eco de outro som.

Uma voz atrás deles rugiu.

— *Fome!*

Dennys sentiu um hálito tão quente que o causticava. Sentiu-se escorregando cada vez mais do camelo, até ficar agarrado ao flanco. Então percebeu que o camelo havia virado, de modo que estava entre Dennys e seja lá o que estivesse rugindo. Ele se viu deslizando até ficar de cabeça para baixo, de olho no ventre do camelo.

Havia alguma coisa de olho nele do outro lado do camelo. Um rosto. Bigodinhos felinos. Nariz bolhudo. Olhos turvos. Chifres que se curvavam para baixo, com pontas afiadas, perversas. Dennys procurou o corpo que pertencia ao rosto e encontrou um corpo de leão. Procurou no corpo do leão onde estaria o rabo e, em vez daquilo, viu uma cauda de escorpião, com o ferrão chocalhante. Ele nunca vira nada parecido. Não queria ver de novo. Agarrado ao pelo branco do camelo, fez força para voltar a subir.

O camelo relinchou e continuou a correr pelo deserto.

— *Fome!* — rugiu a criatura.

Dennys sentiu-se muito pequeno. Muito novo. Muito apavorado.

— Essa coisa vai me comer?

O camelo olhou para Dennys, seus olhos gencianos também enigmáticos.

— Ei! Você não vai deter essa coisa?

O imenso rosto pairou sobre as costas do camelo.

— *Fome!* — rugiu de novo. Os lábios enormes e arroxeados se abriram, revelando duas fileiras de dentes horrendos, rombudos, que pareciam desgastados de mastigar.

Dennys puxou o pelo do camelo.

— Ei. Ajude.

O hálito da horrenda criatura estava mais perto. Os olhos injetados de sangue olhavam direto nos olhos cinzentos de Dennys. Ele tentou encará-lo. A língua grossa, mas comprida como a de uma cobra, estalou na direção dele. Ele recuou, protegendo-se com o camelo, mas o homem/leão/escorpião pulou sobre as costas da montaria e aterrissou na areia ao lado de Dennys.

— Camelo! — berrou ele. — Seja Admael, por favor! — Ele deu um passo para o lado para sair de perto do monstro.

Mais uma vez o camelo agilmente posicionou-se entre Dennys e a criatura. Lançou apenas um olhar a Dennys. Dennys lembrou que os serafins não gostavam de interferir nem alterar as coisas.

— Ei! — gritou ele. — Se ele me comer, não vai mudar o rumo das coisas?

Com um lampejo de raios quase como o do unicórnio, o camelo esticou sua brancura até o céu, parecendo se imiscuir às estrelas e incendiar-se em fogo azul. De repente, Admael estava ao lado de Dennys.

— Vá embora, manticora, e vá logo. E não chegue perto das barracas. Nem pense em comer um mamute. Vá caçar no deserto.

Lágrimas começaram a escorrer pelo rosto da manticora, umedecendo sua barba esparsa.

— E não me faça sentir pena. — Admael fez uma pausa. — Embora eu sinta. Você parece ser uma das coisas mais peculiares da natureza.

A manticora virou-se, a cabeça pendente, e com seu corpo de leão saiu a caminhar pelo deserto, seu ferrão de escorpião estalando conforme andava.

— Uau! — disse Dennys. — Essa foi por pouco.

— Na verdade, não. A coragem da manticora é tão ínfima quanto seu vocabulário. — Admael recolheu as peles que haviam servido de sela. — Vamos lá. — Dennys olhou para ele com ar de interrogação. — Não fica longe. Eu corri paralelo ao oásis. Consegue caminhar um pouco?

— Claro. — Ele preferia caminhar a ficar pulando nas costas do camelo. Mas, curioso, perguntou: — Você não vai ser camelo?

Admael havia jogado as peles por cima do ombro.

— Agora não. É uma energia considerável para eu me transferir. Não gostamos de desperdiçar energia quando não é necessário. A manticora é basicamente covarde, mas podem haver outros perigos no deserto à noite. É melhor seguirmos em frente.

Admael olhou para cima e, quando Dennys também olhou para o céu, viu as asas negras de um abutre cobrindo as estrelas, rondando em círculos velozes.

• • •

A roda dos nefilins era negra em contraste com o deserto, um broto negro com chamas mais claras que as da montanha, conforme eles iam e vinham entre si e os hospedeiros animais, demonstrando seu poder. Eles falavam de suas formas nefilim em arroubos de energia primordial, revertendo em relâmpagos negativos a seus hospedeiros animais, e reirrompendo com asas reluzentes quando queriam falar.

O crocodilo abriu suas enormes mandíbulas, então ergueu asas verdes que se projetavam ao céu.

— O que eles estão fazendo aqui?

— O que eles *são*? — Asas de peltre apagaram-se como fumaça e um rabo de rato meneou-se na areia.

O cheiro de enxofre tomou o lugar conforme os nefilins transformavam-se e voltavam, carregando o ar.

— Não são gigantes de verdade. — Asas e cabelos vermelhos incendiavam o vento quente e então um mosquito zumbiu com estridência.

— Não são como nós. — Asas roxas nublaram-se, e o dragão/lagarto esticou suas asas inúteis.

— Embora falem a língua antiga.

— Eles queimam ao sol.

— Não mudam de forma.

— Jovens. Infantes.

— Quase homens, porém.

— Não pertencem a este lugar.

— O que fazer com eles? — As asas de bronze se dissolveram e encolheram com um som de rasgar conforme a barata ergueu suas asas encouraçadas.

— Deixamos que vivam? — Grandes asas vermelho-escuras apagaram as nuvens, abaixando-se com um estalo agudo, e o pequeno corpo da formiga vermelha lançou uma sombra escura à luz das estrelas.

Pisca. Chama. Sombra. Entrando e saindo em estouros de energia orgulhosa.

— Hmmm — resmungou o nefilim que era naja. — Talvez possamos prometer a eles que sairão vivos.

— Hmmm, cerrrrto. — O abutre apareceu e estalou seu bico. De repente, asas negras fizeram sombra nas estrelas. — Poder. Deixe-os em nosso poder.

Asas amarelas inflaram-se em enxofre, e a pulga saltou do dragão/lagarto para o abutre, depois ergueu suas asas às alturas.

— Poder. Isso mesmo.

— Tentação — sugeriu o nefilim dragão/lagarto.

— Tentação. Bom. — E o mosquito zumbiu.

— Luxúria — sugeriu a naja, e o rosto do nefilim ficou mais branco que areia.

— Hmmm. Luxúria — concordou o abutre. — Cerrrrto. Luxúria.

• • •

— Dormimos amanhã durante o sol a pino. — Sandy e Dennys, reencontrados, estavam em frente à barraca do Avô Lameque conforme as estrelas corriam pelo céu. O idoso havia sentado-se com eles do lado de fora para comer o caldo grosso e preparar tigelas de suco de figo, mas já havia entrado.

Higaiom estava curvado à penumbra das estrelas sob a árvore, seus flancos arfando enquanto dormia, ocasionalmente remexendo-se em sonhos.

— Noé e Matrede têm uma mamute chamada Selá — disse Dennys, esfregando os dedos dos pés na areia — Ela costuma dormir perto das peles de Ialí, mas às vezes vinha na minha barraca e dormia comigo. Era estranho não estar com você.

— Arrã —concordou Sandy. — Foi esquisito para mim também. Higgy e o Avô Lameque têm sido muito bons comigo. — Ele queria perguntar a respeito de Ialí, mas algo deteve sua língua. Em vez daquilo, disse: — Eu amo o Avô Lameque. Você também vai amar.

— Ele parece legal — concordou Dennys. — Fico contente que Jafé tenha sido a primeira pessoa que vimos. Se não, eu ia suspeitar que todo mundo era igual àquela gente terrível que me jogou da barraca para o lixão.

— Parece que foi feio.

— Bom, todos nas barracas de Noé foram maravilhosos comigo.

— Dennys. — De repente Sandy ficou sério. — Você se lembra da história? A história de Noé e da arca?

Dennys se remexeu, pouco à vontade.

— A história em que caímos. No início eu achei que fosse um sistema solar distante.

— Se sim, talvez fosse mais fácil — disse Sandy. — O Avô Lameque me mandou para a cidade hoje para trocar frutas por lentilhas. Passei por muita gente. Todos vão se afogar.

Dennys olhou para o brilho do vulcão no horizonte.

— Pois é. Todos menos Noé e Matrede, Sem e Eliseba, Cam e Aná, Jafé e Oolibamá.

Desta vez foi a voz de Sandy que ficou aguda.

— E Ialí?

Dennys conseguiu conter a voz.

— Não sei. Mas não creio que Oolibamá, Eliseba e Aná sejam chamadas pelo nome na história. Matrede também não. — Sua voz subiu um oitavo. — Nem Ialí. Pelo menos até onde eu lembro. Queria que tivéssemos uma Bíblia.

— Era uma sociedade muito patriarcal — disse Dennys. — Quem escreveu a Bíblia tinha que ser homem. Ou homens.

— Achei que era para ser Deus. Não foi isso que nos ensinaram na escola dominical?

— Quando éramos pequenos, quem sabe. O caso é que a Bíblia foi ajuntada por muita gente com o passar dos anos. Séculos. Era para ser a Palavra de Deus, não escrita por Deus.

— Tá bom — disse Sandy —, mas nunca houve menção a gêmeos chamados Sandy e Dennys Murry com Noé e família.

— Você tem alguma ideia — Dennys aventou — de quando as chuvas devem começar?

Sandy fez que não com a cabeça.

— Não sei. E não tenho ideia de como vamos sair daqui e voltar para casa. Você tem?

— Achei que você podia ter pensado em algo...

— Não tenho nenhuma pista. Você presta mais atenção que eu quando todos na mesa do jantar ficam falando de tesseratos e desvios para o vermelho e mitocôndrias e farândolas e tudo mais.

— Mitocôndrias. — Dennys olhou para o gêmeo. — Você lembra quando tinha alguma coisa errada nas mitocôndrias do Charles Wallace e achamos que ele ia morrer?

— Nós fomos na horta — disse Sandy.

— Porque tínhamos que *fazer* alguma coisa.

— Mesmo que soubéssemos que não ia ajudar em nada na melhora dele.

— Mas era algo a se fazer.

Ficaram em silêncio por um tempo tenebroso. Então Sandy falou.

— Bom, podemos fazer de novo. Trabalhar numa horta. O Avô Lameque tem uma grande horta. Juro, você nunca viu plantas tão gigantes. Nem ervas daninhas daquele tamanho. Eu já tirei uma montanha de daninhas, espere só para ver, e mal fez diferença. E ainda tem os pomares dele para aparar e irrigar. Muita coisa a se fazer. Quer ajude o Avô ou não.

O chão sob eles tremeu levemente, mas os dois já andavam tão acostumados às variações do jovem planeta que mal notaram.

— Ora. Isso é bom. O jardim, no caso. Desde que não tenhamos insolação de novo.

— Ah, nós trabalhamos só no início da manhã e à noite. O Avô Lameque é muito cuidadoso nesse sentido.

— Que bom.

— Sim, mas isso não vai nos levar para casa. O que fazemos agora? — Sandy estava perguntando a si mesmo, não a seu gêmeo.

— Eu acho — falou Dennys, devagar — que é melhor não fazermos nada. Quer dizer, está muito além da nossa capacidade.

— Além da capacidade de qualquer um — complementou Sandy. — Acho que você tem razão. Esperamos. De olhos e ouvidos bem abertos. — Ele virou-se para o lugar onde Higaiom dormia. O escaravelho não estava no ponto de sempre da orelha do mamute. Portanto, pensou ele, Adnarel devia estar longe dali. Fazendo o quê?

• • •

— Aguardamos — disse Adnarel. — Fazer algo é intervir, causar paradoxo.

— E eles estarem aqui por si só não constitui paradoxo? — questionou Alarid, o que às vezes era pelicano.

Admael, que havia carregado Dennys pelo deserto, pronunciou-se:

— Eles já fizeram alterações. Dennys fez Noé reconciliar-se com seu pai, quando estava aparente que nada faria isto acontecer.

Adnachel, o de asas tão ensolaradas quanto o couro de sua hospedeira girafa, também se pronunciou.

— Talvez o Sandy também tenha tido parte.

Aalbiel, cujas asas eram brancas como a de um ganso na neve, questionou:

— Poderiam eles ter sido enviados para este fim?

Aariel, castanho como um leão, falava com suavidade:

— Não sabemos. Talvez façam parte do padrão.

Abdiel, às vezes um morcego dourado, falou de modo igualmente suave:

— Há muitas coisas que nem os anjos do céu sabem. E nós escolhemos...

— Fomos escolhidos — corrigiu-o Abasdarhon, cujo hospedeiro era a cobra dourada.

— Aceitamos ser escolhidos — corrigiu duplamente Akatriel, cujos olhos eram redondos e sábios e ardentes como os da coruja.

— ... ficar com as crianças da humanidade — prosseguiu Abdiel. — Portanto, abdicamos de alguns dos nossos poderes e há muito que não sabemos.

Abuzohar, o que às vezes era leopardo branco, inclinou a cabeça, seu rosto tão luminoso quanto a lua.

— Enquanto Aquele souber, não há necessidade de sabermos.

Achsá, o com asas e pelo do cinza aveludado de seu hospedeiro rato, assentiu.

— São garotos inocentes, pois filhos dos homens. Adoráveis. E falam a Língua Antiga.

Adabiel, o de asas laranjas vívidas como um tigre, concordou.

— Bons de coração. E fizeram eclodir a bondade de Noé. Seria parte do plano?

Admael respondeu:

— Ainda não temos confirmação do porquê de estarem aqui, nem de como hão de retornar seja lá de onde vêm.

Adnachiel, às vezes girafa, olhou para as estrelas.

— Abdicamos propositalmente de parte dos nossos poderes quando decidimos ficar neste planeta.

— Não *temos* que ficar. — As asas de Abdiel eram de um ouro tão reluzente quanto as que tinha quando morcego. — Temos liberdade para partir a qualquer momento e retomar nosso pleno poder.

Adnarel emitia luz como o sol reluzindo no escaravelho.

— Foi nossa livre escolha. E agora... eu não partiria enquanto eles, os gêmeos, ainda estão aqui.

— Talvez não consigamos salvá-los — alertou Alarid.

— Então eu ficarei com eles — disse Admael, que por uma fração de segundo pareceu mais camelo branco do que serafim.

Onze cabeças luminosas assentiram lentamente o acordo com Admael.

Oolibamá, esposa de Jafé

Maalá e Tiglá aguardavam próximas à figueira antiga do Avô Lameque. O ventre de Maalá estava rombudo e delicado. Tiglá era redonda por natureza, cheia de curvas e rotundidade que ainda não haviam virado flacidez, tal como acontecia com Aná.

Os gêmeos vinham do jardim, onde haviam arrancado as malditas ervas daninhas de duas longas fileiras de plantas que deviam ser antepassadas do tomate. Higaiom estava na barraca com o Avô Lameque. Os gêmeos só viram Maalá e Tiglá quando as duas meninas vieram ao encontro dos dois. Tiglá veio devagar, rumo a Sandy. Ela jogou a cabeça para o lado de uma forma que seus cabelos ruivos cobriram o rosto. Tirou as franjas pesadas de seus cílios antes de falar:

— Sinto muito que meu pai e meu irmão não tenham tratado-o bem quando você apareceu na nossa barraca. — Ela fez uma pausa e complementou, virtuosa. — Eles têm que ter muito cuidado para que estranhos não se aproveitem de mim. — Então parou. — Estou falando com a pessoa certa?

— Não — disse Sandy.

Maalá remexeu suas mãozinhas como se fossem passarinhos. Seus cabelos negros escondiam a barriga dilatada.

— Qual de vocês foi hóspede na barraca de meu pai?

Sandy deu um passo à frente.

— Meu irmão Dennys. Você é irmã de Ialí?

— Sim. Sou Maalá. Mas sou esposa de Ugiel e não moro mais na barraca maior.

Sandy olhou para ela e pensou que, embora Maalá fosse linda, era linda ao modo óbvio; não tinha a sutil doçura que ele associava a Ialí. A beleza ostentosa de Tiglá era quase uma agressão. Ele ainda não sabia o que pensar dela.

— Tiglá?

Ela deu risinhos, de modo que covinhas surgiram dos dois lados dos lábios avermelhados.

— Não se lembra de mim?

— Você conversou comigo outro dia, antes da grifo chegar.

— Sim, e a grifo boba nos interrompeu. Acho que estava com ciúme. Agora ela não está aqui, porém. Gostariam de vir conosco? — Ela afastou-se de Sandy, para incluir Dennys no convite.

— Aonde? — perguntou Dennys, desconfiado. Seu primeiro encontro com a família de Tiglá havia deixado-o muito mais cauteloso do que Sandy teria motivo para ser. Ele não confiava nela, nem, tampouco, em pessoinhas que não viessem das barracas de Noé.

Maalá, diferente de Tiglá, não era de dar risadas. Ela sorria.

— Gostaríamos de conhecer vocês melhor. Meu pai acha vocês maravilhosos. Vamos dar uma caminhada.

Dennys olhou para o céu, que já começava a tremeluzir de calor.

— Está muito quente. Obrigado, de qualquer modo.

Tiglá passou os dedos pelos seus cachos, de modo que eles reluziam como ouro ao sol. Ela também olhou para o céu.

— Só vai ficar quente de fato quando o sol passar das palmeiras. — Ela voltou seu sorriso e suas covinhas para Sandy. — Gostaríamos muito de lhe mostrar os arredores. Vocês não viram muita coisa do oásis.

Sandy deu um passo à frente. Ele não gostara das breves saídas para a trilha pública, mas se Tiglá e Maalá estivessem lá para lhe mostrar onde ir, talvez fosse bom. Era hora de conhecer mais que o terreno do Avô Lameque e as vendinhas.

— Olha...

— Pode ir se quiser — falou Dennys com firmeza. — Eu quase morri de insolação e não vou ficar no sol.

Sandy olhou para o irmão, notando a pele ainda rosada e sarapintada.

— Desculpe. Minha pele já sarou. Eu esqueci...

— Pode ir se quiser — repetiu Dennys.

Sandy balançou a cabeça.

— Não. O Avô Lameque queria que levássemos cebolas para o ensopado e ficamos ocupados tirando as ervas daninhas. É bom irmos colher antes que o sol fique muito alto.

Um forte agitar de asas sacudiu-se no céu e a grifo aterrissou entre os dois meninos, Maalá e Tiglá.

— Vá embora, estraga prazer! — Tiglá deu chutes na grifo e seus olhos verdes cintilaram de ressentimento.

Dennys recuou, com medo. A grifo olhou para ele feroz como uma manticora.

— Está tudo bem — Sandy o tranquilizou. — É uma grifo, é amiga.

A grifo estendeu as asas de águia de modo que as duas garotas ficaram à parte. Abriu seu bico e grasnou algo parecido com “Cê-polas”.

— Ok, ok — disse Sandy. — Não vamos esquecer.

A grifo recolheu as asas. Seu rabo de leão sacudiu para lá e para cá. Tiglá deu a volta no animal com toda cautela e tocou o braço de Sandy.

— Mais tarde, então? Você gostaria de dar uma caminhada, não é?

Ele gostaria? Tiglá fazia Sandy sentir-se muito esquisito. Ela era tão sedutora quanto inquietante. E era muito diferente de Ialí, do cabelo cor de bronze, dos olhos e do sorriso iluminado. Ele iria a qualquer lugar com Ialí. Mas com Tiglá?

— Não sei — respondeu, cauteloso. — Dennys e eu temos muito a conversar.

Maalá também desviou da grifo e perguntou:

— Têm certeza de que vocês são duas pessoas? Meu marido, Ugiel, pode assumir formas diferentes, mas é sempre ele.

— Somos gêmeos — declarou Dennys. — Não há gêmeos por aqui?

Tiglá passou os dedos devagar pelo braço de Sandy, subindo e descendo, o que fez o corpo dele formigar. Foi como se as sardas que o sol havia lhe deixado se eriçassem.

— Dois sócias, idênticos? Não. É claro que agora conseguimos distingui-los, pois a *sua* pele — os dedos dela acariciaram o antebraço de Sandy — é forte e você está ganhando um bronze, e os dois têm sardas no nariz. Enquanto que a *dele* — ela apontou para Dennys — ainda parece crua, viva.

— Mas bonita. — Maalá ronronou. — Não temos homens no oásis que sejam altos e divinos como vocês.

A grifo berrou de novo.

— Cê-polas.

Sandy já voltara-se na direção da horta quando notou que Dennys olhava para o amontado de árvores na trilha pública. Ialí e Oolibamá estavam vindo na direção deles, carregando juntas um grande tacho.

Maalá arreganhou os lábios de um modo que era mais carranca do que sorriso.

— Bom, caras irmãs, vocês estão atrás dos gigantes gêmeos?

A voz baixa de Oolibamá era agradável.

— Bom dia. Matrede nos enviou com uma refeição. O Avô Lameque é muito velho para cozinhar para tantos.

Desorientada, Ialí olhou para os gêmeos, de Dennys para Sandy, depois de volta a Dennys.

— Não é apenas a diferença da pele que os distingue. — Ela parecia perturbada.

— Vamos levar o tacho ao fogo — sugeriu Oolibamá.

— Vocês não precisam ir com elas. — Tiglá franziu o nariz de desgosto quando Ialí e Oolibamá entraram na barraca.

— Fiquem e conversem conosco — declamou Maalá melifluamente.

Mas os gêmeos já haviam dado as costas às duas garotas e saído à procura de Ialí, que sumia barraca adentro.

A grifo deu um grito de contentamento e partiu em voo, fazendo espirais cada vez mais altos no céu.

• • •

Dennys havia colhido um cesto de cebolas antes de começar a relatar a Sandy, dessa vez com detalhes, a experiência que tivera na barraca de Tiglá.

— Mas foram o pai e o irmão dela que o jogaram de lá, não é?

— Ela estava junto.

— Mas não foi culpa dela.

— Ela nem tentou impedir — disse Dennys. — E mesmo que não tenha sido culpa dela, eu não confiaria em ninguém que veio daquela barraca.

— Bom. — Sandy pegou sua cesta de cebolas e apoiou no ombro. — Não posso dizer que o culpo pelo que sente. — Ele não complementou que, independentemente daquilo, Tiglá ainda era a garota mais deslumbrante que já tinha visto. Com exceção de Ialí. Que não era deslumbrante. Seja lá o que Ialí tinha, era melhor que deslumbrar.

Será que Ialí, Maalá e Tiglá morreriam afogadas?

Dennys, captando ao menos parte dos pensamentos de Sandy, disse:

— Ainda assim... eu não queria que Tiglá morresse afogada. E acho que é o que vai acontecer.

Sandy sentiu um calafrio na pele, apesar do sol que subia cada vez mais alto.

— E Ialí?

Dennys ergueu a cesta.

— Oolibamá é esposa de Jafé. Cam, Sem e Jafé entram na arca com suas esposas. É o que diz a história. Oolibamá ama Ialí. Quer dizer, são amigas. Não creio que Oolibamá deixaria Ialí para trás.

— Se ela não tiver voz a respeito de quem entra na arca, terá como impedir?

— Ei, estamos falando como se essa história da arca fosse verdade — disse Dennys. — Mas parece que Noé não tem essa noção e fala com esse El.

— Deus. — Sandy trocou seu cesto de cebolas de um ombro para o outro. — Essa história do dilúvio não está em todas as culturas?

— Acho que sim. Quer dizer, ainda nos nossos tempos o planeta continua reajustando as placas e provocando terremotos. Tivemos uma boa dose de estranhezas no clima, de vulcões entrando em erupção planeta afora, tornados e furacões.

— Bom, em relação a essas histórias de dilúvio — prosseguiu Sandy —, devem ter havido muitos cataclismos climáticos.

— Arrã, mas houve climas desvairados ao longo de toda a história. Eras do gelo. Seja lá o que extinguiu os dinossauros, um cometa, ou aquela estrela Nênese. Ou a Terra que variou um pouquinho no eixo e alterou os climas e as estações. Portanto, um grande dilúvio não é uma impossibilidade.

Sandy falou com voz contida:

— De repente nós todos vamos nos afogar juntos. Talvez seja melhor do que morrer numa explosão atômica.

— Mais inevitável do que uma explosão atômica. Nada do que não aconteceu até agora tem que acontecer.

Dennys entrou na barraca e, exausto, soltou o cesto de cebolas perto das pedras do forno do Avô Lameque. Sandy fez o mesmo. Eles olharam para onde o idoso estava deitado, na sua pilha de peles, de olhos fechados, com a respiração fraca. Higaiom estava enrolado em seus pés e pequenos sons de borbulho saíam ritmadamente de sua tromba.

Sandy, pensativo, falou:

— Se nós explodirmos, será por causa das pessoas. Do poder, da cobiça, da corrupção. Não seria um desastre natural. Mas um dilúvio é um desastre natural.

Dennys assentiu.

— Uma explosão seria totalmente diferente. Nada natural.

— Sim, mas lembre-se de que o Pai disse que isso não tem que acontecer. As pessoas *têm* como se conter. Temos este poder há meio século e nos contemos. Mas se as placas tectônicas se mexem, não há o que fazer. Se um cometa nos atinge, não há o que fazer. Nem com tempestades, nem nevascas. Elas são inevitáveis.

— Quando o furacão passou e arrancou nosso carvalho pelas raízes, não havia o que fazer. *Existe* diferença entre as coisas que temos como impedir e as que não temos, como tornados e terremotos e...

— E dilúvios — disse Sandy, direto.

O Avô Lameque assustou-os com um ronco alto.

— Não nos ajuda em nada ficar falando disso — disse Dennys. — Em nada. Se vai haver um dilúvio, não temos o que fazer. Mas *podemos* trabalhar no jardim do Avô Lameque.

O idoso roncou de novo.

— De momento, é bom tirarmos um cochilo também — sugeriu Sandy.

Dennys caiu nas peles de dormir limpas que lhe haviam fornecido.

— Ei, é bom estar com você de novo.

Mas ele sentia falta dos dedos delicados de Ialí na sua pele queimada.

• • •

Todo dia, alguém das barracas de Noé vinha à tenda do Avô Lameque com a principal refeição do dia. Quando Ialí e Oolibamá vinham, costumavam ficar para a refeição com o idoso e os gêmeos. Ialí era graciosa com os dois na mesma medida, mas às vezes ficava olhando para eles com expressão atônita e deixava que Oolibamá fizesse tudo. Os gêmeos, por sua vez, tinham olhos para Ialí apenas.

Ocasionalmente um dos homens trazia a refeição. Jafé, assim como sua esposa e Ialí, ficava para comer e para conversar.

Sem, que era o caçador, era cordial, mas não gostava de papo. Ele ficava de pé, apoiado em sua lança, até ter certeza de que o Avô Lameque tinha tudo de que precisava. Então ia embora.

Jafé havia dito aos gêmeos que quando Sem caçava, sempre parava para agradecer ao animal que havia matado, agradecer por lhe dar a comida necessária para a sobrevivência.

— Todos os caçadores agradecem? — perguntou Sandy.

— Não mais. Antigamente, acho que sim. Mas agora a maioria dos caçadores apenas mata, geralmente mais do que precisam. Alguns matam só por matar.

— Também acontece na nossa época — disse Dennys. — No nosso lar, há placas pela floresta contra caçadores e armadilhas, mas isso não detém os lanterneiros.

— Os o quê? — perguntou Jafé.

Dennys tentou explicar.

— Caçadores que lançam uma luz forte contra os olhos das corças. Elas ficam cegas, congelam e não conseguem se mexer, aí os caçadores atiram. Lanternar é ilegal, mas isso não impede muita gente.

— São muitos? — perguntou Jafé.

— Poucos já parecem muitos — afirmou Dennys.

Sandy assentiu. Os gêmeos gostaram do que Jafé havia lhes dito sobre Sem.

• • •

Uma manhã, Aná e Eliseba vieram com a comida do dia. Aná, esposa de Cam, era claramente irmã de Tiglá, embora seu cabelo não tivesse o brilho do de Tiglá nem seus olhos fossem do mesmo verde exuberante. Ela estava ficando rechonchuda, com covinhas a se formar nas bochechas, no queixo, nos cotovelos, nos joelhos. Era mais flácida que a irmã.

Eliseba era parecida com Sem: sólida, musculosa, gentil. Lá onde os gêmeos viviam ela ficaria à vontade em um vestido floral, de usar em casa, lavaria o chão da cozinha todo dia e arrastaria todos os móveis para limpar embaixo. Havia algo de mais familiar em Eliseba do que nas outras mulheres, que tinham

uma estranheza oriental. Os olhos de Aná e de Tiglá eram amendoados, elas tinham molares altos.

Depois que a panela foi colocada sobre as pedras, Aná botou as mãos sobre as coxas roliças, olhando com admiração escancarada para Sandy e Dennys.

— Mais cem anos e vocês serão os homens mais lindos do deserto.

Dennys olhou para o rosto enrugado e as mãos trêmulas do Avô Lameque, pensando que aquele idoso de modo algum viveria mais cem anos. E mesmo que o dilúvio não acontecesse, ele e Sandy não tinham vidas com a mesma duração dessa gente do deserto. Mas não falou nada. Não gostava de Aná; Aná era irmã de Tiglá.

Eliseba pegou a panela vazia do dia anterior, que os gêmeos haviam limpado com areia.

— Será que eles vão ter asas? — Ela tinha costume de falar de Sandy e Dennys como se eles não fossem ouvir.

— Acho que são uma nova raça — disse Aná —, nem serafim nem nefilim, mas um gigante totalmente diferente. — Seu olhar passou de um gêmeo a outro, depois voltou a Eliseba. — O que você diria de ter dois maridos?

Eliseba riu.

— Só consigo lidar com um.

— Obrigado pelo jantar. — Sandy desviou-se do olhar de Aná, que lembrava o de Tiglá. — O cheiro está bom.

— Agradeçam a Matrede por nós, por favor.

Aná levou os dedos delicadamente ao pulso de Sandy.

— Já sabem que são bem-vindos para refeições na barraca de Noé a qualquer hora.

Sandy ficou contente quando ela se foi.

• • •

A grande barraca estava escura e silenciosa. Matrede encostou seu cotovelo nas costelas de Noé.

— E Maalá?

— Hmpf? — resmungou Noé, sonolento.

— Marido. Não pode ter fugido a sua atenção que Maalá está de barriga.

Noé se virou.

— Ando muito ocupado.

— *Noé.*

— É hora de Maalá trazer seu jovem à barraca. Faremos um banquete.

— Não é um jovem — retrucou Matrede. — Pelo menos não é um dos jovens. Que não creio que sejam jovens, creio que são velhos, bem mais velhos que nós,

mais até que o Avô Matusalém.

— Mulher, do que, ou de quem, está falando?

— De Maalá — falou Matrede com impaciência — e de seu nefilim.

Noé sentou-se.

— O que você quer me dizer?

— Estou lhe dizendo — Matrede mantinha a voz baixa — que Maalá está com uma criança de nefilim e que teve uma espécie de casamento nefilim. — Ela rapidamente levou a mão sobre a boca de Noé para abafar seu rugido de raiva.

— Não é assim que se fazem as coisas! — Ele afastou a mão dela, mas manteve sua voz sob controle. — Não houve banquete de casamento. Nenhum nefilim veio a nossa barraca.

— Os nefilins não fazem as coisas como nós. Os costumes deles não são os nossos.

— É a vontade de Maalá? Ela ama este nefilim?

— Assim parece. Ela envia mensagens através de Ialí. Ela não quer nos contar essas coisas sozinha.

Noé grunhiu.

— Faz parte da tradição perder uma filha para a barraca de outro homem, mas não sem as devidas formalidades.

— Quando Maalá vem e fala comigo — a voz de Matrede saiu pesada —, ela sempre me lembra de que os tempos são outros.

Noé soltou um suspiro.

— Não é o que teríamos escolhido para nossa filha, mas afinal, Oolibamá...

Matrede encostou-se no marido e ele pôs o braço sobre ela.

— Eu preferia que fosse um dos nossos jovens gigantes. Pelo menos são jovens de verdade, e creio que são boas pessoas.

— Eles encaixaram-se entre nós — concordou Noé —, e os nefilins não. Já é como se nossos gêmeos sempre houvessem vivido conosco.

— Passaram-se luas — disse Matrede. — Ao menos sete ou oito.

— Eles fizeram maravilhas nos jardins e pomares do meu pai. É trabalho pesado, mas não reclamam.

— Talvez Ialí... — Matrede começou a dizer, mas se interrompeu. — É hora de convidá-los para tirar uma noite de folga e vir a nossa barraca. Queria que Maalá não tivesse sido atraída pelos nefilins. Eles reluzem, mas não creio que sejam amorosos.

— Vou falar com Maalá. — Noé puxou Matrede para as peles de dormir.

— Se ela falar com você — disse Matrede.

• • •

Os gêmeos gostavam das visitas à grande barraca, do alarido, das músicas e dos risos. Uma vez, na época da lua cheia, as filhas casadas de Noé estavam com seus maridos e filhos, e houve dança e música e brigas e reconciliação

— Queria que Maalá estivesse aqui — disse Matrede.

• • •

Menos de uma lua depois, Aná e Eliseba, ao trazerem uma grande panela de ensopado de legumes para a barraca do Avô Lameque, mais uma vez convidaram os gêmeos à barraca grande.

— Mas vocês fiquem à vontade de aparecer mais — disse Aná. — Não precisam esperar um convite.

Sandy sentiu os olhos dela convidando-o. Deu as costas.

— Não gostamos de deixar o Avô Lameque com tanta frequência.

Higaiom, deitado e esticado perto das brasas, sacudiu seu rabinho, ergueu a cabeça e a baixou com uma pancada.

Mais uma vez Aná esbanjou seu sorriso a Sandy.

— Você está ficando moreno como nós, e está com sardas por todo o nariz.

— O Den também. — O sorriso de Eliseba era amigável. — Nunca acreditei que ele fosse conseguir. Matrede achou que ele ia morrer. Mas Oolibamá é curandeira. E Ialí foi maravilhosa ao cuidar dele.

Sandy sentiu uma pontada de ciúme. Quando Ialí vinha com a lamparina ou com a refeição noturna, ela tinha o cuidado, extremo cuidado, ele cogitou, de não sorrir mais com um gêmeo do que com outro.

— Isso foi há muito tempo. — Sandy ficou surpreso com a irritação na própria voz. — Ambos estamos bem há meses.

— Há o quê?

— Ah, sim. Há muitas luas. — No inglês, *moon* e *month*, ou lua e mês, vêm da mesma raiz, mas o povo do oásis pensava o tempo em termos de luas e lavouras e do movimento das estrelas.

— Um dia desses Ialí vai procurar um marido. — A voz de Aná era sugestiva. Eliseba foi brusca.

— Ialí dará uma boa esposa. Mas ainda não.

Os olhos de Aná passaram de gêmeo a gêmeo.

— Hmm. — Ela franziu os lábios.

Eliseba sacudiu o braço de Aná.

— É bom voltarmos, ou Matrede virá atrás de nós.

— Ela não me assusta — disparou Aná.

— Quem falou em assustar? Temos muito trabalho a fazer e ela está ficando muito velha para fazer sozinha.

— Muito gorda — resmungou Aná.

— Olha quem fala.

Ainda brigando, as duas mulheres partiram e levaram a panela vazia.

Os gêmeos foram ao pomar vestindo os chapéus de palha de Matrede. O sol ainda não estava alto, as sombras permaneciam compridas.

— Vamos ficar só um pouco — disse Sandy.

Eles trabalharam pesado. As ervas daninhas, ao que parece, cresciam tão rápido quanto eles arrancavam. Arrancar as ervas era um trabalho sem fim. Eles não falavam em Ialí. Tinham mais que o suficiente para se ocupar.

O Avô Lameque não vinha mais ao jardim com eles, mas sim passava a maior parte do dia na barraca, cochilando. Depois da longa soneca da tarde, às vezes eles os acompanhava até o poço, de onde tiravam água e enchiam grandes potes de argila, apenas para uso na barraca. Os outros eram para o jardim, que Higaiom ajudava-os a irrigar, borrifando com sua tromba, quase tão boa quanto uma mangueira.

— É bom trabalhar no jardim — disse Sandy —, mesmo que não seja o jardim de casa.

— Quem você acha que está cuidando do jardim de casa? — perguntou Dennys. — No mínimo já é época da colheita. Quer dizer, se o tempo lá estiver passando como o tempo aqui.

— Aqui tudo é diferente — disse Sandy. — Para começar, as pessoas vivem mais tempo.

— Então talvez o tempo também seja diferente. Em casa tínhamos relógios, os sinos eletrônicos no colégio, e aqui o tempo passa e eu nem noto.

— Não quero pensar nisso, no tempo — disse Sandy, e olhou para seu gêmeo. — Estamos mais bronzeados do que já estivemos em casa. Aná tem razão nesse sentido.

— E nosso cabelo ficou mais branco. Pelo menos se o meu estiver como o seu.

Sandy olhou para o irmão.

— Bom, seu cabelo está bem mais claro do que era.

— Como seria voltar a usar roupas? — Eles estavam acostumados às tangas. Estavam acostumados até a não ter chuveiro, a não tomar banho com água. Os cheiros da barraca mal eram notados.

Usando um pedaço de trepadeira verde bem resistente, Sandy atava moitas altas de folhas verdes, versões gigantes do manjericão que plantavam entre os tomates no jardim de casa. O Avô Lameque costumava cortar as folhas para temperar seus ensopados.

— Não sinto mais saudade de casa. Pelo menos não *dói* de saudade.

— Tento não pensar muito nisso — disse Dennys —, fora para lembrar que, como não morri de insolação, de uma forma ou de outra conseguiremos voltar para casa.

— Não seremos os mesmos. — Sandy fechou a cara. — Ei, não gosto da Tiglá vindo aqui toda hora. Acho que não estou pronto para falar com ela.

— Tiglá — disse Dennys — é o que os garotos do colégio chamariam de “atirada”.

— Fora que — disse Sandy — não há *ninguém* remotamente parecida com Tiglá no colégio.

— Ela é mais velha.

Ainda assim, nenhum dos dois falou em Ialí.

— É — disse Sandy.

— O caso é que... — Dennys fez uma pausa. — Aconteceu alguma coisa. Não somos mais crianças.

— Eu sei. — Sandy curvou-se sobre uma das plantas.

Dennys arrancou uma erva daninha com tanta força que caiu sentado.

— Não temos visto Adnarel. Nem outro serafim.

Sandy terminou de amarrar a planta a um talo de bambu. Imagens de escaravelho e pelicano, camelo e leão, brilharam diante dele. Ele sempre se sentia melhor quando Adnarel estava com eles. Quando o serafim estava na sua forma de escaravelho, geralmente ficava perto das peles de dormir do Avô Lameque ou na orelha de Higaiom. Transmitia segurança a Sandy.

— Acho que os serafins gostam de nós.

— Mas os outros não — disse Dennys. — Os outros, no caso, os nefilins. Já os vi olhando para nós quando acham que não estamos notando. E um mosquito ficou zumbindo em volta de mim outro dia, depois que Tiglá passou. Acho que não era só um mosquito.

— Rofocale — disse Sandy. — Eu ouvi ela chamar um dos nefilins de Rofocale.

— É, eles não gostam de nós — repetiu Dennys.

• • •

Quando precisavam de suprimentos, os gêmeos deixavam o lar do Avô Lameque e iam às vendas próximas, carregando figos, tâmaras e os hortifrúteis do jardim para trocar por arroz e lentilhas. Nas trilhas poeirentas, eles passavam por muita gente do oásis, que sempre parava para erguer os olhos aos dois, às vezes de forma discreta, às vezes escancarada.

Quando passavam por nefilins, nos quais podiam olhar olho no olho, as asas reluzentes estremeciam, mas eles nem davam bola para a presença dos gêmeos

— exceto na inversão repentina para o hospedeiro animal, de modo que um homem alto e de asas claras sumia e dava lugar a um camaleão andando pela trilha, ou uma formiga vermelha, ou uma lesma que deixava rastro pegajoso.

As mulheres, ao menos as jovens, deixavam claro a Sandy e Dennys que eles estavam sendo admirados. As mãozinhas subiam para tocá-los. Eles eram banhados com sorrisos pródigos. Era como se Tiglá soubesse quando eles precisavam de arroz, feijões ou lentilhas e ficava esperando na banca em que tinham que ir.

Os homens e as mulheres mais velhos eram diferentes. Às vezes os gêmeos eram xingados e levavam cusparadas. Não contavam ao Avô Lameque, que ficaria preocupado. Aprenderam a ir nos poucos vendedores que os tratavam com gentileza e não tentavam passá-los para trás.

— Ei, Sand — disse Dennys, um dia. — Se você quiser passear com Tiglá, não deixe que eu o detenha.

— Não quero. — Sandy tirou o olhar da lateral da trilha, onde um abutre estava remexendo a carne de uma pequena carcaça.

— Quero dizer, só porque foram o pai e o irmão dela que me jogaram no lixão... tipo, não quero impedir você nem nada.

— Não tem problema.

Eles estavam pisando em ovos entre si, de um modo que nunca haviam feito. E ainda não falavam de Ialí.

• • •

Ialí e Oolibamá estavam ajudando Matrede a limpar a barraca grande quando foram alertadas pela aba sendo aberta da entrada de um nefilim com asas cor de lavanda. Ele pronunciou-se sem dar saudações.

— É quase a hora de Maalá. Ela precisará da ajuda de vocês para dar à luz.

Matrede segurou o galho de palmeira que usava de vassoura.

— Vocês não têm ninguém da sua espécie para ajudar?

Ugiel olhou para Oolibamá com olhos semicerrados. Lançou seu dedo comprido na direção dela.

— Ela será útil. E Maalá precisará da mãe e da irmã.

Oolibamá tomou um passo de distância do nefilim.

— Como saberemos quando ir?

— Hoje à noite. À hora do nascer da lua. Eu, Ugiel dos nefilins, que lhes digo.

— Nós iremos — pronunciou-se Matrede. — Não deixarei que minha filha passe pelo parto solitária.

— Ótimo. Espero vocês.

— Nós iremos — repetiu Matrede —, mas você vai esperar do lado de fora.

Uriel deu de ombros.

— Como quiserem. É função feminina ver o sangue e a imundície do nascimento. — Ele começou a ir embora, mas então lançou seu olhar ardente a Ialí.

Ela não baixou os olhos. Mordendo o lábio, fixou o olhar nele.

— Você não pode ficar com os dois, sabia? — disse Ugiel.

Então ele se foi.

• • •

Ialí e Oolibamá deitaram peles sobre arbustos. Algumas delas seriam descartadas, se estivessem manchadas. As outras as duas iam lavar e bater até ficarem limpas.

— O que ele quis dizer? — perguntou Oolibamá.

— Quem?

— Ugiel.

— Sobre?

— Sobre ficar com os dois.

Ialí pegou uma pele imunda de sujeira e colocou na pilha para jogar fora.

— Quem vai saber o que um nefilim quer dizer?

— Você sabe e eu também — disse Oolibamá. — Ele estava falando dos nossos gêmeos.

Ialí pegou outra pele e pareceu que estava inspecionando-a com toda atenção.

— O Sand foi o primeiro que eu conheci. O Den é o que salvamos da morte pelo sol.

— E são duas pessoas, não uma — lembrou Oolibamá.

— Eu sei. Ah, Ooli, eu sei. São muito diferentes depois que você os conhece.

— E você não ama um mais que o outro?

Ialí fez que não.

— De qualquer modo, são muito jovens.

— Seriam tão jovens na época deles?

— Não sabemos nada da época deles.

Oolibamá sentou-se sobre um toco com uma pilha de peles limpas sobre os joelhos.

— Eu amo meu Jafé. Sou muito feliz com ele. Quero que você também seja feliz.

Ialí estremeceu.

— Maalá parece feliz casada com um nefilim.

— Nossos gêmeos não são nefilins.

— Mas são diferentes. Não são iguais a nós.

— E você os ama.

— Sim.

— Você ama os dois.

Ialí pegou uma pilha de peles para descarte.

— Vou jogar estas fora. Depois é melhor irmos embora. O sol está ficando alto e está muito quente para trabalhar nisto.

• • •

Matrede disse a Eliseba:

— Você não vai à barraca das mulheres há duas luas.

Eliseba concordou, levou as mãos ao rosto corado com um gesto incomum de moça.

Matrede a abraçou.

— É verdade?

— Sim. Você vai ter outro neto. — Abraçando-se, elas dançaram de alegria.

• • •

Eblis, o dragão/lagarto, estava aguardando Ialí quando ela foi ao poço buscar água. Ele não estava em seu hospedeiro animal, mas encostado no tronco de uma palmeira-real, as asas roxas envolvendo-o, de modo que estava quase escondido nas sombras.

Quando ele deu um passo à frente, Ialí ficou tão assustada que quase soltou o jarro de argila que carregava no ombro.

Eblis conseguiu pegar o jarro e soltou-o no chão.

— A cada dia você fica mais bela. — Tocou no rosto dela com carinho.

Ialí corou e foi pegar o jarro.

— Deixe-me ajudá-la. — Quando o jarro ficou cheio, Eblis tocou nela de novo, fazendo uma linha em suas sobrancelhas com o dedo branco. — Ugiel tem razão, sabia?

— Não sei do que você está falando.

— Ah, sim, sabe sim, minha doce menina. E sou a única resposta ao seu problema.

Ela olhou para ele, com uma expressão interrogativa.

— Quero você, minha pequena amada. Você sabe que a quero. Posso lhe dar tudo que Ugiel dá a sua irmã Maalá, e você sabe como ela é contente.

— Eu sei...

— Esses jovens e tolos gigantes que a deslumbram com juventude só podem lhe dar tristeza. Você não consegue se decidir entre os dois e, caso viesse a escolher um, o que seria do outro?

— Eles não me pediram... — Ela hesitou.

— Mas eu pedi. Eu peço. Quero você.

Ele ajoelhou-se diante dela e de repente Ialí não sentiu nada além de medo. Era o que ele havia dito: ele a queria. Ele não a amava. Ela pegou o jarro d'água e fugiu, sem se importar com a água que se derramava pelo chão.

A hora de Maalá, a hora de Lameque

A tarde foi a mais quente que os gêmeos já tinham passado. Sandy acordou de sonhos desagradáveis com vulcões em erupção e viu Dennys sentado sobre as peles de dormir, a pele úmida de suor.

Higaiom passava as horas de dormir no meio do dia com Lameque. À noite ele prontamente revezava-se com os gêmeos, mas Sandy suspeitava que ele havia passado as últimas noites aos pés do Avô Lameque. As extremidades do idoso tendiam a ficar frias por falta de circulação.

— Tem algo errado? — perguntou Sandy.

— Está muito quente.

O trovão ribombou a distância.

— Pode ser chuva — disse Sandy. Por um instante ele esquecera que chuva podia significar dilúvio.

Assim como Dennys.

— Ah, que bom para o pomar e o jardim. Mesmo que estejamos sempre irrigando...

O trovão veio mais uma vez com um som estalado, elétrico.

Higaiom caminhou até eles, ganindo, olhando para o Avô Lameque do outro lado da barraca.

Os dois meninos correram até o idoso. A aba havia sido presa para ficar aberta e deixar entrar o máximo de brisa. A atmosfera lá fora estava sulfurosa, o céu de um amarelo esverdeado.

Sandy agachou-se ao lado do Avô Lameque, Dennys do outro. O idoso estava escorado em peles dobradas para sentar-se. Dennys tomou uma de suas mãos e ficou chocado com como estava fria. Começou a fazer uma massagem, tentando levar circulação aos dedos atrofiados.

Lameque abriu os olhos e sorriu, primeiro para um gêmeo, depois para o outro. Quando falou, sua voz estava tão fraca que tiveram que se esforçar para ouvir.

— Na sua época e lugar... do outro lado da montanha... lá é melhor?

Sandy e Dennys se olharam.

— É bem diferente — respondeu Dennys.

— Como? — sussurrou a voz.

— Bom. As pessoas são mais altas. E não vivemos tanto tempo.

— Quanto vivem?

Dennys respondeu com palavras que lhe pareciam um eco de algo perdido há muito tempo.

— Três vintenas mais dez.

— Às vezes quatro vintenas — emendou Dennys.

Dennys olhou para Sandy, para sua pele bronzeada, sadia, os braços e as pernas com músculos, os olhos brilhantes.

— Temos hospitais grandes... lugares onde se cuida de gente doente. Mas não sei se lá cuidariam melhor da minha insolação do que quando fui tratado por Ialí e Oolibamá.

— Temos chuveiros e máquinas de lavar — disse Sandy. — E rádios, foguetes, televisão. E jatos.

Dennys sorriu.

— Mas eu vim à sua barraca num camelo branco. Quase o caminho todo.

Lameque começou a sussurrar, e os dois meninos curvaram-se para ouvir.

— O coração das pessoas... é mais gentil?

Sandy pensou no primeiro vendedor que tentara lhe dar metade da quantia que o Avô Lameque havia solicitado, e que resmungou e praguejou quando Sandy reclamou.

Dennys ficou pensando quanta diferença havia entre terroristas que sequestravam um avião e o pai e o irmão de Tiglá, que haviam jogado-o numa vala.

— Pessoas são pessoas... — começou a dizer Sandy.

— Acho que a natureza humana não muda — disse Dennys ao mesmo tempo.

Lameque estendeu a mão trêmula até os garotos.

— Mas vocês foram, para mim, como verdadeiros filhos.

Dennys apertou delicadamente a mão gelada.

— Amamos o senhor, Avô Lameque — murmurou Sandy.

— E eu, vocês, meus filhos. As palavras de El são estranhas. Não entendo — disse Lameque. — Não entendo o que El pensa.

Tampouco os gêmeos entendiam.

Relâmpago e trovão vieram simultaneamente. A luz respingava pelo buraco do teto e pela aba aberta. As paredes da barraca sacudiram-se com a violência do trovão e o comprido tremor de terra.

Mas a chuva não caiu.

• • •

Os gêmeos sentaram-se no banco de raízes para esperar as estrelas saírem. Higaiom ficou na barraca com o Avô Lameque. O céu ainda tinha um matiz amarelado, embora não houvesse mais raios ou trovões. Labaredas de chama saíram do vulcão. No alto das árvores, os babuínos batiam os dentes.

Sandy encolheu os dedos do pé no musgo suave sob a raiz da árvore.

— Nunca ficamos ao lado de um leito de morte.

— Nunca.

— Eu achei que nossa primeira vez ia ser *hoje*, com o Avô Lameque.

Dennys fez que não.

— Acho que ele queria nos fazer aquelas perguntas.

— Ele sabe que vai haver um grande dilúvio?

— Acho que o El com quem ele fala lhe disse.

Sandy pegou uma folha de palmeira caída e olhou para ela à última luz.

— Mas o dilúvio era um fenômeno natural.

Dennys fez um leve não com a cabeça.

— Gente primitiva sempre tendeu a crer que o que chamamos de desastres naturais são despachos de um deus furioso. Ou deuses.

— O que você acha? — perguntou Sandy.

Dennys fez que não de novo.

— Não sei. Sei muito menos que sabia antes de virmos ao oásis.

— De qualquer forma... — a voz de Sandy não tinha emoção — ... não deu certo.

— O que não deu certo?

— O dilúvio. Depois de varrer toda essa gente e começar tudo de novo. As pessoas ficaram mais altas e fazemos coisas até piores com os outros porque sabemos mais.

Dennys tirou a folhagem da mão de Sandy.

— Eu não escolheria Cam e Aná para repovoar o mundo, se pudesse escolher.

— Ah, eles não são de todo mal — disse Sandy. — E Sem e Eliseba são legais. Nada de muito empolgante. Mas confiáveis. E Jafé e Oolibamá são sensacionais.

— Bom. É o que você disse. Não deu certo.

— Talvez não devessem salvar ninguém. — A voz de Sandy saiu rouca.

Mais uma vez, Dennys fez que não.

— Os seres humanos... as pessoas fizeram coisas horríveis, mas não somos de todo mal, não todos nós.

— Tipo quem?

— Já houve gente como... ah, Euclides, Pasteur, Tycho Brahe.

Sandy assentiu. Sua voz saiu mais normal.

— Gosto de quando eu lembro que Tycho Brahe era tão reverente ao criador dos céus que vestiu sua toga de juiz antes de ir ao telescópio.

— Quem lhe contou isso?

— A Meg.

— Gostei, gostei mesmo. Ei, e eu acho que Meg gostaria que a gente citasse Maria Mitchel. Não foi a primeira astrônoma famosa?

— Que saudade da Meg. E do Charles Wallace. E dos nossos pais.

Mas Dennys seguia envolvido com sua lista.

— E os reis magos que seguiram a estrela. Eram astrônomos. Ei!

— O quê?

— Se o dilúvio tivesse afogado todo mundo, se a Terra não tivesse sido repovoada, Jesus nunca teria nascido.

Sandy, com as narinas agredidas por um odor já familiar, mas ainda perturbador, mal escutou.

— Shh.

— O quê?

— Olhe.

Uma forma pequena e sombria deixou a trilha pública e veio na direção deles.

— Tiglá.

— Ela não desiste... — resmungou Dennys.

Tiglá ficara sabendo que não deveria tocar em Dennys, ao menos não com seus dedos. Ela chegou nos gêmeos com discrição, os olhos baixos, dando aos cílios toda a vantagem de seu comprimento e brilho. Ela estendeu a mão e deixou-a levemente sobre Sandy, como se quisesse se conter.

— Que bela noite, afinal — disse ela.

Dennys recuou do odor misto de suor e perfume.

— Tudo bem. — Sandy olhou em dúvida para a luz amarelada que tomava o horizonte.

— Achei que gostariam de saber — disse Tiglá — que Maalá terá seu bebê hoje.

— Como você sabe? — perguntou Dennys.

— Rofocale me disse.

— Como que *ele* sabe? — perguntou Sandy.

— Ele e Ugiel são amigos. Ialí e Oolibamá vão ajudar.

Os gêmeos já haviam visto nascimentos de ninhadas de cachorros e gatos, uma vez de um bezerro, e brincaram com cordeiros e leitões na fazenda vizinha. Eles se olharam.

— Aposto que Oolibamá é boa parteira — disse Dennys.

Tiglá prosseguiu:

— Ouvi dizer que a mãe de Oolibamá teve dificuldades no parto dela. Bebês nefilins tendem a ser grandes. — Ela parecia nervosa.

Dennys lhe dirigiu um olhar afiado.

— E isso a preocupa?

— Um dia, talvez preocupe. Espero que não seja muito difícil para Maalá. Ela é tão pequeninha. Como eu.

— Bem... — disse Dennys. — Obrigado por nos contar. — O tom da sua voz era de repúdio.

— Vai ser uma noite linda. — Tiglá passou os dedos pelo braço de Sandy.

Dennys desviou os olhos para a barraca. A aba ainda estava presa para ficar aberta. Higaiom estava sentado na entrada, sacudindo sua tromba delicadamente como se quisesse pegar a brisa.

Sandy olhou para Tiglá e hesitou.

Tiglá tentou seduzi-lo, rápida.

— Uma noite tão agradável para caminharmos. Depois que o bebê de Maalá nascer, Ialí e Oolibamá irão para casa e talvez as encontremos...

Sandy mordeu a isca.

— Bom... mas não podemos ir muito longe... nem por muito tempo...

— Claro que não — garantiu-lhe Tiglá. — Só um passeio.

Sandy percebeu que Dennys fazia questão de não olhar para ele.

— Você vem?

— Não.

— Se importa se eu for?

— Claro que não.

— Não vai demorar.

— Fique à vontade.

Eles não se comunicavam. Sandy não estava gostando da sensação, mas foi. Tiglá estendeu a mão pequena para tocar sua mão de gigante. Quando chegaram à trilha pública, ele olhou para trás. Higaiom havia saído da barraca e estava parado ao lado de Dennys.

A noite estava mais pesada que o normal. As estrelas pareciam borradas e tão próximas que se podia tocar. A tempestade sem chuva havia aumentado em vez de diminuir o calor. A montanha soltava fumaça.

— Vamos ao deserto — sugeriu Tiglá — assistir à lua sair.

Sair do oásis para o deserto era como sair de um navio para o mar. A areia do deserto era refrescante aos pés de Sandy, agora acostumados às areias quentes do dia, a caminhar sobre pedras ou grama afiada e seca.

Tiglá mostrou o caminho até uma saliência rochosa.

— Vamos sentar.

O nascer da lua sobre aquele deserto era muito diferente da lua saindo na Terra de Sandy. Lá, conforme a lua subia no horizonte, era de um amarelo intenso, às vezes quase vermelho. Aqui, numa época em que o mar de atmosfera sobre o planeta ainda era limpo e translúcido, a lua erguia-se com uma grande chama de diamantes.

Os olhos de Sandy estavam focados na luz brilhante da lua que se erguia, de modo que ele não esperava o enegrecer repentino quando Tiglá levou seus lábios aos dele. Ela havia ficado de joelhos para alcançá-lo e seus lábios cheiravam a amoras. Então ele se viu cercado pelo odor dela, de óleos perfumados e do corpo suado.

Ele sabia o que ela queria e que ele queria também; ele estava pronto, mas, apesar do deslumbre que sentia diante dela, não seria com Tiglá. Tiglá não valia perder sua capacidade de tocar nos unicórnios.

Mas Ialí...

Sandy sabia que ele e Dennys não deviam fazer nada que alterasse a história. Nem com Ialí...

Ele estava adiantando-se. Ialí não era Tiglá. Ialí sorria para ambos com a mesma doçura.

O cabelo ruivo de Tiglá, que ficava dourado-prateado ao luar, caiu sobre seu rosto, afogando-o com o cheiro. Ela fez uma massagem na nuca dele. O hálito dela misturou-se ao dele. Ele sabia que, se não interrompesse aquilo, não ia conseguir se conter. Com um suspiro profundo, ele se afastou. E se levantou.

Tiglá botou-se de pé também e olhou para ele com ar de reprovação.

— Você não gosta? Não gosta do que estou fazendo?

— Sim, eu gosto. — A voz dele era rouca. — Gosto demais.

— Demais? Como algo pode ser demais? O que há na vida além do prazer, e quanto mais prazer melhor! Como você pode falar em demais?

— Você é um exagero. — Ele tentou rir. — Acho melhor eu voltar. O Avô Lameque não está bem.

— Ele está morrendo — disse Tiglá, áspera. — Rofocale me contou.

— Rofocale não sabe de tudo.

— Ele sabe mais do que nós, mais que qualquer mortal.

Sandy levantou-se. Achou ter ouvido o zumbido de um mosquito. Depois, silêncio. Virou-se e começou a caminhar de volta ao oásis. Tiglá desceu da rocha, correu para alcançá-lo e tocou sua mão.

— Você também — disse ela. — Você deve ser da mesma raça que Rofocale, tão alto, tão forte. Você podia me levantar e me jogar por cima do ombro. De

onde você vem?

Ele estava cansado de responder às mesmas perguntas.

— De outra parte do planeta. Outra época.

— Por que você veio?

— Foi um erro — disse, curto e grosso.

— Mas por que foi um erro vir? Você estar aqui é maravilhoso! Quanto tempo vai ficar?

— Não sei.

— Mas você tem planos? O que você vai *fazer*?

— Cuidar do jardim e dos pomares do Avô Lameque.

— Só isso? Você não veio lá de longe só para isso! Deve ter vindo por algum motivo.

— Não.

E puxou seu braço da mão dela.

• • •

— Não — disse Tiglá. — Não descobri nada. Fiz todas as perguntas que você me pediu, mas ele não me contou nada.

Rofocale assomava-se sobre ela, suas asas ardendo como o sol, mesmo ao luar.

— Alguma coisa ele deve ter dito.

— Ele disse que vinha de muito longe e que foi um erro vir.

— Erro? — interrogou-a Rofocale. A piscina vermelho-escura de seus olhos pareceu opaca. — Teria El cometido outro erro?

— Você acha que seu El os mandou?

— Quem mais? Com certeza não são nativos. Podem nos ser tanta ameaça quanto os serafins. Pelo menos os serafins têm o cuidado de não manipular nem mudar as coisas.

— Você acha que os moços gigantes vão mudar?

— Quem sabe dizer? E você não conseguiu arrancar nada dele?

A covinha no queixo de Tiglá se afundou.

— Pelo menos desta vez ele aceitou ir comigo.

— Sim, foi. E você o beijou?

Ela confirmou.

— Tinha um gosto tão jovem. Jovem como uma manhã.

— Ele gostou?

— Gostou. Mas quando achei que estava pronto para ir mais longe, ele recuou. Mas me dê tempo, Rofocale. Afinal, foi a primeira vez que ele se dispôs a ir comigo.

Rofocale, com um movimento gracioso e veloz, ajoelhou-se para os olhos deles ficarem no mesmo nível.

— Você tem que agir rápido, pequena Tiglá.

— Por quê? Qual é a pressa?

Rofocale passou as costas da mão contra a testa.

— Parte de nossos poderes está enfraquecida. Não temos mais como descobrir... mas Noé sabe de algo. Os filhos dele casaram-se anormalmente cedo, com pressa. Noé ainda fala com Aquele a quem dei as costas. Talvez não tenhamos mais cem anos.

— Mas por que você quer que eu... o seduza?

— Assim ele não ficaria no seu, e meu, poder? — Ele aproximou-se dela. — O que você faz com o gigante não a tornará menos minha, pequena amada. Gosto que minhas mulheres tenham experiência nas artes da lascívia.

— Farei um bebê para você?

Ele abriu as asas de modo que ela foi envolvida numa nuvem de chamas.

— Logo.

• • •

— Logo — disse Oolibamá. — Vai ser logo. Faça força, a irmã, faça força. Vamos.

— Vai ser logo — repetiu Ialí, tentando tranquilizar a irmã. — O bebê já vai nascer.

Matrede não disse nada.

Maalá, deitada sobre uma pilha de peles, gritava. Suas mãos tentavam pegar algo, frenéticas, e Matrede agarrou-as firme.

— Está demorando tanto — sussurrou Ialí. — Quanto mais ela vai ter que aguentar?

— Levante-se — ordenou Matrede a Maalá.

Maalá berrou:

— Não consigo. Não consigo. Ah, que nasça, que nasça logo...

— Levante-se — repetiu Matrede. — Fique de cócoras.

— Eu fiquei, fiquei até cansar e não consegui mais...

— Você já descansou. — A voz de Matrede era forte. — Ajudem-na a levantar — ordenou a Ialí e Oolibamá.

As duas meninas tiveram que usar toda a força para levantar Maalá das peles.

— Agache-se — ordenou Matrede. — De cócoras. Agora. Vá. Faça força.

— A lua está se pondo — disse Ialí.

Oolibamá olhou para Matrede.

— Minha mãe passou por isso. Continua viva.

— Sim, minha cara — disse Matrede. — Obrigada. — Foi a primeira confirmação de Oolibamá de que era filha de um nefilim, e Matrede apertou seu ombro em gratidão.

A lua se pôs. O sol se ergueu. Estava abafado na casinha de argila. O suor corria das quatro mulheres. O cabelo de Maalá estava úmido como se tivesse entrado em um jarro d'água. Seus olhos estavam arregalados de agonia. Ela gemia, gritava, berrava. Por vezes, entre contrações, sua boca caía aberta, frouxa, e seus lábios curvavam-se até fechar quando ela caía no sono de exaustão, mas logo era despertada quando nova dor a assolava.

O sol abaixou-se no céu.

— Agache-se — mandou Matrede. — Você tem que se agachar de novo.

Três noites e três dias. De cócoras, deitada, gritando.

Ela vai morrer, pensou Ialí. Isso não pode continuar.

— Será logo. — Oolibamá continuou a assegurar à torturada Maalá. — Virá em breve. Faça força. Mais.

A voz de Matrede estava afiada de nervosismo.

— Vamos, Maalá, vamos. Não podemos ter este bebê por você. Vamos. Empurre.

Na quarta noite, a lua se ergueu.

— *Força!* — ordenou Matrede.

Um gemido prolongado saiu de Maalá, mais terrível que seus gritos.

— *Agora. Agora.*

Parecia que o gemido ia rasgar Maalá ao meio.

— *Agora.* — E finalmente Matrede colocou as mãos entre as pernas de Maalá para puxar o bebê. A cabeça era tão grande que Ialí ouviu a pele de Maalá rasgar. Matrede o sacudiu, deu tapinhas nas nádegas, o ar entrou nos pulmões e ele soltou um berro.

• • •

Enquanto Sandy estava com Tiglá, Dennys entrou para ficar com o Avô Lameque, inquieto quanto ao idoso. Ele foi até onde o Avô estava deitado.

— Filho?

— É Dennys, Avô.

A mão idosa tentou pegar a dele. Dennys a segurou. Ela estava fria, fria da morte.

— Posso fazer algo por você, Avô?

Um sorriso sereno se desenhava no rosto do idoso.

— El falou.

Dennys aguardou. O velho parecia estar sugando ar para falar. Enfim

conseguiu.

— Nem tudo será perdido. Ah, Den, meu filho, El se arrependeu. Enquanto você estava no jardim, El falou comigo. Nunca o tinha ouvido dentro da barraca. Ah, meu filho, Den, meu filho, meu filho, Noé será poupado. Noé e sua família. El falou.

— Do quê, Avô Lameque?

— Hã?

— Do que eles serão poupados?

Os dedos idosos tremeram na mão de Dennys.

— El falou de muitas águas. Isto eu não entendi. Mas não importa. O que importa é que meu filho será poupado. — Os dedos apertaram os de Dennys. — Mas você, meu filho? O que será de você? Eu não sei.

— Também não sei, Avô. — Dennys fez uma massagem na mão envelhecida até ela recobrar um pouco de calor.

• • •

Ugiel ficou parado olhando para o bebê deitado entre os seios de Maalá. A jovem mãe estava pálida e exausta, mas radiante.

As três mulheres que haviam participado do parto estavam quase tão exaustas quanto Maalá. Oolibamá tinha círculos fundos sob os olhos e suas bochechas estavam pálidas. Fora ela que dera um jeito de estancar o sangue que vazava e quase levou a vida de Maalá junto; ela que havia removido a placenta com segurança. Suas mãos e seus braços estavam manchados de vermelho de segurar a pele dilacerada de Maalá até que o jorro virasse pingos e o risco de hemorragia cessasse.

Ugiel não deu atenção às outras. Apenas fitou seu bebê, que tinha uma cabeleira negra como a de Maalá. Virou-o e passou o dedo pela penugem suave que delineava as omoplatas.

— Estou satisfeito — disse ele.

Matrede foi feroz.

— E bem devia. Ela quase morreu. Se não fosse Oolibamá, teria morrido. — Ela deu as costas a Ugiel e serviu a Maalá o caldo de reforço que Eliseba havia mandado.

— Vá para casa — disse ela a Ialí e Oolibamá. — Vá, encontre algo para comer e descanse. Eu fico com Maalá. Eliseba passará mais tarde.

Oolibamá, também ignorando Ugiel, olhou para a mãe e a criança.

— Ela vai precisar de muitos cuidados nos próximos dias. Não deixem de me chamar se a hemorragia recomeçar.

— Eu chamo — prometeu Matrede.

Ugiel curvou-se sobre Maalá e, com seu dedo comprido, tocou o bebê nas pálpebras, no nariz.

— Estou satisfeito — repetiu.

• • •

Oolibamá estava sentada na barraca maior, deixando Eliseba lhe dar sopa de lentilhas.

— Ele nem quis saber se Maalá estava viva ou não — disse Oolibamá —, desde que parisse o bebê.

Ialí parou no ato de levar a tigela aos lábios.

— Você acha isso mesmo?

— Você ouviu, não ouviu? “Por que ela não vai logo?”, ele disse. “Por que está demorando tanto?” E então ele saía e só voltava depois de horas e horas.

— A Mãe disse que não queria ele por perto... — Então Ialí parou. Matredera estivera com a filha mais velha quando ela deu à luz, enxotando os maridos, mas relatando o parto conforme acontecia. Os maridos não tinham ido longe. Estavam, aliás, insuportáveis de intrometidos. Não haviam simplesmente sumido, como Ugiel, deixando tudo para as mulheres. Ela terminou a sopa em silêncio.

Oolibamá também bebia. Suas sobrancelhas negras se uniram. Seus cabelos negros como as penas de um corvo haviam soltado-se da tira e caíam sobre os ombros.

— Oolibamá... — falou Ialí com delicadeza.

— O que foi?

— Os nefilins casam com nossas mulheres, dão bebês a elas. Mas os serafins...

— Eles não casam. Nem dão bebês.

— Mas em muitos sentidos são iguais aos nefilins.

Oolibamá puxou seu cabelo negro para trás com um gesto cansado.

— Não. Eu acho que os nefilins já foram parecidos com os serafins.

— O que aconteceu para eles mudarem?

— Não sei.

Ialí pensou em Aariel, com os olhos claros cor de âmbar e a graça leonina, e depois em Eblis, e ficou contente por ter fugido do nefilim de asas roxas. Ela não queria saber de Eblis, se fosse como Ugiel, que não se importava com a vida ou morte da esposa. Será que Ugiel já fora como Aariel? E Eblis?

— Acho que os serafins estão livres para nos trocar pelas estrelas no momento que bem entenderem — disse Oolibamá. — Acho que os nefilins não podem. Não mais. Eles ficam conosco não porque assim quiseram, mas porque são

obrigados.

Noé e Jafé vieram à barraca, braços e mãos tão manchados de suco de uva quanto os de Oolibamá haviam estado com sangue. Jafé abraçou a esposa. Ialí correu até o pai.

— Maalá teve o bebê! Está tudo bem!

Noé abraçou a caçula, embora aparentasse estranho desinteresse.

— Você ouviu, Pai? — quis saber Ialí. — A longa tribulação de Maalá finalmente chegou ao fim!

— É bom saber — disse Noé, ainda soturno. — Estávamos preocupados.

— O que foi? — perguntou Oolibamá. — Tem algo errado?

O braço de Jafé apertou mais sua esposa.

Noé puxou Ialí para perto.

— El falou. Palavras estranhas.

— Palavras boas? — perguntou Ialí.

Oolibamá lançou um olhar interrogativo a Jafé, mas ele fez que não.

— Palavras estranhas — repetiu Noé. — Não sei o que pensar.

— Fique contente por Maalá, Pai — disse Ialí. — Foi um parto tão difícil, tão demorado. Não fosse Ooli...

— Maalá ficará bem — disse Oolibamá. — Ela é jovem e forte. Vai sarar rápido.

— É um bebê grande, Pai — prosseguiu Ialí. — O maior que eu já vi, com cabelos negros como os de Maalá e um nariz que é um botão.

— Ao menos é um bebê. — A voz de Noé saiu amarga.

— O senhor está incomodado — disse Oolibamá.

— Sim, creio que estou incomodado. El me pediu para fazer coisas estranhas. Não entendi. Grandes mudanças estão por vir. Mudanças horríveis.

— Jafé... — sussurrou Oolibamá.

— Silêncio. Depois.

No aconchego dos braços do pai, Ialí tremeu.

— Mas por ora podemos comemorar, Pai, pois Maalá teve um parto seguro.

Noé continuou a segurar sua filha, pressionando seus lábios contra os cabelos claros.

— Não tivemos um banquete de casamento para Maalá. Matrede ficou magoada. Eu esperava que fizéssemos um banquete de casamento para você.

— Ah, mas espero que façam — exclamou Ialí. Ela pensou no estranho casamento de Maalá. Não queria nada igual, isolada da família e dos amigos. Então pensou nos gêmeos. Ao modo deles, eram tão alienígenas quanto os nefilins e os serafins, mas ainda assim eram humanos, totalmente humanos. E ela os amava. Ela levou a bochecha ao peito do pai, de modo que não viu a

expressão no rosto dele.

Oolibamá viu, mas, antes de poder falar, Jafé havia puxado-a de novo para si em um abraço carinhoso.

• • •

Um gemido suave acordou os gêmeos. Higaiom havia vindo até suas peles de dormir para chamá-los.

Sandy abriu os olhos.

— Higgy, o que houve?

Dennys sentou-se, abruptamente perdendo o sono.

— É o Avô Lameque? — Ele olhou para Higaiom, questionando-o. — Devemos chamar Noé?

— O Avô...? — Sandy não conseguiu terminar a frase.

Os dois meninos correram pela barraca até as peles de dormir do idoso. O Avô Lameque estava sorvendo o ar com arfadas estranhas, muito curtas. Dennys estendeu a mão para tocá-lo e viu o escaravelho. Teve um acesso de alívio. Falou com pressa.

— Adnarel, precisamos de Admael. Se ele pudesse tomar a forma de camelo, poderia levar um de nós à barraca de Noé muito mais rápido do que eu ou o Sandy a pé. — Dennys tocou delicadamente a armadura de bronze do escaravelho, que se diluiu e sumiu sob seu dedo, de modo que estava tocando só um canto da pele de dormir do idoso.

Adnarel ficou ao lado deles, um brilho dourado na penumbra da barraca.

— Vou buscar Admael. Aguarde junto ao Avô Lameque. — Com gestos rápidos e graciosos, ele fez uma mesura e saiu.

Sandy e Dennys tomaram as mãos do Avô Lameque, que pareciam frias e sem vida como o mármore.

— Adnarel foi chamar Admael — disse Sandy. — Vamos trazer Noé aqui, o mais rápido possível.

O idoso respirou com dificuldade.

— Meus bons meninos.

Dennys observou o esforço do Avô Lameque para respirar. Gentilmente levou seu braço sob o corpo pequeno e frágil, assentando-o. O idoso encostou-se no garoto e sua respiração ficou mais leve.

— Vou ficar com você, Avô. — Dennys olhou para Sandy e fez um sinal com a cabeça.

Sandy retribuiu o gesto.

— Posso esperar — sussurrou o idoso — até a última estrela partir.

Adnarel voltou. Ajoelhou-se ao lado do Avô Lameque, examinando-o com

atenção. Ele voltou-se aos gêmeos.

— Admael aguarda lá fora. Não precisa ter pressa, Sand. Haverá tempo.

O Avô Lameque arfou.

— Até que os babuínos...

Adnarel sorriu.

— Até que os babuínos batam palmas e deem gritos de alegria ao receber a alvorada.

— Eu vou ficar com o Avô — disse Dennys.

Adnarel assentiu, tocando levemente o ombro de Dennys. — Ótimo. Ficarei aqui se precisar de mim. — Sua forma clara nublou, enroscou-se levemente como neblina e o escaravelho brilhou no ouvido de Higaïom.

• • •

Da outra vez que Dennys havia subido no camelo branco para cruzar o deserto, vindo da barraca de Noé, ele ainda estava fraco da insolação. Sandy estava bem, forte, e não teve dificuldade para se manter no lombo, seu corpo acostumando-se rapidamente ao ritmo errático. Cruzaram o deserto sem problemas. Em um afloramento alto de rocha branca, um leão pairava majestoso para observar seu avanço.

Não havia som em torno das barracas de Noé além de roncos de puro contentamento. Sandy puxou a aba da barraca maior e gritou:

— Noé!

Foi a voz sonolenta de Matrede que respondeu.

— Quem é?

— É o Sandy. O Avô Lameque me enviou para buscar Noé.

— El. — A voz de Noé era profunda. — Estou indo.

Sandy esperou do lado de fora, ouvindo o som de insetos noturnos misturando-se aos roncos na barraca de Cam e Eliseba. Olhou para os céus e as estrelas baixas, borradas, que pareciam chamá-lo. Porém, ele não entendia o que elas queriam dizer.

Noé saiu usando uma tanga nova.

— Dennys está com o Avô — disse Sandy — e com Higaïom.

Noé assentiu.

— Adnarel disse que haveria tempo, mas o senhor chegará mais rápido se for sozinho no camelo. Eu volto caminhando.

Noé assentiu de novo, aceitando a proposta. As pernas do camelo estavam dobradas de modo que Noé conseguia subir facilmente. Ele sentou-se montado, seus dedos retorcidos da labuta agarrando o pelo no pescoço do camelo. O animal branco ergueu-se devagar, baixando a cabeça do longo e curvo pescoço

tanto que conseguiu esfregar seu focinho delicadamente em Sandy, depois disparou em direção ao deserto.

Sandy seguiu logo atrás. Ele sabia que assim que Noé chegasse à barraca, Dennys deixaria o Avô Lameque para permitir ao idoso ter seus últimos momentos com o filho. Dennys estaria esperando por ele, provavelmente sentado no banco da raiz, talvez com Higaiom ao lado. Mas Sandy não podia fazer seus pés irem mais rápido. Ele correu pelo deserto, e a areia bateu nos seus pés. Ele a deixou passar como água entre os dedos.

E quando o Avô Lameque morresse, o que seria? Seria perto da hora do dilúvio? Sandy e Dennys teriam permissão para ficar na barraca do idoso e cuidar do jardim e dos pomares?

Fazer essas perguntas a estrelas mudas em nada ajudou a aliviar o caroço na sua garganta. Ele andou devagar pela areia, bateu seu dedão numa pedra oculta. Gritou “Ai”. Seguiu caminhando.

Na sua pedra, o leão agora estava parado, vigilante, suas orelhas se remexendo conforme Sandy passava por ali.

O horizonte tinha um leve toque rosado. As estrelas se apagavam. Os passarinhos acordavam nas árvores. Ele achou ter ouvido um tagarelar dos sonolentos babuínos. Virou-se para o oásis. Não podia mais postergar seu retorno.

Sua cabeça estava baixa; estava olhando para os próprios pés trilhando a areia. Não notou os barulhos atrás de si. De repente algo sinistro foi lançado sobre sua cabeça, cegando-o. Ele foi levantado de qualquer jeito, os pés se sacudindo no ar. Duas pessoas o carregavam. A pele sobre sua cabeça, com cheiro de imunda, fazia pressão contra sua boca, de modo que ele não conseguia gritar. Tentou soltar-se das mãos de quem o carregava e um punho acertou seu ventre, tirando-lhe o fôlego. Uma coisa afiada picou seu braço.

A canção das estrelas

Ialí saiu da barraca e partiu deserto afora, até chegar à rocha onde o grande leão estava deitado. Ele saltou da rocha quando Ialí se aproximou e ela correu a ele, lançando os braços sobre o grande pescoço enrufado, chorando a tal ponto que mal se entendia o que falava.

— O Avô Lameque está morrendo.

As lágrimas mancharam a juba. Quando ela esgotou as lágrimas, a língua do grande felino lambeu-lhe o rosto delicadamente e eles sentaram-se, Ialí entre suas patas dianteiras, em comunhão no silêncio.

As estrelas fizeram uma dança silenciosa, com brilho diminuído. Nem leão nem menina se mexiam. Mas Ialí, encostada contra o grande peito castanho, ouvindo o ribombar do coração do leão em sincronia com o cantar suave das estrelas, ficou em paz.

• • •

Dennys estava sentado na raiz da velha figueira, em frente à barraca do Avô Lameque, com Higaiom a seus pés. Nenhum dos dois se mexia. Acima deles, as estrelas faziam silêncio.

Dentro da barraca, Noé levantou o pai para que o idoso pudesse respirar.

— Meu filho — sussurrou Lameque. — Você foi uma benção a mim e a esta terra...

As lágrimas de Noé escorreram pelo rosto até sua barba.

— Eu fui burro e teimoso...

Uma risada baixinha ecoou de seu pai.

— Não disse que você não foi humano. Mas escutou El?

— Eu tento, Pai. Eu tento.

— El me disse que é por você que a benção... — O idoso perdeu o fôlego.

— Shhh, Pai. Não tente falar.

— É o... é nosso último...

— Eu ouço, Pai. Ouço o senhor. E El.

— Você fará o que...

— Sim, Pai. Eu farei o que El me diz.

— Não importa...

— Não importa quão estranho.

— Ialí...

As lágrimas de Noé fluíram desimpedidas.

— Ah, Pai. Não sei.

— Nada tema. — Por um instante, a voz de Lameque esteve forte e ele quase pareceu um dos serafins. Então a força o deixou e ele falou em um sussurro fraco. — El vai cuidar do...

— Pai. Pai. Não vá.

— Não me segure, meu filho... meu filho...

As lágrimas de Noé caíram como chuva.

— Nossos caros gêmeos...

— O quê, Pai?

O idoso arfou e então deu um sorriso de surpresa e alegria, tão radiante que quase iluminou a barraca em penumbra. Será que os relâmpagos haviam piscado para que o sorriso fosse visto?

— Pai! — gritou Noé. E mais: — Pai! — E então seu choro irrompeu como ondas pelas areias áridas do deserto.

• • •

As estrelas não cantaram. O céu ficou em silêncio. Higiom sentou-se, de ouvidos alertas. Dennys ergueu a cabeça e foi como se as estrelas contivessem sua luz.

E de repente a presença iluminada do serafim estava diante dele, e a luz da estrela caiu de novo sobre seu rosto voltado para o alto.

• • •

Jafé e Oolibamá fizeram a vigília pelo Avô Lameque a seu modo. Foram ao deserto, à pedra onde costumavam descansar, para sentarem-se em silêncio e de mãos dadas.

Enfim Jafé falou:

— Agradeço a El por meu pai e avô estarem reconciliados. Seria muito mais difícil de suportar se...

Oolibamá sorriu.

— Dois velhos teimosos. Sim, é melhor assim. Temos que agradecer ao Den.

— Foi dia feliz quando os encontrei no deserto, os dois gigantes. Eles cuidaram muito bem do Avô.

Oolibamá deu um suspiro.

— Vamos sentir saudades. Ialí, principalmente; ela era a mais próxima dele entre nós.

— Verdade. — Jafé aninhou a cabeça morena da esposa com a mão. — Mas o Pai diz que é melhor que a morte tenha vindo tomá-lo agora. Ele é muito velho e frágil para suportar a viagem.

— Qual viagem? — perguntou Oolibamá.

Os olhos de Jafé tinham uma tristeza misteriosa.

— Ah, minha cara, é o que eu prometi lhe contar. O Pai diz que El lhe conta coisas estranhas. E que recebeu instruções muito específicas.

— Que instruções?

Jafé parecia desconfortável.

— Ah, minha esposa, é muito estranho mesmo. El disse a meu pai para construir um barco, uma arca.

Oolibamá, que estava encostada no marido, de repente sentou-se.

— Uma arca? No meio do deserto?

— Eu falei que era estranho.

— Será que ele se enganou?

— El?

— El, não. Seu pai. Ele poderia ter entendido mal o que El lhe disse?

Jafé fez que não.

— Ele pareceu muito seguro. Disse que El também havia dito ao Avô Lameque as coisas que estão por vir.

— Uma arca. — As sobranceiras escuras de Oolibamá se aproximaram. — Uma arca no deserto. Não faz sentido. Seu pai contou aos outros?

— Ainda não. — Jafé puxou Oolibamá contra ele. — Ele diz que vão rir.

— E vão — concordou Oolibamá. Mas ela não riu.

— Nunca o vi tão sério — disse Jafé.

— A arca deve ser construída com o quê?

— Madeira de gofer. Pelo menos temos em boa quantidade. E ele tem que passar piche por dentro e por fora para que fique impermeável.

— A qual água? — Jafé fez silêncio. Ela se virou para poder vê-lo. — Não parece coisa do seu pai.

Jafé falou em voz baixa.

— Tampouco soa como El.

Oolibamá fez um carinho no rosto dele.

— Não sabemos o que El faz nem como é sua voz. El é um grande mistério.

Jafé riu.

— Tal como um grande barco no deserto.

— De que tamanho? — perguntou Oolibamá.

Jafé abriu as mãos.

— Trezentos cúbitos de comprimento, cinquenta cúbitos de largura e trinta

cúbitos de altura.

— El deu as medidas exatas? — perguntou Oolibamá, curiosa.

— Segundo o Pai.

— Não entendi. Gostaria que você tivesse conseguido falar com o Avô.

Jafé negou com a cabeça, limpando as lágrimas dos olhos.

— E nossos gêmeos — disse Oolibamá. — Agora, o que será dos nossos gêmeos?

— É possível que eles sigam cuidando do jardim e dos pomares do Avô. Mas não tenho certeza. A morte do Avô é o princípio de uma grande mudança.

Oolibamá concordou.

— Há dissonâncias na canção das estrelas.

— Você ouviu? — perguntou Jafé.

Oolibamá fez que sim.

— A música mudou. Sim, eu ouvi. Mas por que a morte do Avô Lameque seria o princípio da mudança? Ele é muito velho.

Jafé concordou.

— Não é de todo estranho que ele morra agora.

— É estranho, acredito, o Avô Lameque morrer no momento em que El dá ordens extraordinárias ao filho de Lameque — ponderou Oolibamá.

— Ah, minha amada. Você é muito inteligente. Às vezes eu queria que não fosse tanto.

Eles entrelaçaram os braços. Jafé levou os lábios aos dela e eles se reconfortaram no amor.

. . .

Quando ficou aparente que Sandy não havia voltado à barraca de Lameque e tampouco havia ficado na de Noé, houve grande consternação.

Os filhos de Noé e suas esposas haviam atravessado o deserto com Matrede e estavam em frente à barraca do Avô Lameque.

— Não o vimos — disse Jafé, nervoso, a seu pai. — Acharos que tinha vindo atrás de você.

Ialí tentou chegar a seu irmão.

— Estávamos tão ocupados no nosso luto que nem pensamos...

Noé mexeu na barba.

— Ele disse que ia me seguir.

— Seja lá o que aconteceu — falou Cam, sem ser grosseiro —, não podemos procurá-lo agora que o sol da manhã se ergue.

Sem explicou a Dennys:

— No nosso país, neste calor, os mortos têm que ser enterrados depressa.

Dennys tentou esconder o pânico diante da ausência inexplicável de Sandy. Sandy era confiável. Se havia motivo para ele não ter seguido Noé até a barraca do Avô Lameque, ele daria um jeito de avisar.

Mas como? Não havia telefones. Mas ele não teria tentado encontrar um dos serafins? Ele não teria ido a lugar algum sem contar a ninguém.

Matrede pousou seu braço maternal sobre Dennys.

— Agora temos que untar o corpo do Avô Lameque e prepará-lo para o sepultamento ao pôr do sol. Então deixaremos nosso luto e vamos procurar o Sand. Tenho certeza de que há motivo sensato para sua ausência.

— Talvez ele esteja em algum lugar com minha irmã — sugeriu Aná. — Acho que eles estão enlevados.

Dennys fez que não. Não acreditava naquilo. Sandy não teria saído com Tiglá sabendo que o Avô Lameque estava para morrer.

Ialí segurou a mão dele e a apertou para reconfortá-lo. Ela lhe deu um pequeno beijo na bochecha, como uma borboleta, e então entrou com a mãe e as outras mulheres na barraca. Os homens ficaram do lado de fora enquanto passavam óleos e especiarias no corpo de Lameque, além de envolvê-lo com peles brancas.

O sol ergueu-se alto no céu, assolando-os com a inclemência de um gongo de latão.

— Nem pense em sair para procurá-lo neste calor, Den — disse Jafé. — O sol iria derrubá-lo e você não ajudaria seu irmão.

Não fosse Jafé, Dennys teria colocado um dos chapéus de palha de Matrede e saído a procurar Sandy. Mas sabia que Jafé estava certo.

— É certo que ele está na sombra — disse Sem. O palmeiral onde estavam sentados protegia-os com penumbra densa. — Não se preocupe, Den. O Sand é um rapaz sensato.

— Sim, mas... — Dennys começou a falar, mas deteve-se. O povo das barracas de Noé lamentava-se por Lameque. Higaiom estava na barraca com as mulheres e os idosos, e Dennys sabia que era irracional da sua parte sentir-se abandonado pelo mamute. O bicho era, afinal de contas, o mamute de Lameque.

A aba da barraca foi aberta só um pouco e Higaiom arrastou-se em direção a Dennys, erguendo a tromba para uma saudação triste e pedindo que o levantassem, tal como uma criança ergue os braços pedindo colo.

Dennys pegou a criaturinha e apertou-a contra si, deixando as lágrimas caírem no pelo desgrenhado do mamute.

• • •

Ao nascer do sol, Noé e seus filhos carregaram o corpo do Avô Lameque até

uma pequena caverna, não muito longe no deserto. As mulheres foram atrás. Dennys ficou entre Ialí e Oolibamá, enquanto Noé, Sem, Cam e Jafé cavavam uma cova na areia dentro da caverna. Dennys oferecera-se para ajudar a cavar, não só de amor pelo idoso, mas também para não ter que pensar no seu temor quanto a Sandy.

Noé lhe disse delicadamente que era tradição que apenas os filhos fizessem o ato final de amor, mas que Dennys poderia ficar com as mulheres e os genros porque havia tornado-se um membro da família.

O sol desceu no horizonte. O céu era de um escarlate intenso. Conforme o sol desapareceu, houve um leve brilho no horizonte distante e a jovem lua começou a espiar pela beirada do planeta. A crescente em diamante da lua parecia estranhamente branda ao erguer-se, e Dennys, parado de lado, achou que ouvia uma nênia suave e lamentosa. Uma estrela ganhou vida, depois outra, e mais outra. Elas uniram-se ao cantar da lua, cantando por Lameque, cujos anos haviam sido muitos, cuja vida fora plena e que, ao fim, reconciliara-se com seu filho.

As filhas mais velhas de Noé e Matrede, Sirá e Hoglá, assim como seus maridos e filhos, estavam todos juntos, lamentando-se a plena voz. Maalá ficou de lado com seu filho. Ela pediu desculpas pela ausência de Ugiel e dirigiu um olhar curioso a Dennys.

Sandy, disse Noé a Maalá nas mesmas palavras que ela havia usado quanto a Ugiel, não conseguira vir.

— Por quê? — perguntou Maalá.

Ninguém respondeu.

Oolibamá falou em voz baixa, apenas a Jafé, Dennys e Ialí.

— Maalá vai perguntar a Ugiel sobre Sandy quando ela voltar.

— Ele saberá onde Sandy está? — sussurrou Ialí.

Oolibamá fez que não.

— Se ele souber, não vai dizer. Suspeito que os nefilins têm algo a ver com isto.

Jafé fechou a cara.

— Espero que você esteja errada.

Dennys olhou para eles com medo renovado.

A sepultura estava cavada.

Conforme filho e netos recolhiam o idoso para colocá-lo no túmulo, Dennys sentiu, em vez de ouvir, presenças atrás deles, e virou-se para ver os corpos dourados dos serafins fazendo um semicírculo. Mais uma vez conseguiu ouvir claramente o cantar da lua e das estrelas.

— Ialí! —bradou Aariel.

Assustada, ela soltou um pequeno grito.

Aariel ergueu os braços e asas para o céu, e a música cresceu com intensidade:
— Cante pelo Avô Lameque.

Obedientemente, Ialí ergueu a cabeça e cantou. As estrelas e a lua cantaram com ela e, às suas costas, os serafins uniram-se em harmonia como um grande órgão.

Jafé tomou as mãos de Oolibamá e trouxe-a às areias claras, onde começaram a dançar em sintonia com a música. Foram acompanhados por Cam e Aná, e os quatro teceram desenhos sob as estrelas, tocando as mãos, distanciando-se, rodopiando, tocando-se, pulando. Sem e Eliseba uniram-se a eles, depois Noé e Matrede, depois as filhas mais velhas e seus maridos, e depois Ialí tomou as mãos de Dennys e puxou-o para o caleidoscópio de corpos em movimento, uma aleluia de júbilo, pesar e espanto, até que Dennys se esqueceu de Sandy, se esqueceu de que o Avô Lameque nunca mais estaria em sua barraca, se esqueceu da saudade que sentia de casa. O rubor escarlata no horizonte tornou-se um rosa cinzento, depois malva, depois azul, conforme mais e mais estrelas iluminaram-se e a harmonia das esferas e a dança das galáxias entrelaçaram-se em radiância. Aos poucos os dançarinos tomaram distância e pararam. Dennys fechou os olhos numa combinação de júbilo e temor ardente, abrindo-os apenas quando o réquiem chegou ao fim. O céu reluziu com o brilho da lua e das estrelas. Os serafins se foram. Ialí estava ao lado dele, lágrimas escorrendo pelo rosto.

Noé e os filhos obstruíram a terra sobre o túmulo do Avô Lameque.

• • •

Sandy abriu os olhos e não enxergou nada. Seus membros estavam dormentes. O que quer que o houvesse picado havia paralisado-o. Sentiu um estranho formigamento nos seus membros conforme a sensibilidade voltava. Ele sabia dos minidardos que Jafé, Ialí e outros nas barracas de Noé usavam, e supôs que algo parecido havia sido usado contra ele.

Por quê?

Ele sentiu cheiro de cabra, urina e suor. Conforme seus olhos ajustaram-se às trevas, viu que estava numa pequena barraca. O buraco por onde saía a fumaça estava coberto, de modo que a entrada de luz era mínima. Era uma barraca muito menor que a de Noé ou do Avô Lameque. Ele tentou mexer os braços e descobriu que suas mãos estavam atadas, amarradas firmemente com tiras. Assim como seus pés.

Conforme recobrou os sentidos, ele se remexeu e finalmente conseguiu sentar-se, as costas contra as peles ásperas da barraca, suas mãos atadas à frente. Ele as ergueu e tentou morder as tiras. O gosto o fez sentir ânsia de vômito. As tiras

estavam amarradas com tantas voltas que era fútil tentar morder e tampouco ele achava um nó por onde começar.

Ele deteve seu esforço inútil e tentou pensar.

Fora raptado a caminho da barraca de Noé e Lameque. Por quê? Quando terroristas sequestravam um avião, queriam alguma coisa. Que utilidade ele teria como refém? Para quem? Aquele mundo não tinha dinheiro, não tinha prisioneiros políticos. Até onde sabia, ninguém tinha nada contra Lameque ou Noé.

Então: por quê?

Sua barriga reclamou. Quanto tempo o dardo envenenado o fizera dormir? Que horas seriam? Ele não enxergava um traço de luz que sugerisse onde ficava a aba da barraca. A luz do buraco de fumaça encoberto era tão fraca que talvez viesse das estrelas.

Tinha que haver uma entrada. Ele se remexeu até os pés tocarem a parede e continuou se remexendo, sentindo com os dedos dos pés. Remexeu-se até ficar exausto e não encontrou a saída. Descansou. Remexeu-se de novo. E de novo. Finalmente seus pés sentiram uma linha áspera. Ele empurrou e a aba se mexeu um pouco, o suficiente para ele ver que era mesmo noite lá fora. Estrelas. Uma só palmeira em silhueta contra elas. Ele não tinha ideia de onde estava, nem se ainda estava no oásis.

Cansado de tanto esforço, ele caiu no sono com a cabeça próxima à saída da barraca. A luz do sol fez suas pálpebras arderem e acordou-o. Ele conseguiu arrastar-se de volta à barraca e sentou-se encostado nas peles esticadas da entrada. Sua barriga fez barulhos altos, de fome. O que ele não daria por um pouco do caldo do Avô Lameque.

Avô Lameque.

Quando ele saísse da barraca e voltasse aonde pertencia, não haveria um pequeno idoso enrugado cuidando do fogo na lareira.

Vamos lá, Sandy. Ele é *velho*. Setecentos e setenta e sete anos. E Noé estava perto dos seiscentos. Não fazia sentido. Mas ele acreditava neles. E depois do dilúvio as pessoas não iam viver tanto. Pelo menos ele achou que era assim que ia ser.

— Gêmeo!

Era a voz delicada de uma menina. Seu coração acelerou. Ialí.

Ao som seguiu-se o cheiro. Não era Ialí. Era Tiglá.

— Gêmeo? —repetiu ela.

— Olá, Tiglá. — Ele não sou simpático. Lembrou o que Dennys havia lhe dito sobre a gente na barraca de Tiglá. Então eram eles os terroristas. O terrorismo não era um fenômeno do século XX. Evidentemente era parte da

natureza humana, e não foi varrido pelo dilúvio. Havia cada vez menos sentido no dilúvio.

— Você reconheceu minha voz!

Não, foi o seu cheiro, vagabunda, ele quis dizer.

Ela entrou pela aba e deixou-a aberta para a luz entrar. Ela tinha tratado o cabelo de modo incomum, de modo que ele reluzia forte. Sua tanga era de pele de cabra branca.

— Dennys? — Ela tentava aproximar-se.

— Sandy.

— Ah, fico tão contente que seja você! Parece que Dennys não gosta de mim. Mas você gosta, não gosta?

— Por que eu gostaria de alguém que me sequestrou e me amarrou e me deixou com fome?

— Mas não fui *eu*!

— É óbvio que você sabe quem foi.

— Mas não fui eu! Foram meu pai e meu irmão. Eu não lhe faria mal por nada!

— Mas você não se importa se seu pai ou irmão me machucam?

— Ah, amado Sand, eu não tenho o que fazer! Vim lhe trazer comida e conforto.

Ele fungou. Havia um cheiro nutritivo de ensopado sobrepujando o odor da barraca, assim como o corpo perfumado e sem asseio de Tiglá. Se já haviam usado algum dardo envenenado nele, haveria segurança em comer o ensopado?

— Eu mesma que fiz — disse Tiglá —, por isso sei que está seguro, e também que está bom.

— Não posso comer de mãos atadas.

Ela fez uma pausa. Parecia estar pensando.

— Eu lhe dou comida! — Suas covinhas apareceram e sumiram com seu sorriso pródigo.

— Não. Eu não sou bebê. Desamarre minhas mãos. — Ele não disse por favor. Como é que já se sentira atraído por aquela menina?

Ela fez uma pausa de novo.

— Tudo bem. Vou desatar suas mãos e ficar com você enquanto come.

— Meus pés também — ordenou Sandy. — Preciso ir ao banheiro.

— O quê?

— Preciso urinar.

— Ah, pelo amor da Alca. Não pode fazer na barraca?

— Não. Pode vir comigo se quiser. Não me interessa como, mas eu tenho que urinar.

Ela ajoelhou-se ao lado dele e começou a mexer nas tiras, primeiro nos pulsos, depois nos tornozelos. Quando ele ficou solto, levantou-se, sentindo-se um pouco zozzo. A barraca não era tão alta quanto a do Avô Lameque nem a de Noé e ele bateu a cabeça nas peles do teto.

Ela pegou as mãos dele e esfregou seus pulsos onde as tiras haviam esfolado a pele.

— Vamos logo — disse ele.

— Aonde?

— Já falei. Preciso me aliviar.

— Então venha. — Ela o levou a um pequeno morro com grama a alguns metros. Não havia pomar para dar privacidade nem o mínimo de higiene. — Pode fazer.

— Vire-se.

— Você vai fugir.

Ele olhou em volta. Não identificou aquela parte do oásis onde ficava a barraca. A alguns metros havia palmeiras e um campo rochoso pontilhado com cabras preto e brancas pastando sob o céu cor de metal. Ele não tinha ideia de que caminho tomar.

— Não vou fugir. Vire-se.

— Promete?

— Prometo. — Ele suspeitou que sua promessa tivesse mais significado que a de Tíglá. — Tudo certo — disse ao acabar.

Ela rodopiou e pegou-o pela mão de novo.

— Agora venha e prove do meu ensopado de carne de cabra.

Eles abaixaram-se de novo para entrar na barraca e ela lhe trouxe uma tigela de madeira cheia de carne e legumes. Ele aprendera a comer com as mãos, mesmo que não com a delicadeza de Ialí, mas ao menos com o cuidado de não derrubar comida em si. O preparado de Tíglá não era ruim. A carne de bode era um pouco pungente, mas ela havia cozinhado até deixar tenra. Quando ele terminou, limpando a tigela com os dedos, sentiu-se melhor.

— Vou ter que amarrá-lo de novo — desculpou-se Tíglá. — Eles não vão gostar nem um pouco se eu o deixar solto.

— Quem são *eles*?

— Ah, os homens da barraca do meu pai.

— Por que fazer isso?

— O quê?

— Me sequestrar. Me deixar amarrado nessa barraca fedida.

Ela deu de ombros e riu.

— Como eu vou saber? Eles estão sempre fazendo coisas assim.

— E você não?

— Eu sou só uma garota. — Ela estava indignada. — Eu gosto de você! Por que ia querer amarrá-lo?

— Então não amarre.

Ela estava com a tira nas mãos.

— Mas preciso.

— Por quê?

— Eles vão ficar furiosos. Vão bater em mim. Talvez até me matar.

Matar? Ele não acreditava naquilo. Mas entendia a recusa de Dennys em ter algo a ver com Tiglá. Nunca mais.

— Quanto tempo vão me deixar aqui? O que eles acham que vão conseguir com isso?

— Os vinhedos de Noé.

— Quê!

— Os vinhedos de Noé. São os melhores do oásis.

— Que idiotice. Noé nunca daria os vinhedos. Ele ganha a vida com eles.

— É bom que dê — disse Tiglá —, se não vão matar você.

Sandy levantou-se, indignado, e bateu a cabeça nas peles do teto.

— Eles sabem que o Avô Lameque está morrendo... que está morto?

— Claro.

— São monstros.

— São espertos. Sabiam que todo mundo estaria com a atenção no imbecil do Lameque e não iam sentir sua falta. São *muito* espertos.

— Ah, não são, não — disse Sandy. — Ninguém cede a terroristas. Noé não vai abrir mão dos vinhedos.

— Então vão matá-lo.

— E isso ajudaria no quê? Vão ficar sem os vinhedos e terão um homicídio nas mãos.

— Ah, Sand. Sente-se. Esta barraca não foi feita para gigantes. Não quero amarrá-lo de novo, mas preciso. A não ser...

— A não ser o quê?

— Venha comigo.

— O que sua família diria disso?

— Eles iam odiar. Mas me importo mais com você do que com eles.

Sandy não acreditou nela. Era uma armadilha. Tinha alguma coisa a ver com os nefilins, com o mosquito Rofocale. O que, ele não sabia. Tiglá não o amava o bastante para enfurecer sua família. Ela não o amava. Mas obedeceria a Rofocale.

Ele sentiu um ferrão afiado e deu um tapa, mas errou o mosquito, que saiu da

barraca zumbindo. Furioso, ele coçou a mordida.

— Me amarre e vá embora.

Ela pressionou o rosto contra o dele.

— Você não vai vir comigo?

— Não.

— Vai correr o risco de ser morto?

A boca dele abriu um meio sorriso.

— Há sinas piores que a morte — Ele riu, pois Tiglá não tinha a menor ideia do que ele estava falando.

— Eu ainda não o amarrei... — sussurrou ela.

— Não.

— Você é um gigante. Você podia me agarrar, sair correndo comigo, e podia lhes dizer que vai me matar se tentarem capturá-lo de novo.

Era tentador. Ele fez não com a cabeça, e uma grande onda de tristeza o encobriu. Tiglá não ouvira falar dos grandes heróis de lança e arpão, de arco e espada. Mas era isso que ela o tentava a ser. O que ele poderia ser se assim quisesse.

O que nele o instava a rejeitar papel tão atraente? O que lhe dizia para negar? Era mais que sua desconfiança de que aquilo era uma espécie de ameaça nefilim.

A tristeza se abateu sobre Sandy de novo. Violência não era mais opção. A fissão do átomo acabara com aquilo, embora o mundo tenha demorado a perceber.

Sim, ele poderia vencer Tiglá com facilidade. Ela o convidava. Mas mesmo que não houvesse truque aqui, ele não o faria. Opor violência com violência só gerava mais violência. Sentiu um nó na barriga.

— Tem certeza? — A voz de Tiglá era suplicante.

— Do quê?

— De que não vai vir comigo.

Ele sorriu sem alegria. Estava certo de que havia veneno na proposta de Tiglá.

— Não, Tiglá, não irei com você. Sim, para você sou um gigante. Sou jovem e forte. Mas e daí? Eu não ia sobreviver no deserto. Já vi ossos quando andei por lá, e não eram de animais.

Ela fez um beijo.

— Achei que gostasse de mim.

— Você é um prato saboroso, Tiglá. Agora, por favor, me amarre de novo, mas não tão apertado quanto antes.

Tiglá se ofendeu. Ela amarrou as tiras com toda a força que tinha, puxando com crueldade, mas Sandy fez força para ela não ter sucesso. A garota saiu nervosa, batendo a aba da barraca ao passar.

Ele não se importou com as trevas. Já entrava alguma luz pelas beiradas do buraco do telhado. Precisava pensar. Estava extremamente confuso com suas reações. Ele e Dennys haviam tido sua dose de troca de sopapos quando eram garotos, mas talvez não tanto quanto a irmã deles, Meg. Eles preferiam esportes de equipe e não entraram nem em boxe nem luta greco-romana. Estaria sendo covarde? Sabia que o pai e o irmão de Tiglá não hesitariam em usar arco e flecha, facas de pedra, nem lanças. Sabia que eram capazes de matá-lo, tanto se fugisse quanto se ficasse. Aliás, ele achou que tinha mais chance de sobreviver se ficasse e descobrisse uma maneira e uma rota de fuga do que se saísse pelo deserto sem um plano. Não tinha tanto medo, mas sim indignação. Ele não se achava covarde.

O que fazer? Violência não ia dar certo. Violência era aquilo a que estes homenzinhos recorriam e ele não queria ser igual a eles.

Ficou se perguntando se eles haviam ido a Noé para exigir os vinhedos, como os loucos que eram. Não conhecia Noé tão bem quanto Dennys o conhecia, mas não achava que o idoso fosse ceder. A oposição de Sandy à violência não tinha nada a ver com ceder. Tudo menos isso.

• • •

Depois que o Avô Lameque foi enterrado na cova na pequena caverna, que a cantoria acabou e que os serafins se foram, Noé e sua família saíram lentamente em direção à barraca grande. Onde houvesse um afloramento, ou rocha ou caverna, Jafé, segurando seu pequeno arco e dardos, ia correndo olhar, Dennys na sua cola.

— Não estou gostando disso — disse Noé.

Dennys e Jafé voltaram das sombras profundas da pequena caverna. A luz das estrelas era tão forte que parecia que as sombras cresciam nas trevas.

— Sandy se perdeu no deserto? — A voz de Dennys mudava de tom mais que o normal devido ao nervosismo.

Ouviram um uivo ao longe:

— *Fome!*

Ialí pegou a mão de Dennys e apertou.

— Se a manticora está com fome — disse Sem — é porque não encontrou nada para comer.

— Não se preocupe com a manticora — afirmou Oolibamá. — Sandy a escorraçou da barraca do Avô Lameque.

Será que Sandy conseguiria afugentar a manticora de novo, caso se encontrassem no deserto? Dennys não tinha certeza, não depois de conhecer a horrenda criatura.

Eliseba pronunciou-se:

— Sandy nunca teria saído por aí sozinho.

Ialí concordou.

— Ele estava seguindo o senhor à barraca do Avô Lameque.

Noé coçou a barba.

— Sim, sim, era o que achávamos. Mas ele não chegou, então achamos que devia ter ficado na barraca grande.

— Bom, não ficou — disse Aná. — Acho que ele está com minha irmã, Tiglá.

Ninguém respondeu. As estrelas rodavam devagar pelo céu. Dennys tentou ouvir o canto delas, mas não escutou nada. Depois do glorioso réquiem pelo Avô Lameque, elas ficaram em silêncio.

A lua estava escondendo-se atrás do horizonte quando eles chegaram à barraca de Noé. Cansados, tristes, nervosos.

— Agora, antes de tudo mais, vamos comer — disse Matrede.

— Ela tem razão — disse Noé. — Venha, Den.

Dennys aceitou a tigela de caldo que Matrede lhe deu. Ele sabia que precisava de toda a força para o que havia pela frente.

Com os dentes fortes, Sem arrancou a carne do osso de carneiro. Eliseba lhe alcançou uma tigela de caldo e perguntou:

— Você pode procurar Sand?

Sem, o caçador, era quem melhor conhecia o oásis e o deserto. Jafé e Cam trabalhavam nos vinhedos, perto de casa. Sem era quem devia ir, e Dennys lançou um olhar de gratidão a Eliseba. Distraído, ele fez carinho em Selá, que estava encostada nele e passava a tromba em seu joelho.

Sem viu que Dennys havia terminado o caldo e assentiu. Foi pegar uma de suas lanças, encostadas na parte de dentro da barraca. Testou o peso da arma e ofereceu-a a Dennys. Dennys tomou a lança na mão, embora nunca tivesse usado uma na vida. Sem conferiu sua pequena algibeira em busca de dardos, então pegou uma segunda lança e fez um sinal com a cabeça a Dennys. O menino seguiu o homem baixinho e parrudo até saírem da barraca, sentindo-se esperançoso. Alguma coisa em Sem lhe transmitia confiança.

— Jafé e eu vamos procurar nas trilhas do oásis — disse Noé.

— Aná e eu vamos aos mercados — disse Cam.

Matrede falou com alegria.

— Se o Sand voltar à barraca, o que me parece provável, avisaremos a todos.

Sem e Dennys abriram a aba da barraca. As estrelas se apagavam. A luz tingia o horizonte a leste. O calor começava a tremeluzir em miragens aquosas no deserto. Dennys usava um dos chapéus de palha de Matrede e esperava que aquilo bastasse assim que o dia irrompesse.

Sem olhou para ele.

— Assim que o sol estiver alto, você tem que voltar à barraca.

Dennys concordou. Sem, assim como Jafé, tinha razão naquele ponto. Sua pele já estava formigando tanto de calor quanto de nervosismo. Ele tentou evitar imaginar o que poderia ter acontecido com seu gêmeo. Foi atrás de Sem. E atrás. O calor o assolava. A busca parecia fútil e interminável. Depois do que pareceram horas, ele perguntou:

— Onde está Higiom?

— Ele passará o dia lamentando-se na cova do Avô Lameque — respondeu Sem. — Depois virá a nós. Selá ajudará a aliviar seu luto.

— Higiom consegue sentir água — disse Dennys, com um surto de esperança. — Será que ele sentiria o cheiro de Sandy?

Sem encostou-se na lança e começou a pensar.

— Mamutes são criaturas estranhas. Fazem coisas estranhas. Vamos tentar.

Sem saiu à frente. Caminhava em ritmo acelerado, mas Dennys, com as pernas bem mais compridas, podia superá-lo facilmente e tinha que se conter para ficar atrás. A caverna da cova do Avô Lameque ficava a mais ou menos meio caminho entre a barraca dele e a de Noé, e o sol estava subindo quando chegaram lá. Higiom estava estirado na areia. Suas orelhas em leque ergueram-se ao ouvir os passos.

Dennys correu até o mamute.

— Higgy, será que você poderia seguir o cheiro de Sandy, tal como você segue o da água?

Os olhinhos do mamute, que estavam com a sombra do luto, agora se avivavam. Sem ficou de joelhos ao lado de Higiom, curvando-se a ele em comunicação íntima, falando com carinho.

O mamute ergueu sua tromba e soltou um pequeno trombeteio de esperança.

Os olhos de Dennys também eram de esperança.

— Ah, Sem, o que poderia ter acontecido com ele?

A voz de Sem era pesada.

— Algumas pessoas são maldosas, e a imaginação em seus corações só quer o mal.

— E o Avô? — perguntou Dennys.

Sem coçou a barba em um gesto parecido com o de Noé.

— O Avô sabia. Há muita maldade. Ela também tem cheiro. Você não tem cheiro de maldade, Den, tampouco o Sand. O Avô dizia que há grande afeto em seus corações, e este cheiro é agradável. — Era a frase mais longa que Sem já havia dito.

— Obrigado — disse Dennys. — Vamos.

Sem fez que não e olhou para o sol.

— Achei que já o teríamos encontrado a esta hora.

— *Vamos* —insistiu Dennys.

— Den, tenho que caçar para podermos comer à noite.

— Mas...

— Minhas irmãs e suas famílias comem com voracidade, não percebeu?

Carne assada de velório, pensou Dennys, irritado.

— Den, temos que comer para ter força para o que...

Dennys voltou-se para Higaïom.

— Venha, Higgy.

— Den. Eu caço melhor sozinho. Mas continuarei a procurar Sand. Procure Jafé.

— Mas ele...

— Ele e o Pai estarão à procura perto da barraca. Não saia sozinho com Higaïom. Não é seguro.

Dennys olhou para o rosto ansioso de Sem. Não era seguro. Não era seguro, pois o que quer que houvesse acontecido com Sandy poderia acontecer com Dennys...

— Não vamos parar até encontrá-lo. Vão encontrar Jafé. Você e Higaïom.

• • •

Noé estava sentado na barraca grande, de pernas cruzadas, os cotovelos sobre os joelhos, a cabeça caída nas mãos. Matrede veio sentar-se ao lado do marido.

— Não sei onde ele está — disse Noé. — Onde poderia estar.

— Descanse, marido — insistiu Matrede. — Ele será encontrado.

Noé concordou.

— Meu coração pesa. Eu lamento por meu pai.

— Ele era idoso, carregado de anos. — Matrede o consolou.

— O Sand, não.

— Você diria que algo aconteceu com ele?

— Por que outro motivo ele não teria vindo comigo à barraca de meu pai? Ele não é como os jovens do oásis, que só pensam em si.

— Ele e Den são diferentes de todos — disse Matrede. — Não sabemos se aconteceu algo de terrível.

Noé não respondeu, tampouco olhou para a esposa.

— E eu tenho que começar a construir a arca.

— El nunca lhe pediu para fazer algo louco.

— É tão louco assim? Se as chuvas cobrirem a terra, como eles dizem que irá, não será loucura ter uma arca.

— É bom que as chuvas não cubram a terra por enquanto — disse Matrede. — Você tem que construir a arca, encontrar todos os animais.

— Vou começar imediatamente.

— E vão rir de você. Você será a grande piada do oásis.

— Não penso que seja engraçado — disse Noé. — Meu pai morreu. O Sand está sabe El onde.

— Por que não pergunta a El?

— Perguntei. El diz apenas que devo começar a construção da arca. El não diz nada sobre o Sand.

— Nem sobre o Den?

Noé assentiu.

— Você os levará na arca?

— Levarei apenas você, nossos filhos e as esposas. Ninguém mais.

— Ialí... — começou a dizer Matrede, mas parou quando vieram dois homens, sem se anunciar, e passaram pela aba aberta da barraca.

O pai e o irmão de Tiglá.

Muitas águas não extinguem um amor

Ialí saiu ao deserto. Estava nervosa e sem sono algum. Tinha vontade de cair no colo de Matrede e choramingar como se ainda fosse uma menininha. Queria chorar até dormir.

Mas ela não era mais uma menininha, e seus olhos estavam secos e ardidos. Não estava acostumada a sair na rua naquela hora do dia. Não sabia ao certo o que a atraía ao deserto, pois não havia esperança de que veria Aariel. Ele estaria na sua caverna, dormindo.

Independentemente disso, ela saiu caminhando naquela direção e, conforme se aproximou, ficou espantada ao vê-lo deitado nas sombras à entrada da caverna. Embora tivesse certeza de que era Aariel, seguiu com cautela. Também tivera certeza de que era Aariel quando o leão se transformou no dragão/lagarto Eblis.

Ela sussurrou:

— Aariel...

O leão se levantou, se esticou, bocejou, depois caminhou na direção dela.

— Ah, Aariel! — Ela lançou os braços ao pescoço castanho, embora não tivesse mais lágrimas. — Não sabemos onde o Sand está! O Avô Lameque o mandou buscar meu pai. O Sand sabia que o Avô estava morrendo, então deu o camelo a meu pai para ele chegar a tempo, e o Sand disse que voltaria caminhando. Aí o Avô morreu e todos estavam concentrados nele, por isso nem notamos, de início, que o Sand não estava presente, então tivemos que enterrar o Avô e... ah, ah, Aariel, não sabemos o que aconteceu...

Aariel deixou que Ialí falasse. Quando a voz dela acalmou-se e ela apertou o rosto contra o pelo dele, o serafim transformou-se suavemente, delicadamente, até ela ser envolvida por suas asas.

— Higiom foi procurar o cheiro de Sand.

— Ele deixou a cova do Avô?

— Em prol dos vivos, sim. O Den e Jafé irão com ele.

— Ah, que bom, fico feliz, muito feliz! Higiom com certeza vai encontrá-lo e Jafé saberá o que fazer, e o Den também.

Aariel puxou-a para a sombra da entrada de sua caverna.

— Aariel... meu pai vai construir um barco, um barco enorme.

— É inteligente — falou Aariel, com rosto sério.

— Para meus irmãos e as esposas. Para animais de toda espécie.

— Sim, para preservar as espécies.

— Mas não para minhas irmãs, Sirá e Hoglá, nem seus maridos e filhos. Nem para Maalá e seu bebê nefilim. Nem... nem para mim.

Aariel a puxou para perto.

— Muitas águas não extinguem um amor, tampouco dilúvios hão de afogá-lo.

— Sua voz era tranquila, gentil.

— E os gêmeos? — Os olhos dela encheram-se de lágrimas.

O braço do serafim era forte ao segurá-la.

— Eu não sei.

— Mas você sabe que El disse a meu pai para construir uma arca?

— Sim. Isto eu sei.

— Mas não sabe dos gêmeos?

— Não temos que saber de tudo.

— Mas você podia perguntar...

— Perguntamos.

— As estrelas também se calam?

— As estrelas se calam.

— Aariel, estou com medo.

— Nada tema. Eu a levarei — ele prometeu.

— Sinto mais medo pelo Sand e pelo Den do que por mim. Eu amo os dois.

— E eles a amam.

— Não quero que eles morram. Eles vão morrer?

Aariel a envolveu com as asas. Não olhou para ela.

— Não sei.

• • •

Sandy dormia. Ainda não entendia sua reação a Tiglá e às propostas de fuga que ela fizera, mas passado um tempo parou de se questionar. Quando chegasse a hora de fazer alguma coisa, ele saberia o quê.

As horas do dia não eram boas para fugir. Talvez se ocultado pela noite...

— Gêmeo!

Era a voz e o cheiro de Tiglá.

Ela segurou a aba aberta.

— Você tem visita — disse ela.

Ele sentou-se, alerta no mesmo instante. O pai e o irmão dela haviam vindo

matá-lo.

Mas foi Rofocale quem entrou na barraca, abaixando-se para passar pela aba, de modo que suas asas flamejantes se arrastaram na areia. Assim como Sandy, ele era muito alto para ficar de pé na barraquinha. Com velocidade e graça, sentou-se, encarando Sandy, fitando-o com os olhos cor de granada. Seu cabelo branco estava amarrado para trás, seu rosto branco como a neve.

Ele estendeu uma das mãos e tocou Sandy no joelho. O toque era tão gelado que chegava a queimar. Sandy recuou, mas não gritou.

— Por que vocês estão aqui? — quis saber Rofocale.

Sandy respondeu com a voz mais calma possível.

— Fui sequestrado e estou aqui de refém. Se eu fugir desta barraca, serei visto facilmente. Não há como eu me esconder numa multidão. Sou da sua altura. Seria um alvo fácil.

— Por que vocês vieram?

— Eu? Eu não vim. O pai e o irmão de Tiglá me sequestraram e suspeito que foi você que os mandou.

— Não pergunto por que você está nesta barraca — disse Rofocale. — Pergunto por que você e seu irmão decidiram vir a este oásis.

— Foi um engano — disse Sandy, tal como havia dito a Tiglá.

Rofocale estendeu a mão mais uma vez, tocou Sandy no joelho mais uma vez. Sandy tivera uma úlcera de frio num inverno, e a sensação era a mesma.

— Se foi um engano vocês virem, por que não vão embora?

Sandy falou propositalmente devagar.

— Iremos embora quando for a hora.

— Vocês não pertencem a este lugar.

— Não. Eu devia estar com Noé e sua família.

Rofocale fez um som que pareceu zumbido de mosquito.

— Vocês não pertencem a este oásis. Não há gigantes como vocês nesta época e local. Por que não têm asas?

— Nós voamos em aviões e espaçonaves.

— O quê?

Os nefilins não sabiam de tudo.

— Temos máquinas que voam — disse Sandy.

— Vocês conseguem sair do planeta?

— Já fomos até a lua. Voamos entre as estrelas.

— Você?

— Eu sou muito novo — disse Sandy. — Meu pai já fez vários voos espaciais.

— El enviou vocês para nos atormentar?

— O que acha? — perguntou Sandy.
— Você não é um de nós, dos nefilins. Tampouco são, creio eu, dos serafins.
— Não. Somos humanos.
— Mortais?
— Sim.
— Então por que vieram?
— Foi um engano — repetiu Sandy.
— Gostaria que eu lhe tirasse deste lugar, desta barraca minúscula?
— Não.
— Eles virão matá-lo.
— Talvez.
— Noé não se dispõe a entregar seus vinhedos.
— Ele está certo. Não se cede a terroristas.
— Você é tolo. Eu poderia transmitir uma mensagem a ele, se quiser. Se pedir, creio que ele dará os vinhedos.
— Eu não pediria.
— Então vai morrer.
— E você ia gostar disso, não ia? — perguntou Sandy. — Talvez gostaria de me matar você mesmo?
— Vou deixá-lo agora. Você é insolente.
— Por que não gosta de nós, de mim e do meu irmão?
— Vocês não pertencem ao nosso mundo. Vão criar problemas. Creio que foram enviados para causar problemas aos nefilins. — Rofocale ergueu-se. A energia estalava no ar, fazendo a pele de Sandy formigar. Um mosquito saiu voando.
Em questão de minutos, Tiglá apareceu.
— Ele lhe contou? — Ela estava rindo. Na luz que entrava da rua, a covinha em seu queixo parecia uma fissura.
— Que seu pai e seu irmão planejam me matar? Sim, ele me disse.
— Não isso. — Ela teve um acesso de riso.
Ele não achou graça.
— Então o quê?
— Sobre Noé.
— Ele disse que Noé não se dispõe a entregar os vinhedos.
— Não, não, também não é isso.
— Então o quê? — Ele estava irritado com as risadinhas.
— Noé está construindo um barco. Um barco! — A risada dela se desfez. Sandy sentou-se. Perguntou com cuidado.
— Por que ele está construindo um barco?

— Uma arca, ele diz. — A risada dela era zombeteira. — O mar ou rio mais próximo fica a luas daqui.

— Então por que ele está construindo? — perguntou Sandy.

— Quem é que sabe?

— E vai construir sozinho?

— Ah, não, é um barco muito grande. Imenso. Os filhos vão ajudar. Ele diz que vai chover! — A risada dela estridulou nos ouvidos de Sandy. — Só temos chuva na primavera, depois não muito. Ele é motivo de riso no oásis.

Sandy sentou-se, alerta, olhando para ela.

— Rofocale acha que ele está construindo o barco para livrar-se de você. Um barco onde não há água é uma besteira.

— Estou com fome — disse Sandy.

— Ah, eu lhe trouxe mais comida.

— Então deixe aqui comigo.

Ela fechou a cara.

— Você não quer que eu sente para conversar enquanto come? Eu solto suas mãos e seus pés.

— Eu dou um jeito. — Sandy flexionou os músculos para que as tiras parecessem bem presas. — Tenho que pensar.

— Sobre a arca imbecil?

— Sobre muitas coisas.

— Bom... tudo bem. — Ela saiu da barraca e voltou com uma tigela de ensopado. — Tem certeza de que não quer que eu fique?

Sandy foi firme.

— Absoluta. Desista, Tiglá. Vá embora.

De cara amarrada, ela foi.

Ele provou o ensopado. Ugh. Estava azedo. Deixou a tigela de lado, tirou as mãos das tiras e desatou os pés. Se Noé já estava construindo a arca, não havia tempo a perder. Perigoso ou não, assim que ficasse escuro, Sandy ia sair da barraca, adentrar o deserto, tentar descobrir em que ponto do oásis estava, e partir aonde fosse mais próximo, a barraca do Avô Lameque ou a de Noé.

Então ele deitou-se para descansar e aguardar o cair da noite.

• • •

— Eles foram longe demais — disse Noé — ao tomar nosso Sand.

A família estava reunida na barraca de novo, escondendo-se do calor do sol.

— É claro que o senhor não vai lhes entregar os vinhedos! — disse Cam.

Noé fez que não.

— Eu falei que não ia. Mas agora... Já transformei um dos vinhedos antigos,

que estava sem replantar, em serraria. Que diferença farão os vinhedos se estiverem cobertos de água?

— Estamos ajudando-o com esta idiotice, Pai, porque o senhor pediu — disse Cam. — Mas o senhor não acredita que haverá tanta chuva, não é mesmo?

— É o que me foi dito.

Sem havia voltado da caçada e estava sentado sobre uma pilha de peles, com Selá ao seu lado.

— O senhor tem certeza de que foi a voz de El?

— Tenho.

Eliseba interveio.

— Não teria sido, quem sabe, a voz de um nefilim?

— Sei diferenciar a voz de El da de um nefilim.

— Eles sabem imitar com astúcia.

— El é El. Se um dos nefilins tentasse soar como El, El teria me dito.

Matrede tirou os olhos da panela de sopa.

— Quando a chuva vai começar?

— Quando a arca estiver pronta.

— E as nossas irmãs, seus maridos e filhos? — perguntou Sem.

Noé limpou a mãos na barba.

— Tenho que fazer uma janela na arca e deixar uma porta na lateral, com andares inferior, segundo e terceiro. El me disse que devo trazer animais de toda espécie, mais minha esposa, meus filhos e suas esposas.

A voz de Oolibamá saiu afiada:

— E Ialí?

Noé fez que não com tristeza.

Sem protestou:

— Mas será um barco grande, Pai! É claro que haverá espaço para mais que apenas nós oito.

— Animais — repetiu Noé — de toda espécie, de modo que, quando as águas do dilúvio acalmarem, haverá tanto animais quanto humanos para repovoar a terra.

— Não acredito em nada disso — disse Cam. — Mas caso venha a se passar, eu darei minha vaga na arca a Ialí.

Oolibamá olhou para ele, surpreso.

— Absurdo! — disse Aná. — Se o senhor construir esta arca e nada acontecer, como vai encarar os outros?

Noé coçou a barba.

— Eu obedeco a El.

— E nossos gêmeos? — perguntou Oolibamá. — E eles?

— E onde está o Sand? — perguntou Eliseba.

— Jafé e o Den com certeza o encontrarão — disse Noé. Selá ergueu a tromba e a fez soar. — E se não voltarem com o Sand ao nascer do sol, mudarei de ideia. Eu lhes darei os vinhedos. Quando as águas do dilúvio se acalmarem, plantarei novas parreiras.

— O senhor acredita mesmo que haverá um dilúvio! — disse Cam, ainda descrente. — Não temos nem chuva que nos ajude, nem na primavera. Se não fossem nossos poços, não haveria oásis.

— Nosso pai já foi feito de tolo? — perguntou Sem.

— Não — respondeu Aná. — Mas sempre há uma primeira vez.

• • •

Admael, o de cabelos brancos, atravessou toda a extensão do oásis até onde Sandy estava preso. Era a ponta mais distante do oásis, tão distante quanto a barraca de Noé era para um lado quando a do Avô Lameque era para o outro. Admael não subiu até a barraca, mas curvou-se no chão a alguns metros dali, para aguardar.

Adnachiel, a girafa, pastava folhas macias, esticando o pescoço comprido e dourado. No alto da árvore, dormindo durante as horas do dia, sentava-se Akatriel, a coruja, a cabeça enfiada nas penas.

Juntos, eles aguardavam.

• • •

Jafé e Dennys seguiram Higaiom, que trotava em zigue-zague para lá e para cá, das beiras remotas do oásis ao deserto, fungando, sacudindo sua cabeça de modo que o sol a subir reluzia contra suas presas curvas. Ele fungou de novo. Ia e voltava. Oásis adentro. Deserto adentro.

— O sol está alto — disse Jafé. — Você tem que encontrar sombra, Den.

Dennys balançou sua cabeça, teimoso. Seu corpo cintilava de suor.

Jafé olhou para ele, preocupado.

— Não estamos longe da barraca do Avô Lameque. Talvez lá encontremos Adnarel e podemos pedir sua ajuda.

Aliviado, Dennys arfou.

— Tudo bem. — Higaiom estava arrastando-se de exaustão. Não havia sinal de Sandy.

Higaiom abriu caminho até o oásis, sua energia renovada agora que tinham um destino. Jafé estava descansado, correndo junto, com respiração tranquila. Dennys era grato pelas pernas compridas; sem elas, não teria conseguido acompanhar.

Conforme se aproximaram dos pomares do Avô Lameque e viram a sombra

escura de sua barraca, Higaiom soou a trombeta e apressou o passo, de modo que Jafé passou a correr. Quando chegaram à barraca, o calor pareceu ficar mais forte, e suas sombras ficaram escuras e acoradas. Higaiom parou, apontando a tromba para a luz que piscava vindo de algo semienterrado na areia perto da aba da barraca.

— Adnarel! — gritou Dennys. — Ah, Adnarel!

Jafé agachou-se e ergueu o escaravelho da areia, fez um carinho delicado com o dedo, e foi como se o animal houvesse irrompido da sua mão. Adnarel estava diante deles, reluzindo como ouro.

— Ah, Adnarel — gritou Dennys —, Sandy nunca voltou para casa depois que deu o camelo a Noé! Não sabemos o que houve com ele!

Adnarel fez uma mesura séria, atento, sem dizer nada.

— Estou preocupado porque acho que ele não foi onde está de livre vontade — disse Jafé.

Adnarel voltou-se para Jafé.

— Explique o que está pensando.

— Já que ele não seguiu meu pai à barraca do Avô como disse que iria, então temo que talvez alguém... — Sua voz se perdeu.

As asas de Adnarel reluziram.

— Você está pensando em Tiglá?

— Foi a sugestão de Aná...

— Não — retrucou Dennys.

— Sabemos que ela é uma sedutora — disse Jafé.

— Não — repetiu Dennys. — Sandy nunca teria saído com Tiglá enquanto o Avô morria. Nunca.

Adnarel concordou.

— É claro. Ele não teria sumido por vontade própria.

— Então onde ele está?

Adnarel ergueu as asas, mas abaixou-as lentamente.

— O que você está fazendo para tentar encontrá-lo?

Jafé não sabia da visita do pai e do irmão de Tiglá às barracas de Noé.

— Estamos todos à procura, mas não encontramos vestígio em lugar algum.

Adnarel olhou para os dois jovens, para os olhos de Dennys, e depois para Jafé, baixo, esguio e forte.

Jafé prosseguiu:

— Sandy se preocupa com o Avô Lameque. Ele se preocupa com o irmão. Não é do seu caráter sumir numa hora destas.

— Nefilins — falou Adnarel, em tom baixo.

Um ondular de preocupação cruzou os flancos de Higaiom. Jafé disse:

— É disso que temos medo. Mas nem eles conseguiriam fazer Sandy sumir por completo, não é?

— Eles são mestres da ilusão — disse Adnarel. — Conseguem fazer qualquer parte do oásis parecer outra. Conseguem disfarçar odores. Por isso que o olfato de Higaiom não teve resultado.

— Mas onde você acha que ele está? — A voz de Dennys ressoou com nervosismo.

— Acho que os nefilins usaram a cobiça humana. Suspeito que as pessoas menos agradáveis do oásis, talvez os homens da barraca de Tiglá, levaram-no e colocaram-no numa barraca pouco usada e estão pedindo uma espécie de resgate. Eles são ambiciosos, mas não gostam de trabalhar pelo que têm. Seria fácil tentá-los a fazer o que os nefilins querem.

Dennys ergueu a cabeça ao ouvir o bater forte das asas, e um pelicano despencou do céu. Aalrid apareceu ao lado deles.

— Os nefilins têm medo dos gêmeos. — Suas asas agitavam-se em prata.

— Mas por quê? — perguntou Jafé. — Os gêmeos são bons.

Adnarel e Alarid tocaram as pontas das asas. Adnarel disse:

— Os nefilins temem o que não entendem. Higaiom atravessou o oásis com seu olfato?

Jafé assentiu.

— Até a outra ponta? — perguntou Alarid.

— Sim.

— Tente mais uma vez. Desta vez, faça toda a extensão do oásis e concentre-se no ponto mais distante. Eles terão levado-o o mais longe possível das barracas de Noé.

— E provavelmente não o levaram na direção da barraca do Avô Lameque — complementou Alarid.

O rabinho viscoso de Higaiom sacudiu.

— O sol está alto — comentou Jafé. — O Den não pode cruzar o oásis no sol a pino sem ficar com a doença do sol.

Os dois serafins olharam para Dennys, já vermelho e suando.

— Tem razão. O Den ficará aqui, na barraca do Avô Lameque, para o descanso da tarde. Um de nós ficará com ele, caso... — Adnarel não terminou de falar.

— E cuidaremos para que ele chegue às barracas de Noé antes do pôr do sol — disse Alarid. — Encontrando o Sand ou não, você já deverá estar em casa.

Higaiom ergueu a tromba com um trombetear impaciente.

— Nós vamos. — Jafé olhou para o serafim e perguntou em voz baixa. — Está preocupado?

Eles confirmaram, sérios.

• • •

No calor escuro da barraca-prisão, Sandy dormia irrequieto, sonhando um misto de sonhos sem significado. Tiglá estava amarrando suas tiras com força e botando uma tigela de carne podre na sua frente. Suas narinas encresparam.

Não era o cheiro de Tiglá. Não era nem o cheiro de carne de cabra podre. Ele abriu os olhos e viu apenas uma sombra escura, sentiu algo mole cutucando-o. Estendeu a mão e tocou algo firme e curvado. Passou a mão pelo que fosse, até os dedos sentirem algo áspero. Era uma presa, quebrada na ponta. Seus olhos ajustaram-se à luz fraca e ele viu que estava tocando um mamute, não Higiom nem Selá, ambos os quais eram reluzentes e bem alimentados, com presas polidas, mas um mamute desnutrido de pelo desgrenhado, uma presa quebrada na ponta, a outra um pouquinho mais para cima. Estava cutucando-o com a ponta da tromba.

O que o mamute queria dele, Sandy não sabia. Mas ficou claro que não desejava lhe fazer mal e que sua aproximação era amigável. Sandy começou a acariciar sua cabeça peluda, depois passou os dedos pelas presas de marfim. A pequena criatura obviamente sofrera abusos, então era provável que tivesse vindo da barraca de Tiglá. Ele ficou grato pela companhia. Talvez um mamute, até um mamute sarnento, seria prestativo quando chegasse a noite, não tão prestativo na fuga real quanto em encontrar as barracas de Noé.

— Agora — disse ele ao mamute, acariciando as orelhas em leque —, se eu tivesse um unicórnio, eu poderia sair daqui. — Ele fez uma pausa. — Ei. Eu não pensava em unicórnio antes, porque basicamente ainda não acredito em unicórnios.

Dennys, lembrou ele, havia invocado um unicórnio depois que o pai e o irmão de Tiglá quase o mataram, ao jogarem-no no lixão. Também não era fácil para Dennys acreditar em unicórnios, mas, se precisasse, ele acreditaria.

Se Sandy podia acreditar em algo tão absurdo quanto ele e Dennys terem ido parar no deserto pré-diluviano, que haviam ficado tão íntimos das barracas de Noé, principalmente de Ialí, que haviam virado quase da família, e se ele podia acreditar que naquele momento estava acariciando um mamute, por que a dificuldade em acreditar em um unicórnio, mesmo que fosse o que Dennys chamaria de unicórnio virtual? Seu pai acreditava em partículas virtuais e sua mãe era uma cientista que havia ganhado o Prêmio Nobel por descobrir partículas tão pequenas que mal eram concebíveis mesmo com um esforço da imaginação.

— O que eu vou fazer? — perguntou ele ao mamute, que respondeu

acomodando-se mais perto.

Se Sandy sáísse da barraca sozinho, eles estariam lá, aguardando-o — Rofocale, se não o pai e o irmão de Tiglá — e não hesitariam em matá-lo. Nem a noite lhes daria proteção, com o brilho das estrelas iluminando o oásis.

— O problema — explicou ele ao mamute — é que sempre tenho que ver as coisas para acreditar. Mas, afinal de contas, já vi unicórnios. Vi dois. Eu os vi, portanto posso acreditar.

O mamute encostou-se com a tromba para tocar suavemente a bochecha do garoto. No ouvido da sua mente, era como se Sandy ouvisse “Tem coisas em que você tem que acreditar para ver”.

— Unicórnio! — sussurrou ele, e o mamute deixou a tromba na palma de sua mão. — Unicórnio, por favor volte à vida. Por favor tenda à existência.

Contra as trevas da barraca surgiu um estouro de luz. Um unicórnio ergueu-se, trêmulo, ao lado dele.

— Ah, você *existe*! — gritou Sandy. — Ah, obrigado! — Ele estendeu a mão. O unicórnio veio a ele com passos de prata, dobrou as delicadas pernas e deitou-se, repousando a cabeça no colo de Sandy, de modo que a luz do chifre fluiu do mamutinho, que ergueu a cabeça em gratidão. Sandy afagou a crina prateada, suave como o luar. — E agora? — perguntou ele às duas díspares criaturas.

A luz do chifre resplendeu, mas nem unicórnio nem mamute lhe responderam.

— Se eu pudesse cair no sono — comentou Sandy — ou deixar de crer em unicórnios, aí você perderia sua tendência à existência e partiria daqui, e me levaria com você, tal como levou Dennys. O problema é que agora acredito em você. E enquanto acredito em você, você continua a existir, não é?

O unicórnio o tocou no nariz, afetuoso como o mamute.

— Desde que eu fique com você — sussurrou Sandy —, acho que estou seguro, pois tenho absoluta certeza de que Tiglá não chegaria perto de você, nem de seu pai ou irmão. Mas se eles tentarem e você deixar de existir, você vai fazer o mamute e eu deixarmos de existir junto? Se não levarmos o mamute, vão fazer mal a ele de novo. Então você pode nos levar?

Era uma ideia assustadora. Ele perguntara a Dennys como se sentira nas duas vezes que tinha saído com o unicórnio e Dennys havia respondido que não havia sentido nada. Mas, talvez, pensou Sandy, isto pudesse ocorrer porque Dennys tinha insolação e febre alta. Então ele se lembrou do Avô Lameque — ou teria sido Jafé? — lhe contando que os unicórnios nunca perdiam ninguém.

Ele botou um braço por cima do unicórnio, outro sobre o mamute, e esperou. Era um plano bem melhor do que sair com Tiglá, ou tentar cruzar o deserto sozinho.

— Viram? — disse ele às duas criaturas, que se apertavam confiantemente

contra ele. — Quando chegou a minha hora de fazer algo, eu soube o que fazer e fiz.

Ele apertou bem unicórnio e mamute contra si.

• • •

Os nefilins reuniram-se. Orgulhosos. Arrogantes. Tremulando entre ir e vir de seus hospedeiros, enquanto pronunciavam-se.

Rofocale, o mosquito, falou.

— Fiz uma ilusão em torno da barraca. Está na beira do deserto na ponta mais distante do oásis, mas a ilusão faz parecer que ela é cercada por rebanhos e pomares.

Eblis, o dragão/lagarto, falou:

— Os gêmeos gigantes merecem tanto incômodo?

— Creio que eles sabem de algo que não sabemos — respondeu Rofocale. — Quando interroguei aquele que Tiglá capturou para mim, ele me deu respostas evasivas.

Ugiel, a naja, falou:

— Há perigo no ar. As estrelas estão em retrocesso. Preocupo-me com meu bebê.

Naamá, o abutre, falou:

— Optamos pelo silêncio com El. Optamos por nunca mais ouvir a Voz, nunca falar com a Presença.

Ertrael, o rato, sugeriu:

— Podíamos perguntar aos serafins.

— Nunca! — disse Estael, a barata.

— Mas eles ainda falam com El — retrucou Ertrael. — As estrelas ainda conversam com eles.

— Não me interessa ouvir as estrelas — pronunciou-se Eiché, o crocodilo.

— Elas podem nos dizer — disse Rumjal, a formiga vermelha — se corremos perigo ou não.

— Como correríamos perigo? — perguntou Eblis. — Somos imortais.

— E aquele que capturamos — continuou Rofocale — disse-me que é mortal. Se é que se pode acreditar.

Naamá, o abutre, estalou o bico.

— Sinto o cheiro de que em breve teremos muito para comer.

— Como? — quis saber Rofocale. — O que vai acontecer?

Eblis, o dragão/lagarto, questionou:

— Alguém pode me dizer o que Noé está construindo?

— Boa pergunta — disse Rumaél, a lesma.

Rofocale deu sua risada penetrante.

— Um barco! É o que diz minha Tiglá. Ele está construindo um barco!

— Um barco? — questionou Eiché, o crocodilo. — Por que ele construiria um barco?

Rugziel, a minhoca, perguntou:

— Os gêmeos gigantes poderiam ter lhe contado algo que não sabemos?

Rofocale falou:

— Precisamos nos livrar dos gêmeos gigantes. Tudo está diferente desde que eles vieram.

— Noé reconciliou-se com o pai. — disse Naamá, o abutre.

— E Lameque faleceu. — Estael, a barata, concordou.

— Minha amada Ialí prefere os jovens gigantes a mim — disse Eblis. — Eles devem ter um poder estranho, para fazer ela voltar-se contra mim para criaturas de pele macia e sem asas.

— E Noé constrói um barco — complementou Rofocale.

— E Matrede chora — disse Rumjal, a formiga vermelha.

— Deveríamos descobrir — sugeriu Uriel — se eles, os jovens gigantes, são ou não mortais.

Rofocale berrou de novo:

— O pai e o irmão de Tiglá vão descobrir por nós.

• • •

Higaiom finalmente descobriu a barraca onde Sandy estava preso, pois o unicórnio estava lá. O poder de ilusão de Rofocale havia feito com que a barraca parecesse estar no meio do oásis e havia de fato alterado o cheiro de Sandy. Mas o unicórnio viera à barraca depois de a ilusão estar posta. Higaiom fungou. Sentiu cheiro de prata e sentiu cheiro de luz. Ele cutucou Jafé, animado.

Jafé abriu a aba da barraca cuidadosamente. A luz de fim de tarde entrava o suficiente pelo buraco da barraca para ele enxergar Sandy e o unicórnio, suas cabeças unidas em afeto. O mamute maltratado era apenas uma sombra escura sob o braço de Sandy.

— Sand!

Sandy abriu os olhos.

— Jaf!

O jovem começou a correr à frente para abraçá-lo, mas parou como se fosse detido por uma barreira invisível. A luz do unicórnio brilhou.

Higaiom seguiu Jafé à barraca, sentado de cócoras e surpreso ao ver o mamute que fazia pressão contra Sandy, piscando assustado.

O braço protetor de Sandy se reforçou.

— Está tudo bem. Ninguém vai machucá-lo. — E depois: — Jaf, como me encontrou?

— Está tudo bem? — perguntou Jafé, nervoso.

— Ah, estou bem, mas o pai e o irmão de Tiglá querem me matar...

— Não. — Jafé levou os dedos a seu minúsculo arco. — Não, Sand.

— E veja o que fizeram com o mamute — falou Sandy, indignado. — Quase o mataram de fome e quebraram suas presas.

— Batata! — disse Jafé, com pressa. — Vamos levá-lo conosco. Mas é bom sairmos daqui antes que voltem.

— Acho que estou seguro enquanto eu ficar com o unicórnio — disse Sandy —, pois eles não vão conseguir chegar perto.

Jafé sorriu.

— Nem eu. — Ele olhou para o garoto e o unicórnio. — Sand. Lembra-se de quando encontrei você e o Den no deserto, convocamos unicórnios e o Den partiu com ele?

— Claro que lembro.

— Você não consegue partir com o unicórnio?

Sandy deu um suspiro.

— O problema, Jaf, é que agora eu *acredito* no unicórnio.

O mamute maltrapilho de repente eriçou as orelhas e começou a ganir. Higaiom botou-se de pé e Jafé virou-se para ver a aba da barraca abrir com violência. Dois homens baixinhos e corpulentos entraram, trazendo lanças. O pai e o irmão de Tiglá.

— Alca! O que temos aqui? — quis saber o mais velho.

— Um *unicórnio*! — exclamou o mais moço. — E um dos filhos de Noé. Ora, ora. — Ele foi na direção de Sandy e do unicórnio, mas recuou com uma súbita golfada de ar. — Você, jovem gigante! Venha! Queremos você.

— Desculpe — disse Sandy. — Não ficarão comigo. — Ele olhou para Jafé e os dois homens da barraca de Tiglá e de novo questionou-se por que seriam tão pequenos. O pai de Tiglá era ainda mais apequenado pelas pernas tortas. Não era à toa que haviam usado o dardo envenenado nele. Numa luta justa, nunca o teriam capturado.

As feições agradáveis de Jafé ficaram distorcidas pela raiva.

— Vocês já fizeram muito mal. Saiam daqui.

A barraca era tão pequena que os três homenzinhos estavam quase colados em Sandy, seus braços ainda em torno do unicórnio e do mamute, tão próximos que sentia o odor dos homens da barraca de Tiglá.

— Bolas de alca para vocês — disse o irmão de Tiglá.

Jafé lançou um olhar a Sandy e, num reflexo tão veloz que mal pareceu

movimento, puxou um dos dardos de sua alforja e enfiou no braço do garoto.

• • •

Os dois homens da barraca-prisão gritaram de surpresa e raiva.

— O que houve? — berrou o pai de Tiglá.

Onde antes estavam Sandy, unicórnio e mamute agora só havia uma pilha de peles imundas.

Jafé respondeu tranquilamente.

— Partiram com o unicórnio.

Os dois homens rugiram de frustração.

— Chame-o de volta — disse o homem das pernas tortas.

— Ou vamos matá-lo — ameaçou o mais moço.

— E em que isso lhes ajudará? — quis saber Jafé. — Vocês nunca terão o Sand de volta sem mim.

O irmão de Tiglá rosnou do fundo da garganta e jogou-se contra Jafé com sua lança. Mas Higiom saltou entre eles, derrubando o homem de barba ruiva de modo a deixá-lo estirado no chão da barraca.

— Por que não o deteve? — rosnou ele para o pai.

— Eu? O que eu podia fazer?

— Você o deixou escapar com o unicórnio e também com nosso mamute.

O irmão de Tiglá botou-se de pé, desajeitado, sentindo sua lança na mão.

— Nos dê os vinhedos de seu pai, então.

— Não — disse Jafé, e pegou seus dardos.

Mas o homem mais velho atacou com sua lança e, apesar dos reflexos rápidos de Jafé, a lança cortou suas costelas e um filete de sangue escorreu pelo torso.

Higiom jogou-se contra o homem, trombeteando sua indignação.

Mas os dois homens de lanças eram demais para Jafé e o mamute. Jafé levou a mão ao flanco ferido e o mamute atacou de novo, mas foi repellido com crueldade pelo irmão de Tiglá.

De repente ouviram um rugido.

— *Fome!* — E a manticora enfiou seu rosto horrendo na barraca. — *Fome!*

— Vá embora! — berrou o pai de Tiglá.

Em terror, Higiom recuou, batendo nas peles da barraca, que cederam um pouco. Jafé, tentando tocar no mamute, viu que as peles não estavam presas ao chão com segurança. Não eram todos que se davam ao trabalho de armar suas barracas tão bem quanto Noé e o Avô Lameque.

— Corra, Hig, corra! — ordenou Jafé, e Higiom recuou da barraca.

— *Fome!* — Ao rosto horrível da manticora seguiram-se o corpo de leão e a cauda de escorpião.

Dos três homens, Jafé era o que estava mais distante da aba da barraca. Ele tentou pegar um dardo em sua pequena alforja e lançou um deles, que foi parar na testa da manticora.

— *Fo...* — começou a manticora, e caiu, inconsciente, sobre o pai e o irmão de Tiglá.

Veloz, Jafé caiu de joelhos e saiu pelos fundos da barraca, por onde Higaiom havia escapado.

O mamute aguardava-o do lado de fora, ganindo de terror, mas sem querer deixar Jafé para trás.

— Corra! — gritou Jafé assim que se pôs de pé; e eles correram. Correram sem olhar para trás. Deserto afora. E então a ilusão que Rofocale havia armado se partiu e Jafé soube exatamente onde estavam. Estavam numa ponta do oásis, o lado oposto das barracas do Avô Lameque. Ele mal percebia o sangue escorrendo pelo torso enquanto corria até sua casa.

• • •

Admael, o camelo, Adnachiel, a girafa, e Akatriel, a coruja, deixaram seus postos e seguiram Jafé e o mamute ao deserto.

Jafé, correndo mais rápido do que já correria na vida, de repente sentiu-se tonto. Tudo ficou branco. Ele desmoronou aos poucos sobre a areia. Higaiom afundou as patas contra a rocha para diminuir o passo.

Akatriel voou até a areia para ficar ao lado do jovem e voltou à forma de serafim.

— Ele perdeu muito sangue. Ainda está sangrando.

Adnachiel, a girafa, curvou o pescoço para olhar a ferida de Jafé, depois abaixou-se para tocar na pele rasgada com a língua. Aos poucos, delicadamente, ele lambeu a ferida.

Admael, o camelo, saiu a galope.

Higaiom agachou-se ao lado de Jafé e da girafa, ganindo. Adnachiel continuou a lamber, limpando o corte denteado que a lança havia deixado.

Quando estava limpo, Admael voltou com uma folha peluda, que lembrava as de cactos, a qual pressionou delicadamente contra a ferida, segurando até o sangramento diminuir e cessar.

Jafé, tremendo, abriu os olhos e viu os serafins saindo de seus hospedeiros para as formas aladas.

Akatriel, com os olhos sábios como os da coruja que havia acabado de deixar, afirmou:

— Você está bem. Perdeu muito sangue e aquela ponta de lança não estava limpa, mas Adnachiel limpou a ferida e Admael deteve o sangramento.

— E você correu rápido demais — concordou Adnachiel.

— Hig...

Higaiom tocou a mão de Jafé com a ponta da tromba.

— Sand?

— O que houve? — perguntou Adnachiel.

— Mandei-o embora junto ao unicórnio — disse Jafé, esforçando-se para sentar-se.

Admael assentiu em aprovação.

— Fez bem.

— Devíamos chamar o Sand de volta? — perguntou Jafé.

— É melhor — disse Adnachiel.

Admael perguntou com cortesia ao mamute.

— Você chama? Ou eu?

— Ambos. — Adnachiel foi categórico.

Com uma luz forte como o sol, que os fez piscar, o unicórnio surgiu. O braço de Sandy se soltou de seu pescoço e ele caiu na areia. Um mamute sarnento desabou ao lado dele.

— Usei um dos meus dardos nele — explicou Jafé —, mas é de curta duração...

Os olhos de Sandy piscaram e se abriram, então ele sentou-se.

Os três serafins pararam para observar Jafé, Sandy e os dois mamutes.

— Obrigado — falou Sandy, sem fôlego. — Ah, Jaf, obrigado.

Envergonhado, Jafé encolheu os ombros.

— O que houve? Você se feriu.

— Vou ficar bem — tranquilizou-o Jafé. — Os serafins já limpam minha ferida.

— Vão para casa — ordenou Admael. — Sandy, você pode ajudar Jafé. Ele está mais fraco do que percebe.

— Mas o que houve? — exigiu saber Sandy.

Jafé riu.

— Nunca achei que seria grato a uma manticora, mas agora sou. Eles teriam me matado se o animal não tivesse se metido na barraca e detido-os.

O mamute maltrapilho recostou-se em Sandy.

— Está tudo bem — garantiu o garoto. — Você nunca vai ter que voltar lá. O que houve com eles?

Jafé deu de ombros.

— Nada, suspeito — disse Akatriel. — Eu vi a manticora correndo, chorando, um dardo caindo de sua testa, gritando que estava com fome.

Jafé riu de novo.

— Quase senti pena da manticora.

— Agora vá — insistiu Admael. — Jafé precisa de comida e descanso.

— Unicórnio? — perguntou Sandy. — E você?

Enquanto ele olhava, o unicórnio começou a piscar, a sumir.

— O unicórnio sabe que não precisamos mais dele — disse Jafé.

Onde antes estava o unicórnio, havia apenas um tremeluzir no ar, e o cheiro de luar e prata.

• • •

Naquela noite eles se reuniram sob a barraca grande. Jafé, com Matrede à sua volta, estava deitado numa pilha de peles, pálido, mas sorrindo e bebendo o caldo de reforço que a mãe ficava lhe oferecendo.

O mamute exaurido fora alimentado e estava deitado com Higiom e Selá.

Sandy e Dennys ficaram rindo um para o outro, aliviados, sendo que Sandy repetia sem parar seus elogios a Jafé e Higiom.

— Que ideia maravilhosa mandar o Higgy atrás do meu cheiro. Não sei o que teria acontecido se não fosse isso.

Aná parecia desanimada.

— Sinto tanta vergonha. Que meu pai e meu irmão... que minha irmã... tentariam... achei que ela *gostasse* do Sand... não sei o que deu neles! Pode me perdoar?

— Não foi feito seu, filha — falou Noé, com carinho.

— Mas pensar que eles tentaram forçá-lo a entregar seus vinhedos! Ameaçaram matar o Sand e Jafé...

— Não se atribule com isto — disse Matrede, passando o unguento que Oolibamá havia lhe dado na ferida no peito de Jafé.

— Acabou? — perguntou Eliseba. — Ou eles vão tentar algo mais? Não falo de seu pai e seu irmão, Aná, mas dos nefilins.

Ninguém respondeu.

Sandy estendeu sua tigela para repetir.

— É muito melhor do que aquilo que Tiglá cozinhava para mim... não sei nem como eu comia aquela coisa, mesmo quando estava fresca. — Depois falou: — Rofocale, o nefilim, *usou* Tiglá, seu pai e seu irmão. Eles não são boas pessoas... desculpe, Aná... mas não creio que pensariam em me sequestrar por conta própria. Se os nefilins estão atrás de Dennys e de mim, eles vão tentar outra coisa.

— Mas por que estão atrás de vocês? — quis saber Jafé.

Sandy terminou de lambar sua tigela.

— Eles sabem que não somos daqui.

Os dedos de Noé coçaram a barba.

— Mas vocês são. Ambos são. O Den me fez ver que ser teimoso não era corajoso.

Matrede complementou:

— E vocês dois deixaram as últimas luas do Avô Lameque mais felizes.

Noé tinha lágrimas nos olhos.

— A ele vocês foram como netos. Ele não teria ficado por conta própria na barraca sem sua ajuda. Vocês se tornaram nossos gêmeos amados.

Matrede limpou os olhos com as costas das mãos.

— E ainda assim, marido, você diz que não há lugar para os dois na arca.

Dennys falou com pressa.

— Não se preocupem. Sabemos que não fazemos parte da arca. Os nefilins não estão completamente errados a nosso respeito.

— Mas ajudaremos a construir com muita alegria — disse Sandy. — Gostaríamos de fazer pelo menos isto por vocês, pois foram muito gentis conosco.

Ialí e Oolibamá estavam sentadas juntas, de mãos dadas.

— Ainda temos tempo para passar juntos — disse Oolibamá. — Levará ao menos duas luas para a arca estar finalizada e pronta para abastecer. E, como nos conhecemos, nunca poderemos ficar de todo separados.

— Assim como nunca ficaremos separados do Avô Lameque — disse Jafé.

Ialí assentiu. Ela conteve as lágrimas. Sandy estava seguro com eles. Jafé estava ferido, mas ia ficar bem. Não era hora de lágrimas.

Dennys olhou para Jafé e assentiu.

— Na noite em que o Avô Lameque morreu... parece que faz tanto tempo... Higaiom e eu nos sentamos sob as estrelas enquanto Noé estava na barraca, aguardando Sandy. — Ele fez uma pausa antes de prosseguir. — No instante em que o Avô Lameque faleceu, as estrelas prenderam a respiração. Foi aí que eu soube. E então, como ele entendia Higaiom e eu precisava dele, Adnarel surgiu dizendo *Nada tema*, antes de voltar a forma de escaravelho, na orelha de Higaiom, em vez de ficar com os outros serafins, como tem ficado nos últimos tempos.

Houve um instante de silêncio. Então Noé abriu outro odre de vinho.

— Meu amor por vocês todos é profundo demais para as palavras. Caros gêmeos, estamos contentes que tenham vindo a nós. Agora é hora de partirem, não é?

Sandy respondeu com firmeza.

— Só depois que ajudarmos na construção da arca.

• • •

Sandy e Dennys ficaram na barraca grande, depois de receber peles de dormir e um lugar em frente a Noé e Matrede. Higiom e Selá dormiram com o pequeno mamute, cujas costelas estavam começando a se preencher, e cujo pelo voltava a brilhar.

Dennys acordou e a escuridão da barraca era profunda. Ao seu redor ouviu roncões suaves e os sons do deserto à noite. Cutucou Sandy.

— Está acordado?

— Quase.

— E agora?

Sandy remexeu-se até uma posição mais confortável.

— Vamos continuar ajudando Noé com a arca.

— E depois?

Agora desperto, Sandy mexeu-se para sussurrar direto no ouvido do gêmeo.

— Vamos dar um salto quântico.

— E como vamos conseguir dar um salto quântico?

— Me ocorreu quando o mamute e eu chamamos o unicórnio para *existir* naquela barraquinha suja onde eu fiquei preso. Os nefilins não conseguem deixar esta terra. Mas os serafins conseguem.

— A questão maior é: vamos conseguir? — perguntou Dennys. — Ou melhor: é possível deixarmos esta época e voltarmos à nossa? Eu não queria fazer o cálculo errado e ir parar na Idade Média ou no ano 3003.

— Vou ter que falar com Adnarel a este respeito, de novo.

— Já falou?

— Um pouco. Quando chegamos aqui. O que acho que funcionaria conosco seria chamar os unicórnios, e cavalgá-los, e então Adnarel, ou qualquer um dos serafins, fosse até nosso tempo e chamasse os unicórnios de volta.

— Arriscado. — Dennys assobiou.

— Sim, mas funcionou quando os três serafins me chamaram às areias do deserto depois que Jafé e Higiom foram me resgatar.

— Aquilo era espaço, não tempo, e ainda por cima uma pequena distância no espaço —ressaltou Dennys.

— Verdade. Mas os experimentos com fótons, por exemplo, aparentemente mostram que eles podem comunicar-se entre si de modo instantâneo, ou seja, mais rápido que a velocidade da luz. E, para eles, a distância não parece ser problema.

— Mas é com o tempo que temos que nos preocupar —sussurrou Dennys. Noé soltou um ronco alto, e eles ouviram-no se remexer nas suas peles. Dennys

prossegiu: — Se eu entendi os experimentos da Mãe, o observador é essencial no mundo da mecânica quântica. Quer dizer: parece que, para os quanta serem realidade, é necessário um observador.

Sandy se remexeu, impaciente.

— Eu não entendo. Mas parece que a Mãe entende, assim como os físicos de partículas. A mim basta. Vou conversar com Adnarel.

Ficou um silêncio pesado, e então Dennys falou:

— Tudo parece possível. Espero que seja.

Mais silêncio.

— Você acha que podíamos levar Ialí conosco? — perguntou Sandy.

Dennys não respondeu por algum tempo.

— Não. Não penso isso. Não devíamos alterar a história.

— Mas ela vai se afogar.

— Eu sei. Também a amo. — Finalmente. Estava dito.

— Mas se nós a amamos...

A voz de Dennys saiu fria.

— Não creio que possamos levá-la conosco.

Sandy agarrou a mão do gêmeo.

— Muita gente vai se afogar. Você se importaria em mudar a história se fosse para salvar Ialí?

— Eu não me importaria — disse Dennys. — Estaria disposto a tentar. Tentar absolutamente de tudo. Mas tenho a sensação de que não posso.

— Que ódio!

— Shhh. Também odeio.

— Vai ser perigoso — sussurrou Sandy — fazer um salto quântico.

— É claro que o Pai acha essas coisas possíveis. Afinal de contas, ele não estava programando uma espécie de salto quântico, ou tesseracto, quando mexemos no equipamento dele?

— Então, se ele acredita, não é tão louco.

— Claro que é louco. Tem que ser loucura para funcionar.

Sandy deu uma risada levemente histérica.

— Nosso pai não estava programando unicórnios.

Higaiom se sacudiu com os sonhos, soltando um ganido. Selá murmurou um pouco e o mamute de Tiglá chegou mais perto dos outros.

— E os mamutes? — perguntou Sandy.

Dennys esticou o braço para acariciar o pelo felpudo de Higaiom.

— Será que eles conseguem nadar?

Dennys fechou os olhos. Ficou escutando. Ouviu o vento no céu sobre a barraca, mas as palavras não eram claras. Sussurrou:

— Será... será que Ialí sabe que não irá na arca?

— Acho que sabe. Acho que Noé lhe disse.

— Eu sei que dilúvios e outros desastres acontecem. Mas se este dilúvio foi mesmo enviado por El...

— Se está sendo enviado por El, então eu não gosto de El, não se Ialí vai se afogar — afirmou Sandy.

O vento fez murmúrios.

— Não temos certeza, temos? — perguntou Dennys. — No caso, ainda não aconteceu. Ialí não está na história, então não sabemos o que houve com ela. O Avô Lameque gostava muito de El. Então não temos certeza. O Avô amava Ialí. Era sua predileta.

— O Avô Lameque morreu — disse Sandy, apenas. — Se vamos ser prestativos na construção da arca, é bom dormirmos agora.

O vento envolveu a barraca. Sandy caiu no sono rápido. Dennys deitou sobre as costas e ficou escutando, escutando. A canção do vento era suave, sem causar preocupações. Embora não conseguisse distinguir as palavras, ele sentiu o vento acalmá-lo. Dormiu.

• • •

— Burro. Burro — sibilava Ugiel, o marido de Maalá.

O desprezo de Rofocale saiu em um zumbido de mosquito.

— Os idiotas quase foram pegos pela manticora.

— Tiglá teria feito melhor sozinha — disse Eblis, que desejava Ialí.

Ertrael, às vezes um rato, exigiu saber:

— O que fazemos agora?

Os nefilins estavam reunidos nas trevas do deserto, desta vez guardando suas energias. Naamá, ainda soando como abutre, disse:

— Tiglá, na verdade, não se deu melhor que pai ou irmão. Ela não obteve respostas. O jovem gigante não lhe deu ouvidos.

Eliché, o das asas verde-crocodilo, as remexeu à luz das estrelas.

— Ela tentou. Eu diria que o Sand a achou irresistível. Por que a rejeitou?

— Ialí. — Os belos lábios vermelhos de Eblis curvaram-se em desprezo.

Ugiel remexeu o pescoço em dança ritmada, mais cobra que nefilim.

— Você tem razão. Por causa de Ialí.

— Mas ela não tem experiência! — gritou Rofocale, estridente. — Ainda é uma criança. Enquanto que Tiglá...

— Não — interpôs Eblis, seus olhos roxos reluzindo. — Ialí não é mais criança. — Ele se envolveu nas asas roxas.

— Poderíamos ter nos aproveitado dela? — Estael, às vezes barata, pôs sua

dúvida.

— Se Ugiel não houvesse se casado com ela, talvez teríamos conseguido usar Maalá, irmã de Ialí — disse Ezequen, cujo hospedeiro era o camaleão.

Ugiel sibilou:

— Todos sabemos que ela é irmã de Ialí. E minha esposa. E mãe da minha criança.

Eblis enrolou-se em asas da cor do pôr do sol.

— É hora de agirmos. Nós. Nós mesmos.

Rugziel concordou.

— É hora de deixarmos de usar delegatários.

Rumjal fechou a cara.

— O que sugere?

Naamá esticou o pescoço, nu como o de um abutre, e ergueu as asas em toda envergadura, parado na brancura da pele, na escuridão da asa, suas penas do índigo do pássaro que era seu hospedeiro.

— O círculo da extinção. Aquele que cercarmos por completo, controlamos. Vamos cercar os gigantes gêmeos.

Ugiel sibilou, concordando.

Rofocale deu um guincho de expectativa.

Eblis sugeriu:

— E vamos cercar Ialí, já que ela estragou nossos planos.

Naamá recusou a proposta.

— Primeiro os gigantes.

Tampouco dilúvios hão de afogá-lo

Ialí dormia na outra ponta da barraca em relação aos gêmeos, mas ouviu os cochichos deles e, quando pararam, ouviu os roncoss dos mamutes. Estava plenamente acordada.

Ela saiu da cama e foi ao deserto. Não viu nem leão nem dragão/lagarto fazendo-se de leão sobre a grande rocha. Escolheu uma rocha menor e sentou-se, abraçando os joelhos. Ergueu seu rosto às estrelas.

Ela as ouviu em seu repicar, e não havia angústia em sua canção.

Mesmo assim, ela tremeu. Acreditava em seu pai, acreditava que as chuvas estavam por vir. Estava disposta a morrer, se era de fato o que El queria.

Mas e os gêmeos?

O que ia acontecer?

O tinir de cristal das estrelas cantou em seus ouvidos:

Nada tema, Ialí.

As estrelas nunca eram falsas.

Ela sentiu menos medo.

• • •

Passaram o dia trabalhando na arca, tirando um intervalo no ápice do calor para dormir. Então voltaram a trabalhar até ficar escuro demais para se enxergar a um palmo.

Toda noite Matrede preparava uma refeição festiva. Por isso, Sem geralmente estava caçando em vez de se ocupar da arca. Sandy e Dennys trabalhavam com Noé, Cam e Jafé. Não havia martelos nem pregos nem nenhuma das ferramentas modernas a que estavam acostumados. As tábuas tinham que ser encaixadas e estaqueadas. À noite eles estavam cansados, com fome, comiam bem e dormiam bem. Por mais que estivessem construindo uma arca, não falavam da chuva.

Dennys olhava para Eliseba, Aná e Oolibamá. Elas estavam na história, mesmo que não tivessem sido mencionadas. Elas embarcariam com Noé e Matrede e todos os bichos arca adentro. Ele olhou para Ialí, seu cabelo cor de

âmbar à luz da lamparina.

Ele saiu da barraca, sentindo-se um pouco estranho. Ele era o seguidor, Sandy era o líder. E agora estava partindo sem consultar o gêmeo.

Ele caminhou rápido até o poço de Noé. Sua pele se eriçou quando viu o abutre, acorocado no tronco alto de uma palmeira morta, depois observou quando Dennys se aproximou, espiando para lá e para cá, esticando o pescoço nu, fitando-o com olhos tenebrosos, desconfiados.

De início, Dennys viu apenas o pássaro negro. Então seu olho teve um vislumbre de branco, e sobre uma jovem figueira próxima ao poço havia um pelicano. Sua cabeça estava enfiada sob a asa, de modo que não parecia mais que um amarfanhado branco. Dennys soltou um suspiro de alívio. Ele havia saído da barraca grande em busca de um dos serafins. Embora não importasse qual era, ele tinha mais familiaridade com Alarid do que com muitos dos outros. Ele foi até o pássaro sonolento.

— Oi.

O pelicano não se mexeu.

— Alarid! — berrou Dennys. — Preciso conversar com você!

As penas tremeram conforme o pássaro enfiou a cabeça ainda mais sob as asas.

— Alarid!

As penas franzidas, encurvadas, sugeriam: “Vá embora. Não tenho nada a dizer.”

— Mas eu quero conversar com você. Sobre Ialí.

Enfim a cabeça emergiu da penugem e a continha negra do olho piscou.

— Por favor. — Dennys apontou o abutre. — Por favor, Alarid.

O pássaro branco pulou de seu poleiro, desastrado e indolente.

O abutre era uma mancha de tinta nas trevas imóveis.

— Por favor — implorou Dennys.

O pelicano esticou as asas para o alto, para o alto, até o serafim aparecer. Sem falar nada, Alarid lhe deu as costas e caminhou até o deserto. Dennys foi atrás. Quando eles haviam tomado a devida distância do oásis até o abutre não estar mais visível, Alarid virou-se para o garoto.

— O que há?

— Você não pode deixar que Ialí se afogue no dilúvio.

— Por que não?

— Ialí é boa. Quer dizer, ela é uma pessoa de *bem*.

Alarid abaixou a cabeça.

— Bondade nunca foi garantia de segurança.

— Mas você não pode deixar que ela se afogue.

— Nada tenho a dizer sobre o assunto.

— Eu devia ter falado com Aariel — disse Dennys, frustrado. — Aariel a ama.

— Ele não tem mais a dizer do que eu. — O serafim virou a cabeça.

Dennys percebeu que havia ferido Alarid, mas seguiu em frente.

— Vocês são serafins. Vocês têm poderes.

— É verdade. Mas, como eu lhe disse, é perigoso alterar as coisas. Não nos metemos com o padrão.

— Mas Ialí não *está* no padrão. — A voz de Dennys ficou aguda. — Não há Ialí na história. Só Noé, sua esposa, seus filhos e as esposas deles.

As asas de Alarid tremularam um pouco.

— Então, como ela não *está* na história, não vai mudar nada se você impedir que ela se afogue no dilúvio.

— O que você quer que eu faça? — perguntou Alarid.

— Você não vai se afogar, vai? — quis saber Dennys. — Você e os outros serafins?

— Não.

— Então levem-na ao lugar onde vocês ficarão para fugir do dilúvio.

— Isso não podemos fazer — falou Alarid, triste.

— Por que não?

— Não podemos. — Mais uma vez, o serafim virou o rosto.

— Então aonde você vai?

Alarid olhou para Dennys e sorriu, mas não com alegria.

— Vamos até o sol.

Não. Ialí não podia ir para o sol. Tampouco à lua, o que Dennys estava prestes a sugerir. Ialí não podia viver onde não havia atmosfera. Mas com certeza havia algo a se fazer! Ele emitiu um som abafado de indignação.

— Também não estamos na história, Sandy e eu. Mas estamos aqui. E Ialí *está* aqui.

— Isto é verdade.

— E, se nos afogarmos, quer dizer, se Sandy e eu nos afogarmos, vai mudar a história, não vai? No caso, não vamos nascer na nossa época se formos afogados agora, e mesmo que isto faça uma diferença mínima, fará diferença para nossa família. Se Sandy e eu não nascermos, é possível que Charles Wallace não nasça. Talvez Meg seja filha única.

— Quem?

— Nossa irmã mais velha e nosso irmão mais novo. Estou dizendo que a história seria *alterada*.

— Vocês têm que voltar à sua época — disse Alarid.

— Fácil falar, difícil fazer. De qualquer modo, queria conversar com você sobre Ialí. Essa história é imbecil. Só os homens têm nome. É uma história chauvinista. Matrede tem nome. Ela é mãe. Assim como Eliseba e Aná e Oolibamá. São gente real, com nomes.

— É verdade — concordou Alarid.

— Os nefilins — prosseguiu Dennys. — Eles são iguais a seja lá quem que escreveu essa história boba da arca, que só veem as coisas do ponto de vista deles, que *usam* as pessoas. São só mulheres, por isso não importam. Eles não se importam se Ialí se afogar. Mas você tinha que se importar!

Alarid perguntou com delicadeza:

— Você acha que eu não me importo?

Dennys deu um suspiro.

— Ok. Eu sei que se importa. Mas você vai ficar parado e não fazer nada e depois sair voando rumo ao sol?

As asas de Alarid tremeram de novo.

— Ouvir faz parte do nosso fazer. Estamos ouvindo. Escutando o sol. As estrelas. O vento.

Dennys sentiu-se repreendido. Há dias que ele não fazia uma pausa para ouvir as estrelas.

— Eles não lhe dizem nada?

— Apenas para continuar a ouvir.

A brisa passou, cobrindo Dennys com uma onda de tristeza.

— Não gosto desta história. Não gosto mesmo.

• • •

Ele deixou Alarid. Antes de chegar ao oásis, fez uma pausa, sentou-se numa pequena rocha. Tentou acalmar-se para ouvir. Ouvir o vento. Como ele conseguiria ordenar as palavras do vento que lhe vinham em sobreposição de ondulações?

Fechou os olhos. Visionou estrelas explodindo e ganhando vida. Planetas nascendo. Ialí havia falado da violência no parto do bebê de Maalá. O nascimento dos planetas era igualmente brusco. Rodopios violentos de ventos e águas. Massas de terras fluidas como água. Vulcões esguichando chamas tão altas que pareciam encontrar o flamejar do sol.

A Terra ainda em processo. A estabilidade da rocha não passava de ilusão. Terremoto, furacão, vulcão, dilúvio, tudo parte da criação contínua do cosmos, gemendo em sua tribulação.

A canção do vento abrandou, domou-se. Por trás da violência do parto das galáxias, estrelas, planetas, surgia uma melodia suave e delicada, branda

serenata. Todo o furor da criação, as explosões de hidrogênio contínuas de infinitos sóis, o arfar dos corpos planetários, tudo estava envolto em amor paciente, expectante.

Dennys abriu os olhos quando o vento diminuiu, ficou em silêncio. Ergueu seu rosto às estrelas e a luz delas caiu sobre suas bochechas como orvalho. Repicaram gentilmente sobre ele. *Não busque compreender. Tudo ficará bem. Espere. Paciência. Espere. Nem sempre você tem que fazer alguma coisa. Espere.*

Dennys levou a cabeça aos joelhos e uma estranha tranquilidade fluiu pelo seu corpo.

Acima de sua cabeça, as asas brancas de um pelicano bateram suaves em meio à corrente das estrelas.

• • •

Os trabalhos na arca avançaram devagar. No calor do sol, seu corpo resplandecendo de suor, Dennys achou difícil lembrar sua perspectiva de compreensão e esperança. Mas ela ainda estava lá, esperando por ele, reaparecendo durante seu descanso da tarde, ou à noite quando o sol se punha e as estrelas vicejavam.

Martelo. Estaca. Medir resistência.

Noé insistiu em seguir exatamente as orientações que lhe foram dadas.

— Este El — disse Sandy a Dennys —, eu não o entendo.

— El entende de construção naval. As instruções e medidas são basicamente as proporções dos navios modernos. A arca não é projetada para velocidade, mas esse não é seu propósito.

— Todos esses bichos... Noé vai ter que tirar muito esterco.

— Aposto que ninguém aqui já viu um barco desse tamanho. É possível que nunca tenham visto um barco.

• • •

Sandy procurou Ialí, sentindo-se um pouco infiel ao falar com ela sem Dennys, mas indo assim mesmo. Dennys havia vetado o encontro quando Sandy sugeriu levar Ialí com eles.

Ele a aguardou, não muito longe das barracas, no silêncio que precede a alvorada. Viu ela chegando, pálida e espectral, da direção do deserto.

— Ialí.

Ela parou, assustada, de cabeça erguida.

— Ialí, é o Sandy.

— Ah. Gêmeo Sand. — Havia alívio na voz dela. — O que foi?

Ele a pegou pela mão.

— Ialí, o que você vai fazer?

— Quando?

— Quando as enchentes vierem.

Ela falou em voz baixa.

— Não sabemos ao certo se o dilúvio virá. É apenas o que meu pai diz.

— Sim, mas o que você acha? Acredita em seu pai?

Mal se ouvia a voz dela.

— Sim.

— Então o que vai fazer?

— Nada. Isso já rendeu muito pesar a meu pai e mãe. Minha mãe não entende por que El não me chamou para subir à arca com os demais.

— Também não entendo — disse Sandy, apenas.

— Mas as estrelas me disseram para não ter medo.

— E você acredita nas estrelas?

— Sim.

— Bom, alguém está errado, ou seu pai ou as estrelas.

— Eu confio no meu pai. E confio nas estrelas.

— Bom. Alguém tem que *fazer* alguma coisa. No caso, não podemos ficar sentados e deixar que você se afogue. Você consideraria ir para nossa casa?

Ela olhou para ele, assustada.

— Mas onde é sua casa? Do outro lado das montanhas?

— Do outro lado do tempo.

As unhas dela apertaram as dele.

— Você e o Den vão embora? — Ela respondeu à própria pergunta. — É claro. Vocês precisam. Assim que a arca estiver construída. Assim que as chuvas começarem.

— Você viria conosco?

— Com vocês dois?

— Bom... sim. — Ele ia adorar ir até o fim do mundo, se fossem só ele e Ialí. Mas não conseguiria deixar o mundo dela sem Dennys.

— São muitos dias de viagem?

— Chegamos aqui de forma instantânea. Tenho uma ideia de como podemos voltar para casa, mas primeiro quero saber se você iria conosco.

— Ah, gêmeo Sand. — Ela deu um suspiro, longo e profundo. — É tudo tão estranho. Desde que você veio, nada é o mesmo. O Avô Lameque faleceu. A arca está sendo construída. Não quero me afogar, mas... é muito diferente, lá de onde você vem?

Sandy fez que sim.

— Muito diferente. Não é nem um pouco quente como aqui, e temos muita

água, então podemos tomar banho e beber o quanto quisermos. O que eu não daria por um belo copo de água gelada quando estamos martelando na arca! E usamos roupas diferentes. — Ele olhou para o corpo pequeno e perfeito de Ialí, mal coberto pela tanga, seus seios delicados e róseos, e por um momento teve uma visão absurda dela como uma de suas colegas no colégio regional. Mas qualquer coisa seria melhor do que afogar-se, não? — Você vai pensar, não vai? Em vir conosco?

Ela foi solene.

— É claro. É muito difícil imaginar como seriam as coisas aqui sem você e o Den. Vocês são parte de mim. Vocês dois.

• • •

Sandy entrou de novo na barraca. Dennys estava acordado, aguardando-o.

— Onde você estava?

— Pedi a Ialí para ir para casa conosco.

Ficou um silêncio pesado. Dennys enfim falou.

— Não. — disse Dennys. — Não, Sandy. Não podemos levar a Ialí junto. Mesmo que pudéssemos, não.

— Por que não?

— Ela não tem imunidade alguma. Você não notou que aqui não tem doenças? Você não lembra que todos os nativos lá do sul da América do Sul morreram de sarampo porque não tinham imunidade?

— Não podíamos dar vacina?

— Não de tudo. Mesmo que ela pegasse um resfriado, uma congestão nasal que fosse, provavelmente morria. Ela não tem anticorpos para se proteger. Ela não ia se ajustar ao nosso clima. É muito frio, muito úmido. Seria condená-la à morte.

— Então o que vai acontecer?

— Não sei.

— Se ela ficar aqui, vai se afogar. Não valeria o risco tentar levá-la para casa? Dennys balançou a cabeça.

— Como é que você acha que ela ia lidar com a garotada no colégio?

— Ela não teria que ir ao colégio. Ela tem quase cem anos.

— E parece ter a nossa idade. Como é que se prova a idade dela para os funcionários do colégio? E se ela tiver cem anos e nós a levarmos para nossa época, vai acontecer o quê? Ela vai murchar, virar velha e morrer?

— Por que você está pensando em tudo de ruim que pode acontecer?

— Se amamos Ialí, nós temos que pensar.

— Talvez ficasse tudo bem.

— E talvez não. Talvez o que devêssemos fazer era ficar aqui com Ialí e esperar o dilúvio.

— Eu não me disponho a desistir fácil.

— Não é tão fácil.

— Mas temos que fazer alguma coisa!

Quem sabe, só dessa vez, não, pensou Dennys.

— Ainda temos tempo — disse ele. — Talvez alguma coisa nos ocorra, mas vai ter que ser uma coisa real.

— Ei. Eu não tenho mais certeza do que é real e do que não é. Veja isso: nefilins e serafins!

— Eu acredito em muito mais do que antes —concordou Dennys. — Mesmo que não possamos mudar a história, nós, eu e você, não somos mais os mesmos.

— Não somos, ah, não somos mesmo. E a Ialí?

— Vamos esperar — disse Dennys.

Ele não falou a Sandy da sua conversa com Alarid. Nem do que o vento havia lhe mostrado. Nem que as estrelas haviam lhe dito para ter paciência, para aguardar. Aguardar.

• • •

A nova lua voltara a ser uma crescente no céu. Madura, preenchida até formar uma esfera. Diminuída, encolhida. Renascida.

Noé mandou Jafé e Oolibamá para avisar ao povo do oásis do dilúvio por vir.

— Mas para quê? — perguntou Cam. — Todos sabem que você está construindo este barco. Todos sabem que você espera chuva fora de estação.

Noé foi teimoso.

— Eles têm o direito de serem avisados. De prepararem-se. E, quem sabe... caso se arrependam, talvez El não mande o dilúvio.

— Se não houver dilúvio — disse Cam —, as pessoas vão rir de nós ainda mais do que já riem.

Aná parecia agitada.

— Não creio que as pessoas da minha barraca vão se arrepender. Elas estão muito irritadas.

— Elas devem ter a oportunidade — disse Noé.

• • •

Quando Jafé e Oolibamá voltaram de sua viagem pelo oásis, haviam rido deles, cuspidos neles. Jafé ficou com um machucado feio no rosto onde uma pedra o acertou.

Até as filhas mais velhas de Noé e Matrede e seus maridos os haviam recebido com escárnio. Riram do alerta de Jafé e reclamaram de ter sido feitos de bobos

pela insensatez de Noé. Sirá jogou uma tigela de mingau neles e gritou para Oolibamá deixá-la em paz.

— E não chegue perto dos meus bebês, mulher nefilim.

Jafé havia botado o braço sobre a esposa para protegê-la e levou-a embora.

O marido de Hoglá havia ameaçado estrangulá-la se eles continuassem espalhando histórias sobre dilúvio e perdição pelo oásis.

— Isso vai nos prejudicar — dissera ele. — Você não percebe como *nós* ficamos com esta idiotice? Não tem como você ficar quieto quanto aos delírios de Noé?

Jafé e Oolibamá deixaram o oásis para ir para casa pelo deserto. Oolibamá começou a chorar, estranha, em silêncio.

Jafé parou; abraçou-a.

— Minha esposa. O que há?

Oolibamá esforçou-se para reprimir as lágrimas em silêncio.

— Se for tudo verdade, isso que El disse a seu pai — falou —, se vai haver mesmo um grande dilúvio, então nosso bebê nascerá depois... — Ela sufocou-se com as lágrimas.

O rosto de Jafé iluminou-se de alegria.

— Nosso...

Oolibamá encostou a cabeça no ombro forte de Jafé.

— Nosso bebê. — De repente as lágrimas dela viraram riso. — Nosso bebê!

• • •

O resultado da tentativa de alertar o povo do oásis era que agora eles haviam reunido-se próximo às terras de Noé.

O vento do deserto ganhou calor. Os olhos de Noé estavam fixos na arca. Ele tentou ignorar os assobios e vaias da multidão.

Matrede, inflexível, fervia vinho até o ponto de ebulição.

— Prefiro usar contra as manticoras, mas se tentarem machucar meu marido, vão se arrepender.

Cam entrou na barraca.

— O que está fazendo aqui? — exigiu saber sua mãe.

— Estou cansado que riam de mim.

Matrede falou feroz.

— Pois saia agora mesmo e ajude seu pai.

— Ele está insano.

— Esteja o que estiver, é seu papel ficar com ele. E com sua esposa. Ela não é orgulhosa demais para trabalhar e ainda carrega seu filho.

Matrede sorriu. Havia três bebês a caminho. Ela transbordava de alegria.

— Você não tem como detê-lo, Mãe? Ele está selvagem, seus olhos ardem, a barba dele é açoitada pelo vento, ele... Você não fala com ele?

— Eu já falei — disse Matrede. — Vá até ele. Agora.

Relutante, Cam saiu ao sol penetrante, ao vento que ardia. A multidão que resmungava e ria tinha ficado maior. O povo do oásis reunia-se para olhar aquilo.

As mãos de Noé estavam negras do piche com o qual recobria a arca.

Jogaram uma pedra. Ela errou e resvalou de modo inofensivo contra a madeira negra.

Sandy e Dennys deixaram a arca e caminharam com passos calculados rumo à multidão de pessoinhas. Dennys não soltou a tábua que estava lixando. Sandy ainda segurava a pedra que usava de martelo. Nenhum dos meninos fez qualquer tipo de ameaça; mesmo assim, o povo recuou.

Sandy falou com voz firme.

— Não atirem pedras.

Dennys pôs-se o mais alto possível, pairando sobre os homenzinhos na primeira linha da multidão.

— Vão para casa. Para suas barracas. Agora. — Sua voz era grave como a de um homem adulto.

Havia vantagens em serem vistos como gigantes. Aos poucos, a multidão dispersou.

. . .

Ialí estava sentada sobre sua pedra predileta, acotovelada como se estivesse com frio. Não estava ciente de que Oolibamá havia chegado ali até que a outra pôs o braço sobre seus ombros.

Lágrimas subiram aos olhos de Ialí.

— Gêmeo Sand e gêmeo Den... — A voz dela se perdeu.

Oolibamá terminou por ela.

— Assim que a arca estiver construída, eles terão que partir. Voltar para onde quer que eles tenham saído.

Ialí engoliu o choro.

— Gêmeo Sand me pediu para ir com eles.

Oolibamá recuou, surpresa.

— É uma solução na qual eu não havia pensado — disse ela.

— Então... o que acha?

Oolibamá olhou para o céu, séria, escutando. Então balançou a cabeça.

Ialí também olhou para cima.

— As estrelas nunca me disseram nada de errado.

Oolibamá falou de modo ponderado.

— Não sei por que não seria a melhor solução você partir com os gêmeos. Sei apenas que ouço as estrelas e que concordo. Há algo aqui que não entendemos. Mas você ouve as estrelas? Elas lhe dizem para não ter medo.

Um vento suave roçou as bochechas dela e murmurou:

Nada tema. Nada tema. O padrão será aperfeiçoado.

— Eu queria... — sussurrou Ialí. — Eu queria que o Avô Lameque ainda estivesse vivo. Eu queria que El não houvesse dito a meu pai para construir uma arca, nem que as chuvas viessem.

— E... nossos gêmeos?

Lágrimas escorreram pelo rosto de Ialí.

— Não posso querer que eles não tivessem vindo a nós. Ou que eu não houvesse me tornado mulher.

Oolibamá abraçou Ialí, balançando-a como uma criança.

— Eu também tenho medo, irmãzinha. Eu carrego o filho de Jafé e temo pelo meu futuro. Tenho medo deste dilúvio terrível, e de toda morte e angústia que trará. Às vezes temo até por Noé, que parece louco. Mas confio em Jafé. Confio nas estrelas. Confio em El. Confio que tudo isto será pelo bem.

Conforme as estrelas desceram ao horizonte, o céu empalideceu, tomado de cores suaves. Um estouro de canto de passarinho preencheu o ar ao redor deles e os babuínos começaram a bater palmas.

• • •

A arca estava quase pronta.

Os gêmeos conversavam à noite na barraca, sussurrando no escuro. Durante o dia nunca ficavam sós, e à tarde nem todos dormiam ao mesmo tempo.

— Não vimos nenhum serafim — disse Sandy. — Há dias.

— Nem nefilins — complementou Dennys.

— É até bom não ver os nefilins. Principalmente Rofocale.

— Vez por outra eu acho que vejo um — disse Dennys. — Ou, de qualquer modo, quando avisto uma formiga ou uma minhoca, vejo vislumbres de cor por trás dos olhos, vermelhas, laranjas, azuis e roxas. Mas eles não se materializam.

— Preciso ver um dos serafins — disse Sandy. — Preciso ver Adnarel. Achei que talvez o escaravelho viesse com Higaiom, mas não o vi.

— Não creio que isto signifique que ele ficou na barraca do Avô Lameque — disse Dennys, pensativo. — A única vez em que vi um serafim com várias pessoas ao redor foi quando o Avô foi enterrado e todos vieram. Fora isso, foi só quando havia uma ou duas pessoas. E, com a construção da arca, e ficando na barraca de Noé, estamos sempre em bando. Talvez devêssemos sair de perto

algum tempo amanhã e entrar no deserto, apenas nós dois.

— Bem pensado — disse Sandy. — Mas por que esperar até amanhã? Não queremos sair no calor do dia, e sentiriam nossa falta em outros momentos. Noé e Matrede estão sempre nos procurando. Têm medo que nos sequestem de novo. Por que não vamos agora?

— Agora, agora?

— Por que não? Estamos acordados.

— Então vamos.

— Não acorde Higiom.

— Nem Selá.

— Nem...

— Shhh.

Eles saíram em silêncio.

• • •

Mas não em silêncio que Ialí não os ouvisse. Ela sentiu uma pequena inquietação. Ergueu-se de suas peles de dormir e os seguiu.

• • •

— Estão vindo.

— Hss. É o que esperávamos.

— Szz. Enfim.

Os nefilins deixaram seus hospedeiros animais, erguendo asas que a noite deixava escuras, de modo a ocultar as estrelas.

• • •

O pequeno mamute acordou de solavanco do sonho onde era espancado pelo irmão de Tiglá. Cutucou Selá, que cutucou Higiom, que tentou tocar nos gêmeos, mas sentiu apenas as peles de dormir. Fungando, alarmado, ele trotou pela barraca até as peles de dormir de Ialí. Ela também se fora. Olhou para Noé e Matrede, ambos dormindo tranquilos.

Selá soou sua trombeta baixinho, para só os mamutes ouvirem, e apontou sua tromba para a orelha de Higiom. O escaravelho estava lá, uma joiazinha brilhante em contraste com a orelha cinzenta.

“O que faremos?”, os olhos de Higiom pareciam perguntar. Ele pendeu a cabeça como se estivesse escutando algo. Então fez um sinal para os outros mamutes com sua tromba e eles seguiram-no saindo da barraca, correndo rumo ao deserto.

• • •

Os gêmeos estavam quase cercados quando perceberam o que acontecia. A roda

de nefilins estava fechando-se sobre eles, devagar, com propósito. O odor afiado de pedra e frio tomou suas narinas.

Sandy sentiu como se uma mão fizesse pressão sobre seu peito.

— Rápido! — gritou para Dennys, e jogou-se para fora do círculo ainda a se fechar.

Dennys seguiu, passando por asas negras arroxeadas que quase o sufocavam.

— Corra!

Os gêmeos tinham reflexos ágeis, mas os nefilins eram mais velozes.

A roda começou a se formar em torno deles de novo, e foi como se lhes arrancasse o fôlego. Sandy correu, de cabeça baixa, como um aríete, entre Rofocale e Ugiel. Dennys trombou em Eblis.

Mas os gêmeos eram apenas dois e os nefilins eram muitos, além de cientes de seus poderes para agir com propósito e sem pressa. Na corrida para libertarem-se da roda, os gêmeos haviam corrido na direção oposta à do oásis. Agora estavam muito distantes para pensar em correr de volta às barracas de Noé.

O círculo de nefilins se fechava.

• • •

Ialí viu.

— Aariel! — gritou ela. — Aariel!

O leão dourado correu pela areia, passou por Ialí, até ficar entre dois nefilins, impedindo que a roda se fechasse por completo.

Ouviu-se uma pancada estranha, e então Admael, o camelo branco como o luar no deserto, veio a galope e inseriu-se na roda. Um adejar de asas ao lado tornou-se um pelicano, que arremeteu e também rompeu a roda.

Mais três minúsculos corpos cinzentos meteram-se na roda, jogando areia e água nos rostos dos nefilins, que eclodiram de sua formação em um irromper de asas fulgurantes.

Leão, camelo e pelicano, com salto altivo de luz, tornaram-se a beleza radiante de serafins.

Sandy e Dennys correram até eles, mais rápido do que já haviam corrido na vida. Alarid pegou Sandy e Admael segurou Dennys.

Os nefilins saltaram com raiva ao céu. Viram Ialí.

— Ela! — Eblis gritou. — Quero ela!

Mas Aariel a alcançou antes do nefilim. Por mais veloz que fosse Eblis, o serafim era ainda mais. Ele engolfou Ialí com suas asas douradas.

Os três mamutes, com trombeteios alegres, pulavam em torno deles.

O bronze brilhou sobre a orelha de Higaïom, e então Adnarel estava entre eles.

— Vá! — ordenou ao nefilim com voz que parecia um clarim.

— Vocês não têm direito de tomá-los de nós — disse Naamá.

— E vocês não têm direito algum. — Adnarel foi feroz. — Vão embora.

Dos quatro cantos do deserto, os outros serafins vieram para apoiar Adnarel, Alarid, Admael e Aariel.

Então Ertrael, cujo hospedeiro era o rato, ganiu:

— Digam-nos o que vai acontecer.

— Você não sabe? — perguntou Alarid.

— Suponho — sibilou Ugiel — que, estando Noé a construir um barco, planeja encontrar água.

— Sua suposição está correta. — Admael estava com o braço levemente sobre o ombro de Dennys.

— E depois? — perguntou Naamá.

— Chuva — disse Alarid. — Muita chuva. — O serafim ergueu sua mão ao céu, como se tocasse uma estrela brilhante. Um raio cortou o céu e desceu à terra com estrondo de trovão.— Agora vão embora! — Alarid ordenou aos nefilins.

Conforme os nefilins sumiam, um a um, nos hospedeiros animais, Sandy sentiu uma gota de chuva.

. . .

Os serafins, sérios, conduziram os gêmeos e Ialí deserto adentro, sem explicar aonde iam.

— Onde... — Sandy ia perguntar, mas fechou a boca.

Quando chegaram a um monólito de rocha prateada, os serafins fizeram um círculo. Aariel levou Ialí ao centro do círculo.

Adnarel tomou Sandy pela mão, e Admael esticou a sua a Dennys, de modo que formaram uma roda em torno do monólito, de Aariel e Ialí, que fitava o serafim com olhar inquisitivo, mas sem temor.

— Ialí, criança. Você não conheceu seu tataravô Enoque — disse Alarid.

Muda, ela apenas fez um não com a cabeça.

— Mas sabe a história dele? — perguntou Aariel.

— Sei que ele não morreu como os homens comuns. Ele caminhou com El e, então, segundo o Avô Lameque, deixou de existir. Ou seja, deixou de estar com o povo do oásis. Estava com El.

Com um irromper de esperança, Sandy lembrou-se da sua conversa com Noé e o Avô Lameque e de eles contarem o estranho ocorrido.

Aariel sorriu para Ialí.

— El nos disse para trazê-la, e do mesmo modo.

Ela encolheu-se.

— Não entendi.

Dennys deu um passo como se fosse até ela, mas Higaiom o instruiu a ficar parado.

— Não há necessidade de entender, pequena — disse Aariel. — Eu a levarei e tudo ficará bem. Nada tema.

Ela parecia muito pequena, muito nova.

— Vai doer? — perguntou, timidamente.

— Não, pequena. Creio que você há de considerar uma experiência extasiante. Ela olhou para ele, confiante.

— Enoque, seu antepassado, lhe explicará tudo que precisa saber.

Os dedos de Adnarel contiveram Sandy.

— Você vai contar a Noé e Matrede?

— Eu conto — disse Sandy. — Acho que ficarão muito contentes.

Dennys, que não ouvira a história extraordinária de Enoque, parecia confuso, mas esperançoso. Se Aariel ia levar Ialí para algum lugar, ela não morreria afogada. Devia confiar nos serafins. Disso ele tinha certeza. Aariel não ia levar Ialí ao sol, nem à lua, nem a lugar algum que não lhe fosse possível com suas limitações humanas.

— Chegou a hora — disse Aariel.

Ialí lembrou-se das palavras que Aariel havia lhe dito quando ela saiu ao deserto no calor do dia.

— Muitas águas não extinguem um amor — sussurrou ela. — Tampouco dilúvios hão de afogá-lo. Ah, gêmeos, caros gêmeos, eu amo vocês.

Sandy e Dennys falaram juntos, as vozes agudas.

— Ialí. Ah, Ialí. Eu te amo.

— Agora vocês podem voltar ao lugar de onde vieram?

Os gêmeos se olharam.

— Vamos tentar — disse Sandy.

— Cremos que os serafins podem nos ajudar — complementou Dennys.

— Se fôssemos mais velhos... — começou a dizer Sandy.

Dennys riu.

— Se fôssemos mais velhos, teria sido complicado, não acha?

Ialí também riu.

— Ah, eu amo os dois! Amo os dois!

Aariel delicadamente insistiu.

— Venha, Ialí.

— Não posso me despedir dos meus pais? De Jafé e Oolibamá?

— É melhor assim — disse Aariel —, sem despedidas, tal como foi com seu antepassado Enoque.

Ialí concordou, depois foi até Sandy e lhe deu um beijo nos lábios. Depois em Dennys. Beijos plenos, demorados.

Aariel a envolveu com suas asas cremosas, com brilho dourado nas pontas. Então a abraçou, ergueu e abriu as asas, batendo-as delicadamente, e então subiu ao céu e subiu, e subiu.

Eles ficaram assistindo até que só se via uma mancha de luz no céu, como se fosse uma nova estrela.

• • •

Sandy falou com Noé:

— Lembra-se da noite em que o senhor e o Avô Lameque estavam conversando e eu estava junto?

— Lembro — disse Noé.

— E o Avô Lameque falou de morrer.

— Lembro.

— E de seu Avô Enoque, que saiu a caminhar com El e deixou de existir, pois El o levou?

— Também lembro. Por quê?

— Ialí deixou de existir.

— O que está dizendo? — Os olhos de Noé arregalaram-se.

Matrede levou uma mão à boca, os olhos fixos.

Sandy prosseguiu:

— Aariel, o serafim que ama Ialí, disse que ela deveria ser levada aos céus tal como seu antepassado Enoque. E ele a abraçou e voaram para o alto. Nós assistimos.

Dennys assentiu.

Uma luz de grande alegria tomou os olhos de Noé.

Matrede desfez-se em lágrimas.

— Senti uma gota de chuva — disse Sandy.

Noé lhe deu as costas.

— A arca estará terminada amanhã.

• • •

Naquela noite, os gêmeos estavam em frente à barraca grande. Os três mamutes se aninharam perto deles. O resto da família estava lá dentro, dormindo. Com exceção de Ialí. As peles de dormir de Ialí haviam sido dobradas e deixadas de lado.

— Não tive chance de falar com Adnarel sobre ir para casa — disse Sandy.

— Mas Ialí está bem. No momento, é isso que importa. — Uma gota de chuva caiu sobre o nariz de Dennys.

— A chuva está começando. — Sandy estendeu a mão para acariciar Higaiom, que fazia pressão sobre seus pés. — O que foi que ela disse sobre muitas águas?

— Muitas águas não extinguem um amor. Acho que foi isso.

Higaiom estendeu a tromba para tocar o braço de Sandy.

— É hora de irmos para casa, Higgy. Tenho que falar com Adnarel.

Higaiom estendeu a tromba para tocar na própria orelha. O escaravelho não estava.

Caiu mais uma gota de chuva. Era uma chuva suave, ainda inicial, com um e outro pingo. Não havia trovão nem raios.

Sandy perguntou ao céu:

— É Deus que está fazendo isso? Causando um dilúvio para varrer todo o mundo?

Dennys ergueu o rosto ao céu. As estrelas não eram visíveis, ocultas por densos véus de nuvens. Mas parecia que ele ainda ouvia o retinir fraco, mas tranquilizador.

— Sempre que há um terremoto, ou um incêndio terrível, ou tufão, ou o que for, os atingidos são todos. Morrem tanto os bons quanto os maus.

Sandy estava mexendo os dedos contra o flanco peludo e cinzento de Higaiom.

— Bem. Todo mundo morre. Uma hora ou outra.

— Até as estrelas morrem — complementou Dennys.

— Não gosto da entropia — disse Sandy. — O universo perde o ritmo.

— Não creio que esteja perdendo o ritmo — Dennys o contradisse. — Acho que ele continua a nascer. Até o dilúvio faz parte do nascer.

— Não entendo. — A voz de Sandy não mudou de tom. — Todos sabem que a entropia...

— Todos *não* sabem. E a entropia está sendo questionada, aliás. Lembre que tivemos aula de ciências no ano passado. Não existe uma regra científica que seja à prova de refutação, pois, mais cedo ou mais tarde, parece que todas são refutadas. Ou mudam.

— O Avô Lameque disse que estamos nos últimos dias. — As gotas ocasionais de chuva deixaram Sandy nervoso e argumentativo.

Mais um respingo de chuva tocou o rosto de Dennys, calando as estrelas.

— Houve muitas épocas de últimos tempos — disse ele —, e elas significam não só fins, mas princípios.

— Existe um padrão? — quis saber Sandy. — Ou é tudo caos e acaso?

— O que você acha?

Selá havia vindo deitar ao lado de Higaiom, e Sandy se esticou para coçá-la

com os dedos de seu outro pé.

— Nós viemos até aqui, até Ialí, até Noé, por acaso?

Dennys limpou o rosto com a palma da mão.

— Não. Creio que não.

— A arca está pronta — disse Sandy. — Ialí está com Avô Enoque. E talvez com Avô Lameque. O que foi que o Avô disse? Sabemos tão pouco dessas coisas...

Viu-se um brilho no ar e Adnarel estava diante deles.

— Ah, Adnarel. — Sandy deu um salto. — Precisamos conversar sobre física de partículas e saltos quânticos.

Adnarel sentou-se ao lado deles e escutou.

— Então — concluiu Sandy —, se você pudesse ir à nossa época e lugar e chamar os unicórnios até aqui, você podia nos tesserar para casa.

— Não me soa impossível — disse Adnarel. — Faz sentido diante de nosso conhecimento de energia e matéria. Conversarei com os outros serafins. — Ao virar-se para ir embora, ele disse: — Não saiam de perto da barraca.

— Os nefilins — Dennys entendeu. Então, com voz mais alta: — Não vamos sair. Por algum motivo não estamos com sono.

Adnarel fez uma pausa.

— Seu amor por Ialí, e o dela por vocês, *existe*, e portanto sempre existirá.

Então ele se foi.

. . .

Eles sentiram o cheiro de Tiglá antes de verem-na. Botaram-se de pé com velocidade e correram até a aba da barraca, que estava semiaberta.

— Ah, não vão embora, por favor não vão embora! — gritava Tiglá. — Estou sozinha, eu juro.

As juras de Tiglá tinham pouco valor. Eles ficaram sem saber o que fazer à aba da barraca, observando-ase aproximar. Mas não havia ninguém com ela, nem pai nem irmão, tampouco nefilins.

— Está começando a chover — disse ela. — Nunca temos chuva, fora na primavera. Noé construiu este grande barco porque acha mesmo que vai haver mais chuva do que já vimos?

Sandy fez que sim.

— Aná é minha irmã. Haveria espaço para mim na arca?

— Não há espaço nem para Sandy e eu — disse Dennys.

— Então o que vocês vão fazer?

— Não temos certeza. — falou Sandy, com cautela. — Esperamos ir para casa.

— Não gosto dessa chuva. — Tiglá fungou. — É fria e molhada.
— Rofocale vai cuidar de você — disse Sandy.
— Ah, vai, não vai? É bom eu encontrá-lo. Foi muito bom conhecer vocês.
— Obrigado por nada — disse Sandy, grosso.
— O mesmo — ecoou Dennys.
— Vocês não vão *me* culpar pelo meu pai e meu irmão, vão?
— Talvez não por seu pai e seu irmão — disse Sandy —, mas por fazer tudo que Rofocale lhe ordena, sim.
— Pois vá com ele — insistiu Dennys, embora não tivesse muita fé de que os nefilins se importassem com qualquer ser humano a ponto de ajudar, exceto se fosse conveniente.
— Ainda acho bom tê-los conhecido — disse Tiglá. — Queria tê-los conhecido melhor. No caso, conhecido-os *mesmo*.
— Desculpe, Tiglá — disse Sandy. — Você é muito mais velha e tem muito mais experiência que nós.
— Eu podia lhes ensinar...
— Não, Tiglá. Não é a hora.
— Então adeus.
— Adeus — ecoaram os gêmeos.

• • •

Jafé foi até eles.

— Estou preocupado com vocês.
Sandy ainda assistia Tiglá se afastando.
— Não se preocupe, Jaf. Vamos ficar bem.
— Como? — quis saber Jafé. — Vocês sabem que não podemos levá-los na arca.
— Sabemos — concordou Dennys. Ele olhou para as nuvens, que ocasionalmente deixavam uma gota de chuva pingar. Tentou escutar as estrelas ocultas.
— Vocês conseguem ir para casa? — perguntou Jafé. — Ao ponto de onde vieram? — Ele também olhou para o céu, sacudiu a cabeça como se o silêncio o deixasse desorientado.
— Vamos tentar — disse Sandy. — Não se preocupe conosco. Vocês têm bastante a fazer, tendo que recolher todos os animais, comida, rações, cereais e tudo mais.
Jafé assentiu.
— Quem sabe...
— Quem sabe o quê? — perguntou Sandy.

Jafé passou a mão ampla sobre o rosto, limpando as lágrimas.

— Ah, gêmeos... — Ele correu até eles, que o envolveram com os braços e os três se balançaram para a frente e para trás, um segurando o outro.

• • •

Pouco antes do raiar do dia, Oolibamá foi à morada branca e pequena de Maalá.

Maalá estava sozinha, amamentando o bebê. Era mesmo um bebê grande, que sorvia voraz, e Maalá parecia pálida e frágil, embora cantasse para a criança enquanto a alimentava.

Ela olhou para Oolibamá e sorriu.

— É bom ver você, Ooli. Entre.

Oolibamá ficou de pé, olhando para Maalá e a criança.

— Ugiel a trata bem?

— Sim. — Havia amor profundo nos olhos sombreados de Maalá.

— Você é feliz com ele? Feliz de verdade, como eu sou com Jafé?

— Feliz de verdade. Embora Ugiel seja Ugiel e Jafé seja Jafé.

— Ele não a machuca?

— Nunca.

— Ele cuida de você?

— Cuida muito bem. E ama nosso bebê.

— Ótimo. É tudo que eu queria saber.

E ela deixou Maalá e voltou à barraca que dividia com Jafé.

• • •

Os serafins estavam reunidos quando a alvorada se derramava sobre o deserto com uma suave luz perolada. As nuvens se engrossavam e nas árvores os pássaros cantavam com mais delicadeza que o normal, e o tagarelar dos babuínos cessou.

— Parece possível, penso eu — disse Adnarel.

Alarid concordou.

— Não estamos presos a este lugar e a esta época. Dois de nós poderíamos ir ao mundo dos gêmeos e chamá-los a voltar.

Admael questionou.

— Há necessidade de unicórnios? Eu me sentiria mais seguro se pudesse carregá-los.

Os olhos de Adnarel arregalaram-se por um instante, depois quase se fecharam enquanto ele pensava.

— Não acho que eles poderiam aguentar a transição de matéria a energia, e de novo a matéria. Até nós consideramos exaustivo.

— Mas e os unicórnios? — perguntou Adnachiél, às vezes girafa. — O que

acontecerá quando eles forem?

Adnarel respondeu:

— Eles *existem* apenas quando estão aqui. Ou quando estão lá. Mas não entre um ponto e outro. Não é exatamente uma transferência de matéria e energia.

Alarid assentiu.

— Eles têm que ser observados para existir.

— Tem-se que acreditar — concordou Adnachel.

— A distância é longa — disse Admael — tanto no tempo quanto no espaço.

— Por que afinal estão aqui? — perguntou Achsa, com asas do mesmo cinza suave do pelo de rato.

— Você acha que El os enviou? — sugeriu Admael.

Adnarel falou devagar.

— Não creio que El tenha enviado-os. Mas El também não impediu que viessem.

— Eles fazem parte do padrão? — perguntou Admael. — É certo e devido que estejam aqui?

Alarid olhou para o céu velado.

— Talvez Aariel terá algo a dizer depois que levar Ialí à Presença. Mas creio que sim, que fazem parte do padrão.

— O padrão não está definido — disse Adnarel. — Ele é fluido e está em constante mutação.

— Mas ao fim será belo — afirmou Admael.

— Então concordam? — perguntou Adnarel. — Vamos tentar ajudá-los a voltar a sua época e posicioná-los do modo que sugeriram?

— Concordamos — afirmaram os serafins.

O ar iluminou-se um pouco conforme o sol oculto se ergueu sobre o horizonte. Havia um tamborilar delicado do aplauso dos babuínos, que ficaram confusos com as nuvens e os ocasionais pingos de chuva.

Apesar das nuvens que obscureciam a luz das últimas estrelas fracas, os ouvidos dos serafins estavam afinados à canção, embora ela estivesse distante.

— Vamos cantar com elas — sugeriu Alarid.

E o cantar dos serafins uniu-se ao cantar das estrelas ocultas, e ao chamado do sol invisível.

• • •

Sandy e Dennys tiveram um sono irrequieto. A chuva não havia começado de vez, mas havia um tamborilar ocasional nas peles do teto conforme uma gota caía aqui, outra ali. Os três mamutes estavam recurvados como bolas ao pé das peles de dormir dos gêmeos.

As canções matinais do oásis eram mais suaves que o comum, mas os dois garotos despertaram e se olharam. Fizeram sinal de concordância.

Em silêncio, vestiram as roupas de casa. Dennys estava sem os trajes que havia descartado no lixão, mas vestiu o blusão e seu jeans forrado, sentindo-se estranho e apertado nas roupas. Os gêmeos haviam acostumado-se à liberdade de ficarem nus, a exceção das tangas. Suas roupas de inverno eram tão estorvantes quanto quentes.

Eles tiveram cuidado de não perturbar o sono dos mamutes. Olharam para o outro lado da barraca, onde Noé e Matrede ainda dormiam. Ao lugar que era de Ialí e que agora estava vazio.

Saíram na ponta dos pés.

Adnarel os aguardava.

— É melhor sem despedidas.

— Mas você pode se despedir deles por nós? — perguntou Dennys. — E de Oolibamá e Jafé? E dos outros?

— Daremos seu adeus — disse Adnarel, e olhou para um emaranhado de palmeiras. Admael e Alarid saíram das sombras e foram na direção deles, seguidos por Aariel, que havia retornado de sua jornada com Ialí.

— Agora — disse Adnarel —, vamos chamar os unicórnios.

— Mais uma coisa. — Sandy se deteve. — Vocês vão cuidar dos mamutes?

— Vamos cuidar deles. Unicórnios!

Com um brilho prata, dois unicórnios tomaram forma diante deles.

— Subam — disse Adnarel.

Os dois garotos montaram nos unicórnios, sentando-se sobre os lombos prateados, banhados pela luz dos chifres.

— Agora nós os deixaremos — disse Adnarel —, Admael e eu. Quando estivermos em sua época e local, chamaremos os unicórnios e vocês.

— Vocês vão saber identificar quando chegarem lá? — perguntou Sandy, nervoso.

— Vocês nos deram bons parâmetros.

Alarid e Aariel ficaram perto de um dos unicórnios. Quando uma gota de chuva tocou a luz de seus chifres brilhantes, ele fez um leve sibilar.

Os unicórnios cruzaram o oásis e passaram ao deserto, Alarid e Aariel correndo junto a eles.

Quando chegaram à grande rocha de Aariel, os dois serafins pararam e olharam para os unicórnios, depois para os gêmeos.

— Estão prontos? — perguntou Alarid.

— Prontos — disse Dennys.

Aariel deu um tapa nas ancas prateadas e os unicórnios dispararam pela pedra

e rocha esbranquiçadas. Com sua voz dourada, ele gritou:

— Unicórnios! Vão para casa!

Dennys sentiu-se tomado por uma onda de sono, conforme a chuva e os unicórnios aceleravam. Sandy também sentiu sua mente fechando-se delicadamente. A chuva virou uma cortina de prata.

— Alar... — murmurou Sandy.

— Aar... — começou Dennys.

Os unicórnios e os gêmeos tremeluziram como velas e se foram.

• • •

Dois unicórnios em uma antiga despensa de pedra ligada a uma casa de madeira branca era uma visão estranha. Assim como dois serafins altos e de asas claras.

Os gêmeos olharam em volta. Afora os unicórnios e os serafins, tudo estava normal. A lenha ainda ardia forte na lareira. O cheiro do ensopado — do *boeuf bourguignon* — no bico de Bunsen era fragrante. O computador de aparência estranha estava onde estivera quando eles o martelaram.

Adnarel estava sentado na cadeira de leitura da mãe deles, suas asas douradas caídas para trás. Admael estava espiando um dos complexos microscópios, encurvando suas pálidas asas azuis.

— Vocês acreditam em unicórnios? — Os olhos azul-celeste de Adnarel sorriam.

— Como foi a cavalgada? — Admael também sorria, embora ambos serafins parecessem deveras aliviados.

A porta de fora bateu.

Adnarel levantou-se depressa da cadeira. Admael virou-se do microscópio. Os gêmeos retesaram-se.

A voz da mãe chamou:

— Gêmeos! Estão em casa?

— Ops — disse Sandy. — É bom tirarmos os unicórnios daqui.

— Eles vão embora assim que vocês deixarem de acreditar — disse Adnarel.

— Mas Meg e Charles Wallace acreditam em unicórnios! — exclamou Dennys.

— E em serafins? — perguntou Admael.

— E não era para estarmos dentro do laboratório, com um experimento em andamento. — Sandy olhou para Adnarel, nervoso.

— Nada tema — disse o serafim. — Vocês estão bem?

— Até a Mãe nos achar aqui.

— Com essa aparência, bronzeados do sol — complementou Dennys.

— Comparado a seus outros problemas... — começou a dizer Admael.

A voz da mãe chamou-os de novo.

— Gêmeos! Onde estão?

— Sem despedidas — disse Adnarel.

Ele olhou para Admael, depois levou as duas mãos fortes e compridas à cabeça de Dennys. Admael fez o mesmo com Sandy. Os dois garotos sentiram, em vez de pressão, uma sensação de que o alto de suas cabeças se erguia, quase como se hospedeiros animais se erguessem para tornarem-se serafins. E então cada gêmeo estava diante de um gêmeo normal de inverno, as peles sem o bronzeado do sol do deserto, o cabelo sem o esbranquiçar.

Sandy olhou rapidamente para os pés ainda descalços de Dennys, começou a falar, mas parou quando Adnarel ergueu a mão.

— Muitas águas... — O serafim estendeu a mão e agarrou um chifre de unicórnio. A luz do chifre voltou à mão do serafim, a seu corpo, suas asas, até ele ficar reluzente. Admael também foi tomado pela luz emanante.

— Não extinguem... — parecia que ele dizia. A luz ardeu com força, cegando os gêmeos. Então o brilho cedeu.

Unicórnios e serafins se foram.

Os gêmeos de cabelos castanhos e pele clara se entreolharam.

A Sra. Murry abriu a porta do laboratório. Meg e Charles Wallace espiavam detrás dela, curiosos.

— Sandy. Dennys. O que estão fazendo aqui? Não viram a placa na porta? — Ela parecia muito descontente.

— É, não vimos — começou a dizer Sandy.

— Só viemos pegar o chocolate em pó holandês — explicou Sandy.

— Olhem aqui — disse Meg —, está no chão, perto da porta da cozinha. Que bom que não derramou.

— Vamos fazer só um pouco — disse Sandy. — Querem que façamos para vocês três?

— Por favor — disse a mãe. — Está vindo um frio dos piores. Mas, Sandy, Dennys, vou repetir: não entrem no laboratório quando eu peço. Espero que não tenham tocado em nada que não deviam.

Sandy falou devagar.

— Tudo depende. Mas acho que não tocamos em nada que não devíamos, não é, Dennys?

— Dadas as circunstâncias, não — disse Dennys.

— Por que está descalço, Den? — perguntou Charles Wallace.

— Pelos céus! — exclamou a Sra. Murry. — Bote alguma coisa nos pés agora mesmo, Dennys Murry, antes que pegue um resfriado.

Meg abriu a porta da cozinha, e os dois sentiram o cheiro familiar de pão

fresco, maçãs assando no forno e aconchego, e brilho, e toda a tranquilidade de casa.

Seguindo os outros à cozinha, Sandy sussurrou a Dennys:

— Fico muito contente que a cozinha esteja aqui. Mas, sabe o que mais? Estou com saudade de lá.

— Acho que sempre vamos sentir um pouco de saudade — concordou Dennys.

— Bem. — Sandy se apurou. — Assim que fizermos aniversário, podemos tirar carteira de motorista.

— Já era hora. Agora vamos fazer nosso leite.

GERENTE EDITORIAL
Mariana Rolier

EDITORA
Alice Mello

COPIDESQUE
Thaís Lima

REVISÃO
Carolina Vaz

PROJETO DE CAPA
Maquinaria Studio

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO DE MIOLO
Julio Moreira | Equatorium

PRODUÇÃO DE EBOOK
[S2 Books](#)

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

Tradução e adaptação GERALDO CARNEIRO e ANA PAULA PEDRO

O Pequeno Príncipe

★ para crianças ★



Com aquarelas do autor

A
AGIR

O Pequeno Príncipe para crianças

Saint-Exupéry, Antoine de

9788522031634

40 páginas

[Compre agora e leia](#)

"O Pequeno Príncipe devolve a cada um o mistério da infância." Amélia Lacombe "Este livro tem a extraordinária capacidade de encantar a todos." Ferreira Gullar Quando um piloto de avião acaba perdido no deserto, o encontro inesperado com um pequeno príncipe promete ensinar muito sobre a vida. Esta história inesquecível que fala de amor, de perdas e de conquistas é agora oferecida a todas as crianças que entendem o desenho da jiboia que engoliu o elefante. Que todas elas possam ouvir esta fábula desde cedo, para lembrar os adultos das coisas que um dia eles souberam. Nesta edição especial, um dos clássicos juvenis mais lidos de todos os tempos ganha uma versão voltada para os leitores mais novos, em um formato mais apropriado para essa faixa etária e com menos páginas. Preservando as aquarelas do autor e os aspectos mais importantes da narrativa original, O Pequeno Príncipe para crianças é a forma ideal de apresentar esta história inesquecível às novas gerações. Voltado para crianças de seis a oito anos de idade, em fase de alfabetização.

[Compre agora e leia](#)